3 1761 07041685 4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/scenascontempora00cunh

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA

VIDA ACADEMICA.

[illegible] de [illegible]
[illegible] cantos,
[illegible] grenat-
[illegible] rotulos
[illegible] a sofa
[illegible]

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA

VIDA ACADEMICA

QUASI-ROMANCE DA ACTUALIDADE

POR

A. M. DA CUNHA BELLEM.

LISBOA

LIVRARIA CENTRAL — Rua do Ouro — 144

COIMBRA

NA MESMA CASA — Rua da Calçada.

1863

LISBOA 1863.

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho 6.

LIBRARY
JUN 6 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

CAVACO PRÉVIO

Não póde hoje um obscuro escriptor entregar aos baldões da publicidade a mais insignificante producção do seu engenho, sem vir antecipadamente explicar ao público os motivos e circumstancias que a isso o determinaram. E chama-se a isto uma *introducção*, e, com grave detrimento dos leitores sisudos, o auctor tem de empalmar suas vinte paginas á materia do livro, para as consagrar a esta especie de symphonia de abertura, sem a qual se não póde levantar o panno! São leis do habito! não ha fugir-lhes. E eu, que publíco hoje *Scenas contemporaneas da vida aca-*

demica, começarei tambem pela representação d'esta scena, que o costume tornou indispensavel, e á qual os leitores já de antemão se têm disposto a assistir.

Ahi vão pois as minhas explicações:

Diz o auctor ao público, em geral, o que fez e como o fez. Tentando descrever as scenas da vida intima na academia contemporanea, creei para isso dois typos, que, se, por um lado, são filhos da imaginação, por outro são os representantes de acções muito verdadeiras, acontecidas entre os estudantes: nem os meus heroes, representando a todos em geral, personificam ninguem; e portanto d'aqui já declaro, que, se alguem vir o meu Ricardo ou o meu Carlos tornar-se editor responsavel de algum facto que pertença á sua vida, deve denegar-lhe a paternidade e não vêr n'elle uma allusão pessoal.

Com as senhoras porém era o caso ainda mais sério; porquanto o seu melindre nem consentiria sequer que o pobre auctor fôsse colher a mais leve particularidade da sua vida para adornar o ramilhete, que de imaginação tinha creado, encarnando-a em D. Constança ou em Adelaide... E por conseguinte vi-me na necessidade de phantasiar os meus typos femininos para nem por

sombras levar o mais leve dissabor ás sensitivas filhas de Eva.

Creados assim os personagens, era mister dar-lhes acção, e para isso formar um enredo... Um enredo?! Santo Deus!! eu, que sempre embirrei com gente enredadeira, fazer um enredo!... Mas que remedio havia senão agradar ao público que do que mais gosta é... de enredos?!

Pensei e decidi-me!...

Romance, ou quer que seja, sem amores, é panella sem toucinho; era portanto necessario este tempero ao meu livro! Barafustando pois por todas as vidas conhecidas, saí-me por fim com um enredo de amores, em que pertendia fazer vêr este affecto nas tres fórmas ou variedades por que póde dominar no coração do homem.

A idéa não era nova, nem eu já creio na possibilidade de crear uma idéa original por mais que a procure toda a vida. A idea encontrei-a até consignada nas *Viagens na minha terra* do illustre Garrett, quando diz:

«Ha tres especies de mulheres n'este mundo: a mulher que se admira, a mulher que se deseja, a mulher que se ama.

. . . . . .

Não sei o que é; mas sei que se póde admi-

rar uma mulher sem a desejar, que se póde desejar sem a amar.

O amor não está definido, nem o póde ser nunca. O amor verdadeiro; que as outras coisas não são isso.»

Nem podia deixar de ser assim! Esta veridica expressão dos affectos do homem não poderia ter escapado aos romancistas, investigadores até ao intimo do sentimento, e que têm feito as mais delicadas dissecções microscopicas no coração vivo!

Tambem o sr. Camillo Castello Branco, quando no seu romance *Onde está a felicidade?* escreve: «O amor puro e santo da mocidade já lá váe; o amor appetite esfriou; o amor vaidade, o unico possivel em ti já não recebe estimulos»: e do mesmo modo M.me de Girardin dizendo: «ama-se com todos os amores; amor de natureza, amor de coração, amor de orgulho»: parece-me que não deixaram de expressar o mesmo pensamento; porquanto o amor de natureza ou o amor appetite, é o que se consagra á mulher que se deseja; á mulher que se admira dá-se-lhe o amor vaidade ou o amor de orgulho; e finalmente é só para a mulher que se ama que se reserva o amor puro e santo da mocidade, o amor do coração.

Assim, parecendo-me a idéa boa, e á mingoa de outra original; e tambem porque o enredo entrava no meu trabalho como incidente, que ligando as scenas descriptas generalisasse o interesse de uma obra que a muitos leitores, e ainda mais ás leitoras, deixaria de agradar não havendo amores; decidi-me e abracei-a.

Estas explicações consigno eu aqui por causa de uma certa classe de gente que ha cá por este mundo, chamada malsins do plagiato, que não deixam pôr pé em ramo verde a um pobre de Christo, que, para arranjar a sua vida litteraria tem de recorrer a estas trampolinas.

Agora pois, já denunciei o contrabando na alfandega da censura d'estes meus senhores e... posso passar.

«Póde passar?... isso nem por graça! venha cá v. m.ce e diga-me que ousadia o accommetteu para chamar romance a isso que publíca?» (Interrogação de um litterato de primeira força, que já escreveu uma comedia para a rua dos Condes!)

(Resposta). Quando eu pensava que se tinham acabado as satisfações vem este senhor apoquentar-me! Paciencia! Aconteceu-me como a Ulysses, que, suppondo estar livre de trabalhos, e vendo que se enganára, d'isto se lastimava á sua

cara metade a sr.ª D. Penelope em boa prosa chã, que ao depois o divino Homero converteu nos tres versos:

« . . . . . οὔ γάρ πω πάντων ἐπὶ πείρατ' ἀέθλων
Ἤλθομεν, ἀλλ' ἔτ' ὄπιθεν ἀμέτρητος πόνος ἔσται
Πολλὸς καὶ χαλεπός. . . . . »

Eis aqui a explicação:

Eu, para a minha obra, á falta de nome debaixo de cuja designação podesse ser classificada, tive o trabalho de o crear, e de hoje em diante fica instituida a classe do *quasi-romance* para obras que como esta não forem... cousa nenhuma: logo não tive a ousadia de chrismar em romance o meu trabalho e... posso passar!

«Ainda não, meu caro senhor!... primeiro terá de me dizer porque é que não desenhou os seus personagens! Bem vê que n'uma cousa, que se quer parecer com romance, é isso uma lacuna imperdoavel!»

Eu, que me vejo assaltado com tanta pergunta, exclamo como o bom Diniz da Cruz:

«Se eu d'esta me escapar a salvamento
A cêra mandarei logo pesar-me!»

Mas a citação não me vale, e os meus inflexi-

veis apoquentadores não me largam sem lhes eu satisfazer as interminaveis questões!

Então fiquem sabendo que não desenhei os meus personagens, porque, uma vez, lendo e tornando a lêr o retrato de Cecilia na *Mocidade de D. João V* a dois pintores meus conhecidos, e pedindo-lhes que m'a reproduzissem tal, qual pela descripção a tinham concebido, cada um se me saíu com cousa muito differente do que eu tinha imaginado e ellas mesmas muito differentes entre si!... Descri então dos retratos... feitos á penna!... e portanto, e porque melhor é que cada qual phantasie os personagens como d'elles mais gostar, deixei-lhes essa liberdade; podendo os que amarem as senhoras louras imaginal-as facilmente de dourados cabellos, os que sympathisarem com as morenas phantasial-as com uns olhos côr da noute, ficando assim ao agrado de todos e tambem ao meu.

Poderei agora passar?

«Ainda não! ainda não! que tem de nos explicar a razão por que não adornou a sua obra com a descripção dos monumentos de Coimbra, que tanto abunda n'esse genero.» (Esta apoquentação agora é de um leitor cuja bossa de constructividade se manifestou desde os verdes annos

fazendo tanques e casinhas de cal e arêa no pateo de sua casa).

Amavel senhor (lhe respondo eu), vêde que os motivos acima ponderados são, até certo ponto, communs aos monumentos d'arte.

«Não ha tal, não ha tal! (replíca o curioso architector). A distancia dos olhos de uma senhora ou a que medeia entre o nariz e bocca não se póde medir ás pollegadas, como se méde aos palmos a que separa duas ogivas, ou duas columnatas.»

(Lá váe a tréplica.) Ainda que assim fôsse, que eu soubesse descrever portaes gothicos ou mosarabes, janellas da renascença ou da actualidade, isso apenas poderia encantar a vós, ou a outros como vós que amais essas antiqualhas architectonicas; quanto mais que, ou havia de fazer uma descripção dos monumentos de Coimbra, e isso na minha obra vinha tão deslocado como Pilatos no *Crédo*, ou devia desenhar-vos as casas, em que se dão as scenas, que descrevo, e essas, além de serem de impossivel descripção pela falta absoluta de tuda quanto é ordem ou symetria, não poderiam encantar sequer um mestre d'obras de aldeia, novato no officio!

Uudo isto porém sería muito bom, se não viesse

d'outro lado assaltar-me outro guarda barreira da propriedade litteraria, a bradar-me que nas minhas *Scenas*, anda plagiato da *Vie à vingt ans* de Dumas filho.

É necessario pois responder ainda a este amigo e mostrar-lhe, que o romancista francez considera o amor, em relação á mulher, debaixo de tres fórmas differentes *ou dans sa triple unité; l'amour de passion, l'amour de caprice et l'amour de commerce;* os quaes parecem *resumer toutes les exigences du cœur, de l'esprit et des sens;* e eu considero este affecto no coração do homem e votado por elle á mulher; o que faz differença.

Mas o peior não está ahi!... o peior é que na *Vie à vingt ans* ha um Emmanuel de ***, rapaz de vinte annos, que tem não sei quantas mil libras de renda e gasta noventa mil francos com uma dansarina napolitana, entretendo relações amorosas com Henriqueta de Harnebey, Augustina e Antonia.

A isso responderei: Que a vida aos vinte annos é a mesma em toda a parte; sendo alli o possuidor de uma boa fortuna que despende milhares de francos com uma *fille de l'opéra;* e aqui um estudante, que apenas gasta com a filha da sua servente alguns pobres restos da sua me-

zada de doze mil réis: Que lá, tem esse rapaz diversos namoros como em toda a parte todos os rapazes têm; aqui, acontece o mesmo, sem que haja de commum entre a *Vie à vingt ans* e as *Scenas Contemporaneas* mais do que aquillo, que tanto em Pariz como em Coimbra, é commum aos rapazes de vinte annos. E, copiando nós ambos do natural, as nossas descripções deviam necessariamente de se encontrar, sem que tivesse havido plagiato.

«Basta! póde passar!»

Isto de introducção é uma especie de confissão geral, por meio da qual um pobre author; exclamando *peccavi*, como aquelle celebre rei David, que, pelo amor ás musas, tocava harpa, cantava psalmos e dansava diante da arca sancta; busca plena absolvição das suas culpas perante o tribunal solemne da censura pública!

E agora, que já posso dizer como Tolentino:

«Por milagre fiquei vivo
E devo pesar-me a cêra,»

passo immediatamente a novas explicações antes que me apanhe algum outro massador

O author declara por que fez e para que fez as

Scenas contemporaneas. É de todos bem sabido, que aquelles, que têm cursado a Universidade, gostam de lêr tudo quanto a ella diga respeito. As descripções, que lhes fazem das *colicas* e do acto, —da *cabra* e do estudo,—das diversões e passeios,—d'esta e d'aquella rua, por onde tanta vez passaram, têm sempre para elles encantos inexplicaveis!... O encontrarem em letra redonda estas reproducções das scenas da sua vida academica, é como uma especie de alpondras, por sobre as quaes a memoria, despertada pela leitura, vae atravessando o lethes do passado!

Foi este um dos motivos que mais me decidiu a compôr estas *Scenas;* além de que, sendo a vida academica tão fertil em aventuras, não me consta que ninguem as historiasse completamente, pelo menos em relação á actualidade.

O prefacio da *Mulher* pelo sr. Sequeira Barreto é lido com avidez por todos que têm transposto a *porta ferrea* encadernados n'uma capa e batina.

O estudante de Coimbra, ou relampago da historia portugueza é apreciado por todos os que, apezar de sua extrema raridade, têm a dita de o alcançar; e finalmente não ha ninguem que fôsse uma vez a Coimbra e que não tenha lido o *Palito metrico* e a *Cabulogia*.

E comtudo nenhum d'estes livros satisfaz ás exigencias da actualidade: estes dois ultimos porque nos relatam scenas do que foi e do que já não existe; o *Relampago da historia portugueza*, porque, além de nos não relatar as scenas contemporaneas, se envolve na politica, e descreve principalmente os acontecimentos até 1834; e finalmente a introducção da *Mulher*, por ser apenas um esboço muito succinto de umas ferias de ponto.

Um folheto appareceu mais tarde, obra muito moral e instructiva, intitulado o *Estudante;* mas, oh! dôr!... era em verso!... e o seculo das luzes, que não precisa d'esta especie de lamparinas intellectuaes, a que desdenhosamente chama poesias, fechou os olhos, e ficou ás escuras sem lêr a descripção metrificada do *prego*, das *colicas* e da *cabula!...*

Que prosa!!!

Havia pois uma lacuna e era preciso enchel-a! Era preciso contar ao público, que não conhecia a nossa vida, que

«Era uma vez um.....
Estudante aventureiro,
Tanto farto de feição
Quanto falto de dinheiro;

Este sem ter um real
Pisou os frios geraes
.....»

e tudo o mais que o jocoso Malhão de si mesmo conta.

Era preciso dar este alegrão aos pobres bachareis formados de ha pouco, que, lá do seu cantinho domestico, lembram apenas com uma saudade indefinida e vaga os bellos dias das suas rapaziadas, enviando um adeus saudoso ao tempo dos seus tempos, como diria um author da *Phenix renascida*.

E finalmente era preciso mostrar aos bachareis formados d'outras eras, que a sua Coimbra já não é a mesma d'outr'ora; que, apezar de não ter mudado de posição na carta geographica, tão differente está do que era, que com difficuldade elles a conheceriam. Que ao seu *tanger das tristes*, especie de toque de recolher academico, chama-se hoje o *tocar da cabra*, que os arcos do correio tão seus conhecidos já não existem; que os caloiros tão victimados n'outros tempos alcançaram carta de alforria e nem uma caçoada soffrem já! N'uma palavra, era mistér fazel-os scientes das modificações, trazidas pelo

progresso, desde os botequins e batinas-casacos até á metamorphose dos verdeaes e das mantilhas!... E os bons dos velhotes gozariam tambem a sua hora de prazer a comparar as suas antigas rapaziadas de *boa feição* com as nossas *partidas* e *pandigas* de agora; entretendo-se a contemplar aquillo, que, no estudante é e será sempre immutavel, como colicas, extravagancias, e faltas de dinheiro!

Tudo isto era muito bom!.. mas terei eu preenchido esta lacuna? Não sei, e até creio que não! mas como a obra estava já concebida, e como eu lucrava n'ella o ter entretenimento para as noutes de eterna semsaboria, que aqui passo, resolvi-me a não desistir do intento, que, se não tiver outro proveito, poderá ao menos despertar a alguem mais idoneo a idéa de romantisar melhor a nossa vida, n'este seculo, em que tudo se romantisa, e em que o romance popular nacional, tão pouco cultivado entre nós, é sempre tão estimado.

E dadas estas explicações entro em materia.

Coimbra, 185...

SCENAS CONTEMPORANEAS

DA

VIDA ACADEMICA

I

Um capello

São 18 de Julho de 185*. O tempo está magnifico, apezar de um excessivo calor, que faz andar tudo em braza. O relogio da Sé acabava de annunciar dez horas e os sinos da Universidade erguiam aos ares os seus hymnos festivaes. Coimbra preparava-se para uma d'essas festas mil vezes repetida, mas sempre cheia de encantos para os seus habitantes, que ou vêem n'ella a realisação do seu mais querido sonho, ou o fastigio de gloria, a que póde subir algum seu parente ou amigo. Era um capello.

A festa do capello é em si a coisa mais insipida do mundo; mas é sempre grande a concorrencia tanto dos filhotes como dos estudantes, a ponto de encherem completamente a sala grande, chamada dos capellos.

É á entrada d'esta que costuma ter logar o mais estupido de todos os brinquedos.

Ora imaginem os meus caros leitores sessenta ou setenta estudantes comprimindo-se successivamente contra a porta ainda fechada, refluindo depois a compressão da porta para o exterior, e havendo assim, ás vezes, taes embates de forças concentricas, que um pobre de Christo, se, por infelicidade acontece achar-se na confluente d'aquellas innumeraveis maquinas de alta pressão, fica reduzido a bagaço. E a isto chama-se *a onda!...* e todos correm com um prazer feroz a um divertimento, d'onde têm a certeza de sair, pelo menos, sem metade da capa... para irem depois de chófre, quando a porta se abre inopinadamente, parar ao meio da sala.

Alli então, n'essa casa adornada em volta com os retratos de todos os nossos reis, entresachados de tribunas, d'onde despontam os mais bellos rostos femininos, vê-se o novo encapellado com a sua murça de garrida côr, e nos doutoraes todo o corpo cathedratico, adornado de eguaes romeiras de variegados matizes, e com as suas borlas, coisa a mais exquisita que modernos ou antigos têm inventado para trazer na cabeça. Os archeiros, força armada que veiu substituir os antigos verdeaes, formam a guarda de honra, com o seu fardamento de gala, de chapeo armado, alabarda, espadim, e casaca, colete, calção, meia e talabarte azues!... E ao fundo toca a charamela, musica a mais desentoada, que se conhece, desde o cortejo dos pretos de S. Jorge até á orchestra do real theatro de S. Carlos.

Consiste em pouco a ceremonia. O proximo-futuro

doutor recita uma oração, que não sei porque ha de ser em latim! Os dois oppositores mais modernos egualmente recitam discursos na mesma lingua e por fim tambem o presidente faz o seu comprimento em latim ao candidato.

Depois de tanta latinidade vae este jurar, ainda em latim, não sei o quê, aos pés do presidente, que lhe põe então a borla e lhe dá o annel. E o meu amigo está doutor!...

Em seguida passa o novissimo graduado á ceremonia dos abraços, especie de agradecimento final, ou de primeira prova de fraternisação, que consiste, nem mais nem menos do que em cingir todos os seus predecessores nos doutoraes universitarios em cordeal amplexo, ao som das melodias da charamela; e concluida esta ceremonia vae o novo doutor atravez da *via latina*, partindo emfim de sege com o seu padrinho pela Rua Larga fóra... E, para em tudo haver miscellanea de côres garridas e variadas, todos os moradores das ruas, por onde elle tem de passar, fazem ás janellas a mais vistosa exposição de cobertas de damasco de todas as côres, herdadas de paes a filhos, com o fim tradicional de adornar as janellas em procissões e capellos.

Eis-aqui a descripção succinta d'essa festa, para que se preparava Coimbra!...

A missa solemne, cantada antes do capello, e á qual assiste o novo adepto já estava a mais de *sanctus;* a rapaziada já se ía agrupando ao pé da porta da sala; o pateo estava coalhado de gente, mórmente n'esse

dia, em que, por estarem já poucos *veteranos* em Coimbra, toda a caloirada, livre do medo das caçoadas, affluia a ver a festa.

As ferias é effectivamente o tempo dos caloiros!... Desafrontados então de todos os receios, correm a toda a parte para dar pasto á sua até alli reprimida curiosidade.

Não os vêdes espalhados pelo pateo e pelas escadas? não os conheceis pelas caras?

«O que? conhecer os caloiros pelas caras?» observa agora um judicioso leitor.

É verdade, meu caro senhor! É mais facil distinguir, se um ente, que traja batina, é caloiro ou não, do que differençar um homem d'um kanguroo ou chimpanzé; e não creiam que eu sou algum Lavater, ainda assim. Não, senhores; ha coisas que até os genios vulgares distinguem com perfeição, como por exemplo, um diamante, d'um seixo; ou um veterano, ainda que de batina nova, d'um caloiro embora com ella velha; e aqui se prova aquelle ditado portuguez muito velho e muito certo, — *o habito não faz o monge.*

Em todo o caso, attestada a veracidade do facto, porque contra factos não ha argumentos, pergunto eu agora aos illustres physionomistas, a esses, que pelas feições conhecem, não só se um individuo é racional ou irracional (não se riam! que não é tão facil como parece á primeira vista); se experto, se parvo; se profundo, ou superficial; mas penetram ainda, por um mover dos olhos ou das commissuras dos labios, a idéa dominante que o agita n'esse momento,

a intenção, que tem as suas palavras, e outras coisas de tão minuciosa como exacta (!!) observação; a estes senhores, especie de verrumas artesianas dos pensamentos alheios, pergunto pois, como se explica esta facilidade em distinguir o caloiro do veterano?

Dai-me de um lado o rapaz mais experto e mesmo o mais desembaraçado; encaixai-o n'uma capa e batina velha e bem velha; mostrai-lhe de noite, e ás escondidas, todas as ruas da cidade, para que elle se não engane; apresentai-o em público depois, e todos os que tiverem vivido um anno em Coimbra exclamarão: — é caloiro! ao passo que se de outro lado puzerdes o estudante mais acanhado, e menos desenvolvido, trajando batina nova e parecendo até receiar dos outros ninguem se intrometterá com elle!... Não sei o que é, mas ha um certo ar no traçar da capa, no pôr do gorro, n'uma palavra, em cem minuciosidadesinhas, que só o habito de trajar tal habito (passe o gongorismo) é que ensina!

Estas differenças, já se vê, caducam no caloiro chronico, especie hybrida, que pertence ao veterano pelo muito tempo, que tem de Coimbra, e ao caloiro pelo pouco aproveitamento que n'ella tem colhido.

Mas o capello? Ah! é verdade! já quasi me havia esquecido que estava á espera do fim da missa para ir assistir com os leitores á solemnidade do capello.

Ora sabido é que n'este dia o novo doutor dá um jantar a todos os seus amigos, cujo numero então augmenta consideravelmente, e á noite dá um baile.

É esta a parte mais interessante de tudo o que ha

de interessante no festejo do capello! Um baile!... É prazer que chega a todos, e que faz saír Coimbra em peso dos eixos da sua normalidade!... Nos oito dias antecedentes vendem as lojas mais do que em todo o resto do anno; as bellas (e não bellas) filhas do mondego trazem alvoroçados os espiritos com as esperanças e as recordações da festa; e os prelos gemem depois com os espirituosos (?) folhetins dos conspicuos litteratos, que fizeram a minuciosa analyse de todos os episodios do baile. Abençoada seja pois esta festividade, que, dando impulso ao commercio, inspirando nos corações o sentimentalismo, e animando a litteratura patria, nos offereceu assumpto para o primeiro capitulo d'esta historia, que sem elle se arriscaria a ficar no tinteiro... por falta de principio.

E ha tanta falta de principios... no mundo!!

II

Arranjos para o baile

Deixemos o novo doutor atravessar os *geraes* e a *via latina* enramalhetados do verde e popular loureiro, que serve desde as capellinhas de santo Antonio até aos arcos de triumpho, e se põe desde as portas das tavernas até á fronte dos heroes; e em quanto se recitam as orações latinas, lardeadas das melodias harmoniosas da charamela, vou eu acompanhar o leitor ao Arco de Almedina, onde tem de se passar uma scena capaz de commover um coração de bronze!...

O sr. Ricardo Pereira de Aboim, matriculado no quarto anno da faculdade de direito, fòra dos ditosos contemplados na vespera com um cartão de convite para o baile; ou, para fallar com mais lisura, o nosso amigo tinha mettido agulhas por alfinetes, para alcançar o desejado convite. O infeliz porém não tinha trazido fato á futrica para Coimbra, e por conseguinte achava-se n'uma perfeita tortura, vendo aber-

to o paraiso, mas faltando-lhe as azas com que podesse voar para elle.

Quem me ouvir dizer, que a falta de *fato á futrica* importava a falta de azas para voar, supporá, pelo menos que é alguma especie de vestido de anjinhos de procissão, á tragica, com as suas azas de pennas de pato ou de gaze branco, fingindo azas de mosca!! Pois engana-se completamente! Na lusa Athenas denomina-se *fato á futrica* tudo o que, não sendo a escolar abbatina, serve para o vestuario de homem, desde a garotal jaleca á hespanhola de guisos e cordões, até á democrata quinzena ou casaca aristocratica.

Era um destes fatos que faltava ao nosso amigo!.. mas resolvido, qual novo Icaro, a arranjar as azas, embóra alheias, tractou logo de pedir emprestada a um seu collega a casaca, que, ainda que lhe fugisse um pouco do corpo, o habilitava a entrar n'aquella terra de promissão, chamada sala de baile.

O solicito filho de Themis arranjára, pelo mesmo meio, as calças, o colete, a camisa de bretanha e a gravata branca; mas, oh! dor!... faltavam-lhe os sapatos! e, além da vergonha de os pedir emprestados, havendo-os sempre feitos á venda, nenhum dos rapazes da sua convivencia tinha sapatos que lhe servissem e que podessem impunemente entrar n'uma sala. O seu primeiro cuidado, portanto, apenas se levantou, foi sair em busca de um meio para arranjar a unica peça de adorno, que lhe faltava.

«Mas... que grande difficuldade póde haver em ar-

ranjar uns sapatos para ir ao baile, quando muitos dos sapateiros da cidade os têm sempre feitos?...» dir-me-á agora o leitor.

Ora ahi é que elle mostra a sua profundissima ignorancia da vida academica!... É preciso que saiba, que ha n'esta terra uma coisa, chamada mezada, que só no principio do mez se recebe, e que, em se gastando, está acabada sem remissão!... E o nosso heroe já não tinha uma de *xis* da tal mezada de julho, e havia até alcançado um adiantamento de parte da de agosto a troco do modesto rebate de pinto por moeda... Assim estava, o que se diz, á divina!...

Acudirá agora o honrado pae de familias: «Mas como tentava elle, sem dinheiro, arranjar sapatos? quem o não tem não vae a festas.»

Devagar! meu caro senhor! para vossa senhoria ou excellencia, que recebe as suas rendas, o seu soldo, o seu ordenado, ou qualquer outra fonte de receita, e que tem o juizo prudencial necessario para moderar as despezas, por isso mesmo que não tem appetites, que vão além d'esses rendimentos, não ha jámais difficuldade em satisfazer caprichos tão pequenos! mas para o pobre estudante, limitado apenas aos tristes doze mil réis ou tres moedas no primeiro do mez, com os trinta mil appetites que a edade lhe dá e com o descuido do dia de amanhã, não acontece o mesmo: consome insensivelmente a mezada em insignificancias e depois, quando se apresenta um d'estes divertimentos honestos e legitimos, mas para o gozo dos quaes é mister fazer uma despeza de dois mil oito-

centos e oitenta, vê-se embaraçado como se viu o meu Ricardo.

Eil-o pois, que desce os dois lanços da sua estreita escada, e parte, da Rua dos Grillos, onde é situada a sua casa, até á Rua Larga, indo á ventura, em demanda do almejado par de sapatos.

Ao embocar na Rua de S. João, deparou com Julio, seu condiscipulo e amigo, que, ao vel-o, exclamou:

— Oh! meu mandrião!... pois hoje, sendo feriado, madrugaste tanto?

— Deixa-me, homem! que estou damnado.

— Apósto que, se fôsse dia de aula, havias de te levantar tão tarde, que te arriscasses a dar uma falta!

Isto dizia Julio, agarrando-lhe pela ponta da capa, que elle tentava livrar das mãos do seu amigo.

— Não me apoquentes! larga-me, que tenho que fazer!...

— Arranjos para o baile! ein?

— Sim! — disse Ricardo, exhalando um suspiro.

— Mandaste fazer casaca?

— Não! — e soltou outro suspiro.

— Que diabo! tu estás mysterioso!... Dize-me o que tens.

— Se me perguntasses o que não tenho, dir-te-ia que era dinheiro; mas, como queres saber o que tenho, responder-te-ei que é falta d'elle.

— E é isso o que te faz estar assim tão macambuzio? — disse Julio, que, começando a interessar-se pela apoquentação do seu amigo, lhe largára a capa e se collocára perfeitamente defronte d'elle.

— Se te parece! — respondeu Ricardo, — são estas horas e eu sem umas botas para ir ao baile.

— Mas então não tens sapateiro freguez que te abone?

— Não! — disse Ricardo com terceiro suspiro.

Era este um dos dias mais apoquentados da sua vida! Por falta de dinheiro não tinha uns sapatos, e por falta de uns sapatos estava arriscado a não ir ao baile!...

— Diabo!... o meu sapateiro é o Albino, que é um honrado homem, mas bem sabes que não tem calçado feito, senão a coisa arranjava-se... Mas... o teu correspondente?

— Já me adiantou parte da mezada de agosto e não me dá mais nem cinco réis.

— Mas tenta sempre.

— É baldado! Hontem mandei-lhe pedir meia libra e negou-m'a absolutamente.

— E o Paulo? por que não vaes tu ter com o Paulo?

Este Paulo é um pobre homem, que empresta dinheiro sem fiança nem penhor a muita gente, e que por conseguinte, apezar da exorbitancia do juro, é um optimo recurso n'estes apertos, em que elle, para valer, precisa d'este ganho exagerado, que lhe contrabalance alguns desfalques, occasionados por uma coisa chamada *cães* em phrase academica.

— O Paulo já me não empresta nada. Ha dois mezes que não lhe pago juros de tres moedas, que lhe devo, e porisso não tenho cara para lhe apparecer.

— Mau é isso! — retorquiu Julio, com certo constrangimento. — Eu, se tivesse, acredita que te servia.

— Obrigado! — respondeu Ricardo, a quem tinha de repente saltado uma idêa luminosa: aquella desculpa de Julio talvez fôsse um meio de se fazer pedir; era preciso tentar!... mas como?

Ricardo olhou para o chão, metteu os dedos pelo cabello, e assobiou por entre dentes um bocadinho da Traviata, em quanto o seu interlocutor tirava do bolso da batina um cigarro e o embrulhava pausadamente.

— Ora dize-me, — rosnou por fim, com voz trémula, Ricardo, — querer-me-ias tu fazer um favor?

Ricardo parecia um reu, que esperava a sentença de morte da bocca do juiz.

— Se podér — respondeu friamente Julio.

— Olha! — lhe tornou aquelle, — eu não sei a quem me hei de dirigir para arranjar o dinheiro que preciso... se tu m'o pedisses a algum dos teus companheiros...

— Hoje?... a 18?... Estão todos nas quantidades negativas!...

Houve um pequeno silencio. Era mais uma esperança que se murchava!

— E tu?...

— Eu já te disse que estou sem chêta... quando não...

— Valha-me Deus!... mas... outra coisa!... não tens nada que me emprestes para metter no prego?

— Ah! — exclamou Julio, com profundo suspiro — não tenho nada absolutamente!

— E o teu relogio?

— Já lá está!...

— E as pistolas?

— Foram hontem.

— E já não tens dinheiro?

— Nem cinco réis! foi-se hontem mesmo todo na batota. Cheguei a ter de ganho algumas libras, mas depois *fui á gloria!*

Era a ultima esperança!...

Os sinos da Universidade recomeçavam alegres os seus repiques; as seges de Coimbra, que só n'estes dias se reunem todas, começavam a saír do pateo, seguidas e precedidas por duzias de garotos, serventes e criados, que, em saccos de damasco e bocetas de papelão, tambem de varias cores, levavam para casa capellos e borlas de seus amos.

A festa havia acabado!

Ricardo exclamou:

— São onze horas e eu sem nada arranjado!... adeus!...

— Adeus! — lhe disse Julio, — estimarei que arranjes o que queres.

E separaram-se. Ricardo tomou pela Rua de S. João abaixo e Julio foi para o Jacob almoçar a crédito o modesto chá com torradas.

E nós que não vimos o capellò! Eu esperava, que duas enfadonhas orações em latim durassem mais e déssem tempo para tudo! Paciencia! ficará isso para outra vez. E agora vamos para casa do sapateiro, onde já poderiamos estar, se não fôsse o inesperado encontro com Julio.

III

Na loja do sapateiro

A necessidade é a mestra da vida e Ricardo, por ella inspirado, depois de dar tractos á imaginação para cortar este nó gordio, concebêra o plano de ir aportar á loja do mestre Ignacio, mina ainda não explorada e que porisso lhe dava algumas esperanças de bom resultado.

Eil-o que chega, trémulo de indecisão, á porta da loja situada juncto ao arco de Almedina, e pergunta a um official:

— O mestre está em casa?

— Está, sim senhor.

— Póde-se-lhe fallar?

E Ricardo entrou, comprimindo o coração, que lhe pulsava com mais violencia do que se estivesse para tirar ponto.

— Ó mestre, faz favor!... procuram-o aqui! — gritou o official.

O momento solemne aproximava-se: o sr. Ignacio acabava de entrar na loja com aquelle sorriso de um commerciante de Coimbra, que espera vender por dois tostões mais caro do que o justo valor da fazenda; um por ser para estudante, e outro por ver que havia urgencia na compra.

Que a classe commerciante me desculpe este arrôto de sinceridade, com que se não deve offender, porque é a expressão genuina da verdade.

A segunda parte da minha asserção é generica. O negociante vê a occasião de vender bem e aproveita-a instinctivamente, ainda que o comprador seja o seu maior amigo, aquelle a quem elle proprio, acabado o contracto, abriria a sua bolsa e prestaria os maiores serviços.

Em quanto á primeira parte é privativa de Coimbra. Os filhos de mercurio vendem sempre tudo por maior preço aos filhos de minerva do que a outros quaesquer! Scismei com a razão d'isto, até que uma vez ouvi dizer a um negociante, que aos rapazes se devia vender mais caro, porque era dar uma util applicação ao dinheiro superfluo, que se iria empregar em coisas mais prejudiciaes, como batota, licores e bilhar.

Admirei a metaphysica e calei-me!

Acabada esta digressão justificativa, voltemos á scena palpitante.

Mestre Ignacio comprimentou, pois, o estudante

com um leve aceno de cabeça, a que este correspondeu.

— Diga-me, tem calçado feito, que póssa servir para baile?

— Algum ha ahi, sim senhor!

— Póde-se provar?

Mestre Ignacio foi correndo as vidraças, onde estava espalhado o calçado e Ricardo, descalçando o já encabichado sapato e a descalcanhada meia preta, dispunha-se á operação.

— Isto é o diabo!... ter de comprar calçado feito!.. mas o Albino faltou-me com as botas.

— Veja estas se lhe servem,—disse com phleugma glacial o impassivel sapateiro.

— Estão largas! — replicou o mancebo, que buscava o momento opportuno de atacar o mestre. — Estão muito largas! Isto é a fortuna! Comprar obra feita, nunca assenta bem, mas aquelle diabo do Albino faltou-me...

A tão decantada falta do Albino era uma piedosa mentira, como o leitor muito bem sabe.

— E estas? — volveu o sapateiro.

— Não entram. Maldito Albino! vou-o deixar! fica-lhe sempre o calçado desairoso!... estas botinhas estão muito mais airosas. Vou ser seu freguez!...

— Estas agora entram por força.

Effectivamente entravam, e ficavam uma luva!

Ricardo, sem mostrar dar grande attenção, a esta circumstancia, que muito o preoccupava, continuou:

— Tambem, tenho aturado o Albino, porque é um

hómem que espera pelo dinheiro, quando o não ha.

Vê-se agora para que servia a mentira. Cabia aqui perfeitamente um offerecimento da parte do sapateiro; elle porém não o fez e o estudante proseguiu:

— Por exemplo: agora tinha ajustado pagar-lhe as botas só no fim do mez e falta-me com ellas! se eu fôsse freguez d'outro, não me faltava e esperava-me tambem pelo dinheiro.

Não havia nada mais claro!... porém mestre Ignacio olhava attentamente para as botas, que o nosso amigo acabava de calçar, dizendo com grande intimativa:

— Estas estão-lhe muito bem!

— Estão! estão! e eu fico com ellas... Mas tenho ainda de ir á Calçada ver se arranjo dinheiro para lh'as pagar, porque o não trago aqui, — disse Ricardo que se não podia resolver a descalçar as botas.

— Sim, senhor! — retorquiu estupidamente o rei do cerol.

O bruto a nada se movia! Quando elle não offereceu n'aquella occasião estava claro que não era capaz de offerecer!... mas o nosso Ricardo, que tambem não era homem de succumbir tão depressa, resolveu dar ataque decisivo: todavia, não tendo coragem de ouvir cara á cara a resposta fatal, descalçou pausadamente as botas novas e enfiou nos pés os vetustos sapatos que trazia; comprimindo-se-lhe o coração, ao dilatarem-se-lhe n'aquellas duas barcas, os pés acostumados já á doce compressão do calçado novo.

— Adeus, mestre! até já, — disse elle ao sair da loja.

— Viva, meu senhor.

Esta scena havia sido dolorosissima para Ricardo! O pobre, que de bom grado daria o par de orelhas, que lhe adornavam a cara, em troca do almejadissimo par de botas, ao perder a ultima esperança, quasi que chorou!...

Infelizmente porém tinha sido debalde todo aquelle sacrificio de dolorosa provação, e se o seu talento não arranjar novas artes, está-nos palpitando que não irá ao baile! Veremos.

O leitor tem ainda tempo de se ir preparar para a noite, antes que o nosso estudante chegue a arranjar umas botas. Se arranjar!...

IV

As respeitaveis bochechas do avô de Ricardo

O nosso heroe tinha saído desalentado do theatro, onde se passára a scena mais acerba da sua vida.

Dirigindo-se a casa, arremessou a batina para cima da cama e começou a passear com passos agitados.

O sapateiro havia sido insensivel, e pelas apparencias continuaria a sel-o; era porém necessario tentar até ao ultimo recurso!... e já que Ricardo se não atrevêra a dar batalha campal, face a face, devia ensaiar um bloqueio áquella fortaleza, chamada vontade do sapateiro, atacando-a com um bilhete em guisa de bombarda. Para isso dirigiu-se á mêsa, buscando um papel para escrever.

Mas oh! dôr!... nem uma pobre mortalha de cigarro encontrava o triste para ser emissaria da sua

lastimosa súpplica! Percorreu todos os livros (que não passariam de seis) folha por folha, em busca do tão desejado bocadinho de papel e... nada!...

Foi então que a ultima folha das *Ordenações* pagou por aquella embaraçosa falta. Rasgou-a e escreveu precipitadamente:

«Sr. mestre

«O meu correspondente, quando lá fui, não estava «em casa; tinha saído para a quinta e só vem á «noite: porisso rogo-lhe o favor de me mandar as «botinhas, porque não achei nenhumas, que me ficas- «sem tão bem, e eu ámanhã sem falta, pela porta- «dora, lhe mandarei o importe.»

Ricardo P. de Aboim.»

Dobrou o papelinho e chamou gritando:

— Sr.ª Maria... ó sr.ª Maria!

Esta sr.ª Maria era a servente de Ricardo, da qual eu não faço agora particular menção, porque espero ter a honra de mimoscar o leitor com um capitulo especial, que destinarei a esta entidade zoologica tão interessante no intricado fio da vida academica.

A sr.ª Maria appareceu com a sua capoteira pela cabeça, limpando as mãos ao sujissimo avental, que trazia á cinta, e batendo o compasso das passadas com o chinelo no rachadissimo calcanhar.

— Leve isto ao Ignacio do Arco de Almedina e tome sentido na resposta.

A velha (porque a sr.ª Maria era velha) resmungou por entre dentes:

— Agora não posso, porque estou a fazer o jantar.

— Ande! vá!... deixe tudo e vá depressa!

— Não póde esperar um *tudo-nadita?*

— Não! Ha de ser já.

— Mas se *entrementes* se pegar a carne bote as culpas a quem quizer, *nanja* a mim!

— Ande, mulher! vá depressa.

— Só para isso o senhor tem pressa *quantés* para me pagar o que me deve... — resmoneou finalmente a velha, ao virar as costas, com uma intonação semelhante á do rafeiro, que, não querendo ter o incommodo de aggredir o seu adversario, mostra-lhe comtudo, rosnando, que está vigilante.

E foi-se!... Ricardo ficou, ou antes não ficou, no seu quarto!... O seu espirito acompanhava passo a passo a vetusta servente pela Rua das Covas abaixo! A sua impaciencia revelava-se na volubilidade dos seus movimentos; chegava á janella, assobiava, acendia um cigarro para o tornar logo a apagar, puchava pelo mesquinho bigode, mettia os dedos pelo cabello, e acabava por se vingar das pobres unhas, que ficaram roídas até ao sabugo.

Meia hora se passou n'esta tormentosa agitação; até que emfim escutou na loja os passos da sr.ª Maria. Impaciente e anhelante, saltou de um pulo os deseseis degráus, que o separavam da velha desejada e que devia trazer-lhe a tremenda resposta.

O coração pulava-lhe com violencia nas angustiosas contorsões da dúvida; e o sangue gelou-se-lhe nas veias ao ver, ou melhor, ao não ver as suspiradas botas na mão da velha.

*

A palavra tolheu-se-lhe nos labios, e apenas poude balbuciar:

— Que disse o homem?

— Que o não conhecia ao senhor e que porisso não podia estar a fiar.

Ricardo estava branco como a cal da parede.

— Mas que emfim — proseguiu a velha, — se o senhor lhe mandasse já metade, que lhe esperava pela outra até ao fim da semana.

Duas correntes electricas, contrarias e oppostas, atravessaram n'aquelle momento o coração de Ricardo! Aquella palavra *metade* fazia-o sorrir de alegria, porque as difficuldades tambem se reduziam á metade das primitivas; mas... oh! desapontamento! se, pelo que levo exposto, era tão absoluta a impossibilidade do meu heroe arranjar tres pintos... como de arranjar seis!!!... O nosso desalentado amigo voltou para cima rosnando:

— Ora o diabo!... E esta?!

Maquinalmente abriu a gaveta, revolvendo as cartas do namoro e da familia. O pobre estudante lastimava, lá no seu interior, que seu pae não fôsse um Descartes, ou um Napoleão, que sua mãe não fôsse uma Staël, ou uma Lafayette, para vender por uma boa duzia de libras cada um d'aquelles autographos.

As cartas da sua *Ella*, tão eloquentes, tão cheias de inspirações, bebidas a longos tragos nas paginas de Eugenio Sue, não valerem nem cinco réis!.. não terem outro prestimo, na terra das letras, senão o de se trocarem a palitos, e n'esse mesmo ainda lhe se-

rem preferidas umas *Pandectas* ou um *Digesto* velho!.. que profanação á litteratura, ao sentimentalismo e ao bom gosto!..

Mas aquillo era uma lei immutavel contra a qual não havia o rebellar-se...

Ricardo continuava na sua pesquiza. Um retrato acabava de lhe caír debaixo das mãos.

—Ah!...—exclamou elle com um accento de alegria.

É sabido, até pelos garotos de escóla, que D. João de Castro, portuguez da gemma, empenhára, n'um momento de apuros, os cabellos da sua propria barba. Que muito era que Ricardo, em momento de egual se não maior aperto, seguindo tão nobre exemplo, mandasse para o prego as respeitaveis bochechas de seu avô?

E o nosso heroe levava ainda vantagem ao nobre D. João; pois que, sabendo que o antigo vice-rei da India tinha contraído um grande emprestimo sobre os seus cabellos, elle, que andava, rastolhando na gaveta tudo quanto valesse alguns cinco réis no prego, não aspirava a mais do que a tres pintos sobre todo o meio corpo de seu avô, que fôra, nem mais nem menos, coronel de milicias, descendente por linha masculina de um venerando capitão-mór, etc., etc... e demais a mais, tal era a sua modestia ácêrca do valor intrinseco dos seus antepassados, que no que elle depunha maior confiança era n'um aro de ouro, que cercava o retrato.

Chamar a sr.ª Maria, incumbil-a da missão de lhe

empenhar seu avô, saír a velha e voltar foi questão de um quarto de hora.

Mas, por um d'estes acontecimentos inexplicaveis, o respeitavel coronel de milicias fôra embaçado, quando se mandou retratar, e o aro, que elle por ouro pagou, não era mais do que um ridiculo *pechisbeque!* É bem de ver que nenhum dos agiotas de Coimbra reconheceu merecimento ao velho miliciano, encaixado n'uma aureola de mentido ouropel, para se atrever a emprestar tres pintos sobre um homem, que se adornava assim de fingidas galas!

O retrato voltou para casa!... Era a archi-última esperança!... A ída ao baile está muito problematica!...

V

De que serve uma batina

«Quem tem capa sempre escapa.» É este um ditado, que se julga mais velho que a proverbial Sé de Braga; mas que eu, em profundo estudo sobre um livro antigo de author anonymo, descobri ter-se originado das immensas garantias, que offerece esta parte do habito escolar.

Na realidade, a capa é para o seu dono tão seguro abrigo como a casca para o caracol, que sem ella ficaria reduzido á humilhantissima posição de lesma.

De facto! um estudante, rebuçado na sua capa e com o seu gorro enterrado até aos olhos, parece-se e confunde-se com todos os collegas, que trajam de egual maneira; e assim póde atrever-se a executar essas *valentes partidas*, segundo a phrase academica, e que traduzida em vulgar quer dizer *disparates monstruosos;* por-

que, ao depois na absoluta impossibilidade de se attribuirem ao proprio author, attribuem-se ao corpo collectivo, chamado academia. E é assim que se diz que a academia mata gatos a deshoras, apaga e quebra os candieiros da illuminação pública e faz arruaças á porta de meia duzia de lamechas, quando novecentos noventa e seis estudantes dormem socegados nas suas camas e apenas tres ou quatro percorrem as ruas com taes brinquedos!...

Ora, se a capa tem tantas vantagens, a batina não as tem menores, apesar de ser tão mais sisuda, que o estudante, quando se dispõe a ir para essas pandigas nocturnas, se desembaraça d'ella, trocando-a por garrida jaleca á hespanhola, ou rafada quinzena.

A batina é uma coisa, que se poderia assemelhar á loba, que usam, em toda a parte os ecclesiasticos; mas que se lhe não assemelha pelas immensas metamorphoses por que tem passado.

Todas as phases do progresso têm influenciado no modo de ser d'este habito; e até a moda caprichosa, que o grande marquez de Pombal suppôz jámais poderia invadir a batina, modesta filha dos conventos, até a moda perverteu a pobre louca, que, de honesta e singela, se tornou casquilha e garrida, a tal ponto que talvez nem o seu proprio author a conheceria.

Em tempos antigos era uma especie de sotaina de panno, comprida até abaixo do joelho, adornada por diante com a sua abotoadura fingida de botões de crina e aberta por detraz, até á cintura para dar entrada ao corpo. Depois a batina começou a

soffrer transformações; a abertura mudou-se para diante (e esta foi razoavel), os botões de crina foram substituidos por grandes e janotas botões de duraque, as mangas alargaram-se á moda e forraram-se de sedas e setins de varias côres, finalmente, até feições lhe fizeram na cintura com os seus dois botões á maneira de casaco; de sorte que hoje, se acaso julgaes ver sair uma batina debaixo da capa escolastica, é engano!... sae um perfeito casaco, com que o estudante se póde apresentar em público, sem receio dos incidentes, que lhe podiam sobrevir quando as batinas eram abertas por detraz, mórmente n'umas celebres chamadas de avental, e que não eram mais do que uma especie d'aquelle talabarte bordado de Porthos, que só tinha frente.

Ora imagine o leitor como ficaria um estudante, se um outro imprudente d'Artagnan lhe arrebatasse então a capa.

Mas... benevolo leitor, aqui te vou humildemente implorar que perdões esta longa digressão, em que entrei, pelo interesse de te fazer conhecer as variantes por que tem passado o habito academico desde os primitivos tempos da batina-batina até ao modernissimo da batina-casaco; e eu, feita a promessa de emendar-me, proseguirei muito direitinho no importantissimo assumpto, que prometti tractar no presente capitulo...

Atando o fio á minha historia, começarei por lembrar a posição crítica, em que deixámos o nosso amigo Ricardo Pereira de Aboim, ás duas horas da tarde

do dia do baile, sem ter cinco réis para comprar uns sapatos.

Ora imaginai-vos n'aquelles assados, e vêde em que torturas não estaria aquella pobre alma, sem achar meio de saír de tão apertado trance!

A sr.ª Maria já tinha posto o jántar na mêsa, mas Ricardo ainda lhe não tocára; a sua mente achava-se muito preoccupada, para que a attenção se podesse applicar aos feijões com repolho!...

Outra personagem tinha entrado no quarto; e sentára-se á mêsa sem tugir nem mugir. Era esta uma mulher de vinte cinco annos, pouco mais ou menos, soffrivelmente bonita, chamada Carlota, e que era filha da sr.ª Maria.

Não é preciso explicar ao intelligente leitor que papel esta rapariga desempenhava em casa de Ricardo; basta saber que Carlota estava mal com o nosso estudante, por elle querer ir ao baile; pois é da natureza d'estas *vestaes* o quererem bestificar um pobre que as atura, a titulo de bem entendido ciume!... E quem sabe se ella teria um presentimento?.. talvez!

A boa da moça estava amuada desde o dia antecedente e não tinha fallado ao seu Ricardo; mas agora a voz do estomago foi mais imperiosa que a do brio, e porisso, como visse que elle se não resolvia a vir jantar bradou-lhe com certo mau humor:

—Então, Ricardo, vens para a mêsa?

O mancebo acordou da abstracção, em que estava mergulhado e chamou:

—Ó sr.ª Maria!

— Meu senhor! — respondeu esta.

— Leve esta batina ao Simon e peça-lhe tres pintos sobre ella até ao dia 27 — disse o estudante, desenfiando a batina.

— Sim, senhor, — respondeu Maria — mas é preciso fazer ahi um bilhetinho.

Ricardo chegou-se á mêsa, rasgou a última folha de outro livro, e escreveu:

«Pedem-se tres pintos sobre essa batina até ao dia «27 ás cinco horas; podendo dispôr d'ella no caso de «se não tirar até então.»

Enxugou na parède, que é o papel-pardo do estudante, dobrou, e entregou á velha, que já tinha posto a sua capoteira pela cabeça e mettido a trouxa debaixo da ponta da mesma.

Carlota não havia dito palavra, mas ao ver saír a batina não se poude ter e exclamou:

— Tambem tu tens vontade! com que has de saír amanhã?

— Sáio só com a capa.

— É bonito!... E tudo isto para quê? para ir ao baile!... Olha, tu que lá vaes, não vaes lá por bom! não se me dava de apostar em como já tens algum namoro! E eu que o sonhasse!... Mas tu já não és o mesmo que eras antigamente! já sáes de casa sem dares cavaco... sem dizeres para onde vaes, e sem me contares o que fazes!... A mim bem me tinham dito!... mas, olha, que se eu adivinhasse, que tu que tinhas algum namoro, não te deixava ir, ainda que eu cuidasse de ser feita ás postas!... Havia de ter

que ver! eu aqui a levar vida negra para v. m.ce ir namorar para o baile!...

A ladainha promettia ser eterna. Ricardo tinha escutado com resignação evangelica, mas a paciencia estava a esgotar-se.

—Oh! mulher! deixa-me!—disse elle com tom áspero.

—Bem sei! bem sei! não lhe faz conta ouvir as verdades!... O senhor tem dinheiro para ir ao baile, mas não tem dinheiro para me comprar um vestido!... Olhe! já a Joaquina me disse que eu, que era uma tola de estar comsigo, porque me não dá nada! só lhe falta não me dar de comer e esse mesmo! sabe Deus o que Deus sabe!... se não fôsse minha mãe trazer-lhe o pão e outras coisas fiadas, e eu ter o cuidado de pagar adiantado ao Jacob, não sei como isso havia de ser.

Ricardo replicou:

—Oh! mulher! não me apoquentes! então que queres? não és tu senhora de todo o dinheiro que recebo?...

—E olhe que é uma fartura! não ha dúvida! Já até o sr. Carvalho reparou em eu não ter senão dois vestidos de seda! e disse-me, que eu fazia muito mal em estar comsigo, que era uma tola, que o senhor não me adiantava nada! Olhe como a Gertrudes já tirou o pé do lodo com o rapaz com quem está! Esse sim!... que já lhe deu tres vestidos e um cordão!... E elle que me andou a desinquietar para ir para elle!..

— E então porque não foste?

— Ainda o pergunta! Olhe que havia de ficar arranjado sem mim!... Se o não estimasse tanto! Sempre sou bem asna em me estar a apoquentar!... mas então que hei de fazer! sou tão sua amiga!...

Carlota comprimíra tanto as glandulas lacrimaes com as costas da mão, que duas lagrimas lhe deslizavam pelas faces! Ricardo sensibilizara-se. O parvo não via, que estava a ser disfructado n'aquella scena de pathetico romanticismo!...

— Pois sim! mas eu tambem faço-te tudo o que tu queres, é bem que me não constranjas agora n'isto, — lhe volveu este com ternura.

— Mas não me faz esta vontade... uma coisa tão pequena! — tornou Carlota com rispidez.

— Não posso!...

— Diga antes que não quer!

— Não é isso, filha, valha-te Deus! Não posso faltar ao baile.

— Então porque?... é lá preciso para alguma coisa? pois olhe, passava-se lá bem sem o senhor! se lá vae é porque muito bem quer, porque tem vontade de ir, porque me não quer fazer o que lhe eu peço!

— Escuta, mulher! Bem vês que tive um cartão a convidar-me, e então hei de ir por força, quando não parece mal, tu bem sabes.

— Então que tem que falte? Vêm-lhe cá tomar satisfações?

— Não; mas o doutor é meu amigo; a familia é muito conhecida da minha em Lisboa; e elle, não

contente em me mandar aqui convidar, encontrou-me hontem na rua e matou-me o bichinho do ouvido a dizer-me que não faltasse, que lá esperava por mim, que ficava triste, que se punha mal comigo se eu não fôsse! Emfim, insistiu tanto, que me obrigou a dar a minha palavra de honra! Pois então porque é que eu me tenho apoquentado a arranjar dinheiro para ir, senão por isso? pois por meu desejo decerto que não é.

Carlota sorria de prazer! tinha engolido a pilula!

Ricardo, apesar de completamente dominado por essa mulher, mentia-lhe o mais amorosamente possivel; e ainda assim lhe ficava em divida das muitas que ella lhe pregava.

A sr.ª Maria acabava de entrar, trazendo na ponta da sua capoteira os tres pintos em cobre, que mr. Simon lhe emprestára até ao dia 27.

O estudante bradou victoria!...

Eis de que serve uma batina.

VI

Novo meio de transporte para um baile: entrada triumphante

São oito horas da noite. Por um capricho d'estes, que a natureza tem muitas vezes, dignou-se enviar uma trovoada a toldar o bello céo de Coimbra, e as nuvens, que se agglomeravam desde as tres horas, romperam as catadupas do céo ás seis da tarde, e desde então não cessára de chover. As ruas estavam um charco e mal poderia atrever-se a affrontar os lamaçaes o asselvajado sapato dos da Beira, quanto mais o delicado e afiambrado par de botinhas, que eu tenho decantado em altisonantes capitulos.

Decididamente ha dias aziagos!

Não vos tem succedido muitas vezes, ao sair de casa, escorregar na escada e descer os degraus com os lombos? não vos tem acontecido, n'esse mesmo dia, logo ao virar da esquina, topar cara a cara com o vosso mais implacavel crédor? ir a comprimentar uma se-

nhora e machucar contra um pedregulho o vosso calo morgado (o que desafia os risos da cruel e quasi as vossas lagrimas)? não dar dois passos, sem que vos entre um mosquito para um olho ou uma pulga para debaixo da sola do pé? ir-vos a encostar ao mostrador de uma loja e quebrar-lhe o vidro? voltar a casa e não encontrar a carta, que esperaveis, ou o que ás vezes é peior, encontral-a sem estampilha?... não vos tem succedido tudo isto?... pois então acreditai no influxo malevolo d'algum astro tyranno, que, n'esse dia, vos olhou com maus olhos!!

Eu creio nos dias aziagos... porque Ricardo é um exemplo! Ter de luctar ao mesmo tempo com a opposição de Carlota e com a falta de tres pintos, é já o resultado do peior influxo que o mais maligno de todos os comêtas podéra ter sobre elle; mas, apenas limpando o suor de vencer tal lucta, ver-se assaltado por uma serie infinita de pequenas miserias, é a prova mais frisante de que esse dia era dos taes!! Foi ao cabelleireiro para fazer a barba e pentear-se, e o cabelleireiro promettia não acabar de frisar os freguezes que já lhe obstruiam a loja! Ora pelos motivos que o leitor sabe, Ricardo não podia ir a outro cabelleireiro, que não fôsse aquelle, porque só elle o escanhoava a crédito! Foi ao Lemos comprar umas luvas de pellica branca e por muito milagre achou um unico par, que lhe era larguissimo; mas com o qual teve de se contentar assim mesmo e dar graças a Deus. E finalmente, quando elle suppunha ter aplanadas todas as difficuldades, desaba-lhe uma corda

de agua, que quasi lhe gelava a esperança de poder ir ao baile!...

«Umas galochas! uns tamancos!... inclusivamente uma sege!» reflectirá agora o meu intelligentissimo leitor. Alto lá, meu amigo! Saiba primeiro se em Coimbra haveria, para alugar, uma sege, mesmo no caso de Ricardo ter dinheiro para tal. Ora, bem averiguado que não ha semelhantes meios de locomoção, e que até mesmo umas eternidades com fóros de capoeiras puchadas a bois, que servem de vehiculo as bellas, são emprestadas, fica a Ricardo, como unico recurso, o levar tamancos ou galochas; mas o que o leitor tambem não sabe é que, para ir de casa do nosso amigo para a Rua Larga, tinha de passar pela Rua dos Grillos, *mac-adamisada*, ou antes descalçada de novo, e portanto o lameiro era tão profundo que um janota todo inteiro se poderia sumir n'elle, quanto mais uns tamancos!

Grave era pois o apuro! mas a força inventiva, que nunca desampara o homem nos momentos criticos, descobriu-lhe que o unico meio alugavel de não ir com os pés pelo chão era ir escarranchado n'um burro!...

Effectivamente é novo ir n'um burro para um baile! mas Coimbra é a terra das grandes invenções! Um proprietario, que morava alli perto e que trazia obras nas casas, mandou, com as taboas, que tinha armazenadas, fazer da sua porta á do salão uma ponte, por cima da qual passou elle e sua mulher a pé enxuto.

São lembranças que nem todos têm! Ricardo, á falta

de taboas, mandou chamar o Resteiro, seu freguez, pediu-lhe um burro fiado, e, á noutinha, aproveitou uma aberta para demandar o desejado porto, atravez do revolto mar do lodaçal dos Grillos, navegando a bórdo de... um jerico!...

Mas Coimbra é uma cidade completamente excepcional! Aqui os divertimentos honestos e legitimos são muitas vezes suffocados pela troça nojenta de alguns pandigos, que querem assim crear uma bem triste celebridade!... É de pasmar que á porta do theatro, do baile ou do concerto se encontrem alguns estudantes, todos embuçados e incognitos, fazendo troça em alta voz, a ponto de se ouvir no salão, e entendendo com quem entra... Este abuso, que, no meu modo de entender, provém só e unicamente do pessimo systema de policia, chama-se a *pandiga;* e se hoje essas *espirituosas* partidas se têm cohibido um tanto, annos houve em que tocaram os limites do indecente.

Ha no fim da Rua Larga e formando angulo recto com esta, uma viella solitaria e mal calçada, chamada Entre-Collegios; sobre ella deita a sala do baile, cuja porta é a ultima da Rua Larga, ou a primeira para quem desembocca de Entre-Collegios.

É este sitio, escuro ainda hoje e escurissimo antes da illuminação a gaz, que os pandigos escolhiam para theatro das suas proezas. Era d'ahi, que escarneciam as damas, que entravam; os directores, que as vinham receber ao amplo patamar; e a musica, que tocava á sua entrada.

O nosso amigo, disposto a fazer o seu transporte para a sala, lembrou-se que o albardão lhe sujaria as calças, e por isso, e mesmo para evitar os salpicos, que do patinhar do orelhudo animal lhe podessem saltar para o fato, mandou cobrir o apparelho do jerico com uma coberta de panninho vermelho, que tinha, deixando ficar de um lado e d'outro as pontas de tal comprimento que podésse embrulhar as pernas para as resguardar da lama. Montou pois o valente animal e partiu.

Com o receio de soffrer desastre no mal-calçado Entre-Collegios, veiu o nosso amigo pela Rua de S. Pedro desemboccar ao meio da Rua Larga. A noite estava escura como um prego, mas serena; e n'aquella occasião não chovia. Mais de vinte trocistas, de caras tapadas e com os classicos candieiros de metal amarello de tres bicos, estavam escondidos em Entre-Collegios, e, quando alguem ía a entrar, vinham formar-lhe duas álas de luzes!... Por infelicidade, o nosso asino-nauta foi bispado ao longe, e logo a rapaziada correu para elle com a sua illuminação. Ricardo fez-se vermelho como a sua coberta, mas sem dar cavaco foi caminhando entre as duas álas de luzes, debaixo do tiroteio da mais incisiva chalaça. Chegou á porta. O infeliz tinha de tal modo enrolado a coberta ás suas pernas e saltou com tal precipitação, que se achou no limiar da porta envolvido n'aquella saia vermelha! Os musicos, que mal esperavam um homem de saia encarnada, demais a mais em cabello (porque Ricardo não levava chapeu pelo motivo de

o não ter, e de não amarrotar a cabelleira), suppozeram ser alguma senhora e romperam em torrentes de melodia; a tal reclamo acudiram logo os directores, que vieram ver Ricardo acabando de se desembaraçar da sua involuntaria metamorphose! Uma d'estas gargalhadas expansivas e insultuosas rebentou da multidão! os musicos calaram as suas harmonias e os directores indecisos não sabiam que fazer!

As chufas partiram do meio da turba-multa, que, sendo-lhe vedada como aos reprobos a entrada d'aquelle eden, se vingavam em amargurar alguns instantes aos ditosos, que íam gozar uma noite de delicias.

— Pois não! toquem a essa lesma! — gritava um.

— Não vêem que vae de saia?! — vociferava outro.

— Devia entrar de braço dado com o burro! — exclamava com voz de pipia um terceiro.

Aos chascos succedeu a algazarra confusa. Entrou um lente! Como por seducção magica, cada um, com o medo de ser reconhecido, calou-se; e aquella mole de vultos dispersou toda para Entre-Collegios para irem esperar outra victima!

E no dia seguinte talvez dissessem, que se tinham divertido muito n'aquella noite... Mentiam descaradamente ao bom senso e porventura tambem á sua consciencia!

VII

Começa a maledicencia no baile

— Minha senhora!... uma noite de baile é para mim oasis vecejante, que me sorri no meio d'esta aridez da vida academica, deserto de laborioso transito, no qual só ha o descançar n'estes edens deliciosos, que, para em tudo serem seductores, até são habitados por encantadoras hurís.

— Então não gósta da vida de Coimbra?

— Sim e não, minha senhora! Quando me vejo em lucta aberta com os revezes, que soffre o estudante, quando penso, que estou longe da minha familia, e que a minha imaginação se vê suffocada pelo positivismo das aulas, das sabbatinas, das dissertações e finalmente do estudo e só do estudo, abomino, detesto Coimbra; mas quando, mais feliz, pósso esquecer

as horas de enfado em doce companhia, então não trocára um momento da minha existencia por longos annos do viver das mais faustosas cidades.

— Ora esta! v. s.ª não gostar de Coimbra!

— Perdão! minha senhora. Eu não disse que não gostava de Coimbra... disse apenas, que, quando não tinha companhias tão seductoras como agora, soffria muito... chegava a ter saudades da minha terra.

— O senhor é do Porto?

— Não, minha senhora! eu sou de Lisboa.

— Ah!...

— Parece que lhe causou uma impressão desagradavel ouvir que eu era de Lisboa! v. ex.ª não sympathisa com os rapazes de Lisboa?

— Nem com todos!... Diga-me! quem é aquelle rapaz que além está a conversar com a D. Leonor Seabra?

— É um rapaz brazileiro. Mas!... o dever nos chama!... é v. ex.ª... o seu *vis-à-vis* espera-a.

A sr.ª D. Constança devia romper o *en-avant-deux* da ultima marca da primeira contradança. O cavaco, que acabo de relatar occupava o intervallo em que os pares das cabeceiras tinham desempenhado as suas evoluções choreographicas. O outro interlocutor é pessoa nossa conhecida, — é Ricardo.

A sr.ª D. Constança, depois de ter avançado e recuado, feito e desfeito o seu *traversé,* voltou ao seu posto em quanto Ricardo a imitava dançando com a sua *vis-à-vis*. Este voltou de novo tambem ao seu logar, deu o braço a D. Constança e acompanhou-a á

sua cadeira, situada entre outras muitas que da direita e da esquerda eram occupadas por varias senhoras de todos os tamanhos, edades, côres e feitios, sem que no meio d'aquella série não interrompida de senhoras houvesse uma cadeira desoccupada, onde podésse um homem ir como intruso sentar-se para cavaquear mais de perto com qualquer dama.

Aquella monotonia das senhoras dispostas em linha era inexpugnavel!... e porisso Ricardo cruzou as mãos atraz das costas, caminhou pára uma extremidade da sala, encostou-se á umbreira da porta e dispoz-se a fazer uma minuciosa analyse de todo o salão e de tudo e de todos, analyse a que eu convido o leitor a assistir, pois descobri o daguerreotypo do pensamento alheio, com que me não é difficil devassar a consciencia do meu amigo, conhecer o que lá se passa, e expôr aqui chã e claramente o resultado das suas judiciosas observações com tanta fidelidade e exactidão como o espelho reproduz os defeitos da dama de meia edade que o consulta.

Mãos á obra pois, que Ricardo já franziu o sobrolho, assestou a lunetinha de um só vidro e começou a dar desenvolvimento ao orgam da analisybilidade, cuja bossa devêra ter um distincto logar no cranco do nosso amigo se acaso não mentem Gall e os phrenologistas.

— Quem será aquella dama de traje excentrico, que além está com um vestido côr-de-rosa tão curto, tão curto, que bem lhe deixa vêr o pronunciado tornozelo da tibia infiel, cingido com a impreterivel fi-

tinha traçada? — Assim dizia Ricardo com os seus botões, ao contemplar uma dama de soffrivel fealdade, com a cintura por debaixo dos braços, sem *bouquet*, sem enfeite de cabeça, sem carteira de baile, n'uma palavra, uma senhora que pelo seu trajar e hediondez bem podia passar por uma criada grave de alguma casa abastada.

Não sei porque, mas, quando se encontra uma mulher feia, dá logo vontade de a collocar na classe das criadas de servir; mórmente se ella veste de um modo duvidoso, entre o de áia ao domingo e o de ama ao levantar.

Effectivamente esta senhora só fazia notar que se achava n'um baile, por calçar sapato de setim branco, e por andar walsando com indizivel furor... E o caso é que walsava menos mal!

Ricardo prendeu-se-lhe insensivelmente a attenção áquella dama, que elle nunca tinha visto em Coimbra; e formando desde logo decidida tenção de lhe indagar as minucias da vida, decidiu procurar um seu amigo, mancebo afamado na maledicencia, grande sabedor de vidas alheias, e coisa brava em chronicas escandalosas, que, com prazer, assoalhava. Era homem, que investigava tudo, que sabía coisas que todos ignoravam, e que finalmente impossivel sería não dar noticia circumstanciada de quem era a senhora de côr-de-rosa.

Entretanto Ricardo, para matar o tempo passeou a vista pela sala toda e contemplou com desprazer aquella falta de gosto, que reinava por toda a parte.

Dá para o salão a entrada principal uma escada estreita, apenas alcatifada com alguns velhos tapetes de egreja, e que é absolutamente impossivel adornar com jarras ou figuras, visto o seu acanhamento ser tal que nem deixa aos cavalheiros dar o braço ás senhoras, tendo de subir-se a um de fundo como nos estreitos degráus da torre da Universidade. Depois de tres pequenos lanços, cada um com a sua volta, chega-se a um patim de cinco ou seis palmos de largo sobre desoito ou vinte de comprido. Em frente fica a porta da sala; á direita a entrada para a orchestra, acanhado e miseravel postigo de uma acanhada gaiola, como que embutida na parede; á esquerda, para onde o patim se estende em fórma de garganta, fica a sala do toucador e a casa do serviço. Aquella é um apertado cochichôlo, onde duas ou tres áias dançam impreterivelmente com os criados o lundum, depois da meia-noite; e a casa dos serviços?... oh! essa é uma adega reles de um pobre lavrador da Bairrada arruinado pelo *oidium;* é uma coisa de inexplicavel porcaria, indecencia e repugnancia! Taes são (afóra as casas de jogo collocadas na outra extremidade do salão) ós appendices da sala de baile em Coimbra, que para tudo que ha n'esta vida tem serventia, por ser bastante comprida, apesar de excessivamente baixa. Hoje está decentemente forrada a papel, ainda que muito escuro, e bem illuminada a gaz; mas, tanto agora, como n'outros tempos, em que era caiada de branco, com illuminação de côtos de stearina em placas de folha de Flandres, pregadas pelas paredes e

o classico lustre de vidro no meio do tecto, jámais houve a dita de se lhe ver um adorno, uma bambinella, um festão de flôres, uma qualquer outra coisa que indicasse salão!... Nada!... sempre a mesma nudez que apresenta n'um bazar de prendas para o asylo ou n'uma reunião da assembléa geral do theatro.

Assim reflectia Ricardo, descrevendo na sua imaginação aquella chamada sala de baile, quando avistou o seu amigo, o maledicente. Para o não perder de vista, o nosso estudante transpoz logo apressado a extensão da sala e filou-se-lhe ao braço, dirigindo-lhe sem mais preambulos a seguinte pergunta:

— Quem é aquella pêga?

— Qual?

— A de côr-de-rosa que acabou de walsar com o Lima.

— Oh! isso são contos largos!!!

— Pois então vamos ahi para um canto retirado.

— Para que?

— Porque pretendo iniciar-me nos contos largos.

— Deixa-te d'isso agora.

— Não quero! Quero saber...

— O que?

— Os contos largos da côr-de-rosa.

— Homem! estás curioso! Tambem te habilitas aos *contos?*

— Aos largos!... como assim?

— Não! aos oitenta! Passe o calimburgo!

— Pois ella tem oitenta contos? Desdobra-me aquella

vida tim tim por tim tim, sem lhe faltar ponto nem virgula! mas não mintas! resigna hoje o teu dom de invenção e conta isso com verdade!

— Tem oitenta contos! Que mais queres?...

— Então consistem n'isso os contos largos?... não importa! vou fazer-lhe a côrte!... Uma mulher com oitenta contos é sempre adoravel!

— Não te precipites, homem! aquillo já tem dono.

— E é por causa do tal dono dos *contos* redondos, que ha os *contos* largos? Dá publicidade a isso que estou impaciente!...

— Publicidade já o facto teve; agora pertence á historia, e eu apenas me préso de ser o narrador. Dizer a verdade não é ter má lingua!

— Desembucha, maldito! Houve algum acontecimento público? Ein?...

— Tal e qual! Mas aqui não estamos bem! Se não chovesse íamos alli para cima para o mirante.

Ricardo e o seu interlocutor caminharam para a porta do terrado. A trovoada tinha-se dissipado e estava uma noite bella; porém a tempestade fustigára todos os arcos de buxo e loiro, e extinguira todas as mortiças lanternas, que abrilhantavam o tal mirante, especie de linguêta, um pouco mais elevado do que a sala. A escuridão era completa.

Os dois amigos dirigiram-se para lá.

— Ao caso! vamos ao caso! — bradou Ricardo, começando a passear ao lado do seu amigo. — Vamos! quero saber d'onde veiu aquillo... quem é!...

— Ouvi dizer, que é um brigadeiro...

— Quem?... ella?

— Não! o pae! Um brigadeiro que depois de fazer fortuna, lá n'uma possessão ultramarina, viera para aqui disfructar os seus rendimentos, trazendo duas filhas com oitenta contos cada uma e uma soffrivel fealdade ambas!

— Mas d'onde vieram?

— Não sei ao certo.

— Nem mesmo importa! Vamos ao caso!

— Vamos ao caso.

— Onde figura já o que é dono dos oitenta?

— Tal e qual! Um alfenim de chapeu ás costas e oculos azues, que veio de Lisboa aqui só para ver a sua bella.

— Oh! venturoso! que possues o affecto de uma mulher... com oitenta contos!... oh! meu rival!...

— Não te afflijas, homem! que a historia reza que o negocio está tremido!

— E é porisso que ha os taes contos largos?

— Pouco mais ou menos.

N'esta occasião um outro individuo entrava no mirante. Um charuto recem-aceso indicava que aquelle senhor escolhêra este sitio para fumar e que porisso promettia ter demora alli. Ricardo ficou contrariado em não acabar de ouvir aquella historia, provavelmente invenção mentirosa da fecunda imaginação e decidida vocação de má lingua do seu amigo. A musica acabava de entoar os preludios da segunda contradança e ambos os nossos estudantes partiram apres-

sados para o salão; Ricardo porém como verdadeiro filho de Eva, disse no meio do caminho para o seu amigo:

— Rosa! não me escapes logo, que eu quero ouvir o resto da tua historia.

— Pois sim! — lhe replicou este.

E entranharam-se ambos por entre a multidão.

VIII

Segue a segunda contradança

Ricardo tinha ainda tirado D. Constança para par da segunda quadrilha. Nisto porém não houve mais do que mero acaso.

Esta senhora era bella. Os seus olhos pretos, bem pretos, escondiam-se debaixo das mais finas sobrancelhas, cercando-se de uma aureola azulada, que lhes dava novo realce; a sua bocca era breve e rosada; o seu nariz, do typo das mulheres arabes, condizia perfeitamente com a sua tez morena de mulher andaluza. Infelizmente porém esta donzella, em quem pareciam concorrer todos os dotes da formosura, era menos favorecida dos dotes do espirito! A sua conversação era tibia e pouco animada; não tinha essa exaltação do sentimento do bello, que o seu typo pa-

recia querer indicar; e o seu coração não se impressionava com as doces emoções, que costumam fazer vibrar as cordas mais intimas do sentimento ás filhas da peninsula.

O mancebo contemplára extático aquella formosura! Desde que entrou no baile notou a elegancia d'aquella mulher. D. Constança absorvêra-lhe insensivelmente todas as outras impressões!... e no fim da noite para Ricardo havia uma senhora só no salão... em Coimbra... talvez no universo... era D. Constança!...

O nosso amigo julgava-se feliz ao lado d'ella! Queria fallar mas não atinava com a expressão. Fazia mentalmente ensaios de adocicar a voz para lhe render uma fineza! mas, nada! não desembuchava! E a contradança seguia o seu caminho... e os pares de cabeceira já começavam a executar a sua terceira marca... e o nosso Ricardo nada de novo a respeito de abrir bico!...

Estava em torturas! Já cem vezes tinha tirado o lenço da casaca, outras cem tinha como que enxotado com elle o calor, que o affrontava; mettia-o n'algibeira (o lenço, não o calor)... tornava-o a tirar... assoprava profundamente... affagava o cabello, com grave detrimento da sua luva branca... e os orgãos vocaes emperrados sem deixarem escoar nem uma syllaba!...

Entre estupido e amoroso ha apenas leves differenças!!

Finalmente o nosso embatucado amigo olhou para o tecto, e, como que havendo alli devisado o fulgor

das estrellas ou os prateados reflexos da lua, exclamou sentimentalmente:

— Está hoje uma linda noite!... Não acha, minha senhora?

Esta expansão mais parva da mais parva semsaboria foi logo festejada por uma estridentesinha gargalhadinha d'um sujeito que estava em pé atraz de Ricardo!... O nosso amigo fizeram-se-lhe as orelhas como duas azas d'um pote de Estremoz!...

D. Constança virou-se para elle, com um sorriso de insipidez engatilhado nos labios, e fez um signal de assentimento. Era a segunda parte da semsaboria!

O estudante precisava ganhar terreno; e porisso, affectando o tom de voz mais affavel, que se póde imaginar, volveu para D. Constança:

— Eu amo o baile! E v. ex.ª?

— Eu assim! assim!

— Talvez prefira o theatro?

— Conforme...

— Um drama sentimental em que vibram todas as fibras d'alma!...

— Eu já gostei mais do theatro! Antigamente os fatos eram muito mais bonitos! Hoje apparece tudo de casaca, que é coisa, que não tem graça nenhuma! São fatos que se vêem todos os dias!

— É verdade!... mas!...

— Ora diga-me! aquelle drama *Luiza de Carvalho* não era muito mais bonito se fôsse com o vestuario da *Cruz de Malta*, ou de *D. Affonso III?*

— Mas isso hoje está em desuso! nos dramas da época....

— Hoje é tudo casaca e mais casaca! Para ver isso então prefiro vir ao baile.

— V. ex.ª tem razão! O baile é de um interesse mais palpitante! Cada convíva é o protogonista de muitas scenas, em que se põem em acção os mais doces affectos do coração... e...

— Olhe que é o senhor a fazer *en-avant*.

Esta senhora era um verdadeiro apagador de conversas sentimentaes!

Ricardo cumpriu os seus deveres dançantes; esperou que D. Constança fizesse o mesmo; e atou o fio das suas expansões amatorias, sempre interrompidas por mil semsaborias d'aquella dama.

Emfim fallou-se de amor! Ora, por mais insipida que seja uma senhora, em lhe tocando na tecla — amor é um gosto ouvil-a fallar! Advoga logo a causa do seu sexo com uma erudição admiravel! São mil factos... mil exemplos para corroborar uma opinião!... são mil bocadinhos bonitos apanhados nos romances da *Bibliotheca economica!*... é toda a metralha!

Fallaram primeiro do amor em geral. D. Constança sustentou que o homem é sempre mais voluvel do que a mulher; e que por isso era um perfido em quem se não devia crer!... Disse cobras e lagartos contra a fidelidade, ou antes, infidelidade dos homens; comparou-os a tigres, a leões e não sei a que bichos mais. Foi uma *Demosthenisa!*... Ricardo, por uma admiravel theoria creada alli *ad hoc* e que talvez mesmo

lhe explicasse certos factos com elle, ou melhor, n'elle succedidos, demonstrou, que o homem não é mais inconstante do que a senhora, mas sim menos mentiroso... mais sincero! pois, sendo da ordem natural das cousas que o coração humano seja voluvel, o homem, arrebatado pela admiração, tributa reverencia, culto, amor á mulher, que elle julga o typo ideal da belleza, mas se acaso outra mais bella lhe apparece, fascinando-o, elle a adora sobre todas, não por inconstancia para com a primeira, mas apenas pela sua dedicação absoluta ao bello!!

Este ponto foi muito debatido com egual força sophistica de ambos os contendores, que só largaram as armas d'esta peleja para se empenharem n'outra mais doce e discutida mais em segredo, a saber: o amor em especial.

D. Constança não tinha n'essa occasião preenchido o quadro dos seus admiradores. Havia um logar vago e esse logar foi portanto dado logo alli ao nosso amigo Ricardo.

O derriço proseguia os tramites do costume e a contradança acabava.

Acompanhada D. Constança ao seu logar, segundo a impreterivel formalidade, ficava isolada de toda a conversa com Ricardo pelo intermedio de duzia e meia de velhas, semi-velhas e archi-velhas, que de um lado e outro occupavam as cadeiras contiguas áquella em que a formosa dama se havia sentado; porisso o nosso estudante contemplava-a de longe, bem esquecido do seu amigo Rosa e mais da sua historia.

A sua mente havia feito pacto com o coração e ambos se occupavam demasiado ácerca de D. Constança para poderem dar cabida a outra idéa qualquer que ella fôsse, quanto mais d'outra mulher!

Pelo contrario Rosa, que ardia em desejos de vender o seu peixe e que se fizera mysterioso, para dar mais sabor e merecimento á sua narrativa, aguardava impaciente que Ricardo lhe fôsse exigir o cumprimento da sua promessa; mas como esperasse debalde, como debalde até fizesse por ser visto pelo seu amigo, resolveu ir tiral-o d'aquella especie de apathia extatica em que se achava defronte da sua novissima *ella*.

— Então tu queres ouvir o resto ou não? — disse-lhe Rosa ao ouvido.

Ricardo estremeceu, retrucando um pouco perturbado:

— Já vou, homem! estava descançando um pouco de dançar.

— Por força! hoje uma contradança deixa a gente muito fatigada! pois não! Dize antes que sentaste praça na ala dos namorados! Pensas que te não percebo?

— Eu, não! — volveu o nosso heroe, com um sorriso, que indicava bem ter orgulho em affirmar com o gesto aquillo que por modestia os labios negavam.

N'este momento D. Constança levantava-se com mais duas senhoras e dirigiam-se ao toucador. Começava o serviço do chá.

O momento era opportuno para Ricardo ouvir o seu amigo. Acompanhou ainda D. Constança com os olhos e dispoz-se a seguil-o.

—Vamos! — disse este.

A sala do jogo era quasi deserta. Tres mèsas estavam postas: n'uma jogavam tres caturras um enremissado voltarete; d'outra haviam os parceiros largado o boston para irem saborear as delicias do chá e dos bolos finos, pois sabido é que ás salas do jogo só chega o recocó dos quasi-biscoitos que formam o esqueleto da bandeja; a terceira mêsa estava deserta: sentaram-se a esta os dois amigos.

— E depois? — perguntou Ricardo.

— Depois veiu o meu amigo de Lisboa aqui, andou e desandou defronte da porta da sua bella, como a dóninha defronte da bocca do sapo, até que por um impulso talvez mais forte que o seu querer enfiou pela escada acima a gritar com toda a força dos seus pulmões que lhe apparecesse o seu bem. Mas o bem que lhe appareceu foi o pae da menina, que o aconselhou a ir-se embora e como elle persistisse em ficar ameaçou-o com o pau de uma vassoura que por acaso alli estava. Ao reclamo d'este barulho acudiu a visinhança, e alguem mais ordeiro foi chamar um cabo de policia, serralheiro membrudo, que, vendo a precisão de fazer saír de scena o amante infeliz, por um rasgo admiravel de espirito de ordem, filando-o pela gola da sobrecasaca e por uma perna, o arrebata no momento mais dramatico d'aquelle lance!... Peripecia inimitavel de um drama palpitante!... A porta da casa fecha-se hermeticamente sobre o desditoso galan, o centro de força, e o côro de mulherio, que tudo de cambulhada evacuára a escada. O mal-

aventurado, ao ver-se livre das ferreas mãos do serralheiro, que o apertavam como as melhores tenazes do officio, lastíma a sua sorte! O cabo julga-o tolo e manda-o embora; e elle conta ás visinhas as suas desventuras e... abala!!... Eis como um cabo de vassoura e outro de policia intervieram no desenlace de uma scena amorosa!... E então que te parece? — disse Rosa, mudando de tom, ao concluir a sua narrativa.

— Que o sr. brigadeiro é um tyranno, ella uma mulher sem coração e elle um infeliz!

Uma estrepitosa gargalhada do narrador atalhou a classificação conscienciosa de Ricardo.

— Um infeliz?... ah! ah! ah!... um parvo! um tolo! direi eu... e ella uma mulher de senso commum que não quer namorar um tolo!

— Não! devagar! o proceder d'essa mulher para com um desgraçado que assim está louco por ella indica um coração de marmore! e então o do pae... expulsar d'esse modo um homem, só por estar apaixonado, é revoltante!...

Como o coração humano é egoista! Ricardo, que antes da segunda contradança escutaria talvez com indifferença a historia dos desvarios d'aquelle homem, agora chamava coração de marmore á mulher, que o tinha desprezado, e tyranno ao pae, que castigava esses desvarios!... E tudo isto porque? Porque Ricardo já tambem amava.

O serviço do chá acabára... acabe com elle o capitulo!

IX

Retrospecto

Em quanto o estudante com a imaginação povoada de fascinadoras imagens se refaz das fadigas do baile em somno delicioso, vou eu levar o leitor aos lares paternaes do nosso amigo, e, atrazando o ponteiro do tempo, vou devassar-lhe os segredos do berço, quasi surprehendel-o em fraldas e cueiros.

Ricardo tinha tido um pae e uma mãe, como todos nós, ou, para melhor dizer, como a maior parte de nós; pois que, além d'aquelle celebre ratão da fabula que teve duas mães, muitos se conhecem cá n'este nosso mundo de agora, que têm a honra de ter dois paes...

Fique pois sabido que o nosso heroe não era d'esses: tinha um só pae e uma só mãe, santo homem e santa mulher, que tiveram aquelle filho e uma filha na

Rua da Rosa das Partilhas n.º 35, o que lhes dava direito a chamarem-se *alfacinhas* da gemma, coisa em que Ricardo tinha muita honra, especialmente quando os provincianos o caçoavam por isso.

Seu pae, o sr. Manoel Pereira de Aboim podia ter muito dinheiro, se o tivesse ganho ou alguem lh'o deixasse; mas, como não aconteceu nada d'isto, e como elle tinha a honradez sufficiente para o não roubar, seguia-se que o sr. Aboim não era rico, nem antes nem depois do casamento; porquanto a noiva trouxe-lhe muito amor, muita virtude, mas a respeito de dote... Uma filha de um coronel de milicias que poderia trazer de dote? alguma barretina velha, ou algum fardalhão antigo, que apenas podesse servir para as mascaradas do entrudo!

Ora, o sr. Manoel de Aboim, á falta de outro emprego, era procurador de causas, o que lhe rendia para viver n'uma honesta mediocridade, tendo a sua sopa, vacca e arroz ao jantar, e ao domingo (e só ao domingo) batatas fritas ou salada para prato do meio.

O nascimento d'aquelle filho foi um verdadeiro dom do ceo; e seu pae que via n'elle um arrimo para a velhice, deliberou desde logo fazel-o doutor; para o que tratou immediatamente de ir collectando todos os seus clientes presentes e futuros com uns tantos por cento mais em cada folha de autos, que lhe passasse pelas mãos.

Se fôsse attendida a opinião de sua mãe o rapaz sería padre: seu pae, que queria ver o fructo do dinheiro gasto com a formatura, queria que elle fôsse

para medicina; mas o rapaz, chegando a Coimbra, para não desconsolar nem um nem outro... matriculou-se em direito!

Ricardo brincou muito em pequeno; pulou muito; fez travessuras do *arco da velha*, de companhia com sua irmã e com um rapaz que morava no andar superior das suas casas. Era este o filho de um honesto empregado público, a quem os atrazos de pagamento e os revezes da fortuna tinham reduzido a uma parcimonia forçada, que se parecia muito com a inopia; de modo que só lhe era permittido o habitar em primeiros andares... começando a contagem do telhado.

Ambos quasi da mesma edade, Ricardo e Carlos (que assim se chamava o visinho), entraram juntos n'um collegio da rua do Loreto para aprenderem o *b-a-ba*, e, entre os receios da milagrosa santa dos cinco olhos e os folguedos do sueto (afóra alguma gazetita que faziam para irem juntos garotar para os Arcos das aguas livres) passaram os primeiros annos da sua vida: ainda juntos entraram nas aulas das Merceeiras para estudarem varios preparatorios; até que emfim, contando o filho do procurador quinze annos, seu pae resolveu mandal-o para Coimbra. O rapaz choramigou ao despedir-se da mãe e da irmã, deu um beijo no pae, um abraço no amigo e partiu, confiado á direcção de um bom veterano. Carlos viu-o partir com as lagrimas nos olhos: além de ir separar-se do socio da sua infancia, via com certa inveja que este ía ser doutor, ao passo que elle,

por não saber em que se occupar, ía tornar-se *litterato!*

Assim pois, em quanto Ricardo escanhoava, nas margens do Mondego, as já aprendidas regras de Genuense e Quinctiliano, o seu amigo, sobre as ribas do Tejo, traduzia *livremente* comedias de Scribe e extasiava-se diante das paginas traduzidas de alguma traducção de Schiller ou de Shakespeare!...

O caloiro fez os preparatorios, matriculou-se e foi seguindo o seu curso; e o seu amigo esse lá estava em Lisboa, a repartir o tempo entre o cavaco dos botequins e as locubrações poetico-romantico-litterarias; e á noite ía beber inspirações sentimentaes nos ultimos actos de algum drama, graças á modesta senha, que comprava com as economias restantes da despeza da casa e que a mãe solícita carinhosamente lhe dava.

Apenas chegado a Coimbra, Ricardo, levou o seu gráo, soffreu muita caçoada, apanhou muito canellão e mais tudo o que soffria um caloiro que vinha entregue a um *bom* veterano, n'esses *melhores* tempos que lá vão. Mas o que nem gráos, nem caçoadas lhe poderam tirar foi o maldito sestro de querer fazer figura, e de pimpar de lord, janota, e, o que ainda foi peior, de endinheirado. O nosso heroe tinha uma modestissima mezada de doze mil réis; mas nem por isso desanimou! Logo que poude, correu botequins e bilhares, arvorou triumphantemente o charuto na bocca, travou relações com todos os seus patricios notaveis por talento, fidalguia ou dinheiro, vomitou chalaças e bons

ditos, e alcançando diploma de espirito forte, dispendeu á larga como se fôsse filho de algum barão de fresca data!

Como elle arranjava dinheiro para aquella sancta vida, isso é mysterio, que pertence á moderna geração academica, muito mais desenvolvida e illustrada moralmente, que a dos tempos do *Palito metrico* que lá vão! O estudante quanto menor mezada tem, melhor figura faz em Coimbra: eis o axioma!...

Ricardo, porém, não se podia chamar agora o estudante typo, que possue o condão de fascinar os credores... O meu protogonista soffrêra uma pequena metamorphose no seu modo de vida e constituía uma variedade, caracterisada pelo estudante amancebado, que não vive com luxo, que não entra em certas e muito dispendiosas pandigas, que tem, como se viu, de empenhar algumas vezes a batina; mas que, em geral, vive bem, sustenta a sua bella e mais os seus caprichos e que afinal, se se perguntar d'onde vem o dinheiro para tudo aquillo, nem elle mesmo saberá decifrar tal mysterio.

Effectivamente o filho do sr. Abóim, n'uma das suas orgias nocturnas do segundo anno, tinha levado Carlota para sua casa: ficou com ella no dia seguinte por gosto, no outro por descuido, no terceiro por indifferença, no quarto por capricho, e finalmente no quinto por habito; chegou a tornar-se-lhe uma necessidade, e acabou por lhe consagrar esse sentimento hybrido, tantas vezes experimentado pelos mancebos, e que eu, na minha profundissima ignorancia da phy-

siologia dos affectos do coração humano, ouso chamar, á falta de outro nome, capricho material. Este sentimento, que não é o amor, mesmo o que se experimenta pela amante, com quem saciámos já o fogo dos desejos; que não é a amizade que se dedica á esposa, ainda a mais indifferente, é a final de contas uma propensão para essa mulher, de quem a razão tenta persuadir-nos que nos devemos affastar!... E nós somos surdos á sua voz, ou embora por ella convencidos, fallece-nos a coragem para quebrar essa ligação, que persiste ás vezes até mau grado os sentidos corporeos; porque essa mulher é feia, porque não tem os encantos, que nos poderiam attrair ou captivar!... E todavia nós não a amamos e receámos, que ella um dia nos abandone!... trememos diante da sua ira e, se ella acaso se mostra agastada, nós curvamo-nos á sua vontade, porque um sentimento, que não é o amor, que não é o encanto, que não é a amizade, mas que é um sentimento tão forte como todos estes, a veiu prender ao nosso destino!

Fatal abjecção do espirito humano!... Quantas vezes conhecemos que tal amante é digna do nosso desprezo, quantas vezes mesmo a detestamos, e comtudo aviltamo-nos a ponto de commetter baixezas e até infamias por ella!... Entenda-se o espirito e o coração do homem!!!

Tente desembrulhar este dedalo quem quizer, que eu antes prefiro ir com os meus leitores assistir ao despertar de Ricardo, no dia seguinte ao do baile.

X

Primeiros arrufos domesticos

Garrett, o poeta de grande e popular memoria, Garrett, o auctor do *Arco de Sant'Anna* e das *Viagens na minha terra*, faz menção d'esse sentimento, que se experimenta, quando, depois de havermos longo tempo convivido com uma mulher, olhando-a com indifferença, um bello dia, sem mais nem menos, a achamos amavel, linda, encantadora, chegando a pasmar da nossa completa cegueira, que até alli nos não tinha feito ver todas as seducções d'aquelle rosto, que tantas vezes encarámos a sangue frio, toda a magía d'aquelle espirito, que jámais admirámos, d'aquelle olhar e d'aquelle sorriso, cuja influencia magnetica jamais tinhamos experimentado!

Garrett era um perfeito conhecedor de toda a physiologia e pathologia do coração humano!

Este facto, succedido já talvez com alguns dos meus leitores, acabava de se dar com o nosso heroe.

Ricardo por mil vezes tinha visto D. Constança no passeio ou no theatro, áj anella ou no salão; até já tinha conversado com ella; mas ou então os seus olhos estavam cegos ou viam agora as coisas por um prisma, que lhes dava muito differente aspecto... Qualquer das duas hypotheses explica a mudança, que se havia operado no coração do nosso amigo.

Qual d'ellas sería porém mais verdadeira?...

Questão é, que aos espiritos sublimes na discussão de ninharias pertence resolver!

Como é bello o despertar de um somno ainda agitado pelas emoções do baile, quando nos parece escutar ainda as harmonias, ou mesmo desharmonias da orchestra; quando ainda aos nossos ouvidos sòam as ultimas expressões, que uns labios femininos fizeram vibrar suavemente a encontrarem ecco em nosso coração!

Tão doces imagens se reflectiam no animo de Ricardo, que acabava de se espreguiçar com todas as pandiculações de um homem, que dormira menos que o costume. O seu espirito, porém, não acompanhava as demonstrações de indolencia, expressas pela materia nos profundos bocejos, que seguiram o primeiro abrir, ou antes piscar d'olhos... o seu espirito voava pelas regiões do ideal, ora compondo as sensações de melodia da orchestra, que, apesar de detestavel, agora, perdendo as desafinações que tivera no mundo real, parecia á imaginação do nosso amigo de

uma consonancia seductora; ora phantasiando um salão rico de bellezas e adornos, onde as damas se assemelhavam ás odaliscas do harem entre as tapeçarias asiaticas... Era uma como pintura grosseira, mas de bella perspectiva, que, a distancia, mostrava um effeito admiravel!...

E D. Constança?

Oh! essa apresentava-se á mente do nosso amigo, bella como a Venus de Medicis, espirituosa como Staël, e até talvez pudibunda como Eva no momento de nascer! Ricardo estava namorado! mas namorado de um dia, periodo de incubação do amor em que uma febre... um delirio inflammatorio se estabelece no coração, e que só abranda ao passo que o virus amoroso se vae inoculando no organismo até não haver um pensamento, uma palavra, um gesto, que de amor não venham impregnados... Mas ah! o nosso amigo ía cair do zenith das suas idealidades, no nadir do positivismo material!... Carlota, a cuja entrada no quarto fôra devido o despertar um pouco antecipado do seu amante; Carlota, que, não podendo na vespera vencer o teimoso somno para esperar pelo seu Ricardo, estava agora impaciente por saber noticias do baile. Levantou-se de manhã cedo e esperou que o estudante acordasse até ás oito... até ás nove... até ás dez... e nada! Logo que ouviu dar as onze horas perdeu toda a paciencia, e entrou com um estardalhaço incrivel pelo quarto dentro, indo abrir a janella, fronteira á cama, em que Ricardo resonava o melhor somno possivel. Tanto barulho pro-

duziu o desejado effeito; e a mente do nosso heroe, assaltada de tantas idéas risonhas caíu de chofre na realidade severa ao deparar com Carlota.

Esta mulher, que via sempre um riso nos labios do seu amante, pela primeira vez lhe encontrou, ao despertar, um desdem glacial. Terrivel indicio para uma mulher ciosa no dia seguinte a um baile!

— Então s. ex.ª divertiu-se muito? — disse ella, querendo affectar uma expressão doce, mas que saía amarga como fel, coada por aquelles labios em que se derramava o veneno d'isso, a que, á falta d'outro nome, chamarei ciume.

— Alguma coisa! — replicou Ricardo, acompanhando a sua resposta com um profundo abrimento de bocca.

— É de crêr!... recolheu-se tão tarde!... Então conte-me cá! o que é que por lá fez? quantos namoros arranjou?

Ricardo estremeceu involuntariamente.

Estas mulheres imaginam ou fingem imaginar, que n'um baile se arranjam namoros a flux, que se conquistam corações aos centos, e finalmente apresentam o quadro symptomatico dos seus *bem calculados* ciumes, na proporção imaginada dos adquiridos namoros.

São uns entes incriveis estes!

— Então você não responde?.. Parece-me que sim!!..

Ricardo não sabía que responder. Carlota insistia. Emfim, para a apaziguar, phantasiou-lhe uma descripção do baile, em que, já se vê, elle fazia apenas

o papel de espectador mettido a um canto, ou passeando na sala do jogo com as mãos atraz das costas: as senhoras tiveram todas o epitheto de feias e desairosas,... e assim, com tão piedosas mentiras acalmava o estudante a tempestade de máu humor, que lhe estava imminente! Carlota sorría.

— E como ha de ser isto da batina, se precisares sair? — disse ella depois de uma pausa.

Um homem, repentinamente mordido pela vibora, não dava maior pulo, que o namorado mancebo déu á inesperada pergunta de Carlota! Sentou-se na cama, com os cabellos hirtos e o olhar desvairado, e, depois de um momento de reflexão, exclamou:

— É verdade!... Ha de ir logo o teu vestido de riscas para o prego, para vir a minha batina.

— O que?... que pressa tens tu da batina?

— Preciso-a hoje absolutamente! — bradou elle angustiado.

A cousa era clara!... Que Ricardo devia passar por debaixo da janella de D. Constança, n'aquella tarde, isso era dos livros... que elle tinha tenção de o fazer tambem não padece duvida: agora o que é certo, é que o nosso amigo, embriagado pelas doces sensações do amor nascente, nem sequer se lembrava, que não tinha batina para sair... e é bem de vêr que não podia ir só de capa.

Ricardo tinha perdido a cabeça, e, em vez de inventar nova tramoia, com que armasse á credulidade de Carlota, assaltado por aquelle repentino choque, esqueceu toda a prudencia, denunciou na sua afflicção

mais do que devia e a filha da servente, por uma reacção muito natural, declarou-lhe cathegoricamente, que a batina se não desempenhava antes do dia 27 e prohibiu-lhe expressamente de sair, n'aquelle dia, com batina ou sem ella.

Se o nosso estudante não estivesse allucinado, talvez lograsse apazigual-a, levando-a por bem; mas, no estado de exaltação de espirito em que se achava, rompeu todos os diques á prudencia, e declarou arrogante, que havia de sair!

A tempestade feminina desabou com toda a sua força e os ditos mais insolentes se trocaram; Ricardo tocára o extremo da paciencia, cegou-se, e pôz tudo em pratos limpos... Então o furor d'aquella mulher não conheceu limites!! Das imprecações mais violentas passou ás vias de facto, e, depois de se lançar ás barbas do nosso amigo, só se deu por quite do insulto que o seu affecto acabava de soffrer, depois de lhe ter esmurrado o nariz com um bom sôco!!!

E em seguida, acompanhando de um *kiries* de praguedo as apostrophes menos lisongeiras, saiu para a rua, e ahi, em altos brados, continuou a torrente oratoria do seu resentimento!

Foi este o primeiro resultado do baile!!!

XI

Collisão entre dois amores

Ricardo, por um acaso feliz e inesperado, recebeu, n'essa tarde, uma carta do correio em que seu pae, sabendo que elle devia fazer acto por aquelles oito dias e desejoso de rever seu filho logo que os deveres academicos o deixassem livre, lhe mandava o dinheiro necessario para o seu regresso a Lisboa.

O nosso estudante, que não esperava dinheiro tão cedo, ficou louco de contente!... Mandar desempenhar a batina, saír, comprar dois charutos de patáco, e ir passear debaixo das janellas de D. Constança, foi obra de alguns minutos. Viu-a, comprimentou-a... ella sorriu-se... e elle julgou-se feliz. Andou para baixo e para cima, desandou, parou, conversou com todos que passavam por defronte da morada da sua bella, e por fim a tarde escoou-se, chegou a noite, D. Cons-

tança retirou-se da janella e o nosso heroe cabisbaixo caminhou para sua casa.

Entrou... e achou-se sósinho. Por um singular effeito do habito, fez-lhe falta o não ouvir as impertinencias parvas de Carlota!... mas baniu aquella idéa como uma offensa ao amor que então o consumia. Foi para a ceia e faltou-lhe o appetite ao achar-se tão só... Finalmente, ia para se deitar, e perdeu toda a coragem!! Carlota era uma necessidade na sua existencia!... Mil vezes a imagem pura de D. Constança lhe veiu querer riscar do pensamento essa mulher, n'elle tão profundamente gravada... mil vezes porém encontrou reacção forte e tenaz!... Outras vezes era ella... era a propria imagem de Carlota que tomava a superioridade; e n'este luctar íntimo, em que, ora predominavam os sonhos puros do pensamento, ora as reclamações do positivismo material, Ricardo, debatendo-se com estes dois colossos da sua imaginação, passeava agitado no seu quarto!... Assim passou horas, esquecido do presente, esquecido talvez de si proprio, quando o som da porta, rangendo, ao abrir-se para a sr.ª Maria sair, o veiu despertar d'esta excitação apathica do sentimento.

— Ó sr.ª Maria! — bradou Ricardo freneticamente.

A materia dominára o espirito! Carlota podia cantar victoria!

Maria voltou acima. O que entre elles se passou ninguem sabe... mas a filha da servente veiu dormir a casa!

No outro dia pela manhã não se fallava em D. Cons-

tança. Depois de grandes tormentas vem sempre completa bonança. Ricardo e Carlota viviam vida de anjos! esta sem lembrar as infidelidades do seu amante, este sem cuidar em sair! O estudante havia contado tudo á filha da servente, e assegurara-lhe não ver mais D. Constança; tinha-lhe tambem fallado na recepção da carta com dinheiro... vara mágica para commover aquillo, a que a filha da sr.ª Maria chamava o seu coração!... e finalmente promettêra comprar-lhe umas botinhas de elasticos. Quem poderia resistir a tanto?. . Carlota decerto não! a sua alma era muito sensivel para deixar de impressionar-se... com a promessa de umas botas!! Desde esse momento era toda ternura para o seu Ricardo, e este quasi que dava razão á pobre rapariga, queria detestar D. Constança, e beijava gostoso os grilhões com que essa mulher abjecta e vil o manietava!

Infelizmente na vida dos rapazes, assim ligados a estas harpias do sentimento, ha occasiões, em que tudo promettem, tudo esquecem e n'um instante destroem todas as chimericas resoluções que algum resto dos sentimentos nobres lhes houvessem feito tomar!

Mas o demo, que não dorme, quando se trata de perturbar a paz dos corações, prevaleceu-se logo de novos ardís para lograr seus intentos! Ricardo esperava fazer acto no dia 26 ou 27; mas como estavam concluídos os de todos os outros annos, creou-se uma mêsa supplementar para os do quarto, e, por esta nova disposição de coisas, Ricardo devia tirar ponto no dia seguinte.

Estas instrucções, que o seu condiscipulo Julio, por fraternal solicitude, lhe veiu dar, ás duas horas da tarde, perturbaram completamente o socego de Carlota. O seu amante precisava saír essa tarde para implorar protecção. E por obra da fortuna, um dos seus lentes morava na rua de D. Constança ! !

A tão grande magoa só tinha Carlota o lenitivo de saír tambem a comprar as suas botinhas de elasticos !... E foi !

O nosso bacharelando comprou os bilhetinhos de visita, onde escreveu o seu nome com a costumada e ridicula phrase *a implorar protecção*, e, levando um a cada lente que lhe havia de ir ao acto, teria com isto concluido essa formalidade inutil mas do estylo, a que os estudantes chamam *andar de contumelias*, e poderia ter voltado em seguida para sua casa... mas o peior foi, que Ricardo viu D. Constança e aquella apparição produziu-lhe tal alvoroto, que lhe fez deslembrar todos os protestos, e, de tudo esquecido, poz-se a passear debaixo das suas janellas, sem attender a que o dia declinava com rapidez.

Quando D. Constança se retirou para dentro era quasi noite fechada ! Eil-o ahi vae o nosso amigo á fula-fula a correr para casa, onde só então é que se lembrou, que o esperava uma trovoada egual á da vespera ; pois havia combinado com Carlota de recolherem ambos ás cinco horas e eram já bem mais de sete !

Com effeito ! ao entrar no seu quarto *caiu o Carmo e a Trindade!* Tudo o que a lingua da mulher tem de inci-

sivo e de insultante... tudo veiu á balha!... Depois de exhalar mil imprecações contra D. Constança, por lhe querer roubar o seu amante, concluíu, promettendo insultal-a em público a primeira vez que a encontrasse.

— Hei de dar-lhe duas bofetadas n'aquella cara!... hum!... mette-se comigo!... deixe estar, que vem arranjada!... hei de arrancar-lhe aquella teia de aranha que traz pregada na barretina para lhe cobrir o focinho! hum!... deixem-a comigo!

(*Teia de aranha* chamava Carlota ao veu preto, que D. Constança trazia no chapeu... uso com que sempre vi embirrar a gente do povo: *barretina* é para a classe baixa de Coimbra o chapeu de senhora embora o mais acatitado!)

Estas ameaças davam a entender a lucta, que ía dentro d'alma de Carlota. O seu orgulho, ou não sei que outro sentimento, parecido com este, achava-se ferido na preferencia, que D. Constança obtinha n'esse coração, que ella queria só para si... já se vê, por ser o thesoureiro da algibeira, e fazer larguezas em proporção com o affecto. Era o amor mais desinteressado possivel!!!

Esta mulher, no seu mal entendido amor-proprio, queria nivelar comsigo D. Constança; queria talvez mesmo elevar o affecto, que tributava a Ricardo, a ponto de o confundir com a affeição d'essa donzella.

Infelizmente este facto não é unico! Estas mulheres mil vezes suppõem, ou fingem suppôr as damas de mais pura gerarchia suas eguaes no modo de amar, mil vezes soltam eguaes ameaças, que, se não che-

gam a cumprir, é porque um reflexo de consciencia intima lhes faz ver a differença das condições e o abjecto da sua posição.

Mas de lingua não as ha mais fortes!... se o rapaz, com quem estão, começa a ter um namoro ou falla em casar, eil-as que se põem em campo contra a sua *rival*, chegando até a lembrar ao seu amante os *fortissimos direitos*, que têm á sua mão!

Fatal confusão do espirito com a materia!...

Repetir-vos, que houveram as mesmas scenas da vespera, fôra ocioso. Sómente Ricardo, um pouco mais paciente agora do que então, ouviu imperturbavel aquelle sermão, que concluía sempre com a formula costumada, que visto dar preferencia á outra, lhe fôsse pedir as concessões, que o seu amor espontaneamente lhe offerecia!

Ainda uma fatal aberração do espirito d'estas mulheres, parasitas de todos os sentimentos nobres! Ainda a confusão do espirito com a materia!...

Como porém não houve reacção, como o seu amor se dirigia mais á algibeira, por intermedio do coração (se do coração era, o que eu não creio), Carlota, lembrada do dinheiro recem-chegado, da novissima posse das suas botinhas de elasticos e da promessa de um vestido de cambraia, proprio para a estação, asserenou a tempestade do seu espirito, ou antes, da sua lingua, e a tranquilidade restabeleceu-se.

É ainda um ponto, que eu offereço em discussão aos profundos pensadores! Estas mulheres sentem verdadeiramente ou fingem? Illudem-se quando se jul-

gam eguaes ás outras mulheres, quando se atrevem a pronunciar—*amor*, sem temerem profanar esta palavra? illudem-se, digo, ou, por um descaro torpe, tentam deprimir os sentimentos nobres, já que não pódem ennobrecer os seus?...

No outro dia, Ricardo levantou-se de manhã cedo, foi tirar ponto, estudou, não estudou, dormiu, fumou, e assim viu escoar o enorme espaço de dois dias de verão, com que os legisladores brindaram os da faculdade de direito, para estudarem um ponto!!

E no dia 22 de julho de 185*, fazia o nosso amigo Ricardo Pereira de Aboim o seu acto de quarto anno, e, concluído elle, tomava o seu gráu de bacharel, recebendo com a borla na cabeça a bençam do presidente, e subindo depois á cadeira magistral para agradecer a todos com a solemne formula: *Restat nunc mihi agere gratias*... E por este facto ficou o nosso heroe livre das maçadas do quarto anno, com direito a matricular-se no quinto, e por conseguinte a usar a sua pasta vermelha, (cousa de especial furor no principio do anno)... podendo já começar a metter a barba no calix da advocacia.

E o que sabía elle de direito?...

XII

Duas cartas recebidas e uma enviada

Ricardo chegou a casa, alegre e satisfeito da sua nova posição social.

Nos dois dias de ponto não tinha podido sair; porisso Carlota estava socegada... e assim festejou o gráu de bacharel do seu amante com um prato de arroz-doce sem ovos, coisa detestavel, que em Coimbra se chama arroz-de-leite: este (Ricardo e não o arroz) mandou vir uma garrafa de vinho com a etiqueta do Porto, que nem da Bairrada era... e d'este modo, contentes e descuidosos, se puzeram á mêsa, jantaram, cavaquearam, o estudante fumou o seu charuto e a filha da servente mandou vir café do botequim. Aquelle dia corria ás mil maravilhas. Havia porém um espinho que roía na imaginação do nosso amigo; elle tinha de saír a agradecer aos seus examinadores e portanto de ir á rua de D. Constança: aqui o dilemma

era terrivel... ou havia de voltar immediatamente para casa, fazendo uma desfeita áquella formosa donzella, ou, demorando-se a passear defronte das suas janellas, soffrer depois as iras de Carlota.

Estava Ricardo n'estas torturas, quando o carteiro se fez annunciar no meio da escada: como elle, porém, não esperava dinheiro, não se commoveu muito com a chegada do correio; mas, como tambem não esperava que ninguem lhe escrevesse, n'aquella occasião, incitado pela curiosidade, foi receber as cartas.

Oh! espanto! As letras dos sobrescriptos eram-lhe bem conhecidas apezar de nenhuma d'ellas ser de sua familia!

A carta que primeiro abriu era de Adelaide.

«Adelaide?» perguntará agora a leitora, admirada de ver uma pessoa do bello sexo escrevendo ao nosso heroe, sem que até agora o chronista houvesse relatado estas correspondencias que pareciam habituaes, visto a letra do sobrescripto não ser nada estranha ao estudante.

O reparo é justo! Adelaide era uma menina, muito da intimidade da familia de Ricardo, com quem elle tinha brincado em pequeno, com quem havia andado na mestra em verdes annos, e que depois, crescendo, se tornára linda de encantar, e tão linda, que o bom do nosso rapazinho não lhe tinha podido resistir aos encantos, e começára a sentir no coração uns certos formigueiros, prodromo infallivel do primeiro accesso de amor, o mais intenso, o mais puro, e talvez mesmo o mais duravel.

O mancebo antes de ir para Coimbra havia feito as suas declarações, que tinham sido bem recebidas pelas duas familias, e sendo passados já seis mezes sem que a pobre menina tivesse carta do seu amigo de infancia, escrevia-lhe agora, lamentando a sua ingratidão. Ricardo estava sensibilisado! achava razão á sua companheira dos primeiros folguedos! Elle tinha sido um ingrato!... engolphado no gozo d'esse affecto sensual, que desgraçadamente absorve, mil vezes, todos os outros, tinha esquecido a affeição pura e singela, nascida no berço, e confessada á donzella timida, ainda com o primeiro balbuciar da infancia!

Mas agora, que o seu coração estava desentorpecido d'esse lethargo sensual pela admiração, que D. Constança lhe havia despertado, aquella carta produziu-lhe um effeito magnetico!... e todas as recordações da sua infancia se lhe pintaram com as mais vivas côres. O estudante esquecêra Carlota, esquecêra D. Constança, esquecêra tudo!...

Abriu depois a outra carta. Era de Carlos, o filho do seu visinho e seu companheiro de escóla, que lhe noticiava, que, melhorando seu pae sensivelmente de fortuna, se resolvêra a ir para Coimbra, e formar-se tambem em direito; e que porisso o esperasse por toda aquella semana. A alma de Ricardo estava muito impressionada para que podésse receber aquella noticia com excessivo jubilo. Dobrou as cartas e dispoz-se a saír.

Carlota, até alli muda espectadora, perguntou-lhe:

— Então! de quem são essas cartas?

— Uma é de um caloiro, que ahi me vem! — replicou o estudante com hesitação.

— E a outra? — retorquiu a rapariga com visivel anciedade.

— A outra... é... é... de minha mãe, que me diz, que vá quanto antes para Lisboa, — disse elle córando.

— Não quero! — retrucou Carlota. — São estas as tuas ultimas ferias... has de passal-as comigo!... quem sabe se me deixarás depois de formado?...

Ricardo preferiu mentir a turbar o prazer, que em si mesmo gozava, e porisso respondeu:

— Socega! que tudo se ha de arranjar!

Apaziguada pois com tal promessa, consentiu, que o seu amante saísse em boa paz a cumprir os deveres de civilidade e de costume academico, indo deixar um bilhetinho a cada um dos lentes que lhe tinham ido ao acto.

Ricardo saíu.

.....

O que porém o meu leitor não sabe, nem eu lh'o tenho podido revelar com medo da sr.ª Carlota é que o joven bacharel Pereira de Aboim, no ultimo dia em que saíra havia tido o inqualificavel arrojo de dirigir as mais ternas expressões a D. Constança, n'uma carta toda almiscarada, que lhe mandára entregar por uma velha, outr'ora sua servente, e que era mãe da criada particular da sua bella. Ora criada de quarto nova e ama nova e bonita não têm segredos possiveis uma para a outra em factos de namoro; e além d'isso a boa da cachópa tinha muito amor e muita obediencia á sua respei-

tavel mãe, para deixar de cumprir uma ordem sua, de que, de mais a mais, lhe provinha o modesto lucro de um *ganso!*... Lucinda era uma bella rapariga, e o que a fazia ainda mais estimavel era ser uma rapariga bella!...

Agora porém que estamos no meio da rua, livres dos ralhos impertinentes de Carlota vou aqui pôr tudo em pratos limpos.

Ricardo, em abono da verdade, era um excellente moço! Gostava de D. Constança, porque a sua belleza peregrina e melancholica o fascinára; mas este sentimento, não fecundado com a seiva de um verdadeiro amor, não acalorado pelo sol vivificante de sincera paixão, tinha uma vegetação estiolada e ephemera no peito do nosso amigo, e emmurchecia quando a sombra de dois dias de ausencia lhe offuscava a luz que o deslumbrara. N'aquella occasião, o mancebo, se não se lembrasse de Adelaide, pensaria exclusivamente em Carlota, e nem um cantinho do coração conservava para D. Constança, que, pelo seu lado tambem, não tinha logar algum reservado para o nosso heroe! Era uma gentil borboleta!... como diria um poeta da escóla romantica, palpitante de crenças desfolhadas e com o craneo recheado de pensamentos sublimes, mas safados pelo uso!...

XIII

Consequencias da última carta

— Minha senhora, — dizia Lucinda a sua ama, na noite antecedente ao acto de Ricardo, — tenho uma mensagem, que diz respeito a v. ex.ª

— A mim?...

— Sim, minha senhora! É uma carta, que me deram para lhe eu entregar.

— Uma carta para mim! de quem?

— De um rapaz que por ahi tem passado ha tres dias.

— Para mim!... E quem te deu o atrevimento de me trazeres uma carta de um estudante?... deixa! que has de ámanhã ser posta na rua!... confiada!... vamos! é ir já entregal-a a esse senhor, que lh'a deu e dizer-lhe, que eu ainda o não authorisei a dirigir-me as suas insipidas expressões!... então! não ouve?

sua atrevida! vá-lhe já entregar essa carta... sem demora... ande! quando não!...

— Não foi elle quem m'a entregou, foi minha mãe...

— Sua mãe é uma refinada atrevida e você uma grandecissima tola!... Pois não!... quanto ganhou da mensagem?... É ir entregar já a carta a sua mãe... senão!...

— Olhe, minha senhora, eu não a queria trazer, mas minha mãe ateimou tanto, e eu achei-lhe o sobrescripto tão bonito, que sempre a trouxe para a senhora ver.

E Lucinda mostrou a sua ama o arrendado *enveloppe*.

— É bonito! bem vejo! mas só por isso não a devias ter acceitado... Muito mais bonitos do que este os tenho eu alli n'aquella gaveta, das cartas do sr. Affonso de Lima. Anda!... é ir entregal-a...

— Mas repare, senhora! este tem um amor-perfeito, bordado a seda-frouxa! olhe como está bonito! eu nunca tinha visto um sobrescripto assim!... E como ha de ser linda a carta por dentro!... naturalmente tem alguns corações atravessados com uma setta e duas chaves por cima!... Oh! se nós podessemos ver!...

— Provavelmente é alguma folha de papel como qualquer outra! Que te importa a ti?

— Nada!... É porque gostava de ver.

D. Constança pegára na carta. A mocinha tinha dedo para taes embaixadas!!

— Ora o que dirá este parvo aqui?—dizia D. Constança, revirando a carta por todos os lados.

— Talvez alguns versos muito bonitos!

— Seja o que fôr...

— É verdade! Como a senhora não quer saber, ficará o segredo só para elle.

— Tambem, que tem que ver quatro regras com alguma semsaboria?

— Tem razão, minha senhora! Visto que tem de se lhe entregar, é melhor que se lhe não mexa para elle ver que se não abriu.

— Isso podia talvez abrir-se sem se conhecer.

— Eu sei? é difficil!

— Não é!... Queres ver? Sempre gósto de saber o que este toleirão me aqui diz!

Lucinda bradou interiormente victoria! D. Constança dispunha-se a abrir cautelosamente o perfumado bilhetinho, cousa, que ella sempre tivera tenção de fazer, mas que, por um systema, adoptado uniformemente por todas as filhas de Eva, fingiu ao principio não querer absolutamente. Mas, ou de proposito, ou por acaso, o sobrescripto rompeu-se de modo, que não era já possivel, sem mostrar o ter sido a carta aberta, restituil-a a seu dono... o que, de passagem seja dito, supponho que D. Constança nunca tencionára.

— Ora ahi está o que tu me fizeste fazer!... E agora?...

— Agora mette-se n'outro sobrescripto e manda-se-lhe.

— É bonito!... nada!... ora esta!... mostrar-lhe que lhe abri a carta, que tive curiosidade de saber o que

elle me dizia... é dar-lhe muita importancia!... Mas como hei de fazer isto?

— Leia a senhora sempre a carta, já agora, e depois pensará no que deve fazer.

— Sempre és muito curiosa!... e, por causa das tuas curiosidades, fico eu agora compromettida!... Que te importa a ti com o que elle diz?... diz que é um chapadissimo tolo... e tu outra peior do que elle!...

— Não se arrenegue, minha senhora! Eu não tive a culpa...

— Não?!... fui eu!... Ahi está! é uma folha de papel com uma cercadura e quatro garatujas!... É bonito! na realidade!!

— Vamos lá!... o papel não é feio, e a escripta sabe Deus o que ella dirá.

D. Constança não poude mais conter-se, percorreu com a vista toda a carta, e depois leu em voz alta o que se segue:

«Minha senhora

«Depois que tive o gosto de ver a v. ex.ª, cri na «existencia dos anjos, mandados por Deus á terra, «para guiarem o homem entre os abysmos da vida. E, «se aos anjos devemos adoração e amor, que affectos, «senão estes, posso eu tributar a v. ex.ª, que me «veiu dar um raio de esperança ao coração alque«brado de soffrer? Quererá v. ex.ª concluir a obra «d'esta redempção, que começou? Se assim o fizer, «serei o mais feliz dos homens.»

«Ricardo Pereira de Aboim.»

— Ahi está!... gostaste?... É o mesmo que todos dizem!... E agora?...

— Agora deve-lhe responder, pois elle não a offende em coisa nenhuma, e porisso parece mal não lhe dar uma resposta cortez e desenganar o pobre rapaz. Eu tambem não lhe digo á senhora que goste por força d'elle, mas desengane-o! ou sim, ou não!... assim é que se fazem as coisas.

Lucinda sabia duas grandes verdades. Uma, que a mulher é o ente o mais curioso da creação: outra, que a senhora, que responde a uma carta de namoro, por mais que diga e proteste que o não quer, lá no amago de sua alma, quer e farta-se de querer. D'aqui concluem-se tambem duas coisas: primeira, que Lucinda tinha uma esperteza de Lucifer, para desempenhar tão honroso papel: segunda, que D. Constança sentou-se á mêsa e escreveu (muito constrangida, dizia ella) uma resposta á carta do nosso amigo.

— Tu sempre me tens mettido em boas! — dizia a ama á criada, ao entregar-lh'a.

Ora no dia, em que o novo bacharel saíu de casa para agradecer aos seus lentes, a fallar a verdade, nem sequer D. Constança lhe passava pelo bestunto. Isso a que santo Agostinho chamou «substancia intelligente destinada para reger o corpo» estava toda occupada de Adelaide, de modo que n'aquelle momento, podia dizer-se que elle era completamente fiel ao seu amor de infancia.

Descuidado e entretido ia pois o nosso bom moço,

quando a sua ex-servente, a mãe de Lucinda, o atracou de improviso e lhe disse:

— Então já não falla á gente, senhor doutor quintanista?... muitos parabens!... venha cá! venha cá, que tenho muito que lhe contar!...

Ricardo deu um salto, como se tivesse pisado um aspide peçonhento. Veiu-lhe á lembrança a negregada carta, que escrevêra e n'aquelle instante dava muito por não a ter escripto, ou ao menos, por que D. Constança houvesse d'ella feito holocausto a vulcano na pyra do seu candieiro francez.

O coração d'este rapaz era um cahos monstruoso, com seus visos de lanterna magica, onde as figuras iam ora appareceudo, ora desapparecendo, umas apoz outras. Vê D. Constança, e por ella abomina Carlota, come por esta esquecêra Adelaide, como agora ainda por esta detestava ambas as outras!

O estudante queria evadir-se, mas a conscienciosa velha, pretendendo dar-lhe parte da sua missão, agarrou-o pela ponta da capa e disse-lhe em voz de mysterio:

— Já alli tenho a resposta.

— Melhor para você! Logo volto, que tenho agora muito que fazer.

— Ai! o tal menino que tem coração de estalagem!... E ella então, coitadinha, que chora que se mata, quando se passa um dia, que o não veja! Sempre as mulheres são bem tolas em se importarem com estes senhores, para lhes darem tal paga!!... t'arrenego!...

— Então quem é que chora?... que diabo está você para ahi a dizer? — replicou o mancebo electerisado com a exclamação da sr.ª Francisca.

— Quem é?... É ella! a sr.ª D. Constança, que, quando lhe eu levei a sua carta, chorou de prazer, como uma creança... riu... cantou... está mesmo louquinha por si!...

Ricardo ia-se-lhe desvanecendo a imagem pura e candida de Adelaide no campo da visão intima do coração, ao passo que a de D. Constança alli tomava vulto pelas piedosas mentiras da sr.ª Francisca do Coração de Jesus, que só tinham a innocentissima intenção de fazer jus a mais alguma plaquita de seis de emolumentos. Era uma santa mulher aquella!...

— E respondeu? — perguntou elle timidamente, depois de alguns momentos de concentração em si.

Era o brado de victoria de D. Constança sobre as suas rivaes! era sempre o presente a dominar o passado!!...

— É como diz! sim senhor!... respondeu!... E então oh! que cartinha! o senhor verá!... o senhor verá!...

— Dê cá! mulher.

E a velha mãe de Lucinda entregou religiosamente ao estudante a carta que recebêra de sua filha e que esta havia feito escrever a D. Constança, pelas suas manhas, que, em verdade, não acharam grande resistencia na faculdade volitiva de sua ama.

Ricardo ia a abrir a carta...

— Então o senhor responde?... veja lá! olhe que

ella pediu-me muito, que lhe levasse a resposta quanto antes, que me havia de dar boas alviçaras. E vae eu promettí, apesar de que é muito arriscado por causa da mãe; mas, como devo muitos favores áquella menina e tambem ao senhor, é porisso, que gosto sempre de os servir n'aquillo que posso: e assim não se descuide! responda depressa, que a menina está morrendo pela resposta.

Era uma chapadissima mentira! D. Constança, a essa hora, cavaqueando amigavelmente com Affonso de Lima, nem sequer se lembrava que existia Ricardo no mundo, nem que ella mesma lhe escrevêra uma carta.

E assim se barateava o crédito de uma donzella, para dar mais uns tantos réis de ganho áquella asquerosa velha!...

Ricardo beijou a carta, recheada talvez de semsaborias, mas que elle achou divina, deu o promettido pinto á sr.ª Francisca e saíu!

XIV

Chega o caloiro metamorphoseado

Leitor! se tiveste que fazer, podias ter fechado por tres dias o livro no fim do capitulo antecedente, e volveres só ao quarto, que ainda assim vinhas a tempo de assistir á chegada do sr. Carlos da Cunha e Mello, o amigo de infancia do nosso heroe, que fazia a sua entrada triumphante de caloiro no dia 26 de julho pelas cinco horas e meia da tarde.

Effectivamente quatro dias haviam passado depois dos acontecimentos descriptos fielmente no anterior capitulo. Ricardo tinha feito um pacto diabolico com a consciencia, pelo qual podéra encaixar no coração Carlota e D. Constança, mentindo de dia a uma para de noite mentir á outra.

«E Adelaide?» me perguntará agora a amavel leitora do principio d'este seculo, defensora nata dos

primeiros amores, carraça em materia de constancia e em extremo intolerante para estes amores bastardos consagrados ás *filles entretenues*, ou estas admirações hybridas dedicadas ás *coquettes* do grande tom. «E Adelaide?»

Adelaide... essa apparecia-lhe como uma doce visão lá muito ao longe, qual sombra duvidosa a desvanecer-se no horisonte da vida. Era para elle como se tivesse morrido, e que uma saudade vaga e inexplicavel o prendesse ao phantasma erguido do sepulchro ainda bello e fascinador.

Ricardo amaria Adelaide?

Talvez! mas entre elles corria um lethes chamado a ausencia!

Feita esta pequena digressão para descanço das amadoras macissas e inamoviveis, prosigo na minha importantissima historia.

Oh! tempos que lá vão!... Quando um caloiro transpunha a ponte de Coimbra, escarranchado em orelhudo animal, todo coberto de loiro e empunhando a competente cana verde!... Eram bons tempos! Hoje a mala-posta acabou com essas vistosas entradas; e todos vêm familiarmente sentados ao lado ou defronte dos seus veteranos, sem mais respeitos nem distincções! Mal haja este novo meio de viação que perverteu os costumes do caloiro, que outr'ora vinha com pêllo de urso, orelhas de burro, miolos de camelo e... não sei que mais; e, só passado na fieira das caçoadas, é que soffria a completa metamorphose, que devia convertel-o em homem.

Ora o nosso caloiro, se não passou por essas de outr'ora terriveis provas, de engraxar as botas e servir á mêsa aos seus companheiros de jornada (coisa realmente muito estupida para quem padece nostalgia e dôres de rins, resultantes das saudades da patria e do chouto do cavallo), o nosso caloiro, digo, se não soffreu essas tremendas humilhações, que os nossos antepassados arvoraram em navalha de tirar pêllo, todavia não entrou impune na ponte de Coimbra, e o mais galante é que elle a si proprio se caçoou! Foi o caso...

Carlos, como já se disse, tinha mudado muito de fortuna. Seu pae, que havia outr'ora fechado o seu escriptorio commercial, agora, rehabilitado por uma herança, tornou a apparecer na praça do commercio, e a sua firma, que jámais fôra desabonada por uma fallencia, reapparecia alli com mais crédito, que nunca. O caloiro, pois, não se poupou á despeza, para fazer a jornda com commodidade; mas querendo aproveitar a occasião de ir a Porto-de-Mós, para ver um tio seu materno, que de ha muito não vira, alugou uma caleça e n'ella foi depois para Coimbra.

Chegado ao Alto das Calçadas, d'onde se avista a rainha do Mondego, reclinada no seu tapete de esmeraldas, e corôada com o seu glorioso diadema do edificio da Universidade, o nosso bom Carlos embasbacou: viu Coimbra vestida com toda a sua louçania e pompa; e suppoz que ía entrar em paiz de fadas ou em mansão de huris... mas em breve caíu do alto das suas illusões imaginarias, ao lembrar-se,

que, para entrar n'esse eden supposto, havia de transpôr a ponte lançada sobre o Mondego, onde pela fama lhe constavam as mil torturas, que soffriam os caloiros.

O mancebo na completa ignorancia da decadencia, que os melhoramentos materiaes do paiz têm causado ás caçoadas, pois que os estudantes, nas suas terras, exagerando sempre as partidas que alli fazem, evitam de a confessar, receôu arriscar-se, e resolveu caminhar pelo seguro. Com este intuito, mandou fazer alto ao calceeiro, rasgou do seu *memorandum* uma folha e n'ella escreveu o seguinte:

«Ricardo!

«Estou á entrada da cidade; receio passar a ponte, «e porisso peço-te que venhas servir de protector ao «teu do coração»

Carlos.»

Dobrou e deu a um rapazito, a quem prometteu recompensar bem, se elle cumprisse satisfatoriamente a sua missão; e como por felicidade sabia a morada do seu amigo ficou esperando atravessar em breve a terrivel ponte debaixo da protecção de um quintanista.

Em quanto o caloiro se apêa do seu vehiculo, acende o charuto e espera o seu veterano, dirigindo, para matar o tempo, mil perguntas ao calceeiro, vou eu levar o meu leitor a Coimbra, e dar-lhe uma mui breve descripção d'esta cidade tão decantada.

Coimbra é a terceira cidade de Portugal, situada a tantos gráus de latitude a tantos de longitude e a

tantos metros acima do nivel do mar, etc. etc. É uma terra linda para ver por fóra, que em quanto por dentro! Deus nos acuda! é uma velha casquilha, adornada de vermelhão e alvaiade, para encantar os que passam, mas que, observada de perto, não tem senão rugas e falta de dentes!!... Os seus arrabaldes, as margens do seu Mondego são lindas; mas, em compensação, as suas ruas são estreitas pela maior parte, no bairro-baixo especialmente, onde ha viellas, que não têm cinco palmos de largura; e até as ruas principaes e os melhores largos são todos irregulares, incompletos, e faltos de gosto e symetria.

Monumentos antigos tem-os dignos de admiração dos entendedores, mas, quasi todos estragados e deturpados pelos aperfeiçoamentos da monomania modernisadora, que accommetteu com poucas excepções toda a gente que devêra zelar a conservação d'essas preciosidades. É assim que o pincel iconoclasta na mão vandalicamente fanatica de uns devotos mascarou uma soffrivel sculptura de S. João de pedra existente na parede exterior do venerando monumento da Sé-velha, com a barbara pintura dos cabellos e barbas a pós de sapatos, as faces a zarcão, a tunica a rôxo rei, e mais uns berliques amarellos, que deram á pobre imagem as mais esquisitas e alagartadas apparencias. É assim tambem que o tumulo, juncto ao mesmo respeitavel padrão de antiguidade, onde jaz sepultado D. Sisnando, jazeu elle mesmo sepultado por muito tempo debaixo de um montão de entulho... municipal...

Quanto ao mais, Coimbra não é ahi uma cidade como outra qualquer; é uma terra, que tem sido comparada a varias coisas, pelo contraste, que fórma a fealdade das suas edificações com os lindissimos contornos em que é embutida; e que eu, para fazer tambem a minha comparação direi que semelha um rude seixo engastado em rico adorno de saphiras e esmeraldas...

Dever é, porém, confessar que esta cidade tem hoje recebido innumeros melhoramentos e que, afóra o dedalo immundo do bairro-baixo, onde difficil será entrar a civilisação material, se tem tornado uma cidade muito aprazivel. Mas o que é facto é que quasi todos os poetas têm cantado esta terra de longe, quando a distancia por um effeito de optica, lhe encobre os defeitos da parte plastica, vindo as saudades tornar mais vivas as ideaes bellezas da esthetica, que se resumem nos gozos da vida de estudante...

— Então! trazes alguma resposta? — bradou Carlos ao rapazito apenas o viu despontar ao cimo da ladeira de Santa-Clara.

— *Num* senhor! *nhor noitor!* o tal *home* que *vomecê préguntava havéra alvorado los-que* acabou de *jentar.*

— Diabo! que maçada!... E agora como ha de ser isto!!!... Toma lá rapazito, muito obrigado pelo incommodo.

— *Nenja* por isso *nhor noitor!* O que eu sinto é que *num* tivesse *atchado* o *home!...* Então *cum su* licença!...

*

E o rapazito desappareceu, pulando de contente por ter recebido seis vintens em prata pelo recado.

Carlos, esse concluíu duas coisas: primeira, que um homem póde ser doutor, pelo menos em nome, sem entrar na patria das letras; segunda que elle tinha de entrar alli sósinho. E quasi que esteve para voltar para traz!

Mas havia muito que elle ambicionava o gráu de bacharel, para deixar perder tão lisongeiras esperanças por causa de uma coisa de tão pouca valia, de que lhe não constava que tivesse morrido, nem nos últimos annos ficasse maltratado estudante algum: por conseguinte declarou-se fatalista e resolveu-se a partir; mas lembrando-se á cautela de se disfarçar, para assim mais incolume das caçoadas transpôr a ponte, disse ao caleceiro:

— Você quer ganhar dois pintos?

— Por que, senhor doutor?

— Empreste-me o seu fato.

— E eu?

— Não sei! Vista o meu, arranje-se como poder; mas dê-me o seu chapeu e a sua jaqueta.

O que não fará um arreeiro por dois pintos? Despir o conductor da caleça a sua jaleca de briche e substituir o seu chapeu derrubado pelo *bonet* de viagem do nosso amigo, foi questão de segundos. Pelo seu lado Carlos concluíu com brevidade a sua mascarada apesar da repugnancia para certos perfumes, que exhalava o fato do caleceiro, mas que o amor ás costellas prevalecendo contra o pronunciamento

do orgam olfativo, logrou vencer por um discurso tácito da bóssa do medo, que o seculo das descubertas sublimes chrismou em prudencia.

Prudencia ou medo inspiravam acções sublimadas ao nosso bom e esperto Carlos, que transpunha a ponte da lusa Athenas a dez ou doze passos adiante da caleça, dando aos braços o mais possivel, para desempenhar bem ao natural o papel com que pretendia illudir os espertalhões dos veteranos de Coimbra. Da falta d'estes na ponte já elle se ía admirando, mas ainda assim mesmo acreditava podel-os ter illudido com a sua metamorphose!... Pobre louco!... acabava de pagar o tributo á ponte do Mondego, caçoando-se a si mesmo!!...

E os estudantes?... Esses, espalhados pelos bilhares da Calçada, pelos botequins do bairro-alto e por muitas outras partes bôas ou más nem sequer se lembravam de que um caloiro transpunha áquella hora impunemente a ponte da cidade das letras! *Oh! tempora! oh! mores!*

XV

Comedia vista por um buraco

Eram sete horas e meia. Atravessar a cidade áquella hora parecia a Carlos uma grande temeridade. Esperar que a noite fechasse!... aonde?... Hesitar!... era o peior de tudo. Que fazer?... As grandes crises geram os grandes arrojos!... O caloiro não vira nem um so estudante na ponte; e porisso, concluindo que «o diabo não é tão feio como o pintam», acobertado pelo vulto da caleça, desfez a troca dos fatos, que com o caleceiro fizera, pagou o ajustado aluguer e a devida gorgeta, e dispoz-se a partir.

Carlos calculou que o seu amigo devia morar no bairro-alto por ser mais perto da Universidade; e assim, vendo essa calçada acclive, debruçada sobre o Mondego, que se chama a Couraça de Lisboa, julgou de bôa logica seguil-a. Logo que encontrou uma mu-

lher velha, unico ente em que elle depositava confiança, como incapaz de o desfructar, interrogou-a, e por informações d'ella foi ter á Rua dos Grillos, onde, vendo outra creatura do mesmo sexo e de não menor edade que a primeira, lhe perguntou qual a casa do seu veterano.

— É alli! — respondeu a velha.

— Obrigado!... E vocemecê sabe se elle está em casa?

— Entrou ainda ha bocado.

— E estará só?

— É provavel.

O mancebo subiu a escada e escutou no patamar superior. Lá dentro ia um incrivel barulho!... Uma voz de mulher, esganiçada, apipiada, aflauteada, e desafinada pelos berros, fazia o ductto mais dissonante com uma voz de tenor, que respondia curtas e breves phrases ás longas antiphonas de regateiral descompostura.

— Arre!... É o que me faltava!... pois não!... lá que você não era bôa besta já eu sabia ha muito tempo! mas esta!... esta só a mim me acontece!... Com que então a tal menina de Lisboa queria que você lá fôsse passar as ferias!... e eu não quero! não quero!... já disse que não quero!... (Este rondó final tinha acompanhamento forçado de calcanhar no meio do chão!)

— Cala-te, mulher! não me faças perder a paciencia!...

— A paciencia me faz você perder!... Quer-se ir

para Lisboa?... que vá quando quizer que não deixa cá saudades!... mas ha de me deixar com que passar!... deixe-me uma mezada de doze mil réis, se não quer que eu morra á fóme!... Vá-se embora! vá! vá! ninguem cá o chama; mas deixe-me dinheiro, se quer que eu me porte bem!... O senhor bem sabe que a Rita ficou com a mezada do sr. Henrique toda!... aquillo é que é rapaz!... já lhe mandou um vestido do Porto! não é um fôna como você... um unhas de fóme, que estou ha tres annos comsigo e ainda me não deu senão um triste trapito!...

— Mas quem te disse que eu ia para Lisboa, diabo? quem te metteu isso na cabeça? maldita!

— De mais a mais é sonso!... pensa que eu não lhe apanhei a carta?... Queria escapar-se á sorrelfa e deixar-me aqui ao desamparo!... não! lá isso não tenha duvida que é uma bôa rolha! E ahi está para que uma rapariga guarda fidelidade!... a arrebentar aqui com má vida, para vir uma delambida de uma senhora Adelaide intrometter-se com a gente!... Talvez queira casar com ella! (oitava acima) era o que faltava!... não, isso em quanto eu tiver o olho aberto!... ella que se contente com os que lá tem... que eu não lh'os vou lá tirar, para ella se vir metter comigo!... (Terrivel) Não é melhor do que eu!... não!...

Este insulto fôra muito forte!... As crenças puras, que se aninhavam ainda no coração de Ricardo, fizeram uma bernarda, d'onde resultou atirar á cara de Carlota com os tres volumes das *Ordenações* em acto successivo.

— Você bate-me?!! — gritou uma voz suffocada pela cólera...

Depois não se ouviu mais som de voz humana!... era um ruido obscuro e baço que provinha da reciprocidade dos sôcos, com que se estavam mimoscando um ao outro, acompanhado ás vezes de outro som mais claro e brilhante, proveniente da bella bofetada, que, por incidente, se misturava com toda a casta de sopapo.

Chegando ao patamar da escada, Carlos duvidou que alli morasse o seu amigo: suppunha-o ordeiro e bem morigerado, e não podia crer que elle assim vivesse em tão escandalosa mancebia. A voz ora lhe parecia, ora lhe não parecia: estava n'uma completa incerteza, hesitando se devia bater, e ao mesmo tempo gostando de ouvir a questão, quando o nome de Adelaide lhe veiu tirar toda a dúvida. Estava bem claro, que Ricardo era o protogonista d'aquelle drama fatal, que o leitor ouviu terminar ao cachação!

O caloiro conhecia as ligações do seu amigo com Adelaide, as saudades e tristezas d'esta e o casamento projectado entre as duas familias, que eram tambem das relações da sua; e porisso achava-se indignado com o proceder do seu amigo, e só, mentalmente, lhe dirigiu um louvorzinho quando os tres tiros das *Ordenações* lhe mostraram que elle queria chamar á ordem a sua antagonista.

Depois de dar alguns momentos, necessarios para a expansão d'aquella cólera, que se traduzia por sôcos e bofetões, bateu á porta. Silencio sepulchral lhe

respondeu! as baterias cessaram de fazer fogo, e houve um armisticio completo... mas nem pio se escutava!... Tornou a bater... e o mesmo silencio!...

Carlos quasi se arrependeu de ter intervindo tão tarde, receando que os dois contendores se houvessem morto com algum par de murros simultaneos!... Espreitou pelo buraco da fechadura... e nada viu!... Collou o ouvido á porta e escutou uns passos que se aproximavam: tornou a bater e uma voz quasi sumida, mas que não escapou ao ouvido perscrutador do caloiro, disse do angulo mais remoto do quarto:

— Dize que eu não estou cá... seja a quem fôr!

E logo outra do sexo feminino perguntou:

— Quem é?

— Móra aqui o sr. Ricardo Pereira de Aboim, estudante do quinto anno de direito?

— Móra, sim senhor! mas elle não está cá.

— É o mesmo!... Eu sou o seu amigo Carlos de Mello, que elle sabe que devia chegar de Lisboa; e porisso, se me dá licença, esperarei por elle.

Mal estas palavras foram proferidas, escancarou-se a porta, e uma pessoa muito nossa conhecida, com um olho todo pisado, o nariz a verter sangue e umas poucas de arranhaduras na cara, caíu nos braços do recem-chegado Carlos da Cunha e Mello.

XVI

Defina-se a situação!

Leitor! tu não sabes o que é a tapotopathia? Pois olha! eu t'o explico. É um systema medico inventado pelo doutor Engelstroem, que consiste em curar todas as molestias á força de pancadaria. Ora, que haviam algumas, curaveis por este meio já eu sabia de ha muito tempo; mas querer estabelecer em principio geral a doutrina do tal doutor succo, isso é que me parece um pouco sério!! Todavia o caso é, que a experiencia tem mostrado as vantagens de um tal systema em arrufos de mulheres... no que elle é muito superior ao principio homeopathico do *similia similibus!*...

Effectivamente! a therapeutica instituida havia produzido o desejado effeito, e Carlota, que, na recente escaramuça, levára mais do que déra, estava agora macia como um veludo. Escondeu-se, pois, para que o sr. Carlos entrasse sem a ver; deixou ir os dois

amigos para o quarto, sem que os interrompesse com alguma impertinencia, e, coisa rara! nem sequer foi espreitar pelo buraço da chave!... falta de curiosidade esta, que lhe não accusava a consciencia ter tido senão uma outra vez, em que tambem havia levado uma boa tósa por causa de um dize-tu-direi-eu, ácerca de duas insignificancias e meia!

Carlos tornou a abraçar o seu amigo com todos os effluvios de um fraternal amor!

Ricardo, ainda afagando a arranhadura da cara, e limpando com o lenço a lagrima rebelde, que a esmurradela do olho lhe fazia involuntariamente verter, não se mostrava menos sensivel em abraçar o seu companheiro de infancia. Fallaram muito das familias de um e outro, dos conhecimentos d'estas, dos visinhos, dos parentes dos visinhos, e dos conhecidos dos parentes d'estes, e visinhos d'estes conhecidos!... por um tris que não fallaram nos duzentos mil e tantos habitantes da cidade de Lisboa a um por um!... mas, entre tanto perguntar, entre tanto indagar, entre tanto referir, e entre tanto recordar, uma pessoa tinha esquecido!... era Adelaide!...

O caloiro fôra successivamente fallando de todos os parentes d'esta pobre menina para dar a Ricardo a occasião de lhe perguntar por ella; mas o veterano tinha justamente perguntado por todos os parentes, que ao seu amigo esqueciam, menos por Adelaide!

Nem elle se podia resolver a tomar a iniciativa em tal pergunta; receioso que o recem-chegado, tendo ouvido o rondó final do seu duetto com Carlota, o in-

terrogasse ácêrca do miseravel estado em que tinha a cara; e todavia saudosas recordações do seu passado se deslizavam então na sua reminiscencia como vasto panorama, em que a imagem pura e singela de Adelaide vinha sempre coroar o quadro pittoresco! O seu maior prazer n'aquella occasião sería que o seu amigo lhe fallasse d'ella, que lh'a pintasse como um anjo de soffrimento, resignada na concentração da sua saudade; mas sorrindo um sorriso de perdão á mais leve desculpa que lhe elle désse!... Ricardo estava triste!... Carlos por outro lado estava pensativo. A ingratidão do veterano revoltava-o! nem sequer lhe perguntar por ella!... por ella que soffria como se soffre quando se ama deveras, e se é recompensado assim!...

Um momento de silencio tinha succedido ao dialogo, mais ou menos vivo, que entre os dois amigos houvéra desde que entraram no quarto. Ricardo levou de novo o lenço á sua magoada cara.

— Que é isso que tu tens? — perguntou Carlos.

O momento fatal havia chegado!

— Nada! — retorquiu o estudante, — foi um murro que levei ainda-agora a brincar! não é nada...

— Mas tu tens a cara toda arranhada! a pancada é recente por que ainda agora se está a fazer negra! que diabo foi isso?... parece que andaste á unhada com alguma mulher!...

Terrivel bombarda, que estoirou mesmo dentro do terceiro ventriculo pineal do cerebro, onde alguns querem que existisse a alma do nosso heroe!!!

— Homem! não foi nada! — resmungou, titubeou, ou antes, murmurou este, correndo logo ao espelho, não para ver o estado lastimoso da sua cara, que d'isso já elle tinha bastante consciencia; mas para disfarçar a emoção que lhe haviam causado as terriveis palavras do seu recem-chegado amigo; em seguida foi ao jarro chapinhou a nodoa e ficou em silencio.

Depois de uma breve pausa, o caloiro renovou a pergunta.

— Nada! isso foi por força bulha com mulheres: os homens não costumam arranhar a cara uns aos outros.

Um calefrio sacudiu a medula dos ossos do nosso protogonista, que respondeu por um silencio estupido e traidor. Carlos começava a vingar os soffrimentos de Adelaide pelo que fazia soffrer ao seu veterano.

— Diabo! tu tens alguma coisa!?

— Não tenho nada!... já te disse!... Olha lá! tu deves estar moído da jornada, has de querer descançar um bocado... talvez te precises lavar...

— Não! obrigado! dormi bem esta noite, e, como vim de caleça, não estou nada fatigado. Agora o que eu queria era uma pinguita de agua para lavar as mãos.

Ricardo, que suscitára aquella idéa ao seu hospede, para evitar as questões que lhe estavam imminentes, aproveitou logo o ensejo, chamando immediatamente a sr.ª Maria afim de trazer agua.

Como depois não convinha ficar mudo, porque se-

ría dar occasião a que o inimigo o atacasse de novo no mesmo campo, o veterano tentou desviar a attenção de Carlos do assumpto do passado dialogo, começando a fallar n'outra-coisa.

— Então! gostaste de vir para Coimbra? — lhe perguntou elle.

— Já tive mais enthusiasmo por isso do que tenho agora, — replicou o caloiro, concluindo a sua ablução e enxugando as mãos á toalha.

— Porquê? — retrucou o veterano, que via no máu humor do seu amigo alguma coisa, que lhe dizia respeito.

— Porque me parece, que aqui se adquire pouco em quanto á sciencia e muito em quanto á immoralidade; ganha-se talvez pouco dos conhecimentos que se deveriam obter, mas perde-se muito dos sentimentos nobres que para aqui se trazem.

— Tu estás condemnando Coimbra, sem ao menos a teres visto.

— Olha, Ricardo! O pouco que tenho visto e ouvido em meia hora que aqui estou, tem-me feito desgostar muito! muitissimo!... parece-me que aqui se aprende a ser ingrato e a esquecer pessoas, cuja lembrança não se devia riscar jámais do nosso coração.

— Estás romantico! Isso é algum trecho da tua ultima producção? — disse o veterano, gracejando, ou antes fingindo gracejar; porque as expressões que pretendiam ser chistosas, em vez de sal, tinham pimenta, vinagre e malagueta!...

— Isto não é romanticismo, Ricardo! isto é ainda uma expansão nobre do meu coração de vinte e dois annos, que se revolta contra tudo o que é ignobil e mentiroso!...

— Mas! deixemo-nos d'isto... has de ter vontade de ceiar... queres chá ou preferes ceiar de garfo?

— Nem uma coisa nem outra: obrigado! mas não tenho vontade! confesso que estou realmente penalisado, e maldigo a hora em que tentei vir para Coimbra!...

— Porquê? — perguntou maquinalmente Ricardo.

A desgraça do pobre veterano estava decretada!! Se se calava, o seu caloiro perguntava-lhe pela causa das arranhaduras da cara; se abria a bocca todas as palavras pareciam convergir para o mesmo ponto que elle desejava evitar!!...

— Porquê? ainda o perguntas!?... porquê?... Por que pensava vir lançar-me nos braços de um amigo digno da minha estima, e venho encontrar um homem abjecto e de mais a mais hypocrita!...

— Hypocrita!?...

— Sim!... hypocrita!... repito-o! Que tu dissipes a tua mezada com uma mulher despresivel, vá!... mas que escondas refalsadamente a tua abjecção ao teu amigo de infancia, que o recebas com sorriso de dissimulação nos labios, para depois ires repartir doces risos com essa mulher venal, isso é infame!...

O veterano estava confundido!... Mas o espirito do homem é composto por fórma tal, que, quando não tem desculpa a dar a uma arguição d'esta ordem, só

para se não curvar contricto, ergue-se sobranceiro e arrogante, despedindo insulsa metralha das mais grosseiras banalidades!

— Então que tens tu com a minha vida?... que te importa se eu gasto bem ou mal o que tenho?... Vieste para Coimbra para ser meu tutor?... pois não!... o caloiro querendo dominar o veterano! ámanhã dás-me um gráu! não é assim? Ora sempre estás muito pelludo, meu pobre amigo!...

— Aqui não ha caloiros nem veteranos!... Nós fomos educados juntos! e laços fraternaes nos uniram na infancia!... Não tenho direito a zelar os teus interesses!... não pósso... nem quero fazel-o! mas do teu modo de vida ignobil e degradante tenho direito a tomar-te conta, porque essa amizade, que nos ligou de pequenos... porque a consideração que voto a teu pae, pobre homem, que não acreditará as loucuras que de ti lhe forem contar, e sobre tudo por que as lagrimas d'esse anjo angustiado, que eu estimo como uma irmã adorada, me dão direito a isso! Essas lagrimas que ella derrama sobre a tua ingratidão, retribuel-as tu com a delicadeza de nem ao menos perguntar por ella!... É muito, Ricardo! não esperava isso de ti!... esquecerés aquella pobre menina! atraiçoal-a aleivosamente! trocal-a... e por quem, meu Deus!! por uma mulher, que te arranha a cara n'uma occasião de máu humor... ella toda carinho, toda meiguice! Olha, Ricardo! se metteres a mão na consciencia has de ver que obras muito mal!... como amigo que sou t'o digo!...

Ricardo tinha ouvido a tremenda rebecada do caloiro sem pestenejar! mas o diabo do orgulhosito, que sempre ha de fazer das suas, induziu-o a replicar, quando o seu amigo se calou:

— Obrigado, Carlos! eu é que esperava encontrar em ti um amigo para me consolar nas horas de immensa atribulação, e encontro um juiz severo, que me condemna antes de me ouvir! Quem te disse que eu vivo escandalosamente ou que faço loucuras?... quem te asseverou que eu tenho sido ingrato para com *ella?*... quem ouza assim devassar os fóros da minha consciencia?... A chave do meu coração pertence-me!... não dou a ninguem o direito de lhe querer penetrar os segredos!... comprehendes?...

— Comprehendo, sim! comprehendo que sou aqui de mais, e que não pósso nem devo viver comtigo n'uma casa onde existe uma mulher que te pertence!... Adeus, Ricardo! de hoje em diante é como se nunca nos conhecessemos! tu córarias de vergonha quando a minha presença viesse recordar os tempos da tua infancia... e eu sentiria pejo se um dia te fôsse encontrar nos braços d'essa mulher!

— Homem! tu levas as coisas logo ás do cabo! quem te diz que sáias... que não fiques n'esta casa?... Essa mulher, a que tu alludes, não vive comigo de portas a dentro... pósso-t'o affiançar!

— Então definâmos a situação!... Tu amas ou não amas Adelaide?... és ou não és digno do seu amor?

— Amo-a!... sou digno do seu amor! — replicou Ricardo com vehemencia.

Eram os sentimentos nobres, que acabavam de ganhar uma batalha campal contra a abjecção do espirito!... Carlota fôra derrotada!

— Então dá-me um abraço e que o penhor da paz seja a expulsão d'essa mulher perdida!... promettes?...

— Juro-o!

N'este momento um fracasso diabolico fez rebentar a fechadura da porta do quarto! Era Carlota, que, não podendo levar até ao fim a perseverança de não vir escutar pelo buraco da chave, e ouvindo o resto do dialogo, tão pouco lisongeiro para ella, vinha em pessoa advogar a sua causa!

XVII

Agar é expulsa de casa de Abrahão

Relatar o que alli houve, fôra reproduzir scenas, que, para aquelles, que por infelicidade sua têm sido actores de outras eguaes, nada teriam de interessante nem de agradavel; e os que não desempenharam ainda os seus papeis em taes lances, não as saberiam comprehender; nem eu mesmo, que tive a dita de não ser jámais protogonista de uma d'essas fataes comedias, as poderia esboçar só por uns estudos e copias que tive occasião de fazer *d'après nature*.

O que é certo é que Ricardo estava n'esse momento dominado pelo principio do bem, e foi surdo ás lagrimas de Carlota, que eram como punhos!... Esta emmalou, soluçando, a sua trouxinha, e, com o coração comprimido pela dôr, que era sincera, saíu d'aquella casa, onde por tanto tempo gosára de um

dominio absoluto, votando um sentimento de infinito odio ao caloiro que sorria ufano da impotente raiva d'aquelle vérme, por elle esmagado!...

Depois de arranjar a sua caixa voltou ao quarto do seu amante, e com a voz entrecortada de soluços, disse-lhe apenas:

—Adeus, Ricardo! queira Deus que a minha saida d'esta casa póssa concorrer, tanto como eu desejo, para a sua felicidade; mas, ao menos, não seja ingrato para comigo que lh'o não mereço!...

Ricardo não sabía de si! estava de tal modo fascinado, galvanisado, magnetisado pelo seu amigo, que não soube o que responder á pobre da rapariga, á qual todavia elle não podia querer mal! Em outra qualquer occasião as lagrimas d'ella tel-o-iam feito quebrar os mais inabalaveis protestos e perdoar-lhe... ou antes pedir-lhe perdão!... mas Carlos... Carlos, com as suas palavras de infernal dominação, estava pintado na sua mente! Um silencio bestificado pela apathia de todas as feições, foi a resposta, que deu ao adeus sincero de Carlota, e esta, vendo tal immobilidade, ainda aventurou mais quatro palavras:

— Eu desejava antes de saír fallar-lhe em particular, mas nem este senhor deixa, nem talvez mesmo o senhor quizesse!... paciencia!... Acredite que lhe tinha muita amizade, para me não custar esta separação assim tão repentina, sem lhe eu ter dado motivo algum!

E depois, pegando na mão de Ricardo, exclamou:

— Perdôe-me!... queira perdoar-me alguns dissabores, que lhe désse em todo o tempo que estive comsigo!... que eu, pela minha parte não lhe desejo senão mil venturas!...

Aqui, a voz comprimiu-se-lhe na garganta, e as lagrimas suffocaram-a!... Levou aos labios a mão de Ricardo... essa mão escaldava!... beijou-a... e o estudante ficou immovel!... Este estado de coisas não podia durar! Carlos, até alli mudo espectador d'esta scena, exclamou:

— Vamos!... acabem com isto!... bem veêm que esta separação é util... é até necessaria para ambos: Ricardo não a póde ter na sua companhia, sem se comprometter e muito; e a menina, se o estima não deve querer o seu mal; além de que não lhe faltará quem a possa tornar mais feliz do que o meu amigo! vamos! olhem que é tarde, e a menina tem que saír!...

— Obrigada pelo interesse que toma em mim! — replicou Carlota com toda a concentração do seu odio — obrigada!...

Depois abraçou Ricardo, deu-lhe um beijo na face... n'aquella face, que pouco antes tinha esmurrado, e saíu, ou para melhor dizer, fugiu pela porta fóra, qual nova Agar, expulsa de casa de um novo Abrahão, levando, em vez da bilha de agua e da medida de trigo, o par de botinhas de elasticos, compradas na vespera!...

Se a bestificação se materialisasse, Ricardo sería a sua imagem. O caloiro estava sensibilisado, e se não tivesse tão presentes os desgostos e lagrimas de

Adelaide, talvez se houvera condoído da pobre rapariga; mas a sua alma estava muito cheia d'essas ingratas recordações, para poder dar commiseração a uma mulher venal!...

Carlota soffria!... e soffria muito!! Que sentimento porém era esse?... Seria o amor ou a amisade? Seria esse despeito rancoroso que segue uma affeição mal recompensada? Não sei!... O que é certo é que a filha da servente ao arranjar a sua trouxa não tinha feito senão soluçar: quando pegou nas suas botinhas novas, que ainda nem sequer tinha calçado, partiu-se-lhe o coração ao lembrar-se de quem lh'as tinha dado e do prazer com que tinham sido compradas... e então quasi que chegou a ter odio ás pobres botinhas!!... Depois na despedida Carlota havia reassumido todas as suas forças para não dar victoria completa ao seu inimigo, regosijando-o com as suas lagrimas, porém logo que chegou á loja, onde sua mãe estava preparando a ceia dos dois amigos, arremeçou-se para cima de uma cadeira, a chorar que punha dó.

Ora, se eu tivesse os necessarios conhecimentos da organographia e organophysia do coração da mulher em geral e de Carlota em especial, iría tentar descobrir qual era a fibra d'aquelle musculo, que se achava lesada; mas eu, que sou um completo ignorantão á tal respeito, direi sómente, que me revolta o animo ver certa gente considerar o moral d'estas pobres mulheres apenas como um barometro de dinheiro, cujo sentimento sóbe ou desce em virtude da

pressão, que a atmosphera pecuniaria do seu amante exerce sobre a columna da sua sensibilidade e interesse. Que estas mulheres, em geral têm o primeiro motor no dinheiro, de accordo!... mas que este sentimento lhe absorva todo e qualquer outro sincero e desinteressado, é muito querer rebaixar o coração d'estas desventuradas!... A prova temol-a em Carlota! Não era o interesse o que mais a prendia a Ricardo: ella mesma nos seus momentos de máu humor lh'o tinha lançado em rosto: nem o soffrimento que mostrava ao separar-se do nosso amigo podia ser fingido; porque em tal occasião, toda a mulher desejaria poder affectar indifferença... até despreso para o homem, que cruelmente e sem motivo a abandonasse, e não ir ostentar um mentido sentimento.

É que até no meio do materialismo o mais abjecto um vislumbre de amor vem coroar a união do homem com a mulher! é que as relações rēciprocas de um viver unidos por tres annos géra uma faísca de amizade, que se não quebra assim impunemente sem que o coração se resinta!...

E emquanto eu divagava pela minha excursão de philosophia hystiologica do sentir femenino, os nossos dois amigos ceiavam tristes e silenciosos, deitavam-se e dormiam... ou, antes para melhor dizer, dormia o caloiro o somno de viajante fatigado, quando encontra uma boa cama; em quanto que o veterano experimentava na vigilia as torturas de um coração que soffre.

XVIII

Explicações aos leitores

As pessoas estranhas aos usos academicos acceitarão sem réplica os acontecimentos relatados no capitulo antecedente; porém os que tiverem vivido a vida de estudante ou que de perto a conhecerem... esses já eu prevejo, que me saltam á mão a bradar-me que sou um chapado impostor, que lhes dou gato por lebre, tendo-lhes promettido scenas contemporaneas da vida academica, e saíndo-me com um romance ou quasi-romance, creado a capricho da minha imaginação!...

«Pois onde é que se viu um caloiro chegar a Coimbra e dar logo ordens ao seu veterano!» me bradarão todos.

«Nos nossos tempos o caloiro chegava, servia á mèsa, limpava as botas, e ia com um freio e um se-

lim beber agua á fonte!!...» exclamarão os bachareis formados antes da ditosa *thomarada*, epocha em que se proclamou a liberdade do caloiro, que ao depois a mala-posta desenvolveu!...

«Mentis pela gorja, senhor chronista de agua morna!» vociferarão os que tiverem cursado a Universidade n'estes ultimos annos. «Nós fizemos pacto de união com os caloiros, mas, dando-lhes carta de alforria, não nos proclamámos seus escravos!...»

É preciso dar as devidas explicações a estes senhores, que não deixam o author desviar-se uma linha da monotona semsaboria da naturalidade e costumada rotina, sem que lhe embarguem o caminho mais açodados do que os malsins em lhe cheirando a contrabando!...

É que n'este mister de chronista não ha privilegio de invenção... e desde Fernam Mendes Pinto, injustamente calumniado de mentiroso nas suas *Peregrinações* até aos nossos dias, todos se crêem com o direito, de fazerem as necropses críticas dos escriptos alheios, auxiliados pelo escalpelo da sua intelligencia: não deixando ficar nada por julgar n'aquelle sancto-officio das cachimonias, onde por vezes geme em carcere privado e incommunicavel o infeliz senso-commum!

Nem eu pretendo, como as sereias, embalar-vos com estas digressões para evitar as accusações que me pesam. Tracto de justificar-me.

Ligados desde os verdes annos, o veterano respeitára sempre o seu companheiro que era alguma coisa mais

velho do que elle, (no que não ha inverosimilhança pois bastava ter nascido primeiro) e que já nos seus brinquedos revelara superioridade moral, dando o plano para elles, e fazendo ou de bispo de mitra de papel, quando Ricardo servia de reverente acolyto, ou de general de chapeu de dois bicos, quando aquelle era soldado com a sua barretina de papelão... ou finalmente de senhor, quando ambos a cavallo nas bengalas dos papás fingiam ir a passeio e ao seu companheiro dava o papel de criado de libré.

Este dominio da intelligencia sobre a materia, (por que o seu visinho tinha mais força physica) persistiu ainda no collegio, onde Carlos alcançou em breve ser decurião, e com esta honra o direito de dar palmatoadas no seu companheiro.

Mas dir-me-ão agora os leitores, tremendos caturras em materia explicações... sanguesugas implacaveis da paciencia do author:

«Todas essas superioridades do tempo da infancia caem por terra em face de um grau de bacharel, que ousaria affrontar o dominio intellectual de trinta caloiros, embóra cada um tivesse o talento de um José Estevam e o bacharel fôsse tapado como... um frade bernardo!...»

Uma superioridade mais respeitada n'este mundo do que a da intelligencia impunha ao veterano o dominio do caloiro! era a do dinheiro!... Escutae.

Em quanto Fernando da Cunha e Mello vivera pobre passava Manoel de Aboim em honesta mediocridade; mas depois veiu a sorte dar-lhes o movimento

dos alcatruzes, fazendo subir muito a fortuna do negociante, e descer não pouco a do velho procurador que esteve para tirar o filho de Coimbra por falta de meios para o formar. Então o pae de Carlos, que desejava ter um bom veterano para seu filho, quando elle fôsse para a Universidade no anno seguinte, offereceu ao seu visinho uma pequena mezada de duas moedas que com o complemento de mais dois mil e quatrocentos da algibeira paterna habilitavam o rapaz a concluir a formatura.

Ora aqui tem o leitor! e se ainda não está satisfeito attenda ao resto!

Carlos namorava desde pequeno a irmã do seu amigo, e no tempo do equilibrio das fortunas, as duas familias, contentando-se reciprocamente com os dotes moraes das boas qualidades das creanças tinham formado projectos de casamento muito a prazer dos pretendentes.

Todas estas circumstancias davam á familia do caloiro o direito de zelar os interesses de Ricardo; e muito generoso fôra aquelle, ao exprobar-lhe o seu modo de vida dissipado, não lhe lançar em rosto que dispendia... o dinheiro de um beneficio!...

Mas a tudo isto accrescia que o filho de Fernando ao partir para Coimbra recebêra instrucções do pae de Ricardo para velar o comportamento do estudante e repreendel-o se acaso andasse desviado do bom caminho; e ainda mais a namorada do veterano, amiga intima da sua noiva, e esta mesma lhe tinham dado a particular incumbencia de censurar asperamente o

ingrato, que em Coimbra esquecêra a irmã e a amante sem de ha muito lhes escrever.

Eis os motivos por que o terrivel plenipotenciario, surpreendendo por acaso, apenas chegou, a causa da ingratidão do seu amigo, que tanto fazia soffrer a amante que elle presava como irmã e a irmã que elle estimava como amante, tentou cortar o mal pela raiz e munido de poderes discricionarios e de tão incontestavel superioridade, sem apresentar sequer as suas credenciaes nem usar de diplomacia alguma no desempenho de sua missão... foi logo ás do cabo e fez o destempero que se viu.

Ora aqui têm os criticadores de agua doce!!... Não estão ainda satisfeitos?... Digam-me agora se todas estas circumstancias não pesam mais do que o gráu de bacharel?...

.....

Depois de tão violenta commoção na casa da Rua dos Grillos reinava paz e união, ao menos apparente, entre os dois amigos... sem se fallar mais de Carlota.

Oito dias tinham passado.

A pobre rapariga estava sensivelmente mais magra!...

XIX

Feliz acazo

Dizia eu, ao concluír o capitulo antecedente, que oito dias se tinham passado de soffrimentos e monotonia para Carlota. Não acontecera porém assim a Ricardo! muitas coisas notaveis o haviam distraído n'esse tempo. Se o leitor quer, deixando a filha da sr.ª Maria entregue aos dissabores da solidão, voltaremos atraz para seguir passo a passo a vida dos dois estudantes.

Foi no dia 26 de julho que o caloiro Carlos da Cunha e Mello chegou a Coimbra: no dia 27 saíu logo, mandou fazer batina, e, protegido pelo seu amigo, ousou affrontar as caçoadas do botequim do Trony, coisa n'outros tempos prohibida aos caloiros até depois das ferias de natal no anno de novatos.

Ricardo tinha quasi insensivelmente esquecido D.

Constança, porque estes amores mais nascidos da admiração do que da estima, são fogos-fatuos de existencia ephemera, ou antes, são sentimentos intermittentes, que a ausencia apaga, e que qualquer coisa faz reviver, para de novo se apagarem!...

Talvez os leitores houvessem tambem deslembrado já esta senhora, que deixámos acabando de escrever a sua resposta á de Ricardo. Poupar-lhes-ei a leitura de tal resposta, porque uma carta de namoro é a coisa do mundo mais insípida que se conhece... quando lida a sangue frio!... Recebemos uma d'essas epistolas e achâmol-a divina!... tudo é sal! tudo são ditos agudos e sentenciosos! tudo respira sentimento!... Mettemol-a na nossa gaveta particular, e, alguns mezes depois, quando o barco das affeições já tem mudado de rumo, n'uma bella noite, em que o *spleen* se apoderou de nós, vamos revolver as cartas velhas, que lemos com a attenção que dariamos ás noticias-locaes d'um periodico do anno anterior, e então, no fim de cada phrase de alambicado sentimentalismo, quasi que soltâmos uma gargalhada do mais ingénuo e folgazão escarneo!... até os erros orthographicos, encobertos até alli pelo sublime do pensamento, saltam de cada palavra como fantasmas, que espantam toda a preterita illusão!... Os bocadinhos mais bonitos parecem-nos sensaboria!... no limado da expressão estamos a notar o contrafeito do sentimento que a dictou!... N'uma palavra! é um chorrilho de pieguices ou de impertinencias parvas e ridiculas cada carta de namoro, vista pela distancia

de dois mezes depois de passadas as illusões d'essa crise, que tem o nome de paixão no presente, e que no preterito se chrisma em toleima!...

Porisso, e para crédito de D. Constança, não vos farei lêr aqui a sua resposta!... Basta que o nosso amigo a lêsse com todo o enthusiasmo febril de um amante feliz; e que ao depois a mettesse na sua carteira, onde devia jazer intacta por muito tempo.

No primeiro dia que Ricardo saíu não viu D. Constança, nem mesmo de tal se lembrou: depois, passando uma vez por debaixo das janellas, deu com os olhos n'ella... comprimentou-a... e subiram-lhe á cabeça todas as imagens, que se haviam retirado em debandada para um cantinho do coração, quando outros quadros occupavam o campo da visão interna do seu espirito.

— Quem é aquella senhora tão galante, que tu comprimentaste agora? — perguntou Carlos.

— É D. Constança, filha de Duarte e uma das meninas mais interessantes de Coimbra.

— Conhecel-a?

— Não!... Apenas a comprimento depois que n'um baile dancei com ella — respondeu Ricardo, córando de modo que, se o seu amigo estivesse prevenido, teria logo descoberto alli algum mysterio.

— Ora espera!... esse Duarte não é irmão de um lente, Francisco de Oliveira Duarte?

— Tal e qual! chama-se José de Oliveira Duarte.

— É o mesmo! Tenho uma carta de recommendação para elle.

— Para qual? para o doutor?

— Não! para o outro. Hei de vir entregar-lh'a ámanhã: acompanhas?

— Acompanho! — respondeu Ricardo com visivel emoção.

Só então se lembrára que o receber uma resposta de D. Constança era uma honra muito grande, para que se não visse obrigado a agradecer-lh'a, e apezar de não ser provavel que a filha de Duarte apparecesse a receber a visita do seu caloiro, comtudo uma especie de presentimento lhe fazia prevêr algum incidente opportuno para a ver e entregar-lhe em mão propria a sua carta. Em todo o caso aproximava-se d'ella... ía ter entradá em sua casa... e n'aquella occasião estimava-o.

Este coração de Ricardo sería construído de um modo differente de todos os outros?... Não sei! mas parece-me que não. O que elle sentia por D. Constança não era amor! era paixão! era capricho! era admiração!... Impressionava-se quando a via e nada mais!... Por Carlota experimentava uma paixão-desejo, que só lhe produzia commoção quando a sentia!... Amor, amor puro e verdadeiro era sómente o de Adelaide, mas esse, extenuado pela ausencia e pelo parasitismo dos outros dois sentimentos hybridos, achava-se muitas vezes quasi embotado... quasi confundido com a amisade fraternal, nascida na infancia, robustecida entre os brinquedos da meninice e convertido em amor na juventude!... Era assim que lhe apparecia Adelaide, quando o grito dos sentidos ex-

ternos o arrebatava para Carlota, ou quando D. Constança lhe magnetisava o espirito com a sua presença fascinadora...

O estudante foi pois para casa e alambicou o estylo com toda a correcção da phrase mais limada, para responder á resposta de D. Constança. Comparou-a a um anjo... a uma fada... a uma sylphide... a uma huri... disse-lhe que os seus olhos scintillavam como carbunculos... que os seus labios eram de almandina... emfim, se a filha de Duarte sentisse muito interesse de entender bem a sua carta, teria de estar a folhear o diccionario toda a noite... tal era a collecção de termos esquisitos, bombasticos e inintelligiveis de que, segundo a boa litteratura moderna, ía recheada!!...

No dia seguinte consumiu a manhã a cortar o cabello, a fazer a barba, e em mil outras minuciosidades, pelas quaes o amor-proprio pretende agradar.

Acabado o jantar, disse-lhe Carlos:

— São horas de irmos!

— Pois vamos.

— Espera! que eu vou pôr o chapeu.

— E eu a capa.

— Queres um charuto?

— Dá cá.

Acesos os charutos saíram os nossos alfacinhas a buscar o demandado porto onde luziria talvez o astro de salvação para qualquer meio-sceptico do último tom, mas, porventura tambem, de perdição para algum dos dois lisboetas.

Chegando á casa do sr. José de Oliveira Duarte, foram introduzidos na saleta. Vozes femininas se escutavam na sala: Ricardo ardia em desejos de penetrar n'aquelle sanctuario, e, aqui para nós em segredo, o seu amigo não ambicionava menos tal ventura. A sorte foi-lhes propicia! José de Oliveira, vindo receber os dois amigos, disse-lhes, depois dos comprimentos do estylo:

— Não sei a quem tenho o gosto de fallar.

— Eu creio que tenho a honra de me dirigir ao ex.mo sr. José de Oliveira Duarte — disse Carlos.

— Sou eu mesmo.

— Sou portador de uma carta do sr. conselheiro Moniz para v. ex.ª, e com prazer desempenho agora esta missão... Este senhor é o meu veterano e bom amigo, que teve a condescendencia de me acompanhar.

José de Oliveira, recebendo a carta e ouvindo pronunciar o nome do signatario, mostrou logo, pelo sorriso mais amavel, que mettia o recommendado no coração.

— Então, meus senhores, têm a bondade de entrar para a sala!

— Nós não queremos incommodar!... muito agradecidos a v. ex.ª...

— Nada! Hão de me dar o gosto de se demorarem um bocadinho!

— V. ex.ª ordena... e nós obedecemos.

Duarte abriu a porta, que separava a sala da saleta. O paraiso estava patente aos olhos ávidos e

anhelantes d'esses dois entes, que por tanto tempo o haviam esperado no purgatorio da antecamara.

—Minhas senhoras, tenho a honra de as comprimentar—disse Carlos, quasi a meia voz, ao aproximar-se da dona da casa e de sua filha, que estavam tomando a visita a outras duas senhoras.

Ricardo fez egual comprimento... e corresponderam-lhes quatro acenos das quatro cabeças femininas.

Ora agora saiba o leitor que a tal carta de recommendação do conselheiro Moniz era o que na giria academica se chama *estucho forte;* isto é, uma recommendação com empenho pouco vulgar, que fazia com que Duarte prestasse ao afilhado do seu íntimo amigo a melhor somma de bons serviços, recebendo-o logo em sua casa com tanta distincção, o que não faria se a carta de empenho tivesse para elle menos valor. Peça o caloiro sempre a Deus, quando vae para Coimbra, que ao menos uma só das cartas, que leva na mala, seja da força d'esta! mas nem sempre confie muito no solícito da expressão!... um signal imperceptivel vale mais do que todo o palavreado, que, sem elle não tem valor algum!... Quem julgaria que a data escripta no alto, ou no fundo da carta influisse nos destinos de um caloiro?... pois influe!... que é assim, que uma notabilidade litteraria contemporanea discrimina ás cartas que escreve só por condescendencia das que dirije com verdadeiro interesse a um lente de quem é intimo amigo!...

XX

Cavaco... e segredo

O borborinho das quatro vozes femininas, fallando conjuntamente em animada conversa, cessou de repente e como por encanto á entrada dos dois estudantes, e assim esteve por alguns minutos, até que se atou de novo o fio do quebrado cavaco. Versava este sobre o ultimo baile de capello e sobre o proximo futuro, que devia ter logar no dia 31. O ensejo era favoravel para Ricardo metter a sua colherada, quanto mais que o seu caloiro, attento á conversa de Duarte, não lhe podia fazer sombra.

Emquanto Carlos respondia a mil impertinencias relativas á sua personalidade... e outras mil ainda relativas á respeitavel pessoa do sr. Moniz, que só provavam o muito que o seu interlocutor prezava a carta do conselheiro, Ricardo, mais feliz que o seu

amigo, tinha-se ido insinuando no cavaco das senhoras, que corria animado.

— Então porque não vae a minha amiga ao baile do dr. Silva? — perguntava Constança á mais nova sep suas visitas.

— Ora! a mamã não gosta de ir e não quer que eu vá só com o papá!

— E a minha amiguinha gosta do baile?

— Muito! Até o prefiro ao theatro.

— E tem razão, minha senhora! Alli sómente se encontra a divinisação da vida, sempre envolta em mesquinhas materialidades! — disse Ricardo, lançando um olhar penetrante para D. Constança.

— E v. s.ª gosta? — perguntou ingenuamente a amiga da filha de Duarte.

— Immenso!... com loucura!... Por uma noite de tal diversão daria a vida, e parece-me que nem ainda assim compensava o muito que ahi iria gozar!

— Ah! ah! ah! V. s.ª dava a vida pelo baile! e depois de morto é que havia de gozar! é boa!...

— Perdão! minha senhora. Se ao prazer sacrificava a vida é porque tenho a certeza de que, entrando alli, reviveria pelo poder magnetisador de tantas divindades; ou, para melhor dizer, o meu coração alquebrado e morto pelo soffrer, só revive, quando, entre as damas, recebe o hálito sagrado da existencia, que se exhala do arfar de um seio feminil.

— É muito lisongeiro para as damas!

— Não, minha senhora! A minha bôcca exprime os verdadeiros sentimentos do meu peito!... e eu

creio firmemente que a vida do coração só nos provém da mulher divinisada por celestial emanação.

— Isso é lisonja!...

— Os anjos não se lisonjeiam!... adoram-se!

— Então v. s.ª adora todas as senhoras? — perguntou ironicamente D. Constança.

— E que dúvida póde haver n'isso!? Todas as damas têm jus á nossa adoração... porém nós sempre temos um anjo predilecto... o anjo da nossa guarda, que nem mesmo podemos confundir com os outros, no culto que lhe prestamos dentro d'alma.

— Por conseguinte, para o baile ser completamente bom, é preciso que esse anjo lá esteja?

— Certamente minha senhora! Foi n'um bello sarau que o devisei... estava encantador! trajava de azul e branco... é a côr mais predilecta dos céus! Desde que o vi prostrei-me na sua presença e tributei-lhe adoração e amor!... e este sentimento tão novo e tão ditoso para o meu peito jámais d'aqui se riscará.

— Então é um amor eterno? — perguntou a amiga de Constança.

— Como o que se deve aos verdadeiros anjos! — replicou Ricardo.

— Como os senhores costumam sempre tributar! — volveu a filha de Duarte.

— É injusta! minha senhora! confunde talvez um sentimento verdadeiro e arreigado com um d'esses passatempos, em que os affectos se refugiam no mais abscondito do peito, e em que a lisonja só impera!...

— É porque tenho ouvido dizer o mesmo a todos os homens!

— Conforme a divindade a quem prestâmos o nosso culto! Nem todos os amores podem ser eternos, porque nem todas as senhoras são verdadeiros anjos.

— Isso é bem pouco lisonjeiro para algumas! — disse a amiga de D. Constança.

— As pessoas presentes são sempre exceptuadas! — retrucou esta com ironia.

— Diga antes, minha senhora, que a verdade deve ser dita sempre, ainda quando póssa offender a modestia de quem a escuta!

— Mas eu tenho visto que todas as senhoras têm ou têm tido quem lhes dê essas fallazes adorações e por consequencia ou todas são anjos ou os senhores mentem sempre!

— Ou ha quem não saiba dar o devido valor a quem o merece e só a quem o merece. Esta é a hypothese mais provavel!

Emquanto o derriço assim proseguia, jogado por tabella e com o impreterivel acompanhamento de olhares ternos e sorrisos significativos, Carlos dava-se a perros por não poder evitar as impertinentes perguntas do sr. Duarte.

A mãe de Constança e a sua amiga, essas entretinham acaloradamente uma questão sobre a carestia do assucar e a barateza das batatas!...

Por conseguinte Ricardo e as duas donzellas faziam um trio muito differente, sem que ninguem désse attenção ao que elles diziam: ninguem, não digo bem;

porquanto Carlos não tirava os olhos de cima do seu veterano, cuja felicidade elle invejava cubiçosamente; encommendando mentalmente a satanaz todas as recordações e respeitos que o nome do conselheiro Moniz despertava ao dono da casa.

A noite ía desdobrando os seus escuros mantos pela aboboda celeste: as duas damas, visitas da mãe de Constança, dispunham-se a saír quando Duarte largou a sua victima.

— Então já! minhas senhoras! — disse elle — Nada!... hão de hoje dar-nos o gosto de cá tomarem chá... Eu mesmo terei a honra de as ir depois acompanhar.

As damas deram novecentas e noventa e nove desculpas, mas o pedido de Duarte foi tão bem secundado por sua mulher e sua filha, que as suas visitas se viram na grata coacção de acceder aos desejos dos donos da casa... e ficaram.

— E v. s.ª tambem nos ha de dar o gosto da sua companhia, assim como o seu amigo — disse Duarte, voltando-se successivamente para Carlos e para Ricardo.

— Muito obrigado a v. ex.ª... mas...

— Nada! não admitto desculpas! Lembro-me muito bem do meu velho amigo Moniz!... quero saber se elle ainda está muito impertinente ao jogo; se vae aos ares quando lhe cortam algum rei... se está muito nutrido, se já casou a filha... se...

Carlos, ao ver aquella patriarchal massada em perspectiva, quasi que perdeu a vontade de ficar:

outro tanto não aconteceu a Ricardo, que sabía a noite divertida, que ía passar, coisa em Coimbra bem rara para o estudante!...

— Então está dito!... ficam?...

— Infinitamente agradecido a v. ex.ª, mas os meus exames!... Tenho muito que estudar para vencer o latim, francez, geometria e logica n'estes tres dias, que faltam.

— Qual historia! Eu sou muito amigo do sr. Moniz para desamparar um afilhado por quem elle tanto se interessa! Deixe-se de contos!... não lhe dêem cuidado os exames!... V. s.ª é um rapaz de talento! o meu amigo assim m'o affirma!... Sabe d'aquillo como um homem!... não precisa estudar mais!...

— V. ex.ª ordena e nós obedecemos — replicou o caloiro, pondo a columna vertebral em ligeira flexão.

— Mas constrangidos não! se têm alguma coisa de interesse a fazer, digam-o sem cerimonia.

— Eu por mim não tenho nada!... agora o meu amigo...

— Que poderá haver de maior interesse do que gozar de tão agradavel companhia? — volveu o interpellado amigo.

Duarte acceitou aquella delicadeza com uma curvatura de cabeça sobre o pescoço e um riso de amabilidade estudada.

O cavaco recomeçou. O dono da casa ordenava as coisas para que o serão se passasse o mais agradavelmente possivel. Quiz pôr uma mêsa de jogo; mas as

damas, que mais preferiam conversar, opposeram-se a esta medida. Fez com que sua filha executasse ao piano alguns trechos de musica, que, apesar de mediocremente executados, foram muito applaudidos... e por fim voltou-se ao cavaco.

Carlos foi-se logo insinuando ao pé de D. Constança, já para evitar a enchurrada de perguntas do papá, já para satisfazer um desejo de ha muito formado no seu espirito.

D'esta vez o bode expiatorio da bossa palratoria de Duarte foi o pobre Ricardo. Nome, filiação, naturalidade, adiantamento scientifico, questões escolasticas... tudo veiu á collação. O triste estava em torturas, mas não havia remedio senão mostrar-se digno de tanta honra e o estudante desempenhou com mestria o seu papel.

O serão já corria adiantado, quando a sorte se dignou mostrar-se-lhe propicia. Seriam onze horas! ouviram-se as harmonias de um accordeon, duas rebecas, uma flauta e tres ou quatro violões com que os estudantes percorriam as ruas: a noite estava linda apezar de escura, ou antes, para enunciar o meu gosto, estava lindissima por estar escura: os tocadores executavam divinamente a ária final da Traviata. Só corações de mármore ficariam insensiveis ao escutarem aquelle melodioso concerto n'uma noite serena, debaixo do céu formoso de Portugal, em que scintillavam myriades de estrellas!...

As senhoras levantaram-se e correram ás janellas, e os cavalheiros fizeram o mesmo. Ricardo, muito

preoccupado de D. Constança para deixar fugir tão boa occasião, seguiu-a com os olhos e desembaraçando-se da veneranda estopada de Duarte, vôou para a janella a que ella havia assomado, e que, por maior felicidade, era por ella só occupada, porquanto Carlos tinha quasi maquinalmente seguido a mais nova das visitas, a quem dirigia a palavra quando esta se levantou.

Que a occasião era solemne para Ricardo, denunciavam-o as pulsações precipitadas e violentas do seu coração!...

Fóra da janella a escuridão era completa.

— Que lindo bocadinho! — exclamou Ricardo quasi em segredo.

— É verdade! é lindo!...

— Esta musica inspira amor aos que o não sentem... e acrisola-o nos que o sabem sentir!...

— Eu ámo esta ária!. .

— E eu... eu amo a v. ex.ª... amo-a como nunca soube amar ninguem — balbuciou com voz trémula o nosso heroe — e, se esta minha declaração é um arrojo, digne-se v. ex.ª perdoar-m'o ao menos, que eu, depois de lhe abrir o meu coração, poderei morrer feliz!

Ricardo havia-se apoderado da mão de Constança e imprimia-lhe o mais fervoroso de todos os beijos.

Silencio sepulchral respondeu a esta declaração apaixonada. Mulher, que cala, acceita!... O enlevado amante havia ganho muito terreno... e continuava a exercer sobre essa mão delicada a doce pressão,

com que um tremor febril lhe contraía os musculos.

— Ó menina! Olhe que bocadinho tão triste! — dizia da outra janella a hospede de D. Constança.

— Quem será aquelle rapaz, que toca o accordeon?

— Julgo ser um ilheu, que eu vi uma noite de entrudo, em casa das Santos, tão bem mascarado de mulher, que ninguem o conheceu.

— Toca divinamente!

— Toca! É rapaz de muita habilidade! Já esteve em Cadiz e é premiado.

Estas duas razões eram futilissimas para confirmar o talento musical do mancebo insular! mas é que D. Constança estava commovida, ou, se melhor o querem, atrapalhada, porquanto a mão de Ricardo, que ainda comprimia a sua, lhe deslisava brandamente um perfumado bilhetinho.

A musica já ia longe: e Carlos, que fugia ao veneravel massador como o demo foge á cruz, vinha refugiar-se ao pé de Constança de alguma nova tentativa contra a sua segurança individual. Os apertos de mão desfizeram-se e tudo entrou na melhor ordem.

Bem haja a musica e a escuridão!...

O resto da noite passou-se agradavelmente; e os nossos amigos saíram com o coração cheio de agradecimento e de júbilo.

XXI

A festa das formaturas de medicina

— Que foguetes são estes? — perguntava Carlos, no dia 30 de julho pelas onze horas e meia da manhã, ao seu amigo.

— É a festa das formaturas.

— Que festa? e de que formaturas?

— A festa dos estudantes que se formaram hoje em medicina...

Leitor! se não estiveste ainda em Coimbra, não podes fazer idéa exacta das festas da formatura de medicina, que têm logar a 30 de julho! Tudo n'uma festa se póde descrever excepto o enthusiasmo! Ora esta é quasi exclusivamente composta de enthusiasmo e foguetes... coisas ambas impossiveis de desenhar por falta de côres assaz vivas que as representem.

— Vamos vêr? — disse Carlos ao veterano.

— Pois vamos!

— Onde é? é muito longe?

— Não! é á porta da Universidade.

Desceram a escada, saíram e chegaram á Rua Larga por Entre-Collegios.

— Olha alli um estudante a deitar foguetes feito garoto!

— E que admira?...

— Olha outro... e outro... e aquelle já tão velho!... Esta gente está doida! não tem vergonha!

Effectivamente a scena surprehenderia qualquer que não estivesse prevenido para a admirar!

Á *porta ferrea*, que é a da entrada principal da Universidade, estende-se a Rua Larga, adornada de um lado com o edificio do extincto collegio de S. Paulo, hoje theatro academico, e do outro por uma pequena alameda, ricamente vestida de frondosas arvores. Alli á sombra tocava uma banda de musica o hymno academico: a rua estava apinhada de gente, especialmente de estudantes, entre os quaes sobresaíam uns poucos, todos já maduros em edade, e alguns já calvos ou encanecidos, mostrando que a assiduidade do estudo ou a influencia do tempo lhes havia feito já murchar a juventude. Eram estes os reis da festa! eram os mais folgazãos... os mais doidos, se póde dizer! Riam, saltavam, abraçavam-se uns aos outros e deitavam foguetes!

Ninguem ao vêl-os diria que eram aquelles os homens, que ámanhã, sisudos e circumspectos, teriam

nas suas mãos a saude e a vida de milhares de pessoas!... Pois eram! Eram os bachareis formados em medicina, que acabavam de receber a corôa de oito annos de trabalhos na votação do seu ultimo acto!

Carlos indagou todas estas particularidades e por fim commoveu-se. Quasi involuntariamente duas lagrimas de prazer lhe rebentaram dos olhos, ao ver as folias a que se entregavam esses rapazes, a que elle ainda ha pouco déra o epitheto de parvos.

Só na faculdade de medicina, onde, depois dos vinte dias consecutivos de exame que constitue a formatura, recebe todo o curso, com a votação, a palma dos seus trabalhos, é que os estudantes, de ordinario poucos em numero, e confraternisados por tão longa convivencia, se tornam como solidarios n'aquelle júbilo expansivo, que succede aos receios concentrados por todo o tempo da prova final. Porisso todo aquelle enthusiasmo e folguedo só tem logar quando todos os condiscipulos ficam bem, apertando-se no meio do delirio do prazer aquelles laços de amizade, que se tornam mais estreitos no momento em que desponta a idéa de uma separação talvez eterna!

Carlos e Ricardo contemplaram admirados aquella scena tão rica de encantos, e só, quando, pelas duas horas, se dispersou toda a multidão, retirando-se a musica, é que os dois amigos foram jantar.

— Aquillo é bonito! — dizia Carlos ao seu companheiro.

— Com certeza!

— É pena que em direito não haja uma coisa assim!

— É impossivel. Bem vês que sempre são cento e tantos e cada um faz acto por sua vez...

— Então não fazem nada?

— Ás vezes, logo que se põe ponto, que é quando ainda cá está reunido o curso todo, faz-se um jantar de despedida que se costuma ir comer á Quinta das Canas ou á Lapa dos Esteios.

— É d'aqui muito longe?

— Não! é um lindo passeio pelo rio acima, costumando ir os barcos todos embandeirados e com musica.

— Tambem não deve ser feio. Mas não póde haver o enthusiasmo que ha aqui por estarem já certos do bom resultado do exame e todos no mesmo dia!

— Ainda tu não viste o melhor.

— Pois elles ainda fazem mais alguma coisa do que aquillo?

— Pois não! Á noite verás...

— Então o que ha á noite?

— O agradecimento aos lentes e ámanhã o jantar.

— Tambem ha jantar?

— Tambem! Alguns o quizeram substituir por um baile, mas teve opposição pela razão muito simples que nem todos gostam de dançar...

— Mas todos gostam de comer!...

— Tal e qual!...

.....

Era noite. Novos foguetes e novas melodias vieram prender a attenção dos habitantes da Rua dos Grillos. Saíram e em breve se encontraram com aquelle

prestito de alegre folgança, que se dirigia successivamente a casa de todos os lentes da faculdade.

Adiante garotos com archotes, depois a musica e o rapaz dos foguetes, atraz os novos bachareis formados, alegres todos pela festa do dia e pelos fumos de baccho; junto d'elles os amigos e fechando o cortejo uma turba-multa de gente de todas as condições attraída pelo ruído da festança.

Os doutores illuminam as janellas para os receberem e offerecem-lhes de ordinario um refresco, onde entre varias libações as cabeças ficam um pouco perturbadas, de modo que, lá pelas onze horas, quando as visitas acabam, alguns já não têm forças para acompanhar o rancho.

É esta uma das festas mais populares de Coimbra.

Depois ha o jantar onde se come, se bebe, se folga, e ás vezes se alegram todos...

E no dia seguinte estão homens sérios!...

É a transição mais pomposa da vida de rapaz para a de homem circumspecto solemnemente celebrada... por uma loucura!...

XXII

Fiat lux!

«Mas que é feito de Carlota?» me vae perguntar o leitor curioso das minimas circumstanciasinhas, e que obriga o pobre author a reler cem vezes o seu manuscripto para que lhe não esqueça algum dos seus personagens em posição difficil de conservar por muito tempo.

Por exemplo: deixaramos Carlota a chorar e depois mais velozes que o hyppogripho transpuzemos o espaço de oito dias; ora claro é que a pobre da rapariga não podia estar sem ter feito outra coisa, aliás ter-se-ia desfeito em lagrimas... e adeus Carlota!

Explique-se o caso! A amante de Ricardo, saíndo chorosa da casa d'este lá foi enxugando o pranto conforme poude á ponta do avental ou á roda da sáia, onde as mulheres de Coimbra costumam limpar tudo... e até assoarem-se! depois tornou a chorar, e tornou-

se a calar, dormindo e comendo o necessario para alimentar a existencia, porquanto não tinha as tragicas idéas de se suicidar pela abstinencia ou pela insomnia! E todavia na intensidade da sua dôr, ella vinha todas as santissimas noites, que Deus deitava ao mundo, procurar o estudante sob qualquer pretexto, e, não o encontrando, aproveitava a circumstancia de sua mãe ser a servente para se demorar a esperal-o. Mas debalde! Ricardo entrava sempre muito tarde e sempre acompanhado do terrivel Carlos... dois motivos que faziam com que a pobre rapariga fôsse para casa, exclamando a soluçar:

— Paciencia!... ámanhã esperarei para lhe fallar!

Mas no seguinte dia o mesmo fadario: as mesmas esperanças e o mesmo resultado. Novas lagrimas... novo dormir... novo acordar... novo attender... e novo trabalho perdido!... Ainda no dia immediato o mesmo... o mesmo no outro... o mesmo todos os dias! A desventurada Carlota estava magra como um páu!

Vejamos agora o reverso da medalha!

Ricardo não ter ainda fallado em Carlota não ter sequer perguntado por ella! Que monstro!...

E comtudo era mentida... ou antes forçada essa indifferença! Compenetrado até ao amago das palavras ásperas e severas do caloiro, que no fim de contas era o filho unico e querido do seu bemfeitor, de cuja algibeira saíam mensalmente nove mil e seiscentos réis para o seu bolso, o nosso heroe parecia não dar attenção á mãe da rapariga, que nos gestos, nos olhares, nos suspiros, e nas carantonhas mostrava

bem querer-lhe fallar d'ella! todavia Ricardo esperava que o caloiro chegasse um dia a ter occupações mais sérias para deixar de se intrometter com a sua vida e então poder re-atar as suas relações com Carlota: porisso calava-se e esperava.

Pelo systema, porém, de repartimentos que tinha o coração do veterano, este sentimento inqualificavel, que elle experimentava pela filha da servente, não fazia esfriar a admiração que D. Constança lhe causára.

Cada vez que a via, o que depois da visita que lhe fez com o seu caloiro, tinha logar frequentemente, sentia redobrar-se a seducção magnetica, que ella exercia sobre o seu espirito. Era a fascinação de uma d'essas paixões-capricho, que, como já tive a honra de explicar ao leitor benevolo, têm suas parecenças com as sezões em virtude da intermittencia dos seus paroxismos!

Dizem que ha homens fataes, que, como Tremnor, exercem mysterioso poder sobre os corações de todas as Lelias, que vêm pelo impulso da attracção renderlhes espontaneamente vassalagem; todavia o numero d'estes ditosos Lovelaces é bem menor do que o das mulheres que tem o condão de obrigarem todos os homens a prestarem-lhes o culto da admiração. D. Constança era uma d'estas mulheres fataes; Ricardo era a prova!

As visitas de Carlos ao pae de D. Constança, ou antes á filha de José de Oliveira Duarte amiudavam-se cada vez mais.

O rapaz, aborrecido do viver insipido de Coimbra e saudoso da convivencia da sua tão querida Lisboa, ía para alli cavaquear quasi todas as tardes, acompanhado pelo seu veterano, apezar do somno que dormia a deusa das caçoadas.

Um dia, porém, que elle foi só, logo que se encontrou com Ricardo trocou-se entre os dois o seguinte dialogo:

— Então, dize-me! que diabo de homem és tu?... a quantas pretendes enganar ao mesmo tempo!...

— Eu não engano ninguem — respondeu o veterano com certo acanhamento, que bem mostrava que o maganão tinha culpas no cartorio.

— Nada que não!... Então que historia é essa de cartas a D. Constança?...

— Cartas a D. Constança!...

— Não te faças de novas, que eu vi-as!...

— Tu!... Quem t'as mostrou?

— Ella.

— Impossivel!...

— Dou-te a minha palavra...

— Indigna!... quero lançar-lhe ás faces a lama que se calca nas ruas!... quero mostrar-lhe que se não escarnece assim de um homem porque teve a franqueza e fraqueza de lhe patentear os arcanos do seu peito!... quero...

— Deixa-te d'isso que são espalhafatos! Aqui se alguem ha indigno, és tu, por estares jurando a Constança um affecto, que não podes sentir; por estares traíndo ao mesmo tempo a innocente Adelaide!

Este nome era sempre como a Virgem da bonança a sorrir d'entre as trevas da borrasca! Ricardo estava abrandado.

— Nunca menti! — disse elle — Amo Adelaide com toda a expansão da minha alma, já no outro dia t'o jurei; e a admiração respeitosa, que consagro a D. Constança, não póde offuscar este singelo affecto do meu peito.

— Mentes! O teu coração é um cahos monstruoso de infidelidades!

— Não! não sou infiel! Com Constança, se ha alguma coisa, é um mero passatempo... um derriço, se queres...

— Peior!... Atraiçoas Adelaide por um derriço... atraiçoando tambem D. Constança! És um infame sem fé nem coração!

— Carlos! isso não é bonito! Tomares-me conta das minhas mais singelas acções, só porque teu pae me soccorre! flagellares de contínuo a minha vontade a troco de uns miseraveis reaes que recebo cada mez!... É collocar-me mais baixo que um negro escravo e vil!...

— Ninguem te falla em dinheiro, homem desagradecido! Se meu pae, mais feliz que o teu, o poude soccorrer, é porque eram dois amigos verdadeiros, entre os quaes não havia dobrez nem hypocrisia... Mas tu... porque me não abriste logo o teu coração?... porque me não confessaste a tua vida?... Talvez assim te perdoasse.

— Ainda a mesma superioridade do dinheiro! ain-

da a mesma altiveza a esmagar-me o amor-proprio! ainda o comprares o direito de me perdoar a troco de uma pensão mensal! É muito, Carlos! tu abusas das circumstancias! mas direitos sobre os segredos do meu coração... não t'os reconheço! esses só a mim pertencem e nunca te consenti de os penetrares!

— Ainda e sempre orgulho, Ricardo! Tenho direito sobre os teus segredos, não pela superioridade da fortuna, mas porque teu pae me pediu como amigo que vigiasse os teus menores passos! tenho direito sobre os teus segredos porque Adelaide me supplicou, que te espiasse os mais pequenos movimentos do coração, para te arrancar d'ahi qualquer affecto bastardo que te desviasse d'ella! julgava ainda tel-os... por ser o teu amigo de infancia! Entendes agora porque eu te peço contas, Ricardo!?

A demonstração evidente da superioridade, que o caloiro tinha sobre elle, fez-lhe perder a cabeça a tal ponto que, fóra de si, exclamou:

— Tens direitos sobre mim porque meu pae é tão fraco que vende a sua liberdade e a de seu filho a troco de duas moedas por mez! porque a minha namorada é tão ingenua que te passa uma procuração n'este pleito de amor! e finalmente porque um amigo de infancia se mostra orgulhoso d'estas duas missões por ser o noivo de minha irmã! Mas não, Carlos! Eu não vendo a honra nem a liberdade!... A chave do meu coração pertence-me e não a entrego a ninguem! entendes?... Podes mandar dizer a teu

pae que me retire essa prova da sua generosidade, que eu não me submetto ás condições... e agora, que sacudi o jugo, posso declarar-te abertamente que amo D. Constança. Tens alguma coisa com isso?

Carlos um tanto confuso, não sabia que responder, ou antes, sabia-o de mais... e porisso, desviando a conversa do campo em que estava, perguntou-lhe com apparente tranquilidade:

— E que intentas tu fazer?

— Continuar a amal-a em quanto o coração m'o pedir.

— E depois?

— O futuro a Deus pertence.

— Tencionas casar com ella?

— Quem? eu? Deus me livre! Não me faças tão lamecha!

— Então seduzil-a!... abandonal-a!... É de cavalheiro, não ha dúvida! — proseguiu o caloiro com voz furibunda.

— Ora não faças as coisas tão feias! A mulher hoje em dia nem se seduz, nem se abandona. Um namoro é um contracto bilateral que se quebra logo que um dos interessados deixa de o ser.

— E a seducção e a deshonra é o penhor d'esse contracto archivado no inferno! Não posso tolerar tão repugnante philosophia! D. Constança é uma senhora que eu respeito muito pelas suas boas qualidades e ainda mais por ser filha de um cavalheiro tão obsequiador. Fui eu quem te apresentei alli sem prever as consequencias; agora como homem de bem te or-

deno que não voltes áquella casa... quando não avisarei Duarte que te mande expulsar como um vilão, que abusou da confiança que um amigo n'elle depositou! Os teus amores torpes e lascivos não devem ir seduzir donzellas recatadas e virtuosas como D. Constança; cevam-se no lodo da abjecção personificado em Carlota! Entendes! Prohibo-te que alli voltes...

— Entendo, meu cavalheiro! a sombra de um rival incommoda-te, e d'esse sanctuario, que receias eu vá profanar, aspiras a ser tu só o sacerdote! O teu zelo pela reputação de D. Constança não é honradez... é ciume! Pois bem! meu amigo! prophetizo-te que serás tu quem has de polluir o sanctuario... mas em quanto a mim declaro-te que não sáio d'aquella casa sem Constança m'o ordenar. Os nossos direitos são eguaes e na collisão das pretenções ella só póde decidir... e se fores tão infame que me intrigues com o pae... então tenho um cacete em casa para te quebrar as costas!

— Miseravel! tu ousas ameaçar-me! a mim? ao filho do teu bemfeitor!... A tua affronta até me causa compaixão!... Não vou intrigar-te... vou só dizer ao pae de Constança: aquelle homem ama sua filha; elle não tem nada e por conseguinte o resultado ou é a seducção ou um casamento infeliz para ambos! Cumpro um dever de amigo para com todos tres.

— Cumpres o papel de um infame que és, porque queres ficar só tu senhor do campo! Muito bem! Aqui te juro que has de fazer loucuras por aquella mulher

que te compromettam com ella, com a tua familia, e com a sociedade! Então serei vingado!

— Felizmente para mim, ainda o veneno, que corroe aqui os sentimentos de honradez se me não inoculou nas veias para vir traír a mulher cujo amor se me tornou hoje em agra saudade... e ainda mesmo que o fizesse sei bem conservar a minha posição no mundo em que Deus me collocou, para nunca me degradar nem me comprometter com a sociedade!

— A primeira parte agradeço-t'a em nome de minha irmã, mas não a aceeito porque é mentira... emquanto ao resto incumbirei tambem o futuro de te contradizer!

— São dois insultos que te não tolero!

— Pois has de tolerar, que são verdades! A segunda não t'a posso por em quanto provar; mas a primeira... essa demonstro-t'a!

— Mentes!

— Eu te digo se minto! No outro dia, quando eu conversava com Constança, porque é que nunca tiraste os olhos de cima de nós... sem que o seu mais leve movimento te passasse desapercebido? porque é que depois me entretiveste toda a noite fallando-me a seu respeito?... e finalmente porque começaste a lá ir sósinho sem receio das caçoadas, evitando o mais possivel a minha companhia?... O que era isto senão o embryão do amor?

— Bem! ha pouco negavas-me o direito de lêr no teu coração... agora sou eu que te prohibo de quereres penetrar no meu!

— Basta! Eu não pretendo devassar os segredos de ninguem; quero só mostrar-te que mentiste, proferindo o nome de minha irmã com amorosa expressão!

— Suspende, atrevido! que se não fôra...

— Mette bem a mão na consciencia e depois cala-te!...

Carlos parece que maquinalmente metteu a mão na abotoadura do collete, como para comprimir o coração que lhe pulsava descompassado; e talvez tambem maquinalmente calou-se! O pobre rapaz amava já D. Constança; e, se fôra o zelo pela felicidade de Adelaide quem lhe fizera criminar tão acerbamente as ligações do seu amigo com Carlota, hoje era um ciume arrebatado que fazia exprobrar-lhe o queimar-se na luz d'aquelle astro, de que elle era já tambem satellite!...

O novo amante de D. Constança acabava de conhecer que o coração, como musculo da vida organica, está fóra do imperio da vontade nos seus movimentos!

Estas noções de anatomia physica applicadas á anatomia esthetica do orgam central de circulação, residencia fixa do amor, devem ficar bem gravadas na memoria dos leitores para que nunca se atrevam a increpar de infiel e traidor aquelle, que, por lhe soprar vento rijo, mudou de rumo nas affeições. É que o olhar destas mulheres fataes parece uma especie de mr. Hume que electriza, arrebata, seduz e magnetiza todos que se submettem ao seu mysterioso influxo, sem que hajam protestos nem juramentos que

valham! Se é defeito é do coração ou antes do Creador, que o formou assim.

Descobriu-se pois a pedra philosophal e a palavra *infidelidade* vae ser riscada dos diccionarios amorosos!

A proposito! Já nos íam esquecendo os nossos dois infieis, collocados um defronte do outro, Carlos com a mão na consciencia e Ricardo com ellas nas algibeiras da batina.

O mysterio está desvendado! Carlos, sem saber porque nem porque não, fôra infiel á irmã do seu veterano, queimando incensos nas aras de outra divindade, e sem poder acreditar na transformação dos seus affectos, quando protestava amar inabalavelmente aquella, mentia com o coração... que não com a vontade. Era uma coisa que nem elle comprehendia... nem eu... nem talvez o leitor!...

Mas o caso foi que, apenas viu Constança, sentiu uma d'essas coisas, chamadas pelos poetas de agua doce *impressões de momento!* São estas uma especie de cocegas exercidas por mão invisivel sobre o tal musculo denominado coração, em que os physiologistas antigos, pondo a colera no figado e o amor da gloria nos pulmões, cóllocaram o amor á mulher, o qual jámais desalojou d'esta habitação apezar de ter visto os outros sentimentos pôrem escriptos na casa e mudarem-se quasi todos para o cerebro, onde por fim Gall tambem o quiz accommodar n'uma eminencia chamada a protuberancia occipital.

Salvas umas objecções, que, por inuteis, calarei,

deixo ao arbitrio dos leitores metterem o seu amor onde melhor lhes convier. Alguem conheço eu que o traz no *porte-monnaie*... junto com o dinheiro.

O caloiro, pois, desde que viu a mulher fatal do meu romance, ficou profundamente impressionado, e a pobre irmã de Ricardo retirou em ordem de marcha dos arraiaes do seu coração.

O mancebo declarou-se e não foi repellido. Um gesto que dizia *talvez*, lhe veiu annunciar que mais tarde ouviria o *sim*.

Meu dito, meu feito! Constança acceitou-lhe a côrte... e amou-o.

Sim! amou-o; o que em lingoagem de donzella *coquette* quer dizer... namorou-o.

Pois então seja assim! Namorou-o.

Quando dentro da sua alma se passava esse tumultuoso baralhar de idéas, que precede sempre os pronunciamentos revolucionarios do sentimento, recebeu Carlos uma carta da irmã do veterano, cuja influencia no seu espirito foi exactamente a oppostà á que a signataria desejaria.

O caloiro fôra até alli fiel por habito. Vendo a irmã de Ricardo todos os dias, tornando a vêl-a sempre e sempre, não lhe repugnando a sua convivencia, procurava-a quotidianamente, divinizava-a na sua imaginação e amava-a por costume; mas, uma vez ausente, na impossibilidade de a vêr, fixando a attenção n'outra mulher, tornava certo o ditado portuguez: «Longe da vista longe do coração.» Grande coisa é a ausencia!

Agora a explicação do motivo porque D. Constança deixára por Carlos o seu veterano.

A formosa e inconstante borboleta andava á procura de um esposo, a quem désse todo o thesouro do seu affecto; mas estava ella convencida que o seu coração pulsaria muito mais ardentemente envolto em custosas sedas, balouçando sobre as molas de uma boa carroagem, aquecendo-se nos mil lumes de um faustoso baile, do que entre os monotonos e limitados gozos de uma honesta medianía; e porisso o deus pluto foi buscar o seu amor ao coração de Ricardo para o conduzir de braço dado ao do caloiro, de cuja posição pecuniaria ella tivéra mais lisonjeiras informações. Este foi o motivo, segundo dizem, por que D. Constança, captiva dos encantos de Carlos e amada por elle com toda a ardencia do seu novel coração, não podendo occultar-lhe coisa alguma, lhe fizéra as revelações de que resultou a acalorada discussão entre os dois; mas eu, cá por mim, ninguem me tira da cabeça que aquella confidencia da filha de Duarte ao caloiro foi... para fazer espirito á custa do pobre Ricardo!...

XXIII

Intrigas

Carlos da Cunha e Mello não obrava como cavalheiro! Aos vinte annos, edade em que a alma abunda mais em sentimentos nobres, é tambem quando de mistura se encontram mais repentes de sangrentos odios ou de vinganças mesquinhas, de que debalde vem depois o arrependimento, que, por tardio, de ordinario para nada presta. N'esta edade, se não se concebem os planos tenebrosos de um Rodin, nem ha a persistencia na sua execução, vêm ás vezes os arrebatamentos de um d'Artagnan, que pela irreflexão arrastam na corrente das imprevistas consequencias aos actos da mais vil baixeza!

E o amor-proprio, e o capricho e o ciume são então os mais poderosos inimigos do cavalheirismo. E eram elles que, em infernal trio, diziam ao ouvido de

Carlos que devia comprometter o seu amigo, porque este não reconhecia os beneficios feitos por seu pae, porque não attendêra ás suas severas reprehensões e finalmente porque amava uma mulher que elle tambem amava loucamente, e pela qual se tornaria um Stenio ou um Raphael se podesse ter a candura do amante de Lelia, ou o sentimentalismo do adorador de Julia. Estas suggestões eram muito fortes e ponderosas, aguilhoadas principalmente por esse affecto consagrado a D. Constança, e que eu não sei bem se se podia dizer mais forte se menos forte, que o amor singelo e suave votado outr'ora á irmã de Ricardo.

O distincto escriptor contemporaneo, Camillo Castello Branco, no seu romance *O Homem de Brios* diz:

«Amar é sentir de dentro para fóra; ter paixão é sentir de fóra para dentro.»

Ora, pela theoria do calor central, no amor irradia-se esse fogo sagrado do centro para a circumferencia, onde apenas chega um calor suave e deleitoso que embriaga os sentidos; na paixão, pelo contrario, o *eu* está rodeado de uma chamma intensa, que deve deixar profunda sensação de ardor na peripheria; e é porisso que julgo haver mais quentura no primeiro, e mais violencia no segundo.

Mas perguntar-me-á agora algum estudante novato na physiologia do coração, como ouso eu considerar esta theoria verdadeira, se ella não explica todos os phenomenos do sentimento, como o prova o proprio Ricardo, que sentia por Adelaide, por Constança e por Carlota?

Seria o sentimento por esta última egual ao que tributava á primeira? Deus nos livre! E ao que consagrava á segunda? Tambem ainda não!

Leitor! nas *Viagens da minha terra* do immortal Garrett conhecerás em como ha tres especies de mulheres... a que se ama, a que se admira, a que se deseja; e se queres que a theoria do romancista coevo se amolde a todas as circumstancias, faze-lhe uma pequena ampliação. Amar, diz elle, é sentir de dentro para fóra; ter paixão é sentir de fóra para dentro... agora acrescenta: ter desejo é sentir na peripheria, sem que o calor se irradie para o centro.

D'aqui se deduz como corollario que só o sentir centrifugo é esse doce calor que alenta sem consumir, pois em quanto ao centripeto e ao peripherico abrazam sem alentar, e se muitas vezes tomam violencia, é só para comprometter o homem, por elles arrastado, com o mundo, e quem sabe... se com o céu...

Foi o que aconteceu a Carlos ao vêr extinguir-se o amor que consagrára á irmã do seu veterano, trocado pela paixão que sentia agora por D. Constança.

No dia seguinte ao das explicações com Ricardo trotava sobre a mala-posta uma proclamação incendiaria, que, á maneira de bombarda, se devia partir em estilhaços. Esta maquina infernal ía chrismada com o singelo titulo de carta familiar; composta de tres folhas de papel, uma para seu illustre progenitor, outra para o de Ricardo e a terceira para a irmã d'este com um appenso para Adelaide.

Foi uma lanterneta que rebentou em casa, espalhando para cada lado um raio de destruição.

O pae de Carlos, para quem vinha sobrescriptada a epistola, tinha ido procurar Manoel de Aboim para saber noticias de Coimbra, porquanto seu filho, afóra a primeira carta, em que só lhe dizia ter chegado bem, não tornára a escrever. A familia, que conhecia a anxiedade do bom pae, sabendo que elle estava em casa de Aboim, mandou-lhe a carta logo que o correio a trouxe, e elle, recebendo-a e abrindo-a com enthusiasmo, foi dividindo as parcellas pelas pessoas a quem eram dirigidas.

Leram todos ao mesmo tempo.

Um gelado physionomista, que analysasse impassivel as modificações experimentadas por aquelles rostos ha pouco tão satisfeitos e alegres, ao passo que se lhes ía desdobrando diante dos olhos o panorama terrivel contido n'aquellas cartas, ter-se-ia depois ído gabar que conhecera nos angulos e nas linhas do systema de Lavater, que os tres mudos personagens assistiam a um drama de sangue, cujo desenlace devera ser a loucura... o suicidio... ou a clausura monachal, taes eram as contorsões e caretas dos dois velhos e da menina.

O physionomista porém enganava-se... como todos os physionomistas!

Comtudo uma dôr pungente e lancinante atravessára o coração d'aquellas tres victimas do foguete á *congreve*, mandado pelo correio. Houve por algum tempo silencio apenas interrompido por uns guinchos

suffocados da menina, que começava a limpar os olhos ao lencinho de cambraia.

— Então que diz a isto? — perguntou Aboim ao seu amigo.

— Rapaziadas! rapaziadas!

— Não! isto são mais do que rapaziadas, isto são maroteiras, com as quaes um pobre pae é que soffre, apoquentando-se por desejar ver um demonio destes n'uma posição decente e elle a desperdiçar a saude e o dinheiro que tanto custa a grangear... e ainda se fôsse o d'elle... mas o que lhe dão por esmola... por compaixão!

E aqui a voz do pobre velho balbuciava e tremia como aconteceria á da menina se fallasse.

— Isto são tributos que todos pagam, meu caro sr. Aboim! Não se apoquente nem falle mais em tal.

— Que me não apoquente! É impossivel! O meu amigo falla assim, porque tem um filho, que lhe não deshonra os cabellos brancos como o meu! Isto custa e custa muito!

— Tem razão! mas não dê essa importancia ás loucuras de seu filho, que a não merecem. Deixe-o... que elle voltará ao bom caminho. Mande-lhe uma boa reprehensão, que isso não se perde, e verá como o rapaz toma juizo.

— E então agora não lhe quer retirar a mezada?

— E porque motivo? Não lh'a prometti eu até elle se formar?... Elle tem tido aproveitamento e porisso não tenho razão de me arrepender. Loucuras todos as fazem!

— É um excellente amigo! Não sei como lhe pósso agradecer todas as obrigações que lhe devo...

— Deixemo-nos d'isso, meu caro! O rapaz já fez acto e vem por ahi qualquer dia: os seus conselhos, e a corroboração dos bons principios, em que a sua familia o educou, fal-o-ão tomar emenda dos seus desvarios... E agora adeus, meu querido sr. Aboim! Vinha saber noticias de meu filho, que estava com cuidado n'elle, mas como já sei que está bom, vou-me chegando á Praça do Commercio. Adeus meu amigo até logo! Sr.ª D. Mathilde, um seu criado.

A irmã de Ricardo levantou-se para corresponder á despedida do pae do caloiro; seu pae fez outro tanto e Cunha e Mello saiu.

— Ó papá, será verdade tudo quanto Carlos nos manda contar do mano? Eu parece-me impossivel... É verdade que tambem elle não tinha precisão de estar a inventar.

— Eu sei lá em que acredite, filha! Tambem me parece incrivel que teu irmão se esteja a portar tão mal; e o que mais me admira é que, sendo Carlos o íntimo amigo de meu filho, fôsse elle tão prompto a denuncial-o!...

— Mas elle não mentia!...

— Quem sabe! filha! custa-me tanto a crer que teu irmão esteja assim prevertido... Emfim! veremos.

Era o último recurso que o tribunal do amor paterno buscava antes de proferir a sentença! Os paes são sempre assim! rebeldes ao convencimento das

acções más, imputadas a seus filhos, pedem em última instancia ao futuro mais uma prova. Mas, se Manoel de Aboim não acreditava metade do que o caloiro lhe mandava dizer, pelo contrario o pae d'este convencia-se que seu filho fôra muito indulgente ainda com o veterano, e que o libello accusatorio não dizia nem metade das culpas. Lá com os verdadeiros motivos que tinham levado Carlos a denunciar assim o seu amigo, é que tanto um como outro estavam bem longe de atinar. O pae do réu acreditava ser despeito por alguma applicação menos boa que seu filho désse á mezada, e Fernando de Mello estava bem convencido que só o sentimento nobre do seu Carlos desejar ver Ricardo trilhando o caminho da honra o impellira a uma tal acção.

Pois não era com certeza! O leitor bem o sabe.

Para Manoel Pereira de Aboim fôra este um golpe terrivel, já pelo desgosto de ver Ricardo accusado, já pelo receio de que, continuando o caloiro a dar tão más informações do seu procedimento, o pae d'este lhe retirasse a mezada... e adeus formatura!...

Ora, em abono da verdade, deve dizer-se que Fernando de Mello tivéra essa idéa apenas leu a carta, já porque ninguem gosta de dispender inutilmente o seu dinheiro, já porque, sendo elle interessado, quando dava a mezada a Ricardo, em ter um pedagogo para seu filho, esse interesse se tornava nullo apenas os dois estudantes se desaviessem e o veterano deixasse de ser o protector... do seu protector... como diria o author dos *Crystaes d'al-*

ma. Todavia sobresteve n'essa immediata resolução, não só por um sentimento de generosidade balofa, ou antes de ostentação philantropica, como tambem pela consideração de que, devendo o rapaz voltar para Lisboa ainda n'aquelle mez, ficava *suapte natura* suspensa a mezada até ao futuro anno lectivo, e durante as ferias haveria tempo ou de compôr os dois estudantes, ou de retirar a graça ao veterano rebelde aos deveres da pedagogia.

Como isto de ser pedagogo é coisa que se póde tomar em varios sentidos, eu que não gosto de emburilhadas com os leitores, gente severa na crítica e inflexivel nos juizos, vou-lhes dar a necessaria explicação do vocabulo tomado na accepção conimbricensemente stricta. Segundo o diccionario de Fonseca que julga a palavra synonymo de aio e de mestre, em Coimbra partilha o pedagogo de ambas as propriedades, e é meio criado meio preceptor; mas a essencia essencial do pedagogo academico outra é que ao bom Fonseca esqueceu no fundo do tinteiro.

Ora supponha o meu leitor que um pobre estudante mediocremente intelligente, depois de esgotar todos os mananciaes de receita, encontra o filho de algum illustre ou opulento titular, recentemente chegado a Coimbra, que lhe offerece casa, cama e mêsa, além de uma boa gratificação mensal para dirigir o menino nos seus estudos e vigiar a sua applicação... acompanhando-o por toda a parte, para o resguardar dos perigos que cercam sempre o caloirinho. Eil-o que acceita gostoso as condições; e can-

tando lôas ao papá ácerca do adiantamento de seu filho, e acompanhando a illustre vergontea com menos rigor de áio do que o prototypo Egas Moniz, lecciona o joven estudante para que elle sáia bem dos seus exames, faz-se excessivamente sabujo para captar a benevolencia do pae e do filho, e vae comendo a dois carrinhos... recebendo bons presentes, tendo augmentos na gratificação, attenta a sua solicitude... em bajular, e finalmente, se um dia quer trepar aos doutoraes universitarios, encontra n'um ou n'outro, um padrinho que lhe corre com as despezas do doutoramento! Então não é uma mina?

Eis descripto o typo do pedagogo academico, genero que não póde caber n'uma só especie, porque, tendo variantes e modificações, tambem precisa subdividir se em variedades, cujos caracteristicos mais frisantes comtudo são os que deixei enunciados.

.....

E Manoel de Aboim e sua filha ha tanto tempo pespegados um defronte do outro sem dizerem palavra!...

É que as grandes dôres tiram a falla; e o espirito concentra-se em si mesmo, ruminando nas causas do seu soffrimento. Assim acontecia ao pae e á filha. Cada um pensava no desgosto que lhe pungia na mente; até que a final Manoel saíu sem dizer nem mais palavra á sua Mathilde. Esta apenas se viu só, levantou os olhos ao céu e começou a chorar com mais força; depois tirou do seio, (especie de boceta de segredo, onde as mulheres guardam tudo, que

querem tornar inviolavel) a carta do seu noivo; tornou-a a ler, tornou a chorar; leu o appenso para Adelaide, choramigou ainda mais, e lá coisa de dizer palavra... nem por sombras!

É preciso que se descubra o véu mysterioso que tamanha dôr occulta! Sería acaso só a noticia das extravagancias de seu irmão, que assim fazia affligir a lacrimosa menina? Não parece muito provavel que um coração de desoito annos, e além d'isso do sexo feminino, se commovesse até tão copioso pranto só por quatro disparates, feitos em Coimbra por seu irmão! Nada! alli andava tramoia que é preciso deslindarmos! Vamos a ver se pilhamos a carta fatal e se por ahi descobrimos alguma ponta da tal meada!...

Tal e qual! Ella cá está!

Lêde!

«Minha Mathilde»

«Na realidade, tens um mano que te honra mui-«to!... Tem dois namoros n'esta terra, qual d'elles «mais escandaloso, e de mais a mais tratou-me com «desprezo logo que aqui cheguei e que para cum-«prir o teu desejo e o de Adelaide o reprehendi, «usando do direito, que para isso me davam os bene-«ficios feitos por meu pae á tua familia. Junctou a «insolencia á ingratidão, pelo que eu me resolvi a «desmascaral-o aos olhos de teu pae, do meu, e de «Adelaide de quem tenho muita pena e a quem peço «que entregues o bilhetinho incluso. — Teu do cora-«ção — Carlos.» — «P. S. Não sou agora mais ex-

«tenso porque estou zangadissimo. Eu estou bom, «estimo a tua saude, saudades a todos...»

Estas últimas palavras foram escriptas com tal pressa que as tornava quasi inintelligiveis!

Carlos era a segunda vez que lhe escrevia e nem uma só palavra de amorosa dedicação lhe enviava! A carta era mais fria do que uma noite de inverno na Serra da Estrella! até lhe não perguntava pela saúde, quando ella lhe mandára dizer que estava muito doente... com saudades (piedosissima mentira que elle todavia tinha rigorosa obrigação de acreditar!) Via-se pois que escrevêra com muita pressa e, como elle mesmo confessava, debaixo de um sentimento predominante: logo elle precisava de socego para lhe fallar de amor: logo esse amor era mentiroso e calculado: logo era elle traidor: logo ella era infeliz: logo devia chorar a cantaros... última conclusão a que chega sempre a logica das Echos de sáia-balão quando os seus Narcisos de frac as abandonam!

E Mathilde a chorar e nós sem a consolarmos!... É forte malvadez!

Não chore, minha senhora! que não vemos para isso motivos sufficientes.

«Pois vejo-os eu, que tenho esse sexto sentido admittido por alguns physiologistas, sentido íntimo que nos adverte dos males por vir, e que na sciencia se chama *cor praesagum.* Ah! vós não acreditaes no dom da *clairvoyance?* pois acredito eu, que tenho as provas. Não vedes esta carta tão gelada, sem uma

palavra de amor? pois bem! esta é a lingoagem de um homem, que, esquecendo os seus juramentos, foi já prestar culto nos altares de outra divindade... e que só me escreve, accusando aleivosamente meu irmão, para achar um pretexto de desquitar duas familias tão unidas, e poder assim quebrar as solemnes promessas, que a nossos paes fizera, de me desposar logo depois de formado!...»

Soceguem, porém, os meus leitores e não vão acreditar que D. Mathilde sabía latim ou physiologia!... Não, senhores! Isto sería apenas o que ella nos responderia, se nós effectivamente a houvessemos interrogado e ella soubesse que a sciencia encobria debaixo de um pomposo palavrão latino um facto de todos conhecido, por muitos experimentado e de cujo complexo resulta essa especie de previsão ou presciencia de que o povo é dotado, e que o nosso insigne A. Herculano dá como origem do ditado vulgar: «voz do povo, voz do diabo.»

Mas a irmã de Ricardo, se não sabía latim nem physiologia, tinha sufficiente conhecimento da inconstancia dos namoros e das traições amatorias para ver n'aquella carta de Carlos a symptomatologia dos prodromos d'essa molestia chamada infidelidade... molestia que de ordinario começa pelo periodo algido, sem que hajam reacções possiveis que lhe valham!...

Tal foi o effeito das tres cartas, que o caloiro escreveu de Coimbra a 8 de agosto de 185*, fechadas em um sobrescripto só dirigido a Fernando da Cunha e Mello. Outra escreveu elle na mesma data,

da qual resultou que D. Constança batesse com a janella na cara de Ricardo, quando este ía para a comprimentar!

Fôra uma infamia de Carlos, mas se sabeis o que é ciume... perdoai-lh'a!...

XXIV

A senhora visinha e a sua boa lingua

Carlota continuava a chorar o desprezo do seu antigo amante e... salvas ligeiras excepções, não lhe fôra ainda infiel; porquanto ainda alimentava a esperança de tornar a entrar triumphante n'essa casa da Rua dos Grillos, d'onde saíra derrotada.

A filha da sr.ª Maria, além d'essa faisca de sentimento que a prendia ao estudante, e a qual não sería tão forte que se não apagasse, afogada na lympha pura de alguns cruzados novos em prata, ainda tinha outro motivo mais ponderoso para não querer deixar assim o seu Ricardo. A boa moça sabía que este era louco por ella e que sempre lhe fôra submisso, excepto n'aquelles tempos ulteriores ao baile em que o endiabrado encontro com D. Constança lh'o prevertêra; por conseguinte, se alguem havia no seu

caso, que podesse d'ahi esperar vantagens para o futuro, era ella com certeza.

«Pois que poderia esperar esta mulher?» me perguntarão agora furiosas as mães-de-familia, se por um acaso o meu livro lhes chegar ás mãos... o que era de certo muito util, para que as respeitaveis matronas conhecessem bem todos os perigos a que ficam expostos os seus caros filhinhos, quando, desamparados da sua vigilancia, vão entrar na vida de estudantes.

Ora imagine a minha leitora que Ricardo continuava a viver com a mencionada rapariga, que a sua affeição por ella ía crescendo e que depois de formado, não tendo coragem para uma separação, a levava comsigo, arbitrava-lhe uma pensão por toda a vida, apresentava-a á familia como donzella honesta que elle tinha tido a infelicidade de seduzir em virtude do mais ardente amor, e em fim ou por seus paes engolirem a pilula, ou por livre e propria vontade, ou por consideração para com os filhos, se os tivesse, casava com ella...

«Aqui d'el-rei! plagiario!» exclama do outro lado o joven leitor, que acabou na semana passada de ler *La vie à vingt ans.* «Larga essas considerações que pertencem a Alexandre Dumas, filho, e não faças da tua Carlota uma parodia insôssa da sua Antonia, dançarina napolitana, que deixa muito a perder de vista a filha da servente de Ricardo!

Consciencioso leitor! volve ao principio da obra e lê-lhe a introducção, coisa tão indispensavel hoje, que

os authores já d'isso prevenidos é o ponto em que mais se esmeram de modo que alguns seriam excellentes... se não tivessem passado da introducção!... volve pois, leitor ao começo do livro e ahi verás como eu já te demonstrei até á saciedade que a vida aos vinte annos é a mesma em Paris como em Lisboa, em Coimbra como em Montpellier!... além de que tal ambição de casamento n'estas mulheres, que no fim de contas sempre detestam a sua vida miseravel de abjecção e de desprezo, não é privativa d'este ou d'aquelle paiz; é uma aspiração ao socego de espirito, que a todas sorri nos encantos da familia e aos regalos da abundancia, que nos verdes annos de uma juventude rica de privações as fizera rolar nos despenhadeiros do abysmo.

Accresce ainda além d'isto, e em abono da minha boa fé de narrador veridico e não de plagiario de idéas alheias, que, se os factos que Dumas nos diz alimentarem a esperança da filha de m.me d'Orbini são rarissimos, os que davam á filha da sr.a Maria o direito de esperar são o mais frequentes possivel!

Já vê, portanto, o leitor e a leitora que não só as esperanças de Carlota não eram infundadas, mas tambem, que ellas não são uma copia servil das da amante de Emmanuel de * * *

E estes motivos faziam conservar fiel a nossa Carlota, que desolada e triste, carpindo saudades, qual solitaria rola viuva de affectos, passava os dias e as noites não em eternos e interminaveis prantos, mas em interminavel e eterna semsaboria!

Foi para se distraír da insipidez em que vivia sósinha na casa de sua mãe e sustentada do que esta lhe levava quotidianamente da mêsa de seus amos, que ella tomou para a sua companhia um garotinho, muito esperto, muito loirinho e muito engraçado, de dois annos de edade, sempre com o sorriso nos labios, e sempre exposto á intemperie das estações.

A boa da rapariga affeiçoou-se áquella belleza entre farrapos, e começou a trazer o pequenito senão com luxo pelo menos muito aceadinho, com grande prazer da mãe, pobre mulher que apenas no trabalho de todo o dia ganhava escassamente para si.

— Quem é esse menino?—lhe perguntou um dia uma sua visinha.

— É o filho da Joanna.

— Pois v. m.ce tem essa peceta em casa?

— Porquê? coitadinho!

— Não! olhe que, se saír á lambisgoia da mãe, sempre lhe digo que ha de ser de se lhe tirar o chapéu... Que lingua! menina, que lingua!... Aquillo é capaz de dizer mal de Deus nosso senhor Jesus Christo!

— Coitadinha da creança! Que culpa tem elle do que é a mãe? Eu tenho dó d'este innocente cada vez que me lembro do modo como o pae o abandonou.

— Tudo aquillo foi por causa da mãe! O homem começou a embirrar com ella e safou-se para a terra sem lhe dar mais cavaco. É o que as mulheres fazem; enchem-se de filhos e depois é quem carregam com elles... porque os homens... Mas é bem feito!... tudo foi pela má cabeça d'ella... a Joanna a avisei eu

muitas vezes que tivesse juizo, que visse se arranjava um maridosinho decente e que se não mettesse com estudantes... que é tudo uma córja, que o que querem é fazer a desgraça de uma pessoa! Ella não quiz ouvir os meus conselhos... caíu! agora lá se arranje!

— Mas coitada! a pobre rapariga tambem foi logo infeliz, porque o tal estudante não só lhe não deu nada, nem a tirou nunca da sáia e roupinhas, mas a final abandonou-a assim!

— E dizem... valha a verdade! que lhe devia... apezar que eu cá... em fim não sei!... ouvi cá uns certos zun-zuns com um alfaiate lá de baixo... Finalmente cada qual lá sabe as linhas com que se cose!

— Fôsse lá o que fôsse! se queria deixar a mãe ao desamparo, ao menos tomasse conta do filho e não deixasse andar por ahi... coitadinha! a pobre creança... descalcinha e com fome em quanto elle está a ganhar dinheiro lá na terra! Ao menos o pae d'elle foi mais generoso que o educou á sua custa, e chegou a mandal-o formar.

— Pois elle tambem é?... Ai! muito me conta, visinha! ora esta! com que então o tal senhor doutor... tambem!...

— Pois v. m.ce não sabía, sr.a Joaquina? Elle é filho de uma familia... assim a modo afidalgada, mas é bastardo!

— Ora! ora não se dá uma coisa assim! E o tal melro sempre a arrotar postas de pescada com as suas fidalguices, e a final elle tambem é dos taes!...

— É como lhe conto.

Aqui interrompeu-se o curioso cavaco porque um homem, navegando de bombordo a estibordo, com o chapeu um pouco á bolina e como quem se dispunha a deitar carga ao mar, acabava de transpor os umbraes da porta onde estava a sr.ª Joaquina. Era o marido.

Triste é o mister de quem escreve scenas contemporaneas de uma vida tão fertil em aventuras inacreditaveis, que tem de andar sempre a cortar o fio das suas idéas e a moer os respeitabilissimos leitores com repetidas explicações! Mas que remedio, se eu já prevejo que me vão censurar de pouco veridico, por ter posto uma mulher que dá conselhos de virtude a cavaquear amigavelmente com uma rapariga d'aquella ordem! É que, em despeito do conselho que lord Chesterfield dava a seu filho, em Coimbra, muitas mulheres de vergonha, e não só da classe baixa, acreditando que o contacto não macúla senão quem se quer sujar, fallam com estas pobres raparigas, e admittem-as até em casa com tanto que ellas se portem bem!... E além disso a conversação versava sobre a vida do proximo e em tal assumpto a sr.ª Joaquina, apezar dos preceitos do seu padre confessor, entreteria cavaco até com o diabo em pessoa!

Pena foi que a chegada do marido viesse cortar aquelle dialogo,. que promettia proficuas considerações moraes ácêrca do abandono em que o pae deixára o engraçado menino loiro!...

E as mulheres tinham razão! Esse proceder de muitos rapazes, que assim abandonam ao desamparo o

fructo de uma loucura, que elles fizeram criar debaixo da sua vista, e a quem deram o seu carinho na primeira infancia, é um proceder revoltante!... Antes o infanticidio! ou mesmo a roda... especie de infanticidio indirecto quasi sempre... ou quando muito infanticidio social, porque o engeitado é um ente quasi morto na communhão das garantias da sociedade!

Antes o infanticidio que dá um anjinho aos céus, do que o abandono que póde dar um perverso ao mundo!...

XXV

A victima dos inimigos do corpo

Deus compadeceu-se, porém, do anjinho e não quiz mais soffrimentos ao martyr, cujo unico crime era ter um pae cruel, que deixava aquella parte da sua alma confundida no lodaçal dos vicios em que se revolve a ínfima classe! Deus não consentiu que o pacifico emissario das aberrações paternas fôsse levar ás profundezas de uma enxovia ou ás alturas de um patibulo uma vida, que sería má, porque a sociedade não soubéra tornal-a boa!...

No dia seguinte áquelle em que se passou a sçena descripta no anterior capitulo, uma febre intensissima prostrou as forças da pobre creança e tres dias depois o seu corpinho tão claro e tão macio, as suas feições tão regulares e tão bellas tudo estava informe e medonho pela invasão d'essa terrivel molestia,

d'esse flagello da humanidade, chamado bexigas. Por infelicidade, ou quem sabe!... talvez por felicidade a creança não fôra vaccinada.

Lentamente se lhe consumia a vida e Carlota, que estava aterrada, mandou logo chamar Joanna, querendo que se prestassem todos os soccorros ao pobre menino; mas a mãe, no seu estado de bestial ignorancia, incredula da medicina, com aquella incredulidade parva tão frequente no povo, recusou-se a chamar medico, com a fórmula sacramental de religioso fatalismo, que havia de acontecer o que Deus quizesse. O mal progredia. Descuidos e falta de tractamento fizeram recolher o terrivel exanthema, que, tolhido na sua marcha regular, mais se exacerbou nos seus effeitos. Carlota suppoz então que era mal de olhado que tinham dado ao menino, e lembrou á mãe de o levar a casa de uma bruxa para lhe cortar o quebranto. E a pobre creança trescaldando com febre lá vae, debaixo do capote de sua mãe á immunda possilga de uma d'essas mulheres, que especulam com a credulidade do povo, levantando espinhelas, deitando cartas, fazendo e desfazendo casamentos, e adivinhando o porvir!

Depois de executadas as evoluções do sobrenatural poder, que o caso pedia, a nova sybilla foi nas cartas consultar o futuro da creança e tres vezes o quatro de espadas veiu apoz o rei e valete de oiros, em que havia marcado a infeliz víctima dos seus vaticinios. Não havia que duvidar! Era irrevogavel a sentença. O menino devia de perecer.

Um resto de senso-commum, que ajuda se não tinha extincto no miôlo de Joanna, porque n'aquelle momento o illuminava a esperança, esse pharol que nunca morre, lhe fez considerar o oraculo como mentiroso e a vaticinação ridicula... o que todavia a não livrou de pagar a competente espórtula de doze vintens.

Voltou para casa a pobre da mãe desconsolada e triste, porque em todo o caso bem mais desejára que a sentença de Cassandra fôsse propicia ao seu filhinho, a quem, apezar da sua natural rudeza, consagrava esse affecto a nenhum outro comparavel... o amor maternal.

Foi este sentimento, que nos extremos, em que se via, a obrigou a recorrer á medicina e para esse fim mandou chamar o celebre Ludoviuo Pelludo, máo barbeiro, peior sangrador, enfermeiro menos que soffrivel, nullo cirurgião e medico abaixo de tudo o que se possa dizer. Chegou este filho bastardo de Esculapio, fez quatro garatujas para a botica, levou a competente moéda de seis vintens, e foi-se embóra muito satisfeito, suppondo ter salvado uma vida, quando, se a molestia tivesse dado tempo ao innocente de beber metade do remedio, de certo não morria d'ella, (da molestia, se entende, porque da metade do remedio isso era infallivel!)

Não estava porém coroada a obra! A sr.ª Joaquina, como boa visinha, correu tambem a prestar os seus soccorros e os seus conselhos. Levada pelo espirito ridiculamente ascetico que a fazia chefe do beaterio

de todo o bairro alto, declarou logo que era mal que tinham feito ao menino, e que porisso era preciso leval-o a um padre que lhe fizesse a reza; offerecendo-se até de o levar ella mesma ao seu confessor, sancto varão, inimigo furibundo do cão tinhoso (nome que ella dava ao espirito das trevas, para não conspurcar os labios com o seu verdadeiro nome) e que era um homem, coisa brava em rezas para cortar a bicha, fazer exorcismos e curar sapinhos!

Á vista pois de tão grandes habilidades, a mãe, levada pelo espirito de esperançosa religião que, nos momentos de angustia, aníma todos e com especialidade o povo, consentiu que o seu menino fôsse a benzer.

No entretanto uma visinha um pouco mais razoavel, conhecendo o perigo em que se achava aquelle pobre martyr dos prejuizos populares, foi chamar um dos estudantes de medicina que poucos dias antes se tinha formado e que era seu conhecido.

O novissimo doutor foi logo e não encontrou o pequenito em casa.

— Então que é da creança? — perguntou elle a Joanna.

— Ai! senhor doutor! Disseram-me que talvez fôsse mal que alguem quizesse ao meu menino e porisso mandei-o alli a casa do sr. padre para m'o benzer.

— Ora valha-a Deus, mulher! Pois então você manda a creança á rua n'esse estado?

— Ah! não tem dúvida! elle foi muito embrulhadinho.

— Pois então, se quer que o veja, mande-o chamar.

— Agora não é possivel, senhor doutor! Então quer que fique a reza em meio!

— Então que tem isso?

— Ai! isso não! que não tem valor... e para a começar de novo tenho de pagar outros doze vintens e bem vê que a gente não pode estar assim a gastar!

— Pois o padre leva-lhe dinheiro por benzer a creança?

— É como diz! não se lhe pagando, diz elle, que não têm valor as rezas!...

A conversa findou aqui, porque o menino acabava de chegar. O recente bacharel-formado viu-o e reconheceu que o facho da vida lançava apenas os últimos lampejos. Fez o interrogatorio sobre os precedentes da molestia, e Joanna mostrou-lhe a receita do sr. Ludovino.

— Que maroto! — exclamou o doutor — Para que chamou você este borra-botas?

— Ai! senhor, disseram-me que era muito bom medico.

— Quem! o barbeiro?

— Sim, senhor! Que sabe muito da coisa... e depois leva só seis vintens por visita.

— E você não tinha ahi muita gente que lhe visse o menino de graça, sua estupida!

— Ai, senhor, não gosto de encommodar.

Esta pergunta era razoavel, pois além dos muitos medicos que vêem por caridade a gente pobre de gra-

ça, os estudantes do quinto anno medico por costume não levam nada a ninguem.

Acabado o interrogatorio, o novo facultativo disse-lhe o que havia de fazer, mas a pobre mãe leu-lhe na physionomia a sentença fatal para o seu filho e, no excesso da dor, exclamou:

— Ai! o meu menino morre! bem m'o tinha adevinhado a bruxa!

— Ultima das maroteiras! — bradou o medico, saíndo horrorisado pela escada abaixo.

No dia seguinte a morte fazia certo o prognostico do facultativo e os córos dos anjos recebiam de braçinhos abertos aquelle martyr, cuja alma candida só a Deus pertencia, embora no mundo alguem se lembrasse de expulsar d'ella o demonio.

A bruxa ficou mais acreditada nos seus vaticinios e continuou a esfolar os últimos reaes aos parvos; e o contrabandista da saude do povo... esse... contou mais aquelle caso infeliz na sua clinica.

E quem devia ter os olhos abertos a dormir!

A dormir estarão tambem os meus leitores... infastiados d'este capitulo.

Se poucos o egualam em semsaboria... nenhum o excede em verdade.

XXVI

Reconciliação

Ricardo recebeu uma carta de seu pae, em que lhe dava a mais severa reprehensão pelo modo como elle se portava em Coimbra, e mórmente por ter desagradado ao filho do seu protector. O nosso heroe ficou banzando ao ver a traição de que o seu amigo de infancia usára para com elle. Interpretrou então a desfeita de D. Constança com que até alli scismára, e, mais tomado de admiração do que de verdadeiro amor pela filha de Duarte, sentiu enregelar-se-lhe o coração com um frio sepulchral pela affronta que recebêra; e assim terminou para elle aquelle fogo-fatuo de uma paixão transitoria da mocidade.

Restavam-lhe ainda duas coisas a fazer: vingar-se da desfeita, e da traição!... d'elle que urdira tão negra intriga, e d'ella que assim matára aquelle namo-

ro, que lhe tinha custado quatro vintens de dois charutos de pataco; dois tostões de duas folhas de papel e sobrescriptos arrendados; um vintem de tafetá inglez para pôr n'uma arranhadura maior, que Carlota lhe fizera no momento da briga; dez réis de alvaiade, para dissipar as nodoas da cara, feitas na mesma occasião; tres tostões de meias solas gastas a passear para cima e para baixo defronte das janellas, e um pinto á mãe de Lucinda. De toda esta despeza colhera o nosso amigo o fructo de ter dado um beijo na mão de D. Constança... Dava-a por bem empregada!

Eis, portanto, Ricardo com um dos beliches em que estava dividido o seu coração devoluto pela saída de D. Constança... um só, digo, porquanto Adelaide ainda occupava a primeira camara, assim como Carlota lá tinha o seu logar n'um cantinho do porão.

E o que será feito a estas horas de uma e d'outra?

Adelaide carpia saudades do seu ingrato e bordava um tapete a *petit-point*. Carlota chorava pelo pequenito, suspirava pelo seu amante e fazia umas meias de algodão azul e branco.

E no meio de tudo isto Ricardo levantava-se, comia e dormia, para no dia seguinte se tornar a levantar... a comer... e a dormir. Fallava pouco com o seu caloiro, a quem o prendiam as considerações que o leitor não ignora; e, tendo respondido á carta de seu pae, protestando-lhe a sua completa regeneração no modo de vida, lhe ponderou que visto Carlos ficar as ferias em Coimbra, deveria ficar tambem a

acompanhal-o, se isso fôsse da vontade do pae d'elle, a quem se devia consultar a tal respeito.

O caloiro não dava importancia alguma ao seu veterano, vivia com elle por guardar conveniencias; mas saía todas as tardes só, para se ir metter em casa de Constança a conversar ou a jogar o voltarete até á meia noite, e depois ao recolher escrevia ainda. debaixo das doces impressões do serão as mais apaixonadas cartas, de que era elle mesmo no dia seguinte o portador.

As coisas assim corriam ás mil maravilhas. Manoel de Aboim acceitára as desculpas de seu filho, em que elle acreditára como n'um evangelho; Fernando da Cunha e Mello, em antithese com elle, acreditando a accusação toda e nem uma palavra de defeza, torceu um pouco o nariz a ter de esportular a mezada por todo o tempo de ferias, mas por um resto de condescendencia sempre annuíu; e Ricardo recebeu uma carta, em que, de envolta com grandes exhortações paternas, lhe vinha a noticia de poder ficar em Coimbra, com a condição porém de viver na melhor harmonia com o filho do seu protector.

Carlos, logo que soube isto, escreveu a seu pae dissuadindo-o de continuar por seu respeito a patrocinar o veterano, porquanto nem havia caçoadas, nem elle precisava de quem o dirigisse; todavia Fernando, como já tinha dado o seu consentimento, não quiz tornar com a palavra atraz, contentando-se em ficar de atalaia para, á primeira causa que Ricardo désse, retirar-lhe a mezada.

O caloiro ficou contrariado com a primeira parte da decisão de seu pae, mas, antevendo facilmente a segunda, concebeu logo o plano de novas intrigas que fizessem saír de Coimbra o veterano, cuja presença o incommodava, já pelo receio de que D. Constança lhe tornasse a dar attenção, já pela persuasão de que elle, por uma justa vingança de represalia, mandasse contar para as suas familias a continuação dos seus amores com a filha de Duarte, de um modo que o podesse comprometter.

Não acontecia porém assim! Ricardo, livre dos grilhões, que D. Constança por um momento lhe lançára, e das obrigações de protector academico, que o seu caloiro lhe dispensava, esquecendo a ingrata e o seu rival na mais reciproca ventura dos seus amores, decidiu finalmente dár attenção á sr.ª Maria, que ha mais de quinze dias mostrava claramente que estava rebentando por lhe fallar de sua filha.

Chegou a occasião! N'uma noite em que elle ceiava só, porque o caloiro se demorára em casa de D. Constança, a velha servente, depois de suspirar duas vezes, tossir tres, e cheirar a sua pitada quatro, disse-lhe com voz compungida.

— Então o senhor já me não pergunta por aquella pessoa, nem nada?...

— Por quem? mulher! — retorquiu o estudante, a quem a côr subira ás faces e as arterias temporaes batiam com insolita violencia.

— Por Carlota, coitadinha, que se desfaz a chorar por si e que todos os dias aqui tem vindo para o ver.

— Aqui!... — disse Ricardo com um estremecimento convulsivo de receio — Aqui?... Que loucura!

— Então! se a pobre rapariga não póde parar com saudades suas!...

— Mas nunca devia ter vindo aqui! Se Carlos a visse!...

— Pois se o senhor não vae lá vel-a, faz com que ella cá venha...

Foi uma idéa luminosa! Ricardo tomou um ar meio serio meio alegre e disse:

— Talvez que logo lá vá.

Depois levantou-se e saíu... já se vê, com a mais firme intenção de se dirigir d'ahi a pouco para a casa de Carlota.

Deu algumas voltas, e no fim chegou alli.

Engatilhou nos labios um sorriso carrancudo e entrou.

Socega, porém, leitor! e não vás acreditar que o tal sorriso carrancudo é parente dos circulos bicudos! Não, senhor! É um facto incontestavel, que se encontra nos labios d'aquelles, que, sentindo o maior prazer com qualquer coisa, o querem modificar com um verniz de mentida severidade; como um pae que ao reprehender com gesto carregado um filhinho pequeno, compromettido por um d'esses ditos ou acções de creança que fariam rir o proprio Heraclito e abalar o respeito filial, perdida a seriedade, arranja uma carantonha hybrida e indefinida, que eu, á falta de outro termo, chamarei sorriso carrancudo.

Foi com esta mascara que Ricardo, sem saber se de-

via ser elle o réu ou o juiz, se apresentou de improviso diante de Carlota, que, apezar de prevenida por sua mãe, ficou louca de contente em o ver, deitando-se-lhe ao pescoço. O estudante balbuciou quatro sensaborias e a filha da sr.ª Maria respondeu-lhe com a eterna choradeira das suas saudades.

Attentando na magreza da rapariga, o veterano de Carlos exclamou:

— Tu estás magra!

— Pois se te parece que tenho levado boa vida estes dias...

— Quem é que te tem sustentado?

— Ninguem.

— Então tens vivído do ar?

— Não... mas tenho comido alguns restos que a mãe traz lá de casa.

— Então ella não te podia trazer um jantar de lá! era preciso serem os restos!

— Eu não sabia se tu querias e porisso lh'o não consenti. E aquillo mesmo acceitei-lh'o porque ella me dizia ser do seu quinhão.

Era uma chapada mentira mas que armava ao effeito!

— Ora que toleima! Então eu não havia de querer que tua mãe te trouxesse do que era meu?

— Eu sei!... depois que me tractaste tão mal... é porque já não eras meu amigo.

— Eu sou, sim! sou teu amigo... E tu ainda o és minha?

— Podéra não! Se o não fôsse não me tinha apo-

quentado tanto e rompido n'aquelles excessos; porque, olha! ainda no outro dia o sr. dr. Ferreira me mandou fallar para eu ir para a companhia d'elle... e eu não acceitei, porque parece que me adivinhava o coração que tu havias de voltar.

— E se não fôsse isso, ías?

— Que remedio! se tu me deixavas a morrer de fome e eu sabía que em quanto o tal sr. Carlos lá estivesse eu não podia tornar para tua casa.

— Mas posso eu cá vir.

— Isso agora é outro caso! E elle?

— Elle... quem?

— O caloiro.

— O caloiro quasi nunca pára em casa. Passei-lhe o namoro de D. Constança para se entreter e agora deixa-me descançado.

— Então elle namora agora a D. Constança... e tu não tens ciumes?

— Pois se fui eu mesmo quem lhe lembrei que a namorasse.

— Pois tu já não gostas d'ella?

— Não.

— E elle?

— Elle creio que sim.

— Então agora está satisfeito! Sempre era o que eu disse; o homem tinha ferro em ver que toda a gente gostava de ti e que lhe não davam importancia a elle.

— Foi talvez porisso que embirrou comtigo? — disse Ricardo chalaceando.

— Olha que talvez... eu até estou convencida...

— Mas elle nem sequer fallou comtigo.

— É que me conheceu na cara... O homem logo viu que eu não era capaz de lhe dar attenção e por conseguinte...

— Dize-me cá — tornou Ricardo, interrompendo aquelle presumpçoso disparate — que historia é essa de um menino, que eu ouvi contar hontem a tua mãe lá na rua.

Carlota narrou toda a historia do menino, e verteu á sua memoria meia duzia de lagrimas, que fôram enxutas pelo seu amante.

D'ahi a pouco a reconciliação era completa.

XXVII

Divertimentos de ferias

Ricardo, cujo coração tomava todas as côres, como o camaleão, esquecido já da indifferença de Constança, estava agora completamente carlotista. E as coisas corriam perfeitamente! Todas as noites, quando o caloiro ía para casa da filha de Duarte, procurava o veterano o pobre alvergue da sua amante, onde passava as horas descuidoso e contente; ou, quando as amenidades do outono convidavam ao passeio, ia íam ambos em doce paz gozar a briza fagueira nas margens do Mondego, confidente leal da sua ventura, ou namorar os meigos reflexos da pállida lua n'esse Penedo da Saudade, tão poeticamente cantado por todos os sentimentaes, que têm aberto matricula de estudantes na secretaria da Universidade e de poetas nas faldas do parnaso.

Pelo seu lado Carlos não se divertia menos. Apaixonado até ao delirio por D. Constança era ao pé d'ella que passava as tardes e as noites quasi todas, umas vezes em amoroso dialogo e outras entretendo a mamã com um voltarete, em que os namorados, sem *pedirem licença*, davam *preferencia* á doce reciprocidade de ternos olhares, *fazendo-se sós* em amorosos sorrisos, sem receios de serem *codilhados* pela prespicacia da velhota, que, satisfeita por ganhar sempre, nem attendia que o *fraco*, que, já se vê, pela servidão do affecto, era o caloiro, e o *forte* que era D. Constança prendendo-o em amorosos grilhões, perdiam espontaneamente as *mãos* do jogo, para ganhar o terem as suas enlaçadas, passando *cartas* com todo o desfarce.

Como o leitor bem deve ter previsto, o caloiro não dizia nem palavra ao seu veterano, concernente a D. Constança, mas em troca tambem lhe não perguntava nada ácêrca de Carlota, que elle nunca mais tornára a ver. Era uma especie de tregoas ás hostilidades, e durante esse armisticio, a melhor intimidade parecia reinar entre os dois estudantes. Conversavam amigavelmente, excepto em assumpto de amores; saíam junctos a passeiar, aproveitando as bellas manhãs de agosto; e visitavam nos arredores da cidade tudo o que ha digno de se vêr.

As ferias íam correndo.

— Estas piteiras — dizia Ricardo para o seu companheiro, no caminho que vae ao Penedo da Saudade — estas piteiras são historicas.

— Porquê? — perguntava o caloiro.

— Porque foram outr'ora um pelourinho, onde se amarraram muitos padecentes, expostos á irrisão do público que passava.

— Pois amarravam aqui alguem?

— Não physica... mas moralmente.

— Como assim?...

— Escrevendo as vidas privadas n'estas folhas. Olha ainda alli estão algumas palavras carcomidas... Vês?

— É verdade! mas que idéa!

— Foi preciso um dia mandal-as cortar todas, tanto era o numero de poucas vergonhas alli escriptas...

— O que prova que ha grande numero de factos escandalosos em Coimbra...

— Não; mas que ha muito quem tenha má lingua.

— Os estudantes?

— São os que absolutamente carregam com as culpas até certo ponto bem merecidas; mas não são elles os unicos diffamadores das vidas alheias...

— Era uma infamia, que desacreditava.

— Ninguem lhes dava crédito, todavia não era bem feito.

— E agora já se não vem escrever aqui essas maroteiras?

— Já não. A mania passou e só ha tempos appareceu alguma coisa d'isso n'umas grades de madeira do jardim, que, para evitar a continuação, se pintaram depois de verde-escuro.

— Bom foi que se supprimisse tão revoltante cos-

tume de escrever a vida alheia em logares públicos.

— O costume não acabou; graças aos effeitos do progresso; mudou apenas de fórma. Cortaram-se as piteiras e depois appareceram os folhetins, estatua de pasquino mais temivel pela immortalidade da letra redonda.

— Não sabía.

— São meia duzia de parvos, que devassam o interior das familias para mostrarem que têm espirito, julgando-se depois que são uns publicistas de primeira força.

Caminharam ávante.

— Aqui está a celebre pedra, que, em se lhe encostando o ouvido, ouvem-se os sinos de Mafra — disse Ricardo para o caloiro.

— Que diabo de baboseiras é que tu estás ahi a dizer?...

— Ouvem-se os sinos de Mafra! sério!...

— Comprehendo! É velha e eu não vim da Lourinhã.

— Porisso eu te disse que se ouviam os sinos de Mafra, quando não dir-te-ía como aos caloiros boçaes, que não sabem da existencia de Mafra nem do seu carrilhão, que se ouvia roncar o mar.

— É de muito máu gosto! Para se submetter á cabeçada é preciso ter vindo da aldêa de Paio Pires.

— Tambem porisso está de ha muito abandonada, para fazer justiça ás luzes do seculo...

— Que lindo valle! — exclamou Carlos, parando de repente.

— É o Penedo da Saudade.

Carlos olhou para um e para outro lado e ficou extatico de admiração.

— É lindo!... Mas eu esperava encontrar um penedo alpestre e escabroso, e encontro uma plataforma lisa e regular!...

— Agradece-o á Camara municipal de mil oitocentos quarenta e tantos... que, a titulo de aformoseamento, mascarou a natural belleza do historico penedo.

— Que prova de máu gosto!...

O filho de Fernando contemplava por um pouco o lindo panorama, que se lhe desdobrava diante dos olhos; trepou a encosta, onde os vereadores arranjaram uma especie de coreto, subiu ao outro degráu mais elevado e não se fartava de admirar.

Ricardo, sentado á beira do penedo, embrulhava pausadamente um cigarro e assobiava o hymno academico. Era meio dia, e estava um sol de frigir ovos, porisso os dois estudantes dispozeram-se a voltar para casa, vindo, pelo lado de santa Thereza e sant'Anna, ter ao jardim.

— Que egreja é esta? — perguntou Carlos, ao passar pelo primeiro convento.

— São as Theresinhas, convento que nunca teve graça, porque nem dava doce nem haviam oiteiros.

— E nos outros ha doce?

— Olha! n'aquelle, que além vês (os estudantes iam perto do ex-convento de Thomar) ha-o muito bom, e n'outros tempos havia oiteiros.

— Foi pena que se acabasse essa moda.

— Foi!

— E ha já muito?

— Em fórma, já; mas ainda ha poucos annos se recitavam versos no pateo d'este convento.

Os passeantes entravam no de sant'Anna.

— Queres uma arrufada?

— O que é isso de arrufada?

— É uma especie de pão-de-ló ou pão de leite, privativo de Coimbra. Se queres, vende-se aqui.

— Pois sim! provemos isso.

Bateram á roda do convento e pediram uma arrufada e doce sortido, o qual não saíu sem primeiro ter entrado o competente dinheiro, precaução jámais esquecida pela madre rodeira, depois que em outros tempos alguns estudantes pozeram objecção á entrada d'este depois da saída d'aquelle.

— Não é máu este doce, mas eu suppunha-o melhor, pela muita fama que tem.

— Tambem me aconteceu o mesmo. Mas não é isto a melhor coisa que ha em Coimbra! o manjar-branco de Cellas, e o doce de fructa de santa Clara são excellentes.

— Então á tarde havemos de ir a Cellas.

— Valeu!

Caloiro e veterano caminharam ambos para casa, acabando de tasquinhar os bolinhos de amor, o toicinho do céu, e uma outra qualidade, a que não sei por que disparate se chamam... tolos.

Transpozeram os arcos, que se dizem construídos

por D. Sebastião, subiram a encosta, passaram o arco do Castello, e chegaram á Rua Larga. D'ahi á Rua dos Grillos foi um pulo. Em breve acabavam de jantar e fumavam o seu charuto.

— Mas em Coimbra ha um castello? — perguntava o caloiro a Ricardo no fim da sobremêsa.

— Acabámos de passar por elle.

— Não o vi.

— Ao pé do último arco por que passámos.

— Não sei qual. Vi tantos! Esta Coimbra é a terra dos arcos.

— E ainda agora não tem ella nem metade.

— Pois já teve mais?

— Sem comparação! quasi que cada uma das Camaras tem mandado demolir o seu.

A primeira pergunta de Carlos, apezar de parecer asneira, tinha todo o fundamento. Em Coimbra passa-se por ao pé do castello e não se dá com elle. No local onde existiu a edificação mourisca, nomeada na historia por haver sido tomada traiçoeiramente pelo lado que ainda hoje se chama o Arco da traição, começaram depois a lançar as bazes para um observatorio astronomico, que, em virtude do extremo desenvolvimento das obras em Portugal, ficou estacionario, não sei ha quantas duzias de annos, com grave sentimento das estrellas, que algumas andam pelos céus assim a modo meias amuadas com os mathematicos, não se dignando mostrar-se-lhes quando elles as vão namorar do observatorio da Universidade.

É uma velleidade, que prova que as estrellas do

espaço são caprichosas como as que andam cá por este mundo a matar com desdens os seus satellites!

— Então vamos para Cellas?

— Prompto! respondeu Ricardo.

E os dois estudantes lá foram ao manjar-branco, passando por sant'Anna e depois seguindo por uma estrada, onde dispersas aqui e acolá se encontram umas casinhas, quadradas e cobertas com uma cupula pyramidal algumas, cylindricas e rematadas por um cone outras... mães-de-agua do aqueducto, que outr'ora se fazia crer aos caloiros boçaes serem os tumulos dos cinco reis moiros, vencidos e mortos por D. Affonso Henriques na batalha de Ourique.

Chegaram a Cellas e pediram manjar-branco. Era antigamente um dos divertimentosnas tardes bonitas: hoje bebe-se *punch* e *cognac* e joga-se o bilhar e a batota... Tudo é progresso!

Chegaram as tigelinhas, que são umas rodellas de barro vermelho, um pouco parecidas na fórma e tamanho com esses bolos da mais popular vulgaridade chamados especiones, e sobre esta especie de pratinho, que não sei por que rasão se ha de chamar tigela, é que vem o cocuruto de manjar-branco, obra de delicado sabor.

Fatal illusão a da tigela! O caloiro, que nem por sombras imaginou que lhe trouxessem doce fino sobre um pouco de barro grosseiro, julgando que a baze da tal pyramide do fresquissimo manjar, devera ser um bolo da mais calida especiaria para fazer con-

traste, enterrou os dentes d'alto a baixo na tigelinha que acabava de tirar da bandeja!

Contra factos não valem argumentos ainda os mais bem elaborados! e nem toda a logica de Genuense, a demonstrar que aquella baze devia ser de farinha, ovos e assucar, tiraria a dôr que soffreu Carlos nos dentes da màxila inferior ao deparar com barro cosido! Os dentes superiores, que tinham atravessado as doçuras e as mollezas do manjar-branco, riam-se dos de baixo; Ricardo ria-se do seu caloiro, alguem que por alli estava ria tambem, e o pobre rapaz, no excesso da sua encordoação, nem que tivesse partido uma das fataes tigelinhas ao meio e posto metade de cada lado da cara ficaria com umas orelhas tão encarniçadas, como as que tinha n'aquelle momento.

Era a segunda vez, que apezar das suas presumpções de esperto, o caloiro caçoava comsigo mesmo!

Aquelle incidente passou. Carlos, abaixando bandeiras diante da fatalidade, riu tambem de si, comeu mais manjar-branco, pagou e foi-se embora com o seu veterano.

Chegados á cidade, separaram-se os dois companheiros, seguindo cada qual o seu destino.

Dez minutos depois, um comprimentava D. Constança e outro dava um beijo na face de Carlota.

XXVIII

Vamos a Lisboa

Carlos era completamente feliz! Seu pae déra-lhe ordem franca sobre um negociante de Coimbra: Constança déra-lh'a tambem sobre o seu coração. Parece-me que estes dois elementos são sufficientes para fazerem a felicidade de um rapaz.

Na noite seguinte ao dia da ida a Cellas, o caloiro foi passeiar com D. Constança e sua mãe á feira de S. Bartholomeu. Esta feira, insipida como todas as outras, ou talvez mais insipida que nenhuma, teve encantos indefinidos para Carlos, que, acobertado por um chaile-manta, prendia a mão delicada e mimosa que D. Constança lhe pousava sobre o braço.

Cada um d'aquelles apertos de mão, correspondidos por um meigo sorriso, que só o namorado mancebo devisava ao pallido reflexo do luar, era como

um som mavioso de cuja reunião resultava uma harmonia que significava amor!

Por convite do filho de Fernando, foram as duas senhoras tomar neve ao Lopes, e entretendo agradavelmente a conversação ahi passaram a noite, até serem horas de ir para casa.

E em quanto o caloiro em tão doce convivencia se julgava feliz, o seu veterano fazia com Carlota uma pandiga de peixe frito e melancia no areal do rio.

Qual d'elles teria melhor gosto?

Não se falla no sentimento... mas na ceia, era incontestavelmente Ricardo.

Se ainda não ceiaste uma noite no areal do Mondego, á luz de um luar de agosto, não sabes apreciar decerto a minha preferencia.

Assignado assim por todas as potencias um tractado de paz geral, as ferias passavam-se muito soffrivelmente. Quem áquella hora, porém, amaldiçoava a composição amigavel entre os dois estudantes era uma pessoa muito nossa conhecida e de quem ha muito nos temos esquecido. Se o leitor quer ter o incommodo de vir até Lisboa apresental-o-ei á sr.ª D. Adelaide.

Venha que não lhe custa nada! A estrada está magnifica, a mala-posta dá bom commodo e o wagon leva-nos depois n'um instante a Lisboa. Sacudamos o pó da jornada que temos de ir visitar uma senhora.

Como está pallida e abatida a pobre Adelaide! que tossinha secca de vez em quando! que rubor circumscripto nos malares, e que tão fundas olheiras!

Podéra! O caso não era para menos!

A ingratidão de Ricardo, attestada pela falta das suas cartas e confirmada pelo bilhete de Carlos, tinha levado o desalento ao coração da pobre menina! Recordando um ingrato, que nem d'ella se lembrava talvez, trasbordando-lhe no seio o fel do soffrimento, sem um peito amigo onde abrigar a sua dôr, chorando no calamento da solidão, quando o mundo indifferente passava e sorria, querias por ventura que a infeliz donzella andasse gorda e anafada como a filha de um honrado ex-bacalhoeiro?

E de mais! se o coração de Ricardo tivesse morrido para o sentimento, talvez Adelaide se resignasse na viuvez em que ficava o seu amor, exclamando ao pôr a mão sobre o peito do seu amante: — Já não palpita! — com a mesma dôr como se houvesse buscado as pulsações n'um cadaver. E a esperança de que no céu pulsariam accordes dois corações desharmonisados no mundo, dar-lhe-ía a coragem da resignação.

Mas não! Ricardo sentia ainda! Havia ainda um seio de mulher junto ao qual o seu seio palpitava... e este sentimento, cuja natureza a innocente menina ignorava, era rival do seu; fôra elle quem desviára o coração do seu amante do norte que devia seguir; fôra elle quem lhe roubára a felicidade na terra!

Nem lhe podia attenuar o soffrimento a posição d'essa mulher a que o seu amor fôra sacrificado... Não que o seu pudor invejasse á pretendida rival a parte da affeição que o seu amante lhe dava, mas é

que a candida donzella, ignorante d'esse affecto bastardo dos sentidos, que o coração ás vezes perfilha, não conhecia senão um só amor... era o amor puro e santo da mocidade. Era esse que ella votava a Ricardo e que este lhe consagrára... e era esse que lhe haviam roubado!... N'esses transes, ou o coração da mulher é forte para se elevar embalado na risonha idéa de uma vingança, ou é fragil e succumbe á intensidade da dôr!

Foi o que aconteceu a Adelaide! E, segundo o costume de todas as mulheres despeitadas, começou a desprezar a saude, devorando a sós as lagrimas do mais acerbo soffrimento, e sendo devorada por uma febre consumidora, especie de pena de Talião, que ella mesma se impunha no isolamento do seu quarto, onde folgava em reler as primeiras cartas do seu namorado tão cheias de sentimentalismo... como de baboseiras.

E nada ha peior do que a solidão para estas molestias do centro circulatorio a que Beau e Crovisard, se d'ellas se tivessem occupado, chamariam atrophia concentrica; e que reclamam, não repouso, sangrias e abstinencia, como Albertini e Vasalva receitam para as outras, mas distracções e movimento em bailes, em theatros, e em tudo o mais que a sociedade tem inventado para enfastiar os ditosos!

Mas se o mundo foi feito só para os ricos! Em quanto Adelaide, qual novo Tantalo, vivendo entre os prazeres sem os poder gozar, se definhava na sua concentração, qualquer favorecido da fortuna iría dar

um passeio até á Italia ou á Suissa, visitaria París ou Londres, e no fim de dois mezes, quando muito, estaria curado de todos os seus padecimentos e desgostos.

Não é que a riqueza embote a sensibilidade, mas o coração humano é formado de tal sorte, que desvanece e olvida tudo entre os divertimentos e recreios, como exagera e aviva no isolamento e concentração!

Adelaide porem, na impossibilidade de usar d'esta medicação hyposthenisante, entregou-se nos braços da hydropathia, não mettendo para o bucho canadas de agua como queria Priestnitz para coser a *materia peccante*, mas deitando-a pelas glandulas lacrimaes, como se quizesse afogar a dôr em prantos, ou então expulsar por aquelle emunctorio o principio peccante do sentimento!...

E para a confortar tinha sómente a pobre menina algumas vezes a companhia de Mathilde, a qual apezar de soffrer do mesmo mal, comprehendia bem o isolamento entre os soffrimentos da alma e do corpo, de modo que as saudades de Carlos não lhe tinham feito abater a espessura do tecido adiposo subcutaneo.

E quando estavam junctas não fallavam senão n'aquillo que mais pena lhes causava!

É tambem outra esquisitice do coração humano!...

XXIX

Grave alteração produzida pelas ferias no funccionalismo da servente

É chegada a occasião de entreter o leitor ácerca da entidade — servente, especie de Sancho-Pansa de sáia e roupinhas, que acompanha tanto D. Quixote que por ahi ha n'essa peregrinação academica.

Foi promessa feita ao leitor, era mister cumpril-a... que lá diz o ditado: «O promettido é devido.»

Era n'um dia, depois de jantar, quando o calor predispunha os espiritos para as coisas futeis, que Carlos, chegando á janella, perguntou ao seu veterano:

— Por que motivo anda agora aquella visinha alli defronte tão cebenta quando a via tão aceiada nos primeiros dias que aqui cheguei?

Ricardo, que estava repotreado sobre tres cadeiras de pinho azues, dispostas em linha para lhe servirem de sophá, preparou-se, não como o padre mestre do

Hyssope obrigado a recordar os trabalhos de Ulisses, roncando, sorvendo o esturro e sacudindo o habito, mas para contar a vida da servente, boccejando com força, como para reagir contra morpheu, e salivando por entre dentes com um som parecido ao espirrar do gato.

E assim disposto o veterano respondeu de papo não ao Deão mas ao caloiro.

— Eu te digo. É porque, quando tu vieste, ainda cá estavam os estudantes d'ella, e agora são ferias...

— Mas em tão pouco tempo já está n'aquella miseria?

— O que prova que esta classe de gente é mais miseravel do que as formigas!... Ao menos essas trabalham todo o estio, mas o inverno passam-o descansadas, e ás serventes dos estudantes nem isso acontece; levam a fazer colheita todo o anno lectivo e em chegando as ferias, que é o seu tempo de penuria, não têm nem um grão no seu celleiro.

— E porque é isso?

— É porque não ha nenhuma que não tenha o seu vicio, e apenas percebem a collecta, imposta por ellas mesmas nas compras da praça, dão-lhe logo applicação em vinho ou em caffé, em tabaco ou em licor, sem olharem ao dia de amanhã.

— É uma gente desgraçada! não têm outros recursos senão os que lhes provém dos estudantes... Coitadas! tenho dó d'ellas.

— Olha que não é tanto assim. Esta gente podia trabalhar muito mais, mas aqui a unica industria ex-

ploravel é o estudante; agarram-se a isto e não querem fazer mais nada, e como não têm a prudencia necessaria para irem junctando, o resultado é que em chegando as ferias estão a morrer de fóme, depois de terem empenhado os trastes e os trapinhos!... Mas em vindo outubro...

— Então só vivem de servir estudantes?

— Só! vêm pela manhã e fazem um miseravel chá, e umas esquisitas torradas que embrulham em papel pardo para não esfriarem. Depois vão á praça e voltam fazer o jantar mal e porcamente, como tu tens visto, não tirando, para aquillo, o nariz de cima da chaminé por tres ou quatro horas a fio. De tarde dizem mal das vidas alheias com a visinhança; e á noite repetem-se as scenas do *cansado chá que ferve*, e no fim do mez... dá cá seis tostões por cada um!...

— Seis tostões cada um?

— É verdade!

— Então, n'uma casa em que estejam seis ou sete rapazes, é perto de uma libra que dão á servente.

— É tal qual! E por fim a gente nunca têm as coisas a tempo e a horas!

Lá isso tambem é verdade! são os animaes mais desleixados e immundos, que existem na classe dos seres! Linneu, se os tivesse conhecido, collocava-os entre o porco e o escaravelho! Se a pobre mãe-de-familia, que se esmera para que reine o maior aceio em sua casa, soubesse as porcarias que o seu querido filho aqui soffre, apertava as mãos na cabeça.

D'aqui a um córte de bacorinhos são dois passos!

Quereis um exemplo? Servia-se a sopa á mêsa de uns estudantes, cuja servente tinha uma filhinha pequena... quando de envolta com o pão salta para um dos pratos uma coisa um pouco maior e mais dura do que as outras sopas!

Adevinhaes o que era? Aposto que não! Era um sapatinho da creança que tinha saltado para dentro da panella!

E o jantar n'esse dia estava magnifico!...

Voltemos ao que importa.

Sabeis quaes são os proventos certos da servente? É a soldada e vinte cinco por cento de imposto industrial nas compras da praça. E os emolumentos? Alguma esportula, por servir de mensageira de cupido desde a mais innocente mensagem até á mais sordida alcaiotice; alguma caravela de seus amos pelas festas ou pelos anneis; uns tantos por cento sobre os trastes que vão empenhar aos estudantes; afóra mais algum innocente pintainho, pedido a mais sobre o penhor, e que o estudante, sempre descuidado, paga se chega a desempenhar; e emfim...

Mas o botequim e a taverna levam-lhes tudo, e, em chegando ao meio das ferias, vão indo para o prego uns apoz outros todos os trastes que tenham algum valor, começando pelo capote, depois o cordãosinho, a sáia de lã domingueira, as argolas... e por fim a barra e o colxão.

Mas tambem, em compensação, vivem de manhã até á noite e de noite até pela manhã no mais *dolce far niente* sendo só os musculos genioglossos, hypoglos-

sos e outros, que concorrem para os movimentos da lingoa, os unicos de todo o organismo que sempre têm que fazer.

.....

O que será feito a estas horas de Carlota?

Está em sua casa á espera que anoiteça para ir passear com Ricardo até á ponte.

É um passeio lindo n'uma noite de luar!... é de uma poesia seductora ver a lampada das noites reflectindo-se na superficie lisa do Mondego, inundando os campos, verdejantes sempre, da sua luz mysteriosa!... é um enlevo d'alma aquelle panorama meio phantastico alumiado pelo pallido clarão de seus incertos raios... a deixar indecisos os contornos dos choupos seculares que, como cohorte de gigantes alinhados, defendem as margens do rio...

Mas o peior era que a pobre rapariga comprehendia tanto á poesia d'aquillo, como o seu amante havia comprehendido as philosophias transcendentaes de Kant, quando por lá passou no primeiro anno!

A alma d'aquella cachopa era proza pura! não tinha geito de levantar vôo cá da terra! Como os milhafres, que pousando na planicie, não pódem erguer-se ás alturas do espaço, limitando-se a rastejar pelo sólo, assim Carlota se contentava a rastejar pelos balcões das lojas da Calçada a escolher um vestido de cassa, côr-de-rosa, proprio da estação, sem levantar o pescoço para a lampada do firmamento. Quem sabe se, elevada um dia a certa altura da classe social, poderia como o milhafre estender as azas e er-

guer mais alto o vôo das aspirações?... mas quem sabe tambem se poderia descer tão baixo que nem aos mostradores das lojas de modas ambicionasse chegar?...

O que?... Pois no coração da mulher ainda a mais abjecta póde extinguir-se jámais o desejo do luxo?... Pode! quando a abjecção desce tão baixo que a alma se asphyxia n'um torpor onde se paralysa o sentimento, se embrutece a intelligencia, e se aniquila tudo... até o amor-proprio!... Mas o futuro a Deus pertence! Deixemos viver alegre e satisfeita a pobre Carlota... á custa de Ricardo, de cuja casa lhe ía todos os dias um jantar... tão bem arranjado como antes do consentimento do veterano, porque melhor não podia ser!

Quanto póde o amor maternal! É verdade que, em despeito dos seus impulsos, a sr.ª Maria todos os dias trocava o prato do meio destinado para sua filha por duas chavenas de caffé que lhe dava uma visinha!

São pequenas faltas que só provam que ninguem póde ser perfeito!!...

XXX

Como a rhetorica está dependente da mulher de um alfaiate

Sem saber como nem como não, acha-se o leitor no principio de outubro, disposto a assistir aos primeiros exames preparatorios, que se devem fazer no Collegio das Artes; os quaes, de passagem seja dito, mudaram ulteriormente d'aquelle local, vulgarmente chamado — o Pateo, para as salas da bibliotheca... porque as moscas houveram por bem impôr mandado de despejo a examinandos e examinadores!...

«E o mez de setembro?» exclamam agora os fazedores de folhinhas e reportorios. «Pois tu bifastenos o mez de setembro, quando elle vem consignado em todos os calendarios, com o seu signo de libra, os seus trinta dias, a sua lua cheia e competentes quartos? tu palmaste-nos o mez das vindimas, sendo

elle uma entidade real na ordem dos seres immateriaes chamados mezes? É isso um pungente epigramma ao *oidium-tuckeri* que authorisou a abolição das vindimas e por conseguinte do mez d'ellas, ou é nova correcção mais ousada que a Gregoriana, que assim nos elimina, não um ou dois dias, mas um mez completo sem mais nem menos?»

Safa! Que tão estirada pergunta ninguem me fez ainda! Donde se conclue que não ha entes mais insupportavelmente massadores que os taes fazedores de juizos do anno!

Sabei pois, amaveis prognosticadores... de agua doce (que é a de chuva!) que não fui eu quem passei atrevida esponja sobre os vossos trinta dias do nono mez! Foi o uso que supprimiu estas setecentas e vinte horas do calendario de Coimbra! Com effeito, a vida paralysa-se durante este mez em toda a cidade! Uns emigram como as aves, não para tractarem, quaes andorinhas, da conservação da especie, mas para cuidarem na conservação individual por meio dos salutares banhos da Figueira; outros, e estes são em especial os negociantes, fecham-se no seu casulo, como o bicho de sêda, para em outubro saírem borboletas, a queimarem-se no brilho do dinheiro fresco dos rapazes... ou antes para queimarem o dinheiro d'estes na fascinação dos novos objectos que expõem á venda, e finalmente a classe mais inferior e que vive em mais immediata dependencia do chorume da bolsa escholastica, esses hybernam como os ursos brancos do polo, não chuchando a gordura dos

proprios pesunhos, mas roendo os trastes que têm, até á decrepita enxerga!

«Que disparate! Pois qual é o animal da especie humana que come miolo de enxergão?...»

Distingo! Moralmente fallando, ha muito por ahi quem o coma... até mesmo talvez todos, a acreditarmos no rifão: «todos comem palha o caso é saber-lh'a dar;» agora materialmente ninguem cóme o tal miolo assim sem mais nem menos, e para crédito das serventes seja dito que isto não passa de um modo de fallar... mas que por fim analysado o caso miudamente sempre vem a ser verdade.

«Então comem ou não comem?»

Eu me explico, leitor! Não se conta de uns fidalgos da provincia, muito comilões, que comeram a casa toda? Pelo menos eu assim o ouvi dizer. E creio cá de mim para mim que nenhum d'elles se entreteve a experimentar a acção do succo gastrico sobre telhas velhas, ou a moer entre os queixaes os pedaços de silicatos de cal que lhe formavam as paredes! Logo, não podendo roer a casa tal qual a tinham herdado de seus paes, alborcaram-a por outro genero que se podesse digerir, mediante umas certas coisinhas redondas, chamadas dinheiro, que se ía convertendo no bom feijão e na succulenta batata, ao passo que os estomagos das taes giboias humanas clamavam pela refeição.

Grande coisa é o dinheiro! É de todos os valores accumulados de que se occupa a economia politica aquelle que opéra maravilhas, senão no mundo in-

dustrial produzindo phenomenos economicos... ao menos fazendo comer casas de pedra e cal a fidalgos gastronomos e miolo de enxergão ás serventes de Coimbra.

Segue-se d'aqui que a servente é um animal... de natureza edaz, como dissera algum arcadico em segunda mão.

E nós aqui a tagarellarmos sem reparar que o sr. Carlos tem de fazer o seu exame de rhetorica no dia 3 de outubro! Acceite o leitor as desculpas que lhe dei ácêrca da ablação do mez de setembro, e venha comigo assistir aos preparativos do sobredito exame.

Quatro dias antes, e um pouco mais tarde que o costume, o pae de Constança havia partido para a Figueira a converter sua filha n'uma nereide e a si proprio n'um tritão. Quer dizer, tinha ido para os banhos do mar... elle por causa do rheumatismo e a menina por amor do nervoso, para o que, como para tudo mais, as salsas ondas de amphitrite são panacea universal!

Carlos esperava, logo que se visse livre do exame, ir juntar-se com D. Constança, e por conseguinte esta separação de dias não fazia senão atear mais a chamma do amor reciproco.

E, se não fôsse gastar muito tempo, havia de mostrar aqui como isto de ausencia em materia de amôr é semelhante ás applicações de gelo em medicina, que sendo muito prolongadas causam a morte da parte a que se applicam, e sendo de curta duração não fazem mais do que promover uma reacção contraria e mais

forte que a acção! Aproveitem os amantes que precisem fazer applicações therapeuticas a algum amor já adoentado por falta de hygiene, que eu mais prefiro, como o tempo insta, ir ver o que fazia Carlos a estas horas ausente de D. Constança e a braços com os preceitos de Quinctiliano, Cardoso e Freire de Carvalho.

Ninguem levará a mal, especialmente as senhoras, que o bom do rapaz tivesse dado mais attenção á eloquencia práctica, exercida nas cartas que enviava a D. Constança, do que ás theórias que devia beber na *epistola aos Pisões* e nos compendios elementares. Todos os seus conhecimentos rhetoricos não passavam do *exordio* e sendo chamado a fazer d'elles a *narração* aos severos examinadores, temia que, por não apresentar dos mesmos uma completa *confirmação*, lhe viessem tres raposas por *peroração!*

Para fallar sem *periphrase*: o infeliz não sabia nada; nem sequer distinguia um homeoptoton de um homeoptoleuton, ou um izocolon... de outro qualquer bicho de parecida designação!...

Ora por estes motivos é que o caloiro quasi que tinha mais pena da ausencia de Duarte do que de sua filha! É que elle era o *epilogo* das boas recommendações e era bastante dirigir-lhe uma *apostrophe* para elle se empenhar com *pleonasmo* até á *hyperbole*, sendo o resultado de tanta eloquencia *convincente* e *persuasivo* para os examinadores e excessivamente *deleitoso* para o caloiro, que, sem o soccorro d'aquelle Demosthenes dos empenhos, ficaria talvez

com as pernas quebradas n'uma reprovação, sem poder matricular-se no primeiro anno de direito.

Facil é pois de ver a apoquentação de Carlos, a qual elle mesmo deu a conhecer ao veterano. Ricardo, que a final de contas, não passava de um pobre-diabo, estava com dó do caloiro e com desejos de lhe valer, mas na absoluta impossibilidade pela falta de relações idoneas para esse fim. A sorte porém, que sempre arranja as coisas muito bem arranjadinhas quando lhe apraz, quiz que n'essa mesma tarde viesse procurar o veterano uma sua antiga servente e comadre, mulher de um alfaiate e prima de um doutor.

O que a mulher lá foi fazer não diz a historia, mas o que consta de documentos authenticos, é que chegar a mulher, fallar incidentalmente de seu primo doutor, Ricardo lembrar-se que ella podia servir de empenho para o caloiro, fallar-lhe d'isso e a prima do primo offerecer-se... foram actos consecutivos.

Amigo leitor! se te causa estranheza o facto, attende a explicação!

Coimbra é a mãe dos doutores e a sogra dos bachareis formados! Qualquer artista, em arranjando seu vintem, mette logo um filho nos estudos, embora os outros estejam a aprender o officio. Outras vezes é o proprio rapaz quem espontaneamente abandona a vida obscura a que era destinado, porque lhe arde lá dentro do cerebro o fachosito das ambições, e começa a estudar nas aulas do lyceu, com aquelle affinco de quem detesta o positivismo do officio, e que se entrega aos estudos de livre vontade. Depois lec-

ciona para ganhar a vida, estuda para ser premiado, e a final conquistando uma boa posição á custa dos proprios esforços, eil-o nos doutoraes da Universidade, porque ninguem ainda, por mais pobre que fôsse, deixou de tomar capello á falta de dinheiro... phenomeno social este de não muito facil explicação.

Mas coitado do novo Massillon se as azas com que tentou voar o desamparam no meio do caminho!... Coitado d'elle se, depois de divorciado com o officio pela matricula da Universidade, se vê desquitado tambem da sciencia pela falta de talento! Então ao mais que chega (e a isso chega quasi sempre) é á formatura; mas que differença!... com um bonito horisonte no porvir quando doutor, vegeta ignorado e quasi ás sopas paternas, encadernado no albornoz que mandou fazer logo depois da formatura, se intenta permanecer na sua terra como simples bacharel; alcançando por fim um logar de amanuense no Governo Civil ou no Correio!...

É assim que se fazem estas familias em Coimbra; é assim que ou por um arrojo da vocação de um talento superior, ou por uma injusta preferencia paterna, um individuo se vê elevado acima de seus irmãos ou de seus primos, que, tomando por orgulho o sacrificio feito ás conveniencias do mundo, abandonam a convivencia do parente, collocado mais alto no poleiro social.

Se porém algum dos obscuros parentes vae pedir ao doutor um d'esses favores, que elle póde fazer sem compromettimento nem grave injustiça, póde estar

certo que o encontra sempre solícito em obsequial-o.

Foi assim que a mulher do alfaiate, comadre de Ricardo, foi pedir ao seu primo doutor em direito, para que pedisse a outro seu collega, para pedir a um dos examinadores e, este pedindo aos outros, o rapaz ficasse approvado.

E assim aconteceu! E Carlos dando meia libra á comadre do seu veterano julgava-se quite de todo o favor!...

XXXI

Considerações philosophicas ácêrca de um adagio

Não pósso proseguir na narração d'esta tão importante como verdadeira historia sem me elevar a algumas considerações da mais transcendente philosophia ácêrca de um antigo rifão portuguez que diz: «Tanta vez vae o cantaro á fonte até que se quebra.»

Ha muita gente, cá por este mundo, que não repete um anexim popular sem uma certa exclamação admirativa, como pasmando da inalteravel verdade dos ditados! Pois eu cá não sou assim! Admirar-me-ía se acaso uma vez fôsse surpreendido um adagio em flagrante delicto de mentira.

Mas encontra-se o rifão já admittido e usado, sem jámais o colhêr n'uma falta de verdade, e todavia essa sentença sublime é no mundo das sentenças uma en-

geitada, a que debalde se buscaria o author no pó da antiguidade!

Como nasceu? como se creou? quem a sanccionou? como se conservou até nós esse legado de tradição?... Mysterio!... Mas o adagio existe e não mente... é uma sentença inflexivel que não admitte actos addiccionaes ou novissimas reformas a alterarem-lhe a força de lei; logo ninguem lhe indaga a origem, como ninguem lhe disputa a veracidade.

É que o ditado é a expressão singela e inalteravel dos factos, decretado pelo povo que o creou sem saber como nem quando, sanccionado pela authoridade dos seculos e confiado á tradição que é a historia dos monumentos e concepções populares, sempre grandiosos e singelos com o seu author!

E o nosso rifão não está n'esse caso?... Mentiu elle jámais uma só vez? ou consta porventura que o cantaro em que o veneravel Noé guardava o vinho, ou a bilhinha dada pelo pae de Isaac á expulsa Agar tenham alcançado a immortalidade no desempenho dos seus misteres?... De certo que não!...

É que nada ha que, presistindo no mesmo uso, não chegue a ter um fim! Eis o sentido mais lato do proverbio.

(Applicação.) O cantarinho que o coração de Carlos levava a encher todos os dias ao perenne manancial de amor que brotava dos olhos de D. Constança, quebrou-se um dia, e tão cheio estava a trasbordar dos effluvios d'essa fonte ardente de affectos que o coração do pobre mancebo ficou inflammado pela elevada temperatura do fluido amoroso que o banhou;

e no delirio causado pela combustão resolveu-se a pedil-a a seu pae em casamento...

Esperaria acaso o caloiro que os banhos matrimoniaes fôssem uma especie de refrigerante util n'aquelle ardor que o consumia? Quem sabe!...

Os antigos mythologos gregos tinham uma allegoria que perfeitamente quadrava ao caso presente. Suppunham elles que todos os males causados pelo amor provinham d'este travesso menino não dormir jámais. Sua mãe, assustada já com tal insomnia, tenta adormecel-o no seu collo; mas debalde... que o amor não póde dormir nunca nos braços da belleza. Então, sabendo que os deuses todos adormeciam ao escutar as sabias prelecções da sapientissima Minerva (tanto era o effeito soporifico da sciencia), lá manda a solícita mãe o estremecido filho, o qual embora escabeceasse ao ouvir as doutas palavras, não poude comtudo tornar propicio Morpheu. Emfim a carinhosa Venus recorre em caso tão desesperado ao venerando Esculapio, e por prescripção d'este é o menino deitado na cama do Hymineu onde immediatamente adormece em profundo somno!...

Que imaginação tão fecunda!...

Mas, fôsse lá porque fôsse, o caso é que o amor que o filho de Fernando sentia por D. Constança engordou com os ares do mar, quando, depois do exame, elle a foi visitar á Figueira, e o mancebo, não podendo acalmar já a ardencia d'aquelle affecto que o abrazava, resolveu casar com ella ou abrir corôa e cantar missa!...

Passou duas noites mal dormidas e a final ao terceiro dia (que tem sido sempre o mais notavel desde a resurreição de Lazaro até a qualquer erupção de sarampo) vestiu-se de ponto em branco e foi pedir a José de Oliveira Duarte a mão de sua filha.

O pae da menina ficou pulando de contente, mas, segundo o costume de apresentar as objecções do estylo, respondeu que não saberia se sua filha acceitava aquella proposta... em que elle não queria intervir, e bem assim que receava que o pae d'elle pretendente, não tendo conhecimento da sua familia, se opposesse a este casamento de inclinação.

Ora aqui para nós em segredo seja dito que, se o pae de D. Constança mentia em quanto á primeira parte da resposta, pois era preciso ser cego, surdo e idiota para não ver na maneira de sua filha receber as homenagens do caloiro a prova do seu consentimento, elle não podia dissimular os receios bem fundados de que o pae de Carlos, attendendo mais aos encantos do dote do que ao dote dos encantos, negasse o seu consentimento a esta união. É que as boas qualidades de sua filha não poderiam contrabalançar a falta de bens da fortuna, unico movel de muitas maquinas, que neste século de positivismo material, por alvará de especial mercê do Creador, se chamam homens.

Carlos replicou com as phrases sacramentaes de que seu pae era excessivamente seu amigo para que se oppozesse á sua ventura; mas Oliveira Duarte, antevendo as probabilidades do contrario, insistiu na

sua objecção para não soffrer uma derrota tanto mais desairosa quanto mais elle abraçasse a proposta com affinco. E, depois de esgotadas as considerações de parte a parte, concordaram em que um consultaria a vontade de sua filha, e outro pediria o consentimento de seu pae.

O mancebo via na realidade os insuperaveis obstaculos que se poderiam oppor ao seu desejo, porque seu pae, apezar da excessiva amizade que lhe consagrava... e até mesmo em virtude d'ella, não consentiria n'este enlace. D. Constança tinha tentado affrontar os patriarchaes prejuizós da sociedade com acções, que, apezar de innocentissimas, poderiam parecer levianas; e por isso essa velha rabugenta, chamada opinião pública, pronunciára-se alguma coisa desfavoravelmente para a formosa menina, que nem ao menos possuía um bom dote para fascinar o seu sogro em perspectiva.

Absorto n'estes pensamentos se dirigiu o caloiro para casa, e Ricardo, ao vel-o tão preocupado perguntou-lhe:

— O que tens?

Então uma idéa luminosa saltou á mente do namorado mancebo. Parecia um discipulo de Aristoteles, passeiando em volta do quarto a formar os seus entes de razão; até que por fim o novo peripatetico, suspendendo o movimento alternativo das extremidades inferiores, rompeu a discussão com a seguinte pergunta:

— Ora dize-me, Ricardo, tu queres-me fazer um favor?

— Se eu podér, com todo o gosto.

— Podes, assim tu queiras.

— Então conta comigo.

— Receio sempre...

— Não duvides.

— Pois, olha. Eu tenho que mandar pedir uma coisita a meu pae, da qual me resultam umas dez libras; mas preciso que tu me ajudes n'este plano, porque as dez libras cáem com certeza, e como sempre me ha de sobejar algum dinheiro, se precisares, depois, empresto-te duas ou tres com todo o gosto.

Ricardo ao ouvir fallar em duas ou tres libras arregalou uns olhos que nem uma creança golosa para um pires de marmelada!...

Este mancebo gozára sempre de bons créditos até á chegada do caloiro, em que aquella funesta denuncia o fez desmerecer da opinião em que era tido por seu pae e por seu protector; mas as accusações não se haviam repetido e por conseguinte era provavel que a sua reputação, illibada até alli, estivesse rehabilitada. Carlos desejava pois que o veterano mandasse dizer para sua familia que o casamento com D. Constança, apezar das muitas virtudes e boas qualidades d'esta senhora, era inconveniente pela carencia de meios de fortuna; e inoculando assim no animo de seu pae a melhor opinião ácerca do comportamento da sua noiva, esperava elle depois com facilidade destruir os outros argumentos e alcançar a desejada licença.

Esta theoria, mal comparada ao cordel com que se

embrulha o pião para o fazer gyrar, e que depois se lhe tira para o mesmo fim, servia para envolver aquelle pião moral, chamado faculdade volitiva de seu pae, fazendo-o dançar de maneira a podel-o apanhar á unha!

Para pôr em execução esta especie de farça, (que pela razão acima apontada era uma verdadeira farça-de-cordel) era preciso alcançar a obediencia de Ricardo, o que parecia muito facil ao caloiro a troco de duas ou tres libras, dadas a titulo de emprestimo.

Todo este plano se apresentava como infallivel á imaginação exaltada do mancebo apaixonado, que não via outro meio de coroar as suas amorosas aspirações!

É isto que se chama fazer castellos no ar!

XXXII

Latet anguis

O leitor, se não é tapado como uma garrafa de Champagne, e com esses não gasto eu o meu tempo, já previu de certo a tactica de que o caloiro se servia para sujeitar Ricardo á sua vontade.

Aquelle pedido das dez libras era o rosal ameno em que se occultava o peçonhento aspide!

O veterano abrira uns olhos cubiçosos, ao ouvir fallar em tres libras. Carlos sorria interiormente, vendo o seu companheiro disposto a aboccar a isca, que encobria a fateixa inexoravel do traiçoeiro anzol. E elle ía quasi a proferir o sim fatal que o devia manietar á vontade estolida do caloiro!...

De repente uma nuvem sombria lhe obscureceu as feições, ha pouco animadas pela alegria. Era a razão que acabava de ir bater á porta das faculdades reflexivas.

Depois de um leve debate entre o raciocinio e o desejo Ricardo exclamou :

— Não pósso acceder ao teu pedido. Nas minhas especiaes circumstancias, illudir teu pae fôra uma feia acção.

Carlos acabava de caír das alturas de uma risonha esperança ás profundezas de um positivo não!

«Um positivo não!?» observa um honrado bisneto de Euclides. «Que disparate! É o mesmo que uma positiva negativa!... Bonito! maior e menor que zero ao mesmo tempo!...»

Talvez julgue o meu profundo censor que por a resposta de Ricardo vir assim á moda de valor de incognita em equação de segundo gráu, affectada do signal mais e menos, é coisa de mais ou menos!... Engana-se redondamente! Positivo quer dizer certo, e tão certa era a negativa do veterano ao pedido que o seu caloiro não tinha que duvidar!...

— Deixa-te d'isso! — replicou este — Bem vês que são coisas que se não sabem! depois o dinheiro serve-nos a ambos, nem meu pae vae indagar a veracidade do que lhe vou mandar dizer.

Um vestido de cassa para Carlota passou pela imaginação de Ricardo com tantos arrebiques e feitios... com tantos folhos e rendas que quasi o ía tentando; mas os sentimentos nobres repellindo esta seducção como o casto José repellia a mulher de Putiphar, ainda d'esta vez alcançaram victoria sobre o sordido interesse. Ricardo retorquiu :

— Escusas que não accedo! Faço-te tudo quanto

tu quizeres menos isso! Não me deves comprometter para com teu pae, porque me ficaria mal enganal-o.

— Então preferes desagradar-me? Não sabes que esse beneficio pelo qual tu receias mentir-lhe te póde ser tirado, se eu lhe disser meia palavra?...

— Na collisão em que me pões, vendo de um lado a perda certa d'esse beneficio comprado a troco de humilhações e do outro a perda da minha tranquillidade de consciencia e talvez tambem do mesmo beneficio, não hesito em escolher... A perda certa de tudo... menos da honra! (Parodia insôssa do *tout est perdu hormis l'honneur* do monarcha francez.)

— Estás hoje exageradissimo, homem! Gósto de ti!... Quiz fazer uma experiencia no teu caracter porque preciso de um amigo para me ajudar n'um plano que não tem nada de mentiroso. Vejo quanto tu és inflexivel e leal... vou-te confiar o meu segredo.

Ricardo sorria interiormente. Sería pela satisfação de practicar uma acção boa ou por desconfiança das blandicias do seu amigo?...

— Já te disse — continuou elle — que estou prompto para te servir no que desejares e que me não comprometta!... Dedicação e lealdade encontral-a-ás em mim.

— Basta! És meu amigo e vou dizer-te a minha resolução. Sabes que pedi D. Constança e que obtive a sua mão! agora é mister que...

— Pois tu intentas casar com D. Constança? — interrompeu o veterano com uma seriedade glacial, que fez tremer o caloiro.

Aquelles elogios feitos a Ricardo eram uma especie de cavallo de Troya, que devia entrar na fortaleza intellectual do nosso amigo e depois dar de si, não cohortes armadas, mas esta proposição, mais terrivel que todos os gregos de Ulysses. Felizmente porém a Cassandra fôra escutada d'esta vez e o plano de ataque não produziu effeito.

Carlos acabava de retorquir ao seu companheiro com um fogo de amoroso enthusiasmo:

— Então achas que não é muito digna de occupar o logar privilegiado do meu coração?

O veterano sorriu; Carlos continuou:

— Hoje mesmo mandei pedir a meu pae o seu consentimento; agora pretendo que tu lhe escrevas tambem informando-o da verdade; e embora lhe ponderes alguns inconvenientes n'este casamento, lhe confirmes com todo o ardor da convicção que a minha escolha é digna de todas as attenções pelas virtudes, boas qualidades e dotes de espirito, que são o mais rico patrimonio de minha noiva.

Ricardo, que ao ouvir o nome de Constança tinha sentido o amor-proprio, qual rã da fabula, começar a intumecer-se-lhe no coração, quando conheceu bem o papel de traidor, que n'aquella indigna comedia o seu caloiro lhe destinava, trasbordou todo o fel que contivéra até alli no vaso da prudencia! Tres imagens lhe vieram então assaltar a mente: de um lado sua irmã ludibriada no seu affecto, esquecida e abandonada; do outro D. Constança rindo á custa das suas antigas relações amorosas, que ella sacrificára

á fortuna de Carlos; e finalmente, ao fundo, apparecia-lhe a imagem severa de Fernando, seu protector, increpando-o por uma fraude tão indigna. Por conseguinte, depois de uns momentos de reflexão, o veterano exclamou:

— Conheço agora a tua tactica, porém não me curvo a ella! Declaro-te já que escreverei a teu pae, mas é para lhe fazer saber que esse casamento te é inconveniente por todos os motivos... A fama pública...

— É uma blasfemia! — vociferou Carlos, que ha pouco prestes a caír supplicante aos pés do seu amigo, se erguia agora altivo e sobranceiro do cimo de todo o seu orgulho.

— Não! é uma verdade pungente para ti e para ella, mas necessaria para a tua felicidade — retorquíu Ricardo socegadamente.

— Meu pae duvidará da tua palavra!... Não preciso do teu auxilio, nem temo a tua opposição! Meu pae accederá aos meus pedidos e depois, embora tu lhe protestes e lhe jures as tuas calumnias, não lhes dará crédito.

— Mandar-lhe-ei então duas cartas, que ainda possuo d'essa senhora, como specimen do genero.

Carlos deu um grito concentrado, exclamando:

— És um infame!...

— E tu chamas infame a um homem, que, affrontando a tua vontade, arrisca a perda do beneficio que lhe preparava uma posição social; quando se acceitasse o contracto, que lhe propões, gozaria das tuas

larguezas, não perdendo a egide de teu pae, illudido facilmente até que a sua protecção, me fôsse desnecessaria!? E tu chamas-me infame, homem cego pela paixão!?

O caloiro pensava profundamente em quanto o seu veterano se exprimia com tanto ardor; mas pela reacção do seu orgulho, buscando motivos quimericos á mingua de razões convincentes retorquiu outra vez:

— És um hypocrita! Não é a solicitude pelo meu futuro que te faz affrontar hoje a minha vontade! não é o sentimento de gratidão que te persuade a não illudir meu pae! não é a voz da convicção que te dicta um juizo menos favoravel do caracter de D. Constança! É mais do que tudo isso!... É o ciume! é o despeito de teres sido desprezado, por essa senhora que me preferiu!...

Ricardo soltou uma gargalhada concentrada e comprimida, como para expressar o despeito que o animava!

— Seja como fôr! — disse elle — esse casamento é-te inconveniente e eu jámais concorrerei para elle.

Carlos esperava muito d'aquella aggressão... mas o seu effeito foi quasi nullo; porque o veterano, tendo amado D. Constança com uma d'essas paixões-meteoros, poderia hoje sentir o amor-proprio beliscado pelo insulto do seu companheiro, mas o ciume era impossivel despertar-lh'o, porque o amor estava de ha muito aniquilado!...

A torrente, porém, das offensas não estava esgotada

ainda! Embora mentisse á sua consciencia o filho de Fernando precisava ou esmagar a altivez de Ricardo ou extorquir-lhe a adhesão ao seu plano por um dilemma que lhe torturasse a honra. O novo golpe era mais forte.

— Tens rasão! Este casamento é inconveniente, não tanto para mim como para a tua familia! Os meus interesses devem ser postergados pelos que um bom irmão deve ter em vista! Bem sei que n'uma loucura de infancia pedi a mão de Mathilde, mas, se acreditas que o homem está preso pela promessa da creança, enganas-te... Aqui te declaro que detesto tua irmã, e que jámais casarei com ella!... Queres mais?... Agora, que podes rezar por alma do dote que eu devia levar a Mathilde, já não terás nada a objectar a este casamento... mesmo porque o de tua irmã não era mais vantajoso!...

O tiro fôra certeiro, e abatêra por um pouco o animo do veterano, que depois, illuminado pelo facho de uma consciencia pura, se ergueu de novo, altivo como David diante de Golias.

A voz de Ricardo era pausada e solemne; a respiração ha pouco tumultuosa executava-se com rythmo normal, e quem n'aquelle momento lhe contasse as pulsações da arteria, encontral-as-ía socegadas e regulares.

O caloiro estava enfiado.

— Acabas de me lançar em rosto, — disse o veterano — uma calumnia bem pouco merecida! Não é o interesse de minha familia que me faz oppôr á tua von-

tade! Não! que se meu pae, n'essas quimeras que inventa o amor paternal, concebeu fazer a felicidade de minha irmã ligando-a comtigo, eu, que sei que os dotes da fortuna não são nada quando faltam os do coração, conheço quanto ella sería desgraçada acceitando esta alliança! Não é o interesse! Carlos! porque as tuas relações amorosas com Mathilde são anteriores á rehabilitação da tua fortuna!... Não é o interesse, é o dever que me aconselha a este passo!...

O caloiro não sabendo que responder, balbuciou com voz indicisa:

— Bem! então preferes?...

— A tua inimisade... ou mesmo a tua vingança!...

O filho de Fernando saíu precipitadamente e o de Manoel de Aboim passeava a passos largos pelo quarto, roendo as unhas com desespero!

XXXIII

Consequencias do antecedente

Carlos fez como as creanças pequenas que, em se desavindo com os companheiros, vão immediatamente fazer queixa d'elles. Apenas saíu do campo da contenda foi logo escrever a seu pae e ao pae de Ricardo, accusando-o de continuar a viver escandalosamente; (coisa de que elle não tinha certeza, mas cuja denuncia produzia o desejado effeito de lhe ser tirada a mezada e por conseguinte de ter que saír para sempre de Coimbra.)

No dia seguinte recebiam os dois illustres progenitores dos estudantes a segunda catilinaria, entregue pelas mãos do carteiro, ente da especie humana mil vezes desejado, outras tantas temido, quasi sempre traiçoeiro, trazendo um desgosto quando se espera um prazer, ou quando mesmo se não espera nada.

O caso foi que a epistola segunda *ad parentes* d'este

novo apostolo da dissensão não foi recebida com tanta fleugma como a primeira, especialmente por Fernando, que só aguardava a occasião opportuna para retirar a mezada ao seu protegido.

O sr. Cunha e Mello procurou logo Manoel de Aboim, que pelo seu lado tambem procurava o bemfeitor de seu filho. Foi debaixo da arcada do Terreiro do Paço que os dois velhos amigos se encontraram. O pae de Ricardo tirou o chapéu logo que avistou Fernando e com uma voz trémula, como creança em preludios de chorar, o honrado bastardo da magistratura portugueza exclamou:

— Então, meu amigo! o que me diz a isto?

— O que lhe hei de eu dizer! Que nunca esperei semelhante procedimento de Ricardo! É um ingrato... e de mais a mais um dissimulado!

— Tem razão, meu amigo! tem razão! Aquelle rapaz é a vergonha da minha cara! Elle que podia tão bem utilizar a protecção do meu amigo... quer mesmo porque quer perder a sua carreira.

O negociante ficou silencioso. Manoel de Aboim estremeceu!...

O estado de incerteza é o peior de todos os estados... e ninguem deseja demorar-se n'elle mórmente se um raio de esperança o alumía. Quando tem de transpor-se um precipicio a impaciencia acompanha-nos até ao momento do perigo, em que ou se transpõe victoriosamente o obstaculo, ou se quebra uma perna no salto... Foi por isso que Manoel de Aboim, que presistia em não acreditar metade da accusação

e presistia ainda mais em o querer ver o filho formado á custa do seu amigo, o interpellou assim tão claramente ácerca da sua futura resolução... Mas aquelle silencio do negociante parecia-se muito com um certo estalo, que se sente ao quebrar uma perna!...

O enteado de Themis sentiu a sua queda, com uma dôr intensa... restava-lhe apenas ver se tinha effectivamente havido fractura, não na perna, mas na remessa da mezada a Ricardo.

Os dois velhos fallaram por muito tempo. Aboim trazia duas lagrimas a bailarem-lhe nos olhos; Fernando tinha uma cara que mal se poderia dizer se era mais de despeitado, se de commovido. A contenda fôra acalorada: faltas de consideração, desprezo de deveres, ingratidão, baixezas, abjecções, escandalos e pouco aproveitamento, tudo isto trouxe Fernando a campo e tudo isto quer dizer muito!... O pobre Manoel de Aboim curvou-se, concordou hyperbolisou... mas por fim ponderou, justificou, pediu, prometteu, supplicou e chorou!...

Fernando, que estava frio, como uma manhã de dezembro, respondeu a tudo aquillo com uma só palavra... com uma syllaba apenas:

— Não!...

Terrivel laconismo que destruíu completamente todos os effluvios oratorios do angustiado velho!...

Somma total: a mezada foi suspensa!...

Fernando de Mello escreveu logo a seu filho elogiando-o pelo seu procedimento. Manoel noticiou a

Ricardo a sua desventura, dizendo tanta coisa que por fim nada dizia... tal era a sua perturbação cerebral.

Carlos ficou pulando de contente; e o veterano, ao receber a fatal noticia, ficou com a cara a uma banda!... Os dois companheiros não deram palavra em todo o dia um ao outro; á tardinha vieram quatro mulheres para mudarem os trastes do caloiro; e á noite entrava Carlota n'aquella casa para consolar as magoas do seu amante!...

Ricardo, saíndo no dia seguinte, levava o soffrimento pintado no rosto. O acaso guiou-o a um botequim, onde collegas e amigos lhe perguntaram o que tinha.

— Não é nada — respondeu elle — foram umas questões com o meu caloiro, que me deram algum dissabor.

— Isso dá-se-lhe um grau! — vociferaram todos.

— Não vale a pena! — retorquiu Ricardo — É coisa muito particular não se lhe deve dar importancia.

— Não importa! — replicou um — O tal menino faz-se fino é preciso dar-se-lhe uma ensinadela!

— Um grau! um grau! — exclamou a turba *una voce*.

Palavras não eram ditas o caloiro que entrava altivo e sobranceiro... lançando para um e outro lado baforadas do seu bello charuto, e suppondo-se um Achilles das caçoadas, banhado n'essa lagôa stygia, chamada botequim, que torna um heroe invulneravel á chalaça...

Ricardo, ao vel-o, enfiou. Então um estudante com

modos cortezes chegou-se a elle, estendendo-lhe a mão para o comprimentar. Carlos fez egual movimento mas recebeu o pé do veterano, que por um movimento rapido substituíra a mão traiçoeiramente offerecida. O caloiro ficou vermelho de cólera. É o que mata sempre os Achilles... são os pés!...

Uma estrepitosa gargalhada acabava de saudar a sua encordoação.

— Então não vêem o caloiro a querer apertar tambem a mão á gente!

— É porque, por se ver de capa e batina, já pensa que mudou de condição!

— Não sabe a fabula do burro vestido com a pelle do leão!

Carlos estava a perder as estribeiras. Então outro estudante com ademanes de mais circumspecto disse para os outros:

— Deixem-o! — E depois, chegando-se a elle, perguntou-lhe com voz adocicada:

— V. s.ª vem fazer exame de instrucção primaria?

Grande gargalhada acolheu a ironica pergunta.

— Não, senhor! — replicou o caloiro com voz firme e secca — Já fiz esse exame.

— Bravo! Já deu a primeira patada na república das letras!... Aposto que ficou *simpliciter!*...

Carlos lançou para este interlocutor um olhar de despeito.

— Não lhes dê importancia! deixe-os fallar que são uns parvos! — tornou, mordendo os beiços para suster o riso, o pseudo-circumspecto academico.

— Com effeito! — volveu o caloiro — Esperava encontrar aqui gente delicada e cavalheira, e não quem insultasse assim uma pessoa que lhes não faz mal algum!

— Tem razão! v. s.ª mostra que é um homem do mundo! Veiu da aldêa de Paio Pires?

A mascara do hypocrita acabava de caír!

— Não senhor! sou de Lisboa! — disse o caloiro, dando uma intonação a esta phrase, como se esperasse ver caír por terra toda a caçoada diante da sua individualidade, passada pela estreita fieira da boa convivencia da capital.

O effeito foi o contrario! Todos sabem que um caloiro de Lisboa foi sempre o arreburrinho da rapaziada das provincias, muito menos rica de bons ditos, mas bem mais abastada de milho e de batatas!

— Um palito! excellentissimo! Quem janta alface deve trazer alguma espinha entre os dentes!...

Carlos procurava com os olhos, para o proteger n'aquella occasião, o seu veterano; mas este havia saído logo que o seu ingrato amigo tinha entrado.

O caloiro, qual outro camaleão, passava por todas as cores desde o branco de cal de parede até ao vermelho de barro de Estremoz, não esquecendo o competente fulo, côr que ainda ninguem comparou á de coisa conhecida n'este mundo a não ser á de burro-quando-foge, comparação esta talvez muito verdadeira mas muito metaphysica para os espiritos vulgares.

— Então v. s.ª veiu de Lisboa aqui a pé?

— Não, senhor! vim de caleça!

— Deixe-o fallar! veiu a cavallo no pae!

— Espero, senhores! — bradou Carlos encolerisado — que nas suas insulsas chufas ao menos não insultem as pessoas que eu respeito!...

— O alfacinha tem razão! o pae nunca trouxe brutos ás costas!... é só montado por fidalgos...

Esta *espirituosa* chalaça foi seguida por outras do mesmo jaez, em que se não poupou o pundonor nem os affectos da pobre victima. Carlos perdeu a tramontana e reagiu com a vehemencia de homem offendido.

— Ai! o bicho que se faz fino! um grau! um grau para o amansar! — gritou um dos veteranos.

— Valeu! um grau! vamos a isso!

Nos grandes transes é que se desenvolvem as grandes heroicidades! São as forças *in posse* ou radicaes, como lhes chamam os physiologistas, que vêm em auxilio do espirito abatido. Carlos repelliu violentamente o veterano que o vinha a segurar pelos cabellos: então outro menos pusilanime, deitando-lhe as mãos ás guelas, exclamou com sarcasmo:

— Ai! o caloiro que se faz fino!... o animalzinho é temivel! custa a domar!...

Mas o caloiro pelo supremo esforço de reacção venceu aquella resistencia e saíu arrebatadamente do botequim.

Os veteranos não o perseguiram e contentaram-se em exclamar:

— Safa que o bicho é feroz! não queremos nada com elle, que atira!

— Morde na gente! safa!

— Aquillo só um domador de feras é que lhe mette dente.

— M.me Labarraire ou mr. Charles!...

E acompanhavam aquelles ditos de estrepitosas gargalhadas!

O caloiro foi-se metter em casa bem receioso de ter no dia seguinte novo dissabor pela mesma causa. O futuro encarregou-se de o desenganar. Os heroes da scena acima descripta, entregues a outras distracções, tinham votado a um tal esquecimento o caloiro que nem sequer se lembraram de contar este episodio a ninguem!...

Que mudanças se não tem operado na superficie do globo!...

Appello para vós, venerandos bachareis-formados de outros tempos! appello para vós que fizestes tremer de susto muitos homens barbados, conduzindo-os, quaes mansos cordeiros, ao potro homicida das pharisaicas torturas, chamado casa dos graus! Qual foi o que ousou resistir-vos? qual o que não titubeou palavras desconnexas na vossa presença... A vossa víctima era levada traiçoeira e inopinadamente á tremenda sala, pintada de negro, adornada de ossadas e caveiras e alumiada apenas pela frouxa e melancolica luz de uma lampada de alcool, e ahi algumas duzias de algozes mascarados lhe torturavam o corpo com as crueldades do estylo e o espirito com a discussão d'essas theses de absurda e jocosa semsaboria, para depois... (Todos sabem em que consistia a cerimonia do grau).

Felicitemos o progresso por ter abolido essa provação barbara e antisocial por que passavam os caloiros; mas não se diga tambem que foi para elles uma felicidade o acabarem-se completamente as caçoadas! N'outros tempos um pobre rapaz que chegava a Coimbra, com o desejo de se ver livre depressa d'aquella triste posição de caloiro e na impossibilidade de se distraír em patuscadas, estudava com affinco; e quando depois das ferias do Natal do seu primeiro anno, em que se via livre dos receios das caçoadas, se atrevia a saír, já tinha adquirido o habito de estudar, ou pelo menos tinha vencido os preparatorios.

Assim, commedidas e razoaveis, eram uteis as caçoadas, não só por impedirem que as creanças inexperientes, achando-se de repente livres de todo o jugo, se entregassem com demasiado ardor ás extravagancias da mocidade, mas tambem por os coagirem á applicação no estudo dos preparatorios, que como se sabe, são o maior barranco para a formatura, pois, matriculado o estudante na Universidade, só se dá faltas para perder o anno ou é estupido como um pataco é que não chega ao fim da sua carreira com mais ou menos difficuldade.

Era uma divida sagrada, que as gerações íam pagando successivamente umas ás outras!...

XXXIV

Em consequencia das consequencias ha um desafio

Leitor! se tu és d'aquelles que não avaliam um romance senão pelo numero de sensações fortes que elle produz no systema nervoso, podias ter declarado isso logo no principio e começar por aqui!

Depois dos muitos centos de banalidades, que deixo exaradas por essas paginas que lá vão, ergo-me agora ao nivel da posição de romancista e apresento-te as paginas mais lugubres, mais tetricas, mais pavidas que póde ter a vida do estudante! Agora sim! que o meu romance vae ter interesse, mórmente para esses, e são quasi todos, que, como diz o sr. Camillo Castello Branco, compram um romance como quem aluga uma janella para ver um suppliciado caminhar para o patibulo, subir as escadas do cadafalso e

entregar resignado a vida a essa coisa estupida a que se chama justiça dos homens! Se és d'esses, leitor, folga! que o meu romance vae-te encher as medidas! Se desejas os nervos arripiados, encrespados, horripilados, espera, que a leitura das paginas que seguem, peior do que uma rebeca desafinada, vae produzir-te esse effeito! Não haverá em ti um bocadinho de substancia nervosa, desde o cerebro ou espinhal medula até ás papilas sub-epidermicas, que não seja posta n'uma commoção mais violenta do que se estivesses sujeito ao choque de uma maquina electrica! Sensações palpitantes, pungentes e dolorosas! affectos vehementes, patheticos e violentos! angustias, tribulações e tormentos! collisões torturantes e momentos solemnes... tudo vae ser posto em jogo!...N'uma palavra, é um caixotim de pontos de admiração e dois de reticencias que se gastam na composição de cada pagina!...

Folga e escuta, leitor!

Era o anniversario d'esse dia funebre, que um seculo antes (pouco mais ou menos) enchera de lucto e terror os habitantes da populosa Lisboa, quando a terra, abalada nos seus fundamentos, derribava nas convulsões tetricas do seu estrebuxar feroz os templos e os palacios, estalando no delirio pavido das suas contorsões as lousas sepulchraes, que se entre-abriam para deixar ver as ossadas alvacentas dos cadaveres envolvidos nas pregas dos seus sudarios!

Hein? que tal?... Não vou bem no pavoroso? Todos estes palavrões de arripiar querem dizer que era o primeiro de novembro, anniversario do terremoto!...

Continuemos!...

O sol ía a declinar rapido n'um horisonte de acastelladas nuvens (é do estylo!), enviando á terra o seu ultimo clarão, como extremo fulgor da lampada que bruxoleia aos pés do tumulo, e que extinguindo-se envia a sua derradeira claridade a reflectir-se sobre a face pallida do cadaver! As rajadas de vento acompanhavam com sua lugubre cadencia o hymno da morte, que dos altos campanarios se erguia aos ares em commemoração dos finados!... O rugir do trovão... parecia o echo desta canção funerea que na aboboda celeste se repercutia!... e o relampago (não admira haverem trovões e relampagos por ser no inverno)... e o relampago era... (Que sería o relampago?... Ah! já sei!...) e o relampago era a sentença de maldição... era a voz do anathema, escripta em letras de fogo, não sobre a parede como no festim de Balthazar, mas sobre o manto escuro que toldava a aboboda dos ceus!...

Que força de estylo! Tudo isto se dizia em duas palavras! Era na vespera de dia de finados á tarde e estava a chover! Mas são estas franjas e arrebiques quem hão de fazer manar a agoa em torrentes, não das catadupas do céu, mas dos olhos dos meus leitores... como a vara magica de Moisés, das áridas penedias do deserto!...

Avante!

Ricardo, que não gostava nada d'estes cataclysmos de natureza, estava mettido no quarto, embrulhado n'um cobertor de papa e fazendo certo o ditado que «só

lembra santa Barbara quando fazem trovões!...» Mal pensava elle o raio que lhe havia de caír em casa!

Um estudante, que elle apenas conhecia de vista por vir algumas vezes procurar o seu companheiro Carlos, bateu á porta e com ademanes de cavalheiro da edade-média pediu para ser admittido á presença do sr. Ricardo Pereira de Aboim.

Este, que, ao ouvir bater, estremecera julgando ser algum crédor, ficou descançado quando o viu e mandou-o entrar logo para a sala de jantar, casa a mais decente de todas as que possuía.

Então o estudante, grotesca personagem de collarinhos empavezados, apezar de um certo detrimento na sua tezura, occasionado pela chuva, que a elle mesmo o pozera um pinto, disse, adeantando-se para Ricardo:

— Apezar de não ter o gosto de o conhecer, sei que me dirijo a um cavalheiro e que venho enviado de outro cavalheiro, e por conseguinte espero que a missão, que o meu amigo Carlos da Cunha e Mello me incumbiu, terá a solução mais propria e mais honrosa para a boa reputação de um e d'outro.

O veterano ao ouvir fallar no nome do caloiro sobresaltou-se, receiando novas pendencias que lhe aggravassem mais a sua compromettida situação, ou a repetição de suggestões para concorrer para o desejado casamento. Predispoz-se portanto para a lucta, e, depois de um breve silencio, respondeu:

— Acceito com todo o gosto a mensagem que v. s.ª me traz, e que por vir do meu amigo de infancia,

do filho do meu protector, apezar d'elle se ter agastado um pouco comigo, não póde deixar de me dar o maior prazer.

— A coisa é muito simples! — replicou o esganiçado mensageiro — O meu amigo Carlos julgou e com fundamento que a insultuosa caçoada, que no outro dia soffreu, fôra promovida pelo senhor, e que não tendo coragem para assistir á sua obra se ausentára depois...

— Perdão! Carlos engana-se! Eu não influí nada... e até mesmo quiz dissuadil-os...

— Se me dá licença — retorquíu o enviado — o meu amigo suppõe que o senhor podia pelo menos ter-lhe evitado aquella scena dasagradavel; e porisso, julgando a sua honra maculada, acredita que o melhor meio de illibar a sua reputação em ponto tão melindroso é propôr a v. sr.ª um duello, convidando-o a eleger os seus padrinhos e...

— Carlos está tolo! — exclamou Ricardo no excesso da sua enthusiastica sinceridade! — Mandar-me desafiar... a mim!... Faça favôr de lhe dizer que se deixe de creancices, que essas coisas são sempre ridiculas, especialmente n'esta terra em que de tudo se faz chacota.

Isto dito, levantou-se, acendeu um cigarro e começou a passear.

O diplomatico mensageiro, que julgou os seus brios de enviado offendidos pela pouca importancia que davam á sua missão, retorquíu todo alcachofrado:

— Eu creio que o sr. Ricardo de Aboim não teria

dúvida alguma em dar publicamente uma satisfação ao seu amigo... e, se receia as consequencias de um desafio, é este, segundo penso, o modo mais simples de terminar as coisas amigavelmente.

— O senhor está parvo... ou que diabo está o senhor?... Dar uma satisfação a Carlos de quê e por quê? .. acceitar um duello para que?... Os senhores endoideceram ambos!...

— Apezar de me ver offendido nas suas palavras — retorquiu o embespinhado medianeiro — e de um modo pouco decoroso ao caracter de que venho revestido, que o senhor, em affazeres de tal melindre, não soube respeitar, postergando todas as conveniencias... eu esqueço a affronta para só me occupar dos interesses do meu amigo, porque é só a sua honra que me cumpre zelar n'este negocio! Carlos foi offendido e pede desaffronta. Ou v. s.ª lhe dá a satisfação exigida ou acceita o duello proposto.

— Meu caro senhor medianeiro de desafios! faça favor de me deixar em paz e de dizer a Carlos que tome juizo! Não acceito o desafio porque isso me dá vontade de rir! não lhe dou satisfação porque não tenho de quê! Quizeram caçoal-o! que tenho eu com isso?... É verdade que podia interpôr a minha authoridade de veterano; não o fiz porque não me pareceu conveniente, depois do que entre nós se tinha dado, ir ainda fazer de defensor de Carlos. Ha generosidades que cheiram a servilismo!... e por isso julguei melhor não authorisar nem desauthorisar o facto com a minha presença e saí.

— Isso mesmo talvez lhe possa servir de escusa para com o meu amigo. Se v. s.ª quer eu vou-lhe dizer, que v. s.ª está prompto a dar-lhe em público esta explicação e bem certo estou que Carlos, generoso como é, ha de acceital-a, pois que elle não deseja mais do que illibar a sua honra manchada!

— Homem! — replicou Ricardo com impaciencia — O senhor não fará favor de me deixar com as suas exclamações de comedia e dizer a Carlos que não estou para o aturar!

— Então recusa?

— Já lhe disse que sim! que mais quer?

— Que reflexione bem no labeu com que vae macular a sua reputação!

— O senhor não fará favor de ver se vae para o inferno!... — bradou Ricardo quasi enfurecido.

— Então, senhor! — lhe tornou o protector do espadachinismo, saindo um pouco fóra de si (se é que elle já alguma vez em sua vida estivera concentrado em si mesmo!) — Então tenho a dizer-lhe da parte de Carlos que o senhor é um homem sem honra, sem brio, e sem cavalheirismo... Tenho a declarar-lhe que o meu amigo se acha authorisado a escarrar-lhe na cara no sitio onde o encontrar... ou a avisal-o... que... elle... o mandará... desancar... por... um... gallego...

Estas últimas palavras do embaixador foram já muito intercortadas pelos abalos que o seu orgam vocal soffria ao descer a escada precipitadamente a dois e dois, porquanto Ricardo já se tinha disposto

a dizer-lhe... a declarar-lhe... e a avisal-o que lhe partia as costas com uma cadeira se acaso elle se não safasse!... E fugiu com tal rapidez que a cadeira mandada atraz d'elle, apezar do movimento uniformemente accelerado que adquiria no salto de cada degráu, esmigalhou-se no meio da rua sem o ter podido apanhar!

E com esta burlesca scena acabou aquella comedia, que aspirava a ser drama com desenlace de tragedia.

Oh! tempora, oh! mores! Por quanto n'outros tempos ousaria um caloiro proceder de semelhante modo! mas hoje estão emancipados... fazem muito bem!...

Bem fez tambem Ricardo não acceitando o desafio. Todos sabem o ridiculo de que em Coimbra se costumam cobrir ainda mesmo aquelles que chegam a ir ao campo da honra... disparar dois tiros para o ar!...

O filho de Fernando ficou impando apenas soube da desfeita do seu alambicado plenipotenciario. Mandou logo uma declaração fulminante do proceder infame e covarde do veterano para todos os jornaes da terra, que tiveram o bom senso de a não publicar; e não contente com isto escreveu a este uma carta exprobando-lhe o seu proceder miseravel e poltrão, e muitas outras coisas mais, que espremidas não queriam dizer nada!

Ricardo estava de pachorra e porisso agarrou na penna e respondeu-lhe.

Dizia-lhe que, embora ficasse tido por covarde, não

se podia resolver a acceitar um desafio, porque não era mais do que ir concorrer para uma ridicula creançada do seu antigo companheiro contra o qual a serio elle se não atreveria a apontar uma pistola, pelos laços da amisade e pelos da gratidão; e para servir de alvo á bala do seu amigo, sería isso uma acção muito heroica, mas que elle julgava contraria á moral e ao bom senso; e por conseguinte prescindia das glorias do heroismo, julgando mais razoavel continuarem a viver ambos socegadamente pois que, se Caim e Abel não couberam em todo o mundo, nem David e Saul n'um reino, nem Abraham e Lot n'uma casa, elles dois cabiam perfeitamente n'um quarto e até na mesma cama se preciso fôsse!...

Para Lisboa contou-se o facto, exorbitando a acção ou antes a inacção de Ricardo em salvar da caçoada o caloiro; e Manoel de Aboim, vendo perdida a esperança da continuação da mezada a seu filho, escreveu-lhe exhortando-o a que voltasse para casa, pois que, destituido do auxilio de Fernando e impossibilitado por conseguinte de ultimar a formatura, precisava habilitar-se para algum emprego público com que podesse ajudar seu pae no tão difficultoso costeio da casa.

XXXV

Fontes de receita desconhecidas por alguns notaveis economistas

«Orgulho humano! qual és tu mais, feroz, estupido ou ridiculo?» Pergunta é esta que o nosso distincto escriptor dirige ao sentimento mais violento do coração do homem e ao qual elle ainda se não dignou responder cathegoricamente.

Ricardo não poude tolerar a idéa d'aquella forçada demonstração de dependencia de Fernando, desistindo de concluír a sua carreira, nem lhe soffreu o animo irritado passar pelas forcas caudinas formadas pelos cordões da bolsa do velho negociante e pelas exigencias de seu filho, implorando-lhes servilmente a continuação da mezada. Catão para não render vassalagem ao poder de Cezar põe termo á existencia, mas Ricardo no excesso do seu orgulho, para não a prestar ao poder das libras do seu ex-protec-

tor... ergue-se mais alto que o cidadão de Utica, rejeita a idéa do suicidio moral que seu pae lhe propunha abandonando a formatura... e mais feliz que o republicano de Roma guiado por dois pharoes de esperança que o alumiavam nas trevas de um provir duvidoso, responde a seu pae que continuasse a mandar-lhe a meia moeda, quantidade complementar da mezada que o procurador punha do seu bolsinho, e elle promettia que as cartas da formatura haviam de apparecer!

O pobre velho leu e ficou de bôcca aberta!... Pois qual é o ser do reino animal que se póde sustentar com meia moeda por mez, excepção feita do canario que se limita a comer alpiste, sem aspirar a pão-de-ló ou a grelos de couve?

O velho não conhecia os milagres de duas grandes fontes de receita!...

Era principio de anno e por isso Ricardo dispunha-se a fazer cebentas.

«Mas que é isso de cebentas?» pergunta admirado o leitor que não conhece Coimbra e a quem o disparate da proposição parece manifesto. «Cebentas é um adjectivo no diccionario portuguez, porque se lhe podem juntar os substantivos *pessoa* ou *coisa;* e além do chapadissimo erro de grammatica de fazer um adjectivo complemento de um verbo, ainda querendo-lhe subintender o substantivo occulto não fica menos evidente a asneira de um homem ganhar a vida a fazer coisas cebentas! (pessoas... está visto que não póde ser!)»

Salve! profundo grammaticão!... Se o vocabulo

cebenta fôsse um adjectivo, confesso-te que não saberia com que o fazer concordar... mas é um substantivo, que designa e exprime umas certas prelecções pessimamente lithographadas, que se publicam quotidianamente como desenvolvimento da lição e que sendo colhidas da explicação do lente na aula com mais alguns aditamentos apanhados a dente pelo editor, poupam a quasi todo um curso de direito o trabalho de folhear *Ordenações* e *Digesto* e de attenderem á prelecção. É uma coisa magnifica! chega a cebentinha á noite... é metter na cabeça e vomital-a ao outro dia se se é chamado á lição! E é assim que nove decimos dos juristas estudam direito... quer dizer, se o curso é de cem, um estuda para noventa e os outros nove estudam para si!...

Ricardo affixou um annuncio tambem lithographado n'um dos umbraes da porta-ferrea, alcançou as assignaturas que desejava... e com esta fonte de receita, ignorada por Garnier Pagés, ou João Baptista Say, tinha elle parte da mezada arranjada, faltando apenas cobrir um pequeno *deficit*.

Para isso havia o prego!

Enganaes-vos completamente se acreditaes que se tracta de prego pontal ou galeota! Não, senhores! Falla-se de uma instituição da maior utilidade! Nem ao nome haja censura!... pois assim como aos depositos de dinheiros, que, apezar de quebrarem alguma vez, não são de taboa nem tem pernas, se chamam bancos, assim tambem a esta como parcella d'elles se póde chamar prego!...

A lei das analogias tão preconisada por Cuvier cabe aqui perfeitamente!

Ora supponde vós que precisaes de dinheiro, coisa que mil vezes acontece, e que não tendes meio de o arranjar nem vosso nem emprestado!... Possuís uma sobrecasaca, umas calças, uma duzia de camisas, um cobertor, umas pistolas, uns lençoes, umas botas, um relogio, mala, livros... qualquer coisa; sem a instituição do prego por força havieis de vender esses objectos para arranjar dinheiro e assim mandael-os para esse mysterioso dedalo, carrasco de casacas e coletes, como alguem já lhe chamou e tendes a certeza de alcançar a quarta parte, quando muito do seu valor intrinseco, a troco de um modesto interesse de cincoenta por cento!

E digam que a instituíção não é boa! É por isso que n'esta cidade quasi ninguem deixa de ter um prego! O negociante incumbe a um homem de confiança a gerencia d'este negocio; em casa do doutor diz-se pertencer ao criado uma d'estas instituições que ha de portas a dentro; e até a *fille de marbre* diz que é uma visinha quem lhe pede para empregar tão philantropicamente o seu dinheiro! Estas modestias são louvaveis!

Se a maior circulação dos capitaes é um dos principios de felicidade industrial consignado na sciencia dos interesses economicos, o prego, que faz gyrar os fundos saídos da grande circulação commercial de Coimbra para as mezadas dos estudantes até volverem ao ponto d'onde haviam saído, é uma especie de cir-

culação parcial da veia-porta, em que o succo nutritivo da vida social, o oiro, volta a introncar de novo na torrente circulatoria, mais rico, não de globulos rubros, mas de circulos loiros, graças ao innocente juro que augmenta o numero das libras!...

E não era passado muito tempo sem que Ricardo cobrisse o *deficit* da receita das cebentas com a remessa de algum objecto para o prego! Assim lhe ficaram captivas as Ordenações e a mala de viagem, o Paschoal José de Mello e as botas de montar... E as coisas íam correndo, e o termo anhelado da formatura ía-se aproximando, e o estudante, que pela sua pouca applicação não recebêra dos seus collegas o diploma de rapaz esperto, ía vendo minguar-lhe cada dia o numero dos assignantes das cebentas, envergonhados, ainda os menos regulares, de terem por director no estudo um condiscipulo, que não ganhára as auras populares; e o nosso heroe vendo a necessidade de augmentar as remessas para o prego... via rarearem tambem as fileiras dos objectos susceptiveis de terem alli admissão.

Assim passava o pobre rapaz uma vida atribulada e cheia de privações em companhia de Carlota, que se lhe mettêra em casa desde a saída do caloiro, pelo que, denunciado a seu pae, vira suspensa até a mesquinha mensalidade da meia moeda que este lhe mandava!...

XXXVI

Verdades e mentiras

— Mas tu, minha amiguinha, ainda conservas uma esperança... e eu...

— Sim! minha Mathilde! eu tenho a esperança de que elle ha de vir... para me ver... e que depois nos havemos de juntar... para nunca mais nos separarmos!...

— Eu tambem assim o creio! Ricardo, logo que volte de Coimbra formado, ha de esquecer todas as suas estravagancias para só occupar-se de fazer a felicidade da sua querida Adelaide.

— Tambem Carlos ha de voltar, minha menina! mas com a differença de que o teu irmão virá abraçar um cadaver... e o teu amante encontrar-te-á risonha e sádia.

— Ih! Jesus! o que estás ahi a dizer! a fallar de

coisas tristes... Olha eu já responsei o mano Ricardo para que se não perdesse n'aquella vida que leva, e rezei uma oração nova que me ensinaram a S. Cypriano para que Carlos me tornasse a escrever... e então não estejas ahi sempre a pensar em mortes... Ainda havemos de ser ambas muito felizes.

— Sim! Tu na terra e eu no céu!

— Valha-te Deus! Não te calarás com isso? Tu já vaes melhor e então...

— Dizem que tenho melhoras e eu para não desconsolar os outros concordo tambem n'isso, mas só eu sinto como a vida se me esvae de dia para dia! Ai! minha amiga! não me custa morrer, Deus bem o sabe! acredito que a morte é um somno brando de que se não acórda senão para gozar; o que me custaria era deixar o mundo sem o tornar a ver... mas isso tenho fé no Senhor que me ha de ainda conceder esse grande prazer. Ricardo ha de vir ainda o tempo de receber o meu último suspiro e de me cerrar os olhos...

As mãos das duas meninas tinham-se enlaçado espontaneamente. Duas grossas lagrimas brilhavam nas sobrancelhas de Mathilde, e Adelaide olhava o céu com a serena confiança de um anjo que espera o mando do Eterno para erguer o placido vôo para a mansão da bemaventurança.

A candida amante de Ricardo proseguiu com voz ligeiramente commovida:

— Quando teu irmão chegar, se eu já não tiver força, dá-lhe tu esta bolsa que acabei de bordar para

elle... que a conserve como última recordação de quem tanto lhe quiz... Tem o seu nome bordado com o meu cabello e dentro... á falta de outro melhor thesouro lhe guardo duas lagrimas sentidas que por elle derramei... olha!... aqui te fica n'esta gaveta... Agora deixa-me dizer adeus ao sol que se vae esconder no horisonte e que talvez para mim desappareça para sempre... depois preciso deitar-me, orar a Deus pela sua ventura e depois... repousar...

E d'esta vez, duas perolas cristalinas, penduradas dos longos e assetinados cilios da formosa menina, lhe deslizaram pelas faces afogueadas pela febre, até caírem dentro da mimosa bolsinha ainda aberta na sua mão.

— Sentes-te peior? — perguntou Mathilde com extremo cuidado.

— Não, minha querida... estou boa... muito boa — replicou Adelaide com um sorriso de angelica affabilidade.

E depois chegando á janella, contemplou o reflexo do sol já sumido por detraz das arvores do seu quintal com um olhar affectuoso, como extremosa amante, acompanhando ainda a sombra querida do mancebo, que, no último adeus da despedida, acaba detranspor o angulo da estrada que o occulta aos seus olhares.

A pobre menina bebeu a longos haustos a brisa tepida e embalsamada, que de illudida lhe vinha brincar com as duas rosas das suas faces; e depois retirou-se para dentro; e Mathilde acompanhou-a com phrases de conforto e de esperança atravez do proprio desalento.

No entanto Carlos continuava a levar uma vida tão monotonamente variada como até alli.

«Monotonamente variada!?» exclama agora a leitora semi-litterata, que julgou apanhar o author em flagrante delicto de chapada asneira.

Sim, amavel descendente de Sapho! Corinna em miniatura! sim! monotonamente variada!... porque parecia aos outros de uma pasmosa monotonia quando elle a achava da mais deleitosa variedade!... O bom do moço ía todos os dias á mesma aula ouvir prelecções differentes, mas sem attender a nenhuma; e todas as tardes ía conversar com D. Constança para na segunda-feira lhe dizer que a admirava; na terça que a respeitava; na quarta, que a estimava; na quinta, que a amava; na sexta, que a adorava; no sabbado, que a idolatrava e finalmente ao domingo, descançando como Deus depois de crear aquelle mundo de amores, repetia cumulativamente os protestos da sua admiração, do seu respeito, da sua estima, do seu amor, da sua adoração e da sua idolatria... Quereis monotonia mais variada?

Pelo seu lado Constança fazia certo o principio de mechanica, que os corações se attráem na razão directa das massas (representadas aqui pelo volume metalico do patrimonio de Carlos); e na razão inversa do quadrado das distancias... pois desde que deixára de ver Ricardo nunca mais d'elle se lembrára...

O veterano, porém, vingava-se nobremente! Era a filha de Duarte a última das entidades femininas que lhe occupava as planicies da cachimonia!

E o tempo ia correndo e o caloiro começava a ver-se compromettido para dar a Duarte e a sua filha a resposta de seu pae á permissão pedida para o casamento.

O namorado de D. Constança conhecia que seu pae, apezar de excessivamente seu amigo, era um portuguez pé-de-boi, que julgaria o matrimonio um obstaculo á conclusão dos seus estudos, e n'esse caso lhe daria em resposta um *não* retumbante e inabalavel como as pyramides do Egypto, e como costumam ser sempre as decisões pensadas e prudentes de semelhantes paes.

Carlos, por conseguinte, tirou diante dos olhos os oculos de côr, chamados paixão, e com a vista desanuveada mediu todos os inconvenientes de atacar de frente e sem um unico auxilio esse poderoso baluarte da vontade paterna, que elle julgava de mais a mais influenciado por alguma insinuação traiçoeira e exagerada de Ricardo; e porisso usando de um recurso muito parlamentar... adiou a proposta, ou antes adiou a votação da camara alta, personalisada em seu pae, sobre o projecto apresentado ao seu espirito.

Restava justificar o adiamento aos olhos de Constança, que não conhecia aquella strategia politica. A audacia ensinou-lhe facil mentira, e um dia, em que encontrou Duarte e sua filha sós na sala, disse-lhes com o maior descaro:

— Não sabem? Tive carta de meu pae, em resposta ao meu pedido, e o honrado author de meus dias deferiu á minha súpplica com aquella bondade e amor

paterno que o caracterisam. Impoz-me apenas uma condição, que eu julgo dura attendendo á minha impaciencia, mas que mais branda me parece se considero a inabalavel fidelidade d'esta reciproca affeição.

Constança córou de contentamento e se o prazer traísse na côr um homem velho ver-se-ía Duarte corar do mesmo modo.

— Meu pae, accedendo com todo o prazer a esse pedido, de que depende a minha eterna ventura, quiz que eu lhe désse primeiro uma prova de cumprir a sua vontade antes de elle satisfazer a minha. N'uma palavra... visto eu ter vindo para Coimbra estudar, reserva para depois do meu primeiro acto o seu definitivo consentimento, que todavia desde já me assegura se eu fôr bem succedido na minha primeira prova universitaria.

Duarte d'esta vez córou. É que elle bem sabia que em materia de casamento estas procrastinações são sempre perigosas!

D. Constança ficou quasi impassivel. O coração da mulher em questões de amor é um cahos incomprehensivel!... Asseguravam-lhe a pósse do objecto amado, promettiam-lhe de continuar a viver em intimidade com elle sem separação nem ausencias e apenas adiavam por seis mezes a ligação do vinculo indissoluvel! Que mais tinha a desejar? Nada! que o amor-paixão não ambicionava n'ella a aproximação d'esse momento de coroar aspirações de sedento appetite, o amor-interesse não receava a perda nem do amante nem do patrimonio em tão curto espaço, e final-

mente o amor-orgulho em coisa nenhuma era ferido com esta demora.

Para esse affecto puro e innocente, que a virgem denomina amor sem mesmo saber o que é, basta o platonismo das relações com o mancebo que se ama, sem que o desejo do casamento lhe venha perturbar a ventura; e para esses amores fugazes é o laço insoluvel muitas vezes um facho importuno queimando as azas das inconstantes borboletas sem as deixar mais pousar de flôr em flôr.

Fôsse qual fôsse o motivo, D. Constança não se assustou muito com a projectada demora e deixou o seu amante continuar a expôr o seu mentido arrasoado.

Dizia este:

— O tempo correrá veloz, nem é possivel que de outro modo os dias se deslizem em tão boa companhia! Assim dentro em breve terei cumprido o meu mais acrisolado desejo, tendo tambem satisfeito a vontade de meu pae.

A donzella acolhia esta declaração com um sorriso de ingenuidade, e seu pae com outro menos ingenuo e um pouco mais amarello. Carlos proseguiu ainda:

— Julgo portanto inutil qualquer tentativa para abreviar de um dia o anhelado consentimento; porque, além de ser até certo ponto egoismo o querer constranger a vontade de um pae tão pouco exigente, sería ainda inefficaz, visto a sua pertinacia em sustentar inabalavelmente as determinações uma vez tomadas.

(Era esta a unica verdade de tudo quanto tinha dito.)

Duarte e sua filha balbuciaram algumas banalidades mais ou menos a proposito, e depois, attenta a esterilidade do assumpto, trocaram-o por outros mais agradaveis, em que a conversação se entreteve animadamente, até que o caloiro se retirou.

D. Constança foi para o quarto tão alegre como sempre, dormindo tão socegadamente como Eva no primeiro dia da sua existencia, antes do peccado original; e Duarte... esse lá ficou um pouco engodado pelas palavras bem arranjadinhas do seu genro em perspectiva.

XXXVII

Como se vinga uma mulher

Quando o caloiro foi para casa encontrou sobre a mêsa uma carta do correio, cuja letra o fez logo tremer! Não havia dúvida... era uma carta... adevinhae de quem!... De Mathilde. E o mais é que, segundo ella mesma se queixava, era esta a terceira que escrevia, sem o seu amante lhe dar resposta.

Ora ouvi:

«Meu queridinho Carlosinho do meu coraçãosinho!»

(Bravo esta apostrophe é sublime de pequenez!)

«Recebendo a tua de 16 de julho, a qual eu trago «sempre sobre o coração como lenitivo ás magoas das «dores da tua ausencia, respondi logo, e não tive res«posta, escrevi segunda e ainda nada... escrevo ago«ra terceira e prometto tres missas ás almas se esta «te chegar á tua mão... O meu coração bem me ti-

«nha dito que em tu indo para Coimbra te esquecias «de mim!...»

Poupem-se os adornos dos erros orthographicos e a continuação da leitura da carta, que, segundo o costume, era de quatro paginas em papel Tojal de marca grande e sem margens!...

Agora sério! A mulher quando não tem illustração sempre cáe em muita babozeira! se não se póde elevar acima do nivel da vulgaridade, adornando-se com uma instrucção superior ao fazer meia, coser, soletrar o ripanso e rabiscar o rol da roupa suja, despenha-se a cada passo das alturas a que a sua belleza ou a sua juventude a deveriam elevar!

Se uma pseudo-instrucção póde perverter os costumes, ha entre esta e a singeleza patriarchal dos tempos primitivos um razoavel termo medio, o qual, acrisolando a mulher no conhecimento dos deveres, a põe ao abrigo dos riscos d'essa candura innocente e parva, que lhe faz abrir demasiado o coração sacrificando-a irremissivelmente ao escarneo do homem, baptisado no Jordão do cynismo.

Mathilde, levada pelos principios religiosos, confirmava com a invocação das coisas sagradas, n'um voto piedoso que ella não soube guardar comsigo, a tribulação do seu desprezado affecto, e Carlos mergulhado no pelago de sceptica impiedade ao ler aquelle recurso para o divino auxilio em coisa tão mundana, soltou uma extensa gargalhada de diabolica zombaria!..

Mas o riso do caloiro anuveou-se por um momento como um presagio de calamidade! Só então se lem-

brou que tinha perdido as primeiras cartas de Mathilde e achou não sei o que de funesto n'esta lembrança... Mas a idéa passou-lhe na mente com a rapidez com que o cutelo brilha na mão do algoz antes de se cravar no collo da victima, e Carlos, mettendo-se na cama, adormeceu socegadamente, e ao outro dia, ao retomar o fio da sua vida, não se lembrava já de semelhante coisa...

Era o caso porém que uma das taes cartas ficára effectivamente perdida entre varios papeis velhos no quarto pelo caloiro occupado na rua dos Grillos, onde Carlota, outra vez senhora d'aquella casa, a fôra descobrir voando adiante das pontas da vassoura de urzes, e, excitada a curiosidade da rapariga pelo aprimorado do papel, a foi esta logo levar a um tendeiro visinho para que lh'a soletrasse.

Era um apontoado de agradecimentos pelas amorosas expressões de Carlos na sua primeira, a que respondia; mostrando nas crenças e devaneios de uma constancia eterna, firmada pelos reciprocos protestos, a mais inabalavel convicção da lealdade do caloiro para com a signataria, sem a mais leve sombra de receios de futura infidelidade. Ora, por um feliz incidente, nem Mathilde mencionára a data da carta a que respondia, nem ella mesma datára a sua (falta aliás muito frequente n'esta especie do genero epistolar); e por conseguinte á mente de Carlota occorreu logo a diabolica idéa de mandar esta carta, dentro de outra anonyma a D. Constança, como se ao presente se referisse.

Apezar de parecer que a filha da sr.ª Maria não devêra ter desejo de semear a discordia n'aquelle namoro, que era como um pára-raio a defender Ricardo das seducções de D. Constança, o desejo de vingar-se prevaleceu sobre algum temor de futuros ciumes, e portanto, logo alli, pelo officioso tendeiro foi escripta com letra garrafal a seguinte carta:

«*Minha sinhora!*»

«*Peçoa qe munto a istima i que Ve o cuanto a ci-*
«*nhora enprega mal u ceu aMor para com o snr.*
«*Calros lhe manda eça prova do cuanto anda iludida*
«*purque ele lhe è infiel*» (assignado) «*Hun seu verda-*
«*deiro aMigo.*»

Sabido é que todos os fabricadores d'estas bombas fulminantes á Orsini, chamadas cartas anonymas, costumam disfarçar a letra e a orthographia, simulando a mais crassa ignorancia; por consequencia a prova parecia irrecusavel!

Carlota estava vingada!

XXXVIII

O signo de capricornio

Somos chegados a um mez em que grandes acontecimentos devem ter logar. É o último dos mezes do anno, aquelle em que começam as ferias do Natal, marco miliario da primeira epocha do anno lectivo, sempre a mais difficil de passar! É o frio dezembro, notavel no calendario academico pela festa dos premios e pelas eleições do theatro.

Estamos no festivo dia da immaculada conceição da Virgem; os sinos da Universidade repicam desde a manhã os seus hymnos festivaes, imbroglio musical muito parecido com o lundum da Figueira; pelas dez horas sae o corpo cathedratico da missa solemne para ir occupar os doutoraes, especie de varanda um pouco elevada que circumda a sala dos capellos. Depois de previa chamada feita pelos respectivos bedeis, vão os estudantes distinctos occupar a parte su-

perior da sala, separada por uma grade do restante espaço que occupam os curiosos espectadores; o reitor, rodeado dos decanos das cinco faculdades, está sobre uma plataforma elevada no topo da sala, tendo ao lado o secretario, mestre de cerimonias e director de charamela, que ao fundo desempenha com a costumada mestria os mais desaforados aleijões das bellezas de Rossini ou Verdi.

Ha discursos elogiando os mancebos applicados e exhortando os não premiados... ou não contemplados (distincção aliás muito necessaria!) e depois cada um dos lentes de prima vae por sua ordem entregando aos estudantes, que alcançaram premios no anno anterior, o competente diploma impresso em pergaminho ou papel grosso, com que elles vão muito satisfeitos para suas casas, deixando a morder de inveja alguns não contemplados... ou matando de apoplexia fulminante os brios de emulação áquelles que por injustiça o não foram!

E o dia 9, que por pedido dos premiados costuma trazer o inexplicavel prazer de um feriado extraordinario, passou já... e os tres seguintes passaram tambem. Está para se entrar para as aulas e a rapaziada deslembrada quasi das colicas, companheiras inseparaveis d'esse momento terrivel, agita-se pelo extenso pateo, formando ajuntamentos aqui e além, e fallando acaloradamente.

Carlos, passeando com um seu conhecido, perguntava-lhe.

— Que movimento é este?

— É que ámanhã são as eleições para o conselho do theatro academico.

— A avaliar pela importancia dos palavrões deve ser isso algum cargo importantissimo!?

— Não é nada!... É uma direcção composta de vinte quatro membros eleitos annualmente d'entre todos os socios, e que tem a attribuição de velar pela administração do theatro.

— Então é coisa de interesse?

— Não o deve ser.

— Ou cargo de consideração?

— Já te disse que nenhuma.

— Faz-se figura?

— De director de palco ou de luzes, ou de bilheteiro que recebe as senhas á porta!

— Mas d'onde provém tanto enthusiasmo?

— Eu te digo! Basta ser coisa de eleição para todos aspirarem a uma demonstração de popularidade que lisongeia o amor-proprio; e basta um desejar ser eleito para que a emulação venha despertar nos outros egual desejo. Organisam-se clubs, ha subornos e compromissos, circulam listas impressas ou lithographadas, fazem-se proclamações e discursos incendiarios, ha pactos e traições... finalmente o campo da urna é tão debatido como na eleição dos representantes do povo. E com isto se enthusiasmam estes patuscos para, em saíndo eleitos, comparecerem de collarinhos tesos no camarote especial, chamado do conselho, ou irem para a porta receberem os bilhetes ás bellas conimbricenses que entram.

— Que creancice!

— Entre estes zangãos que servem só para figurar, arrogando a si uma importancia infinitamente caricata, ha outros, que, com prejuizo da frequencia das aulas, se sepultam alli a trabalhar como uns brutos de manhã até á noite.

— Que parvoice!...

— E é tal o enthusiasmo dos candidatos que já um foi corrido á pedra...

O sino convocava para as aulas, e os grupos desaggregaram-se, deixando incompleta a historia d'este santo Estevam, martyr das eleições, que pelo seu genio tradicionalmente burlesco deixou de eternas luminarias este interessantissimo episodio.

Só Ricardo, tractando da redacção das cebentas e completando a sua receita por frequentes remessas para o prégo, não acompanhava o fervor eleitoral dos seus collegas. Os seus homens eram ou úm agiota, que lhe levava um juro exorbitantissimo para segurar o seu ganho e o do negociante, com cujo dinheiro gyrava por conta de ambos e risco apenas seu; ou um outro que, por julgar immoralidade, lhe não levava juros nenhuns, mas que, se elle não desempenhava no dia e hora marcada, lhe ficava com o objecto sobre que emprestára a terça ou quarta parte do razoavel valor!... Santas especulações qualquer d'ellas!...

Depois dos últimos acontecimentos o nosso estudante havia cortado completamente as relações epistolares com a familia de modo que a pobre Adelaide

no isolamento da sua soledade nem ao menos tinha noticias d'elle. A amorosa menina, inspirada por aquella ingenuidade do sentimento que dá o amor puro e santo da mocidade, resolveu escrever-lhe não com a expressão da vaidade beliscada, traduzindo-se por phrases altivas e arrogantes, nem com a baixeza ignominiosa de quem depois de offendida com o desprezo se curva ao ingrato como a éscrava perante o seu senhor, mas com phrases de tão singela candura e de tão nobre resignação que poderiam commover o coração mais duro se elle se não tivesse petreficado no charco immundo da sensualidade.

Ricardo recebeu esta carta n'um dos dias mais apoquentados da sua existencia, e, embrutecido pelas materialidades que esmagavam a sua actividade intellectual na elaboração das cebentas, nas conversas de Carlota e nos calculos de arranjar dinheiro, nem sequer soube comprehender a sublimidade do sentimento, que se escondia debaixo da roupagem singela d'aquellas palavras modestas, dignas e commedidas!...

A resignação considerou-a frieza; as reminiscencias, costume; e a carta em si, impertinencia! mas nem porisso o demonio do remorso deixava de lhe despertar por toda a parte a imagem singela e innocente da sua companheira e amiga de infancia. A carta rasgou-a para evitar scenas com Carlota, mas as expressões, a que déra pouca attenção, lá vinham meias sumidas a mostrar-lhe traiçoeiramente á imaginação os thesouros de sentimento que encerravam.

N'esse dia tornou-se triste e melancholico, chegan-

do a ter desejo de implicar com Carlota, que, depois que o vira em tão más circumstancias, sem lhe dar nada e empenhando-lhe ainda o que n'outro tempo lhe déra, parecia ter abrandado a virulencia do seu genio, tornando-se até docil e affavel, como para o indemnisar dos seus soffrimentos.

Quem póde gabar-se de entender o coração da mulher?

.....

O signo de capricornio era tambem funesto para o caloiro.

A proposito! Perguntar-me-ão agora em côro todos os novatos, zelosos da sua dignidade, que elles julgam muito superior á de caloiro:

«Por que motivo continúas tu a dar este nome a Carlos? não está elle matriculado no primeiro anno de direito?»

Eu vos digo! Para não desmentir o authorisado aphorismo «que todo o novato é caloiro até ferias de Natal», conservei esta denominação ao filho de Fernando, que effectivamente frequentava o primeiro anno juridico; tendo sido, por signal, o dia da sua matricula o da terceira caçoada reflexiva por que a sua vaidade de esperto o fez passar!

Eis o caso.

Completamente ignorante das ceremonias d'aquelle acto e receioso sempre de alguma caçoada, d'estas emboscadas em que todos cáem, decidiu não fazer senão o que visse practicar aos outros. Chegándo porém um pouco tarde, apenas viu alguns estudantes de annos

adiantados, que estavam na secretaria, assignarem o seu nome, pagarem seis vintens e irem-se embora. Ficou elle sósinho.

— O senhor tambem se quer matricular? — lhe perguntou então um contínuo.

— No primeiro anno de direito — replicou Carlos.

— Então chegue-se e entregue o seu requerimento — volveu aquelle.

— Ajoelhe! — lhe disse o secretario, depois de ter recebido e examinado a legalidade do requerimento e documentos appensos.

O caloiro olhou para elle espantado.

— Vamos! ajoelhe e jure — repetiu o secretario com um tom imperioso.

— Mas... — balbuciou Carlos.

— Então não ouve? — disse o contínuo — Ajoelhe se se quer matricular.

— Mas isso é uma caçoada esquisita e que não tem graça nenhuma! Então eu não vi aquelles outros que se matricularam sem terem que ajoelhar!?

— É porque aquelles não vieram matricular-se no primeiro anno.

— Não cáio! nada! não me embaça!

O secretario, que estivéra distraído com o livro das matriculas e não attendêra áquelle dialogo, perguntou então com voz de enfado:

— O que é?... então o que é?

— É este senhor que não se quer ajoelhar.

— Admiro-me que v. ex.ª abuse da fraqueza de um pobre caloiro, ignorante de todas estas ceremo-

nias, obrigando-o a passar por este vexame, quando os outros não ajoelharam!

Uns estudantes, que íam entrando, acolheram esta última allocução com a mais estrepitosa gargalhada.

Travou-se então a contenda entre o caloiro e o secretario; e, a não ser o caracter serio e sisudo d'este, o cabeçudo lisboeta, para não descaír da sua fama de esperto, era-lhe mais facil não se matricular do que dobrar o joelho.

Elle ignorava que, para abrir matricula no primeiro anno, é preciso com a mão sobre os evangelhos, jurar, por uma formula impressa em cartão, applicar-se aos estudos, respeitar e obedecer aos lentes, adorar o reitor, incensar os bedeis e os archeiros e não sei que mais banalidades anachronicas!

Mas voltemos ao que mais interessa!...

O mez de dezembro era sinistro a todos os meus personagens!

A carta anonyma, escripta pelo tendeiro da rua dos Grillos, tinha produzido a sua acção toxica na alegria de D. Constança.

Como a luz do raio que, fendendo as densas trevas da tempestade, vem no seu clarão transitorio e medonho amostrar ao viandante, que mais quizera a escuridão, o abysmo inevitavel, assim aquelle papel veiu alumiar o futuro de D. Constança, que vivia alegre sem ver nada e sem nada desejar ver, explicando-lhe de um modo plausivel a projectada demora do casamento.

Aquella offensa clamava por vingança! e a mulher,

que em materia de amor não conhece o principio de direito criminal «que antes cem culpados sejam absolvidos do que condemnado um innocente», sem buscar mais a evidencia do delicto, na ferocidade automatica do seu orgulho offendido, decidiu vingar-se!

E no dia seguinte, quando Carlos ía a comprimentar D. Constança que estava a janella, recebe, com grande espanto seu, a mesma desfeita que mezes antes havia preparado ao seu veterano!...

Acabava tambem de levar com a vidraça na cara!...

O pobre caloiro, attonito e irresoluto, não sabía o que havia de fazer. O entrar ou não entrar era um dilemma, cujas pontas o angustiavam egualmente: optar por esta era confessar-se elle proprio delinquente do crime de que o accusavam; preferir aquella era affrontar novamente o infundado despeito de sua namorada, sujeitando-se talvez a novas humilhações, sem porventura conseguir rehabilitar o seu procedimento.

Aquelles momentos fôram solemnes! mas Carlos, que não podia resolver-se a perder Constança para sempre, fortalecido pela consciencia intima da sua innocencia, decidiu-se a entrar!

Bateu, e foi pela criada introduzido n'uma saleta, onde ninguem estava e onde esperou por dez minutos, sem que ninguem viesse perturbal-o das cogitações violentas, que lhe passavam no tribunal da reminiscencia.

De repente a porta abre-se e a criada apparece para lhe entregar um bilhete.

O mancebo desdobra-o com um tremor convulsivo e lê o seguinte:

«De hoje em diante as nossas relações estão cor-
«tadas; portanto convido-o a não apparecer tão fre-
«quentemente n'esta casa.»

Carlos ficou como fulminado! A bom entendedor meia palavra basta... e aquillo era uma despedida formal. Quando voltou a si d'aquella especie de loucura repentina quiz interrogar a criada, mas não viu mais do que a porta aberta em frente d'elle, sem viva alma que lhe explicasse aquelle mysterio incomprehensivel!... Que fazer?... aquella situação era melindrosissima! Constança levára as coisas a tal ponto que ou o laço dos affectos se devia romper, ou produzir um martyr!...

Ou o esquecimento no seio das orgias... ou o aniquilamento no suicidio!...

O caloiro acabava de saír.

Carlota tambem fôra expulsa de casa do seu amante por causa d'elle... Carlota estava vingada com pena de Talião!

XXXIX

Paginas da vida intima

Socega, leitor! e não te assustes com a epigraphe do capitulo... que não vae n'ella envolvido um escabeche de ultra-romanticismo, que te horripile os nervos e te asphyxie o espirito; mas traduz apenas o mais estupido prosaismo da vida-íntima dos meus personagens.

Ricardo achava os seus recursos quasi esgotados: mais duas mêsas, tres cadeiras, o colxão já sem barra e alguns farrapos de vestir remettidos para o prego, e a casa ficaria tão nua e despejada como a arca de Noé no primeiro instante depois da sua construcção. E o pobre estudante soffria por si e por Carlota, que, resignada no meio das privações e despojando-se dos seus miseraveis andrajos... tocou um dia os limites da paciencia e indignada contra aquella situação terrivel, em que a fóme se aproximava a

passos agigantados, declarou a Ricardo que acceitaria as propostas do dr. Ferreira, não se quebrando por isso as antigas relações.

Quando a necessidade bate rijo á porta, a virtude foge espavorida pela janella!... e o estudante, chegado ao extremo da miseria, embrutecido pelo constante cogitar na materialidade abjecta do dinheiro... curvou a fronte, e resignou-se!! Era o sopro da indigencia a apagar-lhe a luz já indecisa dos sentimentos nobres, fazendo-lhe calar o brado do amor-proprio a quem offende sempre a idéa de que a mulher, embóra barateada na pósse de longo tempo, vá pertencer a outrem!

Como Stendhal na theoria mineralogica das cristalisações do amor, vou eu mostrar que as ligações d'estas mulheres têm muitos pontos de contacto com um composto chimico, onde o affecto e o interesse, sob a influencia de uma força catalytica, se combinam, dando em resultado um verdadeiro *sal* na ordem dos productos immateriaes do sentimento.

Ora é este composto, que, debaixo da acção electrica de uma pilha formada por libras e pintos, obdecendo ainda aos preceitos de chimica, se decompõe, indo o affecto, que é o *acido* para o pólo *negativo* e o interesse que é a *baze* para o *positivo*.

E o affecto de Carlota que precisava, para se saturar, de uma baze muito mais energica do que aquella, que lhe offerecia a minguada bolsa de Ricardo, acceitando a proposta do doutor, sem abandonar o seu antigo amante, constituíu um sal *bibazico!*

É que a filha de Maria não deixava comtudo de ter alguma affeição ao seu Ricardo, aliás, não a podendo prender consideração alguma especulativa, tel-o-ía desprezado completamente para acceitar o novo amante.

Mas pelo contrario, estabelecida a nova ordem de coisas, a boa rapariga partilhava com o estudante, em cuja casa continuava a viver, as liberalidades do doutor.

Este paradoxo do sentimento não tem explicação!... Mas as cartas de formatura de Ricardo seriam o preço da degradação e da ignominia!!...

Paes-de-familia que dirieis vós sabendo que vossos filhos íam pedir dinheiro emprestado a uma d'estas mulheres, ou, o que ainda é mais, viviam ás suas sopas? Vós, que não sabeis conjugar o verbo *dever*, vendo que os vossos filhos se esquecem de declinar o substantivo *dever*, o que dirieis, paes-de-familia?...

Quereis dois conselhos de amizade?

Arbitrae a vossos filhos uma conveniente mezada para viverem com decencia ou com abundancia, sem para isso vos guiardes pela opinião dos que viveram em Coimbra quando as subsistencias eram pela quarta parte, quando a moda exigia batinas mais do que velhas, e sapatos de quatro solas, que n'um canelão fracturavam o peronco e tiravam esquirolas á tibia do desgraçado caloiro que o soffria!... Não lhes deis porém letra franca para elles dispenderem á sua vontade, porque sempre gastarão mais do que precisam e menos do que desejam; e se os appetites de um ra-

paz, tonel das Danaides que jámais se enche, crescem com a rapidez de progressão arithmetica, a despeza, de que aquelles parecem ser os logarithmos, augmenta com a velocidade de progressão geometrica!...

Todavia não deixeis de mandar pelas festas algum dinheiro extraordinario a vossos filhos, e se apezar d'isto elles vos mandarem por acaso dizer que tiveram uma doença em que despenderam tanto, ou que perderam o *porte-monnaie* em principio de mez, ou que precisam de um leccionista... fechae os olhos a essas exigencias e não acrediteis que o estudante, uma vez compromettido por uma extravagancia, ou víctima de vossa sordida avareza, póssa rehabilitar o estado das suas finanças á força de privações ou com stricta economia no que regularmente lhe daes...

As consequencias então são contraír dividas que os deshonram e desacreditam o vosso nome!

.....

E o anno lectivo ía correndo! Já se contava a segunda epocha pelos dias que faltavam para chegar ás ferias do entrudo, especie de poiso collocado entre o Natal e a Paschoa para descançar o estudante; e Carlos, repellido por D. Constança, caíndo das alturas da sua felicidade no lodoso paul das atribulações... não chorava sobre a sociedade como Heraclito, nem se lamentava como Jeremias ou parecia resignado como Job; mas, discipulo embryonar de Epicuro, maculando com o escarro do desprezo as doutrinas severas de Zenon, arvorou o rir diabolico de Democrito sobre as cinzas de austeridade stoica dos tempos que lá vão!...

Os gelos do cynismo paralysavam-se os vôos nobres do sentimento e o mancebo desvairado na senda da devassidão buscava o suicidio intellectual, não na bocca de uma pistola, mas na de uma garrafa de *cognac!* Correu então ás mêsas dos botequins, queimou a virtude na lugubre chamma de um *punch*, e empunhando a taça das orgias, que continha não a cicuta de Socrates mas o inebriante absyntho de Musset, entoava, novo Chatterton ou Gilbert em miniatura, um hymno de maldição á sociedade, e era por fim levado em braços para casa, privado do dom da intelligencia e confundido com os brutos.

Os seus estudos, perturbados já pela paixão que o allucinára, resentiam-se agora completamente d'aquelle desregramento de vida: os livros crearam teias de aranha, e o seu logar no banco ter-se-ía coberto de pó se os condiscipulos por accaso lh'o não limpassem com as pontas das capas, ao passar...

Dentro em pouco tempo, o caloiro percorrera todas as gradações da escala da dissolução, e das mêsas dos botequins baixára aos balcões das tabernas!...

É noite. A *cabra* já tinha feito escutar a sua voz áspera e importuna como o recado de um crédor, e de ha muito convidára os estudantes a concentrarem as suas attenções sobre o descosido calhamaço ou inintelligivel cebenta, á luz do classico candieiro de tres bicos, sobre a veneravel mêsa de pinho azul.

Quem passasse pela Rua de S. Pedro, ouviria, fazendo contraste com o silencio sepulchral de toda a cidade, uma algazarra confusa, saída da Rua das Par-

reiras, becco immundo onde a devassidão mais nogenta e asquerosa compeia infrene.

Era alli, n'uma d'aquellas miseraveis possilgas, que se representava a deshoras a scena mais repugnante. Ouviam-se as vozes de cinco d'essas desgraçadas, que arrastam no lodaçal da abjecção a vida miseravel, sem ao menos ostentarem as apparencias dos ouropeis do luxo, ou a hypocrisia mentida de felicidade. Os seus rostos eram descarnados pela doença e pela fome, que mil vezes as vinha surprehender entre os delirios da folia. O vinho lhes afogueava as faces e o cynismo da immoralidade lhes emprestava phrases condignas dos seus hymnos de bacchantes.

Cinco mancebos acompanhavam estas infelizes nas suas danças doudejantes, e um d'elles (era Carlos), mais que todos exaltado pelos fumos d'isso a que me não atrevo a chamar baccho pelo receio de offender o protector do Porto e da Madeira, disferia n'uma banza os accentos d'aquellas evoluções choreographicas. As vigas meias podres do pardieiro rangiam debaixo do peso compassado d'aquella immensidade de pés, e baloiçando o solho esburacado ameaçavam fazer descer os dançadores do primeiro andar para a loja.

A embriaguez crescia mais e mais... Os membros fatigados pelo vinho e pelo excesso buscavam na posição horisontal melhor descanço. Ao entrar-se alli dir-se-ía que se entrava n'uma catacumba, onde a pallida luz de uma candeia alumiava esses corpos desfigurados que juncavam o pavimento, onde o ar

era pestifero e asphyxiante como o da habitação dos mortos, e só em vez da fria humidade dos sepulchros se experimentava um calor incommodo, desenvolvendo o venenoso miasma, que as exhalações da miseria e da immundicie, com as respirações corrompidas pelo vinho, produziam.

De repente o silencio, até alli interrompido pelo ronco e silvo do profundo resonar, foi perturbado pelo som de repetidas bofetadas e de gritos abafados... depois um alarido confuso... e o estrondo de muita pancada... depois o barulho do arrombamento de portas e do esmigalhamento de objectos de pau e de loiça!...

Era o epilogo da pandiga...

Pouco depois saíam os mancebos que n'aquella noite se tinham ido divertir a casa das miseraveis habitadoras da Rua das Parreiras, comprando-lhe o riso de seus venaes carinhos a troco de uma pouca d'essa grosseira e corrompida bebida, chamada carrascão, e deixando-as maltractadas, luctando com a fome, chorando a perda dos trastes escangalhados e sem um real sequer para acudir a tanto desvalimento! Assim vale a pena mercadejar o corpo... quando o espirito das trevas, comprando a alma, não dá por ella coisa que chegue para o pão que o alimente um dia mais, ou para a singela sáia de chita que o adorne alguns momentos!!...

E o que fazia a policia academica a esse tempo?

Dormia descuidosa e repimpada para no dia seguinte se mostrar insolente e mal creada com o es-

tudante honesto, que por inadvertencia transgredisse a mais insignificante disposição regulamentar!!...

E a policia civil?...

Essa não se mettia em semelhante coisa!...

Gloria a tão boa organisação!...

E Carlos sorrindo cynicamente dizia depois:

— Muito nos divertimos! foi uma noite cheia.

Claro está que n'esta vida não podia frequentar as aulas, e o anno estava quasi a perder-se por faltas, impossiveis de justificar.

A providencia abre muitas vezes um olho a estes miseraveis, no momento de se despenharem no precipicio, para os salvar da queda... Foi então que o caloiro começou a reflectir na perda do tempo... na indignação de seu pae... no suicidio do espirito... no tedio que a habitual devassidão começava a causar-lhe; e modificou a sua vida, não pela vontade de ser bom, mas pelo aborrecimento de continuar a ser máu!!...

E para tractar de abonar as faltas, que lhe íam a fazer perder o anno, o filho de Fernando dirigiu-se a um archeiro; entidade animal que só não rivalisa em prestimo com o boi, com o cavallo e com o cão, por se lhe não ter podido ainda aproveitar, depois de morto, a pelle para calçado e os ossos para botões!... Quanto ao mais, se não brilha adornado com vistosos jaezes na procissão do *Corpus-Christi*, se não sulca com o arado a terra fertilisada, se não auxilia o pegureiro na guarda da sua grege, em troca d'estes serviços figura nos prestitos academicos ajaezado com

o seu uniforme de gala, lavra o pão da vida, sulcando com o arado de sua industria as bolsas escolasticas, e finalmente guarda o rebanho academico, evitando que se tresmalhe alguma ovelha!... E ainda mais do que isto!... Quereis as vossas cartas de formatura tiradas?... o archeiro promptifica-se a esse trabalho por modesto interesse. Precisaes de uma certidão ou um requerimento mettido a despacho? por quaesquer seis vintens o archeiro vos faz isso. E depois se daes um baile ou uma ceia o archeiro está prompto a servir-vos ao chá todo paramentado de casaca preta! Precisaes de dinheiro... ainda o archeiro o arranja!... E emfim quando morreis lá tendes o archeiro no enterro distribuindo brandões aos convidados e ajudando a levar o vosso corpo á terra!...

N'uma palavra o archeiro é um ente que serve para tudo, excepto para a policia academica!... Lá d'isso é verdade que não tem elle culpa.

Foi pois a um d'estes seres, creados para honra e gloria da especie humana e para proveito e conveniencia do bicho estudante, que o nosso Carlos se dirigiu nos seus apuros.

— Manoel! — disse elle ao archeiro — preciso que você me faça uma coisa.

— V. s.ª quer dinheiro emprestado, não é assim?... pois agora sinto muito mas não o posso servir.

— Nada! Hoje preciso outra coisa; não é dinheiro.

— Então o que é?

— Eu lhe digo! Tenho já muitas faltas e se as

não abono perco o anno: quero ver se você me arranja uma certidão.

— Homem! isso está difficil eu não gosto de me metter n'essas coisas.

— Ó Manoel você bem vê que eu perco o anno se me não vale!

— Eu não gosto d'estas incumbencias... Porque não vae v. s.ª ter com o Paulo, que lhe arranje isto?

— Não posso!... devo-lhe e não lhe posso pedir nada!

— Mas elles agora estão muito seguros e não ha apanhar-lhes uma certidão!

— Paga-se bem!

— N'esse caso veremos!...

Dois dias depois Carlos abonava as faltas com um attestado de doença!!...

Se o desregramento, que arrasta ao deboche, provém de uma alteração das faculdades moraes e por conseguinte de uma preversão de acção do cerebro... a certidão não era falsa!

O estudante começou a frequentar as aulas, mas pondo em practica todos os meios de evitar o ser chamado á lição, como o *salvar o lance, jogar de porta* e *mergulhar*, dando assim descaradamente a todo o curso o documento mais irrecusavel da sua muita inaptidão e nenhuma vergonha! Se porém não estudava, fazia troça na aula, incommodava os outros e desattendia o lente; e um dia tornou-se tão escandaloso o seu proceder que recebeu ordem de prisão do

guarda-mór, personagem importantissimo da vida academica, chefe dos bedeis e general dos archeiros, malcreado como todos elles junctos, representante do poder executivo, que prende em flagrante delicto, intíma as ordens de prisão dadas pelo prelado e leva á presença d'este os que transgridem os estatutos, especialmente andando sem cabeção ou de calças caídas.

«De calças caídas?...» pois em Coimbra anda alguem de calças caídas?...

Leitor! suspende os teus juizos temerarios! Chama-se andar de calças caídas, o não as trazer arregaçadas até acima do joelho e encobertas debaixo da batina, para ostentar a canicula, revestida só com a meia preta, como é das ordens, e que muitas vezes se transgride, especialmente no inverno... por causa do frio.

Explicado este ponto, pelo temor d'essa especie de cabos de policia que prendem a cordel qualquer phrase que elles julgam poder alistar no batalhão das parvoices, vamos visitar o filho de Fernando, onde o rigor do pae-commum (como a si mesmo chamou um reitor) o tinha feito encarcerar.

O aljube era uma cadeia pública, onde, entre os grandes facinorosos, e apenas n'um quarto especial de insuportavel porcaria e nudez, mal resguardado das intemperies, sem vidraças nas janellas de grades de ferro, e com ferrolhos na porta, era encarcerado o estudante pelo mais pequeno delicto ou contravenção á disciplina academica. Boa e util reforma foi tornar, como nos tempos antigos, a crear-se uma casa

de reclusão exclusiva para os academicos sem aquelle apparato repugnante da sentinella á porta...

Carlos concentrado na prisão pensou em toda a sua vida, chamou em seu auxilio o brio e o amor-proprio, córou de pejo ao recordar as suas libertinagens, e, com as mãos nos olhos para se não ver a si proprio, protestou emendar-se...

Era o primeiro passo do organismo para o tecido da cicatriz, que se queria formar n'aquella ulcera que o corroêra.

Mas D. Constança estava quasi completamente esquecida !!...

XL

Remorsos

O novato (agora já se lhe não póde chamar caloiro) saíu da cadeia melhor do que para lá tinha entrado e, compungido de ver tanto dinheiro, tanto tempo e tantos sentimentos desperdiçados, protestou emendar-se e começar vida nova.

Poucos dias depois de saír do aljube recebeu ainda outra carta de Mathilde, e ao lêl-a começou mostrando gestos de impaciencia, de desespero, de rancor, de despeito... e acabou desatando a rir.

É que em seguida a algumas imprecações contra a infidelidade do seu amante, Mathilde ou antes seu pae (por que a carta vinha muita bem escripta para ser obra d'ella) exprobrava a Carlos a sua traição com orgulhosa altivez, motejava-o com uma ironia sarcastica ácerca do seu desregramento e da sua prisão

que em Lisboa constára pelos jornaes, e conservando sempre um estylo nobre e altivo, terminava a apocrypha escriptura por um *post-scriptum* da propria lavra da signataria, em que, a fazer contraste com o corpo da carta, vinham quatro pieguices de ingenua sinceridade, lamentando em phrase submissa o seu cruel abandono. Foi aqui que o riso de Carlos rebentou espontaneo, ficando a pobre Mathilde, como até alli, viuva d'aquelle affecto, pois o estudante não só não respondeu, mas atirou a carta para o lado, como faria a uma folha da *Formoza Mangalona* que lhe viesse a embrulhar palitos.

Mas, enlaçada á imagem de Mathilde se apresentou á mente de Carlos a lembrança de D. Constança, que nos braços da embriaguez tinha quasi esquecido.

Aquella phase de estravagancia fôra um lethes que elle transposera n'um barril de vinho a servir-lhe de barca de Charonte; e agora volvia á margem opposta n'um barquinho de papel feito da carta da sua primeira namorada!...

Mal pensava a pobre irmã de Ricardo, que ía favorecer a reconciliação com a sua rival!

O caso é que aquelle affecto de D. Constança pelo filho de Fernando era uma coisa um pouco indefinida na ordem dos sentimentos. Era talvez menos do que amor, mas sem dúvida muito mais do que mero galanteio; pois que ella deixára de ter nenhum outro namoro depois do rompimento com o caloiro (hoje novato), e, arrependida da excessiva severidade, com que julgára tornar mais submisso e fiel o mancebo

que suppoz desleal, teria ella mesmo dado o primeiro passo para uma reconciliação se lh'o não vedasse primeiro o receio de que ao interesse de um bom casamento fôsse attribuida esta prova de affeição, e mais tarde a torpeza a que no delirio da dissolução tinha chegado o joven extraviado. Mas, adquirida a certeza do arrependimento, a filha de Duarte acceitou, com o riso da absolvição nos labios, a confissão das culpas e a súpplica do perdão.

Eu não sei como as coisas se passaram, o que sei é que o novato, poucos dias depois, depunha novamente aos pés de D. Constança os seus grilhões de captivo, trocando-se as seguintes explicações.

— E poderá v. ex.ª perdoar-me?

— Eu!

— Sim minha senhora! Víctima da mais negra traição... comprometteram-me com v. ex.ª... e o seu rigor abriu-me aos pés um abysmo de desgraças...

— Mereceu-as!

— Não, ente adoravel!... Era innocente, mas ainda que culpado fôsse, tinha expiado bem a minha falta no severo castigo que o seu desprezo me impoz!

— Mas aquella carta fôra para si.

— Não o nego! Antes de ver a v. ex.ª estimára em Lisboa aquella menina. Chegado aqui, escreveu-me e respondi-lhe; depois uma nova aurora raíou para a minha existencia e pelo seu amor esqueci aquella affeição passageira.

— Como são todas as suas!...

— É cruel e injusta! Um capricho de infancia jul-

guei eu ser amor... antes de ter visto a v. ex.ª e de comprehender então o que era este verdadeiro sentimento.

Um sorriso acolheu aquella desculpa. O caloiro proseguiu:

— Desde esse momento deixei de escrever mais a Mathilde; aqui tenho tres cartas d'ella a que nunca respondi... A última provará o despeito d'aquella menina... e a minha innocencia no crime de que me accusaram — disse Carlos, mettendo a mão na algibeira para tirar as referidas cartas.

— Basta-me a sua palavra! — proseguiu D. Constança affectuosamente — Cegou-me o despeito e fui talvez exagerada na vingança.

— É que o coração assim lh'o pediu!

— O coração? — disse a filha de Duarte com muita affabilidade.

— Sim! minha senhora! quando se alimenta uma parcella de affeição, soffre-se... mas perdoa-se.

— Acredita-o?

— Acredito que v. ex.ª me não amava, aliás teria sido menos rigorosa!...

— E o senhor mais submisso! Não se teria esquecido completamente de mim!...

— Perdão!... Cegou-me a dôr e busquei o suicidio na orgia!... Perdoa-me?...

D. Constança estendeu a mão, e o seu enlevado amante collou-a aos labios com o mais fervoroso de todos os beijos. E como o fogo melhor se ateia em trapo já queimado do que em panno novo, o co-

ração de Carlos achava-se agora mais ardentemente inflammado nos delirios do amor do que no tempo da sua primeira chamma.

E aquella reconciliação fôra o resultado de um rompimento e de uma prisão... paradoxo therapeutico que explica a simultanea utilidade dos dois systemas homeopathico e allopathico!... Que se atreva alguem a não acreditar na vantagem da fuzão dos systemas... em affecções amorosas!!...

Entretanto Ricardo, adormecido, qual outro Sansão nos braços d'essa traiçoeira Dallila, chamada necessidade, alquebradas as forças da vergonha, fôra entregue aos Philisteus das baixezas, que o tinham tornado completamente cego.

A recordação de Adelaide produzira-lhe um passageiro máu humor; porém essa sombra meia sumida de um affecto, que a ausencia e a materialidade tinham suffocado no olvido, não podéra tomar vulto a ponto de novamente se assenhorear do seu coração... o mais fragil de todos os corações desde o pae Adão até ao seu último representante na actualidade! Por conseguinte... uma apurada crise pecuniaria... uma ligeira escaramuça com Carlota... uma difficuldade na redacção da cebenta, fizeram sumir do seu espirito as imagens quasi phantasmagoricas que as reminiscencias da infancia lhe haviam despertado, tornando a caír na somnolencia apathica do mais imbecil torpor!...

D'aquelle estado de adormecimento é difficil a saída!...

E o tempo deslisava veloz; o anno lectivo já deixava apoz si o Entrudo e a Paschoa... o calor começava a difficultar a frequencia das aulas... a belleza das noites a distraír o espirito do estudo... e a arvore-do-ponto, na sua florescencia incipiente a avisar os doutores que era tempo de terminar os *tot tantosque labores!...*

O leitor ignorante do que é a arvore-do-ponto admirar-se-á de que n'uma terra, em que todas as evoluções academicas se fazem ao som de badalo, venha a voz da natureza vegetal, usurpando os direitos ao toque da *cabra*, ordenar a conclusão dos tirocinios escolares na florescencia de uma arvore!...

Engana-se o leitor!... Não é a Universidade que obedece á vegetação, é esta que se amolda aos estatutos d'aquella!! A arvore-do-ponto é uma soberba *lyliodendrum-tulipifera*, vulgarmente tulipeiro, que está logo á entrada principal do jardim botanico e que começa a cobrir-se de flores exactamente na época em que é uso pôr-se o ponto geral; e porisso os estudantes costumam consultar aquella arvore como calendario fiel que lhes indica o tão desejado dia do encerramento das aulas. É um trecho de bucolica engastado n'este enorme poema didactico, que se chama formatura!...

Ricardo mais do que ninguem anhelava por esse momento de ver terminado o anno lectivo, para colher a corôa, mais espinhosa que florída, de tão ingratos sacrificios e dolorosas provações!...

O cahos da sua vida íntima tornára-se cada vez

mais monstruoso; e Carlota, que fôra honesta em quanto só com elle vivera, começava a fazer-se agora escandalosamente leviana.

É que a mulher que se entrega a um homem, vivendo só com elle em communhão domestica, enobrece-se aos seus proprios olhos e abstráe da sua abjecção pelo cuidado de ser fiel a esse homem; mas se um concurso de circumstancias a colloca debaixo da pósse de dois homens, a sua mente não concebe a possibilidade de lhes guardar fidelidade quando alternativamente se torna infiel a um e a outro, e por conseguinte, desprendida das considerações com que o decóro a detinha, vôa apoz o sordido interesse, e em breve, arrastada de degrau em degrau na escada do vicio, vae caír no infimo patamar da devassidão.

É que o ser fiel a dois entes em materia de amor... é um absurdo!...

Isto acontecia a Carlota; o doutor ignorava-o ainda, mas Ricardo via já a voragem do desregramento absorver-lhe toda a pureza d'alma, apagando-lhe esse sentimento que se não era nobre... fôra desinteressado!... N'estas circumstancias todo o desejo do estudante era antecipar um rompimento, que deveria ter logar dentro em pouco, logo que elle se formasse... mas a coragem fallecia-lhe.

N'esta lucta se achava empenhada a alma de Ricardo quando sua mãe, de envolta com as ternas reprehensões com que só o materno amor sabe adoçar a severidade da censura, lhe participou que Adelaide

estava á morte... e que o seu unico desejo era tornar a vel-o...

Ao violento choque d'aquella noticia, o sentimento adormecido na enxerga da abjecção acordava como que envergonhado de si mesmo... e Ricardo, immovel como se mão invisivel o tivesse chumbado ao pavimento, sentindo as lagrimas por tanto tempo represadas em seus olhos rebentarem-lhe espontaneas nas faces... festejou-as com aquella alegre tristeza que o melodioso Castilho definiu nos dois lindos versos:

> Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas
> Precisava de vós... tardastes tanto!...

saudando tambem com ellas a resurreição de um affecto que lhe não crestasse mais as flores d'alma emmurchecidas até alli... Regado com aquelle pranto, refloriu-lhe o sentimento e desde aquelle instante amou Adelaide como nos primeiros tempos da sua infancia!...

Era em vespera do ponto. Os estudantes de direito preparavam-se já para mimoscarem os de mathematica e de medicina com o nocturno *toque das latas*, infernal arruaça de tachos, panellas e buzinas (peior do que a dos caldeireiros da rua de Sant'Anna quando lhe roubaram a Anninhas do Arco), feita no dia de ponto pelos juristas á porta d'aquelles cujas aulas continuam ainda.

No dia seguinte fechavam-se as matriculas, e os estudantes que fôssem numeros altos poderiam depois

ir para casa gozar d'aquellas ferias até chegar a occasião de fazerem os seus actos.

O filho de Manoel de Aboim, estando n'estas circumstancias e não lhe tocando concluír os seus trabalhos senão para julho, resolveu-se a partir immediatamente para Lisboa, para o que saíndo, no dia seguinte de manhã cedo, foi fechar a matricula com o dinheiro que do cofre da Sociedade Philantropica alcançou; vendeu a capa e batina que ainda estavam em bom uso, desempenhou uma quinzena, comprou um bonet, e arranjando emprestado de um seu collega o dinheiro que lhe faltava para o bilhete da mala-posta partiu de Coimbra n'esse mesmo dia.

Mas partir, sem dizer adeus a Carlota sería uma ingratidão... porisso mandou-lhe uma carta, que ella recebeu perto da noite, e que pouco depois o doutor lhe leu. A filha da sr.ª Maria apenas soube da partida de Ricardo desatou a chorar, d'ahi a pouco desappareceu e passado algum tempo o doutor foi dar com ella enforcada com um lenço no seu proprio quarto. A face estava monstruosamente entumecida, os olhos injectados e ella sem sentidos; e só com os promptos soccorros e á força de cuidados a infeliz voltou a si...

Este facto, que parece inacreditavel, não lhe sei eu dar explicação!... «O amor acompanhado com o orgulho é o último sentimento que desampára o homem...» e a mulher (acrescentarei eu ao aphorismo de Camillo Castello Branco).

Mas sería o orgulho quem levou Carlota a tal ex

cesso? sería um reflexo da affeição sincera e pura que acompanha sempre o amor dos sentidos, como os movimentos do corpo acompanham os da alma na sua íntima ligação? Não sei!...

O que é certo porém é que, sendo o coração uma especie de ponte lançada entre os sentidos externos e a alma, se aquelles se resentiram... se o resentimento se repercutiu no sensorio, atravessando a ponte de communicação, deveria deixar ahi o vestigio de sua passagem n'um sentimento, inexplicavel talvez (como são todos os sentimentos), talvez orgulho e despeito... talvez amor e saudade, que occasionou aquelle delirio da razão!...

Mas o melhor microscopio psycologico não conseguiu ainda analysar a fibra primitiva de tal sentimento!...

Passado pouco tempo estava Carlota livre de perigo e sepultada apenas n'essa imbecilidade automatica que costuma seguir sempre taes cataclysmos da razão.

No entretanto Ricardo trotava rapidamente pela estrada de Lisboa e no dia seguinte entrava em casa.

Se houve alegrias ao ver entrar assim inopinadamente aquelle filho prodigo, é escusado dizel-o. Sua mãe, trasbordando n'esse affecto sagrado e que não tem rival, chorou como uma creança... sua irmã, abraçando-o, esquecia o ingrato amante... e até seu pae, apezar da severidade de que se queria revestir para lhe dar uma reprehensão, deixou caír a mascara e com ella algumas lagrimas de prazer.

Ricardo pouco se demorou em casa; correu logo

a ver Adelaide. A infeliz menina tinha-o adevinhado! Ha no coração das donzellas uma especie de ouvido do tyranno de Syracusa donde escutam não só o que diz o mancebo querido mas até o que elle pensa... Adelaide prevenira a chegada do seu amante sem discrepancia de um minuto e um sorriso angelico lhe correu pelos labios ao desmaiar-lhe nos braços que a estreitavam ternamente!...

Alguma coisa de celeste se derramava n'aquelle rosto cercado de uma aureola luminosa que não era da terra!...

XLI

Reacções

Depois das últimas extravagancias de Carlos, seu pae suspendera-lhe a letra franca e reduzira-o á mesquinha parcimonia de uma mezada limitadissima, contra a qual se revoltava o seu orgulho e o grito das necessidades contraídas. Então o mancebo, que conhecia o metro... depois que em geometria estudára o systema decimal, e sabia o valor do pé... depois que na taboada aprendêra as medidas de comprimento, resolveu fazer uma publicação litteraria como meio de arranjar alguns tostões, o que não era para desprezar para quem tinha menos que Espronceda ao transpor a barra de Lisboa e que, se fôsse Millevoye, poderia entoar um adeus não ao seu último escudo, mas á sua última moeda de cinco réis; porém, graças á protecção decidida que se dá ás letras, o pobre ra-

paz, depois de muito trabalho e alguma despeza, ficou... mais pobre do que estava!...

Aquelle estado de coisas ía-se tornando insupportavel... e Carlos já não appellava senão para o bom resultado do seu acto para abrandar as iras paternas... O dia aproximou-se... mas ao ir implorar protecção ao dr. Ferreira que era um dos examinadores, deparando com Carlota na escada... colheu o mais terrivel presagio...

Tirou ponto; estudou e foi para o acto. Pendia a espada de Damocles sobre a sua cabeça, não suspensa por um fio mas por tres pedacinhos de papel onde estavam impressós uns AA ou uns RR conforme a sua felicidade...

Concluíram-se os argumentos... entraram os papelinhos na urna muito dobrados e mysteriosos e, ao abrirem-se, o caloiro appareceu... reprovado!!...

Carlota estava bem vingada!...

Por uma necessaria reacção do moral sobre o physico, vendo extinguir-se o último phanal da esperança que o alumiava para applacar a severidade de seu pae e para alcançar a pósse de D. Constança, que esperava o cumprimento de sua promessa, o filho de Fernando adoeceu gravemente.

N'uma noite foram dois estudantes seus amigos visital-o. Carlos, sosinho, n'um quarto ás escuras, trescaldando de febre, saltára, no delirio, da cama abaixo e rebolava no chão, mal envolto n'um cobertor. Voltando á cosinha, os estudantes encontraram a serventе, rodeada de uma immensidade de visinhas, a fazer

uma palanganada de carneiro com batatas que chegava para um regimento.

— Para que é tanto de comer? — perguntou um estudante.

— É para os senhores.

— Quaes senhores?

— Então! os senhores.

Note bem! A servente estava bebeda como uma cabra, e as convívas, que o não estavam menos, recebiam as respostas da velha harpia com infernaes gargalhadas.

— Mas o sr. Carlos não póde comer d'isso.

— Ah! góra! Coitadinho! ha muito tempo que não cóme nada é capaz de morrer de debilidade!

— Você está parva! Então elle não tem caldo?

— Não senhor! Esqueceu-me de o fazer! Tambem não póde lembrar tudo!

— Que é do sr. Silva?...

(Era o companheiro de casa de Carlos.)

— Esse, coitadinho! fugiu com medo apenas o viu tresvariado e não vem a casa senão comer; dorme alli defronte.

Os estudantes subiram novamente ao quarto do enfermo, mas vendo que não viam nada tornaram á cosinha onde a servente, que os não esperava, divertia as companheiras com momices insipidas e indecorosas, que eram acolhidas com os mais vivos applausos.

Não ha nada mais repugnante que uma velha, bebeda, estupida e campando de dissoluta!...

Os estudantes estavam indignados! O mais velho

disse então para a servente, com tom aspero e reprehensivo:

— O sr. Carlos que remedio toma agora?

— Não sei! isso é lá com elle! mandaram-me fazer umas papas lá lh'as *prantei* á cabeceira.

— Então você deixa-lhe as papas para elle as pôr frias e não sabe o que ha de fazer?

— Elle lá tem os remedios, que os beba quando quizer!

— Frios!... sem regularidade!... sem arranjo!

— Então, senhor! eu tenho que cuidar na minha vida não pósso estar a tomar conta lá n'essas coisas!

— E para que o deixa assim ás escuras?

— Ai! bom!... *quantés* para dizer asneiras não precisa de luz!

— Que desamparo! meu Deus! Quem é o medico?

— É o sr. Rodrigues.

Os estudantes solícitos fôram saber o que se devia fazer ao doente; e ficaram toda a noite ao pé d'elle.

— Se nossas mães soubessem como se morre aqui ao desamparo! — dizia um d'elles para o outro — Ellas que são todas solicitude e carinho... que é bastante que nos dôa a cabeça para haverem logo mil abafos e cuidados...

— É verdade! — retorquiu o companheiro — somos nós mesmos quem algumas vezes valemos uns aos outros!

— Era bem util que se instituisse um hospital academico.

— Mas se a Philantropica não tem dinheiro!

— O unico recurso é o ir para um quarto do hospital, ou estar em casa particular.

— É verdade! ahi sequer as patrôas têm cuidado nos seus hospedes quando estão doentes e ao menos ha as coisas a tempo e a horas...

Carlos logo que melhorou foi para uma casa de familia, onde, graças á sua robustez e aos desvelos da dona da casa, brevemente se restabeleceu...

Em Lisboa, Ricardo passára todas as ferias ao pé de Adelaide, pagando-lhe em extremos e carinhos todas as tribulações que a sua ingratidão lhe fizéra soffrer. A pobre menina parecia mais reanimada e as duas familias sentiam-se affagadas pela esperança. Chegava o tempo do filho de Manoel de Aboim regressar a Coimbra para fazer o seu acto, mas faltava-lhe a coragem para voltar a essa terra tão cheia de vergonhosas recordações para elle; e, sem os rogos de sua mãe, o consentimento da meiga e affectuosa Adelaide e a propria convicção da necessidade, elle não se teria resolvido a ir colher ainda por entre abrolhos aquella palma de tantos sacrificios.

Seu pae, no íntimo convencimento de que a sua contricção era verdadeira e sincera, fez o último esforço para lhe arranjar o dinheiro preciso e o estudante chegou a Coimbra na vespera de tirar ponto, indo metter-se na hospedaria do Lopes, d'onde apenas saíu com uma batina alugada para cumprir os seus deveres academicos, que terminaram dois dias depois com o acto da sua formatura.

Durante este tempo o filho de Fernando, completamente restabelecido, e forçado pela necessidade de um desenlace para o seu compromisso com D. Constança, escrevera a seu pae pedindo-lhe licença para o casamento.

Como é bem de ver, o rigoroso portuguez pé-de-boi não só negou redondamente esta licença mas, sabedor da reprovação de Carlos, mandou-lhe ordem terminante de regressar immediatamente para casa, sob pena de suspensão de mezada, maldição paterna e prizão para voltar a Lisboa se elle dentro de dois dias não cumprisse as suas determinações. Carlos quiz reagir, mas, tres dias depois, recebia pelo telegrapho um aviso de sua mãe, que o exhortava a partir immediatamente, se não queria ter o desgosto de transpôr a estrada a pé entre dois soldados; e o mancebo temendo a realisação das ameaças de que o maternal carinho o prevenira, vendeu quanto possuía, comprou bilhete da mala-posta em cima, que para mais não chegou o producto do seu espolio, e, sem ao menos dizer adeus á familia que tão bem o tratára na sua doença, saíu-lhe de casa, prompto para a jornada...

Fôra a última das ingratidões do caloiro. Já se lhe póde chamar caloiro agora, poisque, tendo ficado reprovado, teria de voltar ao primeiro anno. E n'isto se prova que ha males que vêm por bens; porque quem inventou os termos de *candieiro* e *pé-de-banco* para os estudantes do terceiro e quarto anno, designou os do segundo por um termo tão pouco euphonico que não é facil de dizer diante de todo o mundo!...

Ricardo, que, desligado de toda a affeição a essa terra e só pesaroso de não poder compensar dignamente Carlota dos favores que lhe devia, se não queria demorar em Coimbra, apenas acabou o actodispoz-se tambem a partir. Qual não foi a sua surpreza vendo o seu antigo companheiro em traje de jornada ao pé da carruagem! Imaginou logo que o tinha por companheiro e ficou contrariado. Carlos não o ficou menos: e com grande contentamento d'ambos viram, ao entrar, que cada um tinha bilhete para lugar differente; ainda que o amor-proprio do caloiro se resentiu ao ver que o seu era inferior (em preço... que não em posição), ao passo que o seu antigo amigo ía commodamente dentro da carruagem.

.....

Dez minutos depois os viajantes viam Coimbra do Alto das Calçadas como uma fada que se vae a esconder no seu magico retiro.

Os dois lisboetas disseram-lhe instinctivamente um adeus saudoso, tributo offerecido na hora solemne da partida ainda mesmo por aquelles que entre espinhos percorreram a sua carreira litteraria.

XLII

Dentro da mala-posta

D. Constança esperava ainda que o seu noivo viesse qualquer dia trazer-lhe a noticia de haver alcançado o consentimento paterno para o seu casamento, quando casualmente um outro estudante do seu conhecimento lhe fallou da partida de Carlos, como de uma coisa que suppunha que a filha de Duarte soubesse já.

A pobre menina fez-se branca, hesitou, titubeou, e por fim desmaiou. Com aquelle desmaio desmaiava tambem o amor que D. Constança votava ao caloiro.

Ha no coração feminino um sentimento capaz de abafar e destruír todos os outros. É o amor-proprio! Póde a mulher perdoar uma offensa, curvar-se ao dominio de uma paixão, exaltar o seu amor ao delirio se não é ferida no amor-proprio, mas uma vez offendida n'esse altivo sentimento, ou o coração morre

apoplectico no gelo da indifferença ou é arrebatado por um odio violento, que ou se mitiga na satisfação da vingança ou se extingue de inanição debaixo da mão destruidora do tempo.

O affecto porém de D. Constança era de uma cristalisação que, triturada pelo pistillo da ingratidão, se reduziu a pó tão fino que o sopro da indifferença o dispersou sem deixar d'elle vestigio.

E Carlos?

Bem como creança pequena, que ao grito do pae deixa caír o brinquedo que tem na mão, o caloiro esqueceu as impressões do coração com medo da tempestade paterna! E como a creança quando torna a levantar o bonito... encontrou-o esmigalhado.

O que o filho de Fernando sentia era uma saudade vaga e indefinida não só por D. Constança mas egualmente por tudo quanto em Coimbra lhe ficava.

.....

Corria a mala-posta com a sua habitual monotonia e Carlos, unico passageiro que ía em cima, entretinha-se conversando com o conductor. De repente o céu começou a turvar-se e uma grande trovoada a estar imminente. Era noite e estavam perto de Leiria onde tinham de jantar. Foi em quanto se demoraram na hospedaria que a chuva começou a desabar copiosamente, e Carlos estava desprevenido para lhe resistir. A mala-posta era larga e os outros tres passageiros todos estudantes: então um d'elles, compadecido da pessima noite que o caloiro iria passar em cima, lembrou a possibilidade de ser recolhido

dentro. Os dois antigos companheiros, que tinham estado todo o jantar sem dar palavra nem olhar um para o outro, ergueram simultaneamente as cabeças como se a mesma serpente os tivesse mordido a ambos.

— Nada! eu não quero incommodal-os! muito agradecido!

— Eu vou fóra, que me não custa nada! Venho bem prevenido (Era mentira.), e porisso não tem duvida! — disse Ricardo com uma modestia e uma singeleza taes, como se não conhecesse Carlos ou quizesse fazer um obsequio a algum dos seus intimos amigos.

A voz altiva do caloiro expirou-lhe nos labios ao ouvir tanta generosidade.

— Nada! isso não tem geito! — disse um dos companheiros — pois se nós cabemos todos dentro para que ha de ninguem ir á chuva?

— Pois se eu vou bem em cima para que ha de ir ninguem incommodado — volveu Ricardo.

— Meus senhores! — disse Carlos com voz mal accentuada — Eu agradeço infinitamente os seus obsequios, mas não consinto que *ninguem* se incommode por minha causa! Eu vou em cima.

— Que tolice! Eu é que não consinto que vá ninguem em cima... sob pena de irmos todos então.

Ricardo portanto teve de ceder, máu grado seu, a ir com o seu antigo amigo na carruagem; e este, muito mais cynico, e lucrando o não ir á chuva, acceitou o offerecimento sem a menor contrariedade.

Recolhidos todos cinco dentro da mala-posta, fecharam hermeticamente as portinholas, estenderam um capote dobrado sobre os joelhos de todos, acenderam uma vela de stearina contra as disposições regulamentares das diligencias, e, tirando um d'elles um baralho de cartas da algibeira, começaram a jogar o monte.

Carlos, que, apezar do receio da trovoada paterna, para a qual não haveria almas caritativas que o recolhessem em carroagem ou abrigo nenhum, antevia atravez do nevoeiro a protecção de sua mãe como uma especie de Santa Barbora, não sendo homem que se apoquentasse com os males por vir, para não soffrer duas vezes... começou a apontar com o pouco dinheiro que levava, fazendo o calculo de que se ganhasse melhor faria a jornada e se perdesse... como os haveres não saíam d'aquelle recinto, alguem se incumbiria de lhe fazer a despeza do caminho de ferro, logo que elle declarasse não ter nem cinco réis.

Ricardo pelo contrario, muito embebido na meditação dos seus soffrimentos, só começou a apontar, com toda a parcimonia, do pouco que lhe poderia sobrar dos gastos da jornada, depois de muitas instancias e para se não fazer esquisito.

Mas a felicidade, que tem dias em que embirra a perseguir uma pessoa por mais asneiras que se façam com o desejo de perder, declarou-se protectora de Ricardo e dentro em pouco tinha levado o monte *á gloria*. Começou elle então a cartear, e apezar dos continuados *habilitanços* que dava, todo o dinheiro

que não excederia muito o necessario para as despezas de todos, estava-lhe outra vez na mão.

A vela acabára-se e o jogo continuava ainda á claridade do sol nascente. O caminho ía-se absorvendo debaixo das patas dos normandos... e de repente a carruagem pára... os rapazes olham... e admirados ficam de se ter acabado a jornada. Acabavam tambem todos de perder a última parada!

Era esta a unica hypothese que não lembrara a Carlos nos seus calculos!

Os outros companheiros declararam francamente que estavam sem real para o resto das despezas, e Ricardo, sorrindo interiormente da humilhação do caloiro, mas bastante generoso e cavalheiro para não abusar da sua posição, tomou do monte que tinha diante de si a parte com que entrára, e virando-se para o estudante que lhe ficava ao lado entregou-lhe o resto.

— Mas!... — balbuciou este.

— Nada! — replicou o novo bacharel formado — Este jogo era apenas uma brincadeira para passarmos a noite entretida; os senhores não vinham prevenidos para este gasto e porisso, eu que faço a justiça de acreditar que todos se portariam como eu em identicas circumstancias, espero que todos consintam que as despezas se façam em commum, como bons irmãos.

— Muito agradecido! — disse o estudante a que Ricardo entregára o dinheiro.

— Regeitar o seu obsequio, quando d'elle todos

precisamos e nos é offerecido com tão cordeal fraternidade, seria orgulho ou loucura. Creio que estão todos de accôrdo?...

— Pois não! — disse o segundo dos passageiros.

— Com muito gosto agradecemos — replicou o terceiro.

— Pois eu, meus senhores! — exclamou Carlos, que estava amarello como uma cidra, com ira concentrada, — Eu não posso acceitar este obsequio porque vejo n'elle uma provocação, que fere o meu amor proprio. N'este offerecimento vae um insulto! Acceite-o quem quizer que eu nem posso... nem o devo acceitar.

Ricardo, que ficára como assombrado de tanta desfaçatez, erguendo-se ao nivel da sua dignidade, bradou cheio de indignação:

— Que acceite cada um como quizer! Áquelle senhor não posso nem quero dar explicações, porque me rebaixaria... Aos senhores porém posso protestar á fé de cavalheiro, que na minha offerta não tive a menor idéa de offender a susceptibilidade de ninguem!!...

Carlos tentára erguer-se, mas estava como atordoado.

Um dos companheiros ía a fallar para apaziguar aquella pendencia, quando o caloiro, readquirindo a sua altiva intrepidez, respondeu:

— O senhor offendeu-me... ha de me dar uma satisfação.

As portinholas da carruagem abriram-se e o con-

ductor convidou os passageiros a saír. Dois d'elles arrastaram Carlos por um lado e o outro saíu com Ricardo pelo lado opposto.

— É melhor ter prudencia, — disse um dos companheiros para o filho de Fernando — Aquelle senhor não podia ter intenção de nos fazer uma affronta n'aquelle offerecimento e portanto...

— Não quero — bradava o caloiro, tentando aproximar-se do seu antigo amigo.

— Embora ache motivos para não acceitar o seu offerecimento — proseguiu o interlocutor — não deve aggredil-o com expressões virulentas que a sua cortezia não merece.

— É a mascara da hypocrisia que eu preciso arrancar-lhe — bradou Carlos, conseguindo escapar-se dos dois companheiros, que tentavam detel-o. E depois crescendo impetuoso para o filho de Manoel de Aboim insistiu com altivez:

— O senhor encobria um insulto n'aquella offerta... exijo... quero uma satisfação.

— Eu não dou satisfações áquelle a quem tinha o direito de as pedir... áquelle que por maquinações e intrigas vís e mesquinhas tentou comprometter-me gravemente... sacrificando a minha atribulada carreira...

Carlos soltou um uivo mal articulado, deixando apenas ouvir:

— A minha dignidade pede...

— Quem falla aqui em dignidade! — continuou sobranceiro Ricardo — Quem a arrastou pelos prosti-

bulos e pelas cadeias deixando-a rota em farrapos pelas casas de dissolução e de orgia... quem se deixou inocular do veneno da devassidão... apezar do orgulho com que appellava outr'ora para a sua dignidade? Que foi feito d'ella?... Caiu da posição em que a vaidade o collocara e depois degradou-se até tocar o extremo da abjecção... A um homem d'estes ninguem dá satisfações porque se rebaixa!...

A voz de Ricardo fôra tão vehemente, que, insinuando-se no animo dos tres ouvintes, puzéra em relevo o caracter aleivoso e hypocrita do filho de Fernando, sem que este, abatido pelo peso da verdade e do ridiculo, ouzasse sequer reagir com um d'esses vôos forçados que o orgulho costumava emprestar-lhe.

Carlos não soube o que fez e apenas teve consciencia de si quando se achou dentro do wagon, para onde fôra arrastado pelos companheiros de viagem.

.....

Poucos momentos depois entravam em Lisboa esses dois rapazes, ligados outr'ora pela amizade intima da infancia, e hoje tão separados pelo correr dos acontecimentos. Ricardo voltava de ceifar o laurel ingrato dos seus trabalhos tão ricos de dissabores e tão abundantes de privações. Carlos levava de presente a seu pae a perda de muito dinheiro, de bastante tempo, de alguma saude e sobre tudo a dos sentimentos nobres que elle lhe tinha ensinado no berço.

Bem differente foi pois a recepção das duas fami-

lias. Em quanto a de Manoel de Aboim tripudiava no mais santo jubilo, a mulher de Fernando esforçava-se por esquivar Carlos ás iras de seu pae, que, sempre fiel aos principios patriarchaes, desejava mandar seu filho n'um cavallinho de páu até ás terras de além-mar. O materno amor, porém, tão bem advogou a causa do filho querido que alcançou que elle ficasse em casa, prohibido de nunca mais voltar a Coimbra e privado de certas larguezas sem as quaes a vida em Lisboa se torna insupportavel para um rapaz.

XLIII

Ultimos perfumes da flôr que murcha

Ricardo, apenas desligado dos abraços maternaes, desembaraçado dos affagos fraternos e livre das paternas exhortações, correu onde os vôos do coração o chamavam.

A pobre Adelaide havia peiorado sensivelmente n'aquelles últimos dias... mas a sua physionomia graciosa ostentava uma aureola de resignação evangelica no meio dos soffrimentos, que Ricardo ao contemplal-a assim, sombra indecisa entre o céo e a terra, deu-lhe mais do que amor... respeito e adoração.

Era na varanda debruçada sobre o quintal; a viração da tarde brincava com os negros cabellos da donzella negligentemente espalhados, como que para entretecer n'aquellas cadeias de amor, as flôres de um jasmineiro de Italia que desdenhosamente espa-

lhava pelo ar, embalsamando-o com o seu inebriante perfume; o sol coava a furto por entre os recortes de uma nuvem côr de fogo um ráio que se reflectia sobre a fronte da donzella, dando-lhe um vago cambiante de alguma coisa de lugubre e de celeste ao mesmo tempo; a toutinegra gorgeando sobre os loireiros de um proximo quintal desafiava ao harmonico certame dois lindos canarios, que eram o enlevo, o entretenimento e a companhia de Adelaide no seu quarto; um martyrio, que revestia a parede do quintal, mandára um dos seus braços até á varanda depor aos pés da infeliz menina uma das suas emblematicas flôres, que ella contemplava como symbolo da sua vida, com um aljofar cristalino a brincar-lhe entre as escuras pestanas...

Ricardo entrou mansamente.

— Ainda bem que vieste! — exclamou Adelaide ao vel-o, com um sorriso de tanta affabilidade que abria um céo de venturas... e um inferno de remorsos ao infeliz Ricardo.

— Como estás? — balbuciou o mancebo tomando-lhe a mão, que beijava com fervor.

— Mal!... muito mal...

— Meu Deus! — exclamou aquelle, aterrado.

— Socega! meu amigo!... Agora sinto-me tão bem que me esqueceram todos os passados soffrimentos! Olha!... quando te vi partir ainda receei que te fôsses outra vez esquecer de mim e que não voltasses a acompanhar-me n'este adormecer derradeiro do somno eterno.

— Para que é pensar constantemente em tão lugubres idéas?... Abre o coração á esperança de um proximo restabelecimento, minha querida. Pois hoje que o Eterno me alumiou o espirito para apreciar todos os teus encantos é que havia de ser tão cruel que te roubasse dos meus braços?... Não póde ser!

— Póde e será!... Deus quiz só que eu antevisse na terra um arrebol de ventura na infancia.

— Oh! sim! antes de eu partir!...

— Como fomos ditosos!... Quantas recordações suaves d'esses passados gozos me embaláram o espirito depois...

— Quando eu tive a incomparavel ingratidão de me esquecer da minha amiga de infancia!... Pódes tu perdoar-me? — supplicou Ricardo, com uma voz balbuciante de commoção...

— Não pensemos mais n'isso!... Foi uma nuvem escura que me toldou o sol da ventura no dia da minha existencia! Mas passou! E hoje que o crepusculo da noite se vae aproximando, eu vejo de novo o meu céo limpo e sereno a diffundir-me em torno o brilho de felicidade... Tu estás aqui!

— Adelaide!

— E amas-me?

— Oh! mais do que a vida... do que a salvação!

— Não blasphemes, meu amigo! Deste-me novamente o teu amor, promettes não te separar do mim...

— Nunca!

— Que mais posso eu desejar?... Morro satisfeita! sem me assustar nem tremer, porque a morte... ade-

vinha-m'o o coração... é um suave repoiso dos soffrimentos... E quem sabe se na vida algum novo desgosto viría ceifar novamente as venturas, tão viçosas hoje...

— O futuro t'o dirá... se o meu amor, se a sinceridade do meu arrependimento t'o não sabem dizer já!

— Acredito-o! meu bom Ricardo! — disse a formosa menina tomando-lhe a mão que comprimia entre as suas — mas o futuro para mim é um dia mais apenas...

— Oh! não!... não!... a tua vida pertence-me... Deus não póde dispôr d'ella.

— Não exaltes o teu espirito, meu querido amigo, nem insultes a divindade!... Olha! n'aquella solidão em que me vi... abandonada e triste... viuva d'esse affecto que fizera as delicias da minha primeira mocidade... cheguei até a desejar a morte... todavia a resignação, que a doutrina christã ensina, manteve-me sempre na senda d'este labyrintho... só de abrolhos juncada.

— És um anjo!... — balbuciou Ricardo em extasis.

— Hoje começava a dar apreço á vida — continuou Adelaide — quizera voltar a brincar pelos campos, correndo atraz das borboletas que nos fugíam... ou nas praias de Pedroiços apanhando as conchinhas que a maré sorrindo nos offerecia, e que depois nos eram entertenimento por tanto tempo!.. Mas o Senhor não o consentirá!... Graças lhe sejam dadas que escutou ao menos a minha súpplica, concedendo-me que ainda uma vez antes de morrer eu te visse a meu lado...

como outr'ora meigo e carinhoso!... Agora só me resta pedir-lhe, ao bom Deus, a sua misericordia para o espirito que vae comparecer na sua augusta presença, e o effluvio das suas bençãos para ti... que ficas no mundo com metade da minha alma!...

Adelaide parecia effectivamente um anjo sentado á beira da propria sepultura esperando resignada o momento de voar ao céo...

Ricardo chorava e soluçava sem poder fallar.

Pouco depois a martyr do soffrimento recolhia-se á cama e Ricardo saía com o coração traspassado de remordimentos pelos seus preteritos desvarios, e de pungente dôr pelo estado em que encontrára a sua querida amiga de infancia. No dia seguinte voltou a acompanhal-a e no outro e em todos ía elle com a sua apreciada companhia distraír os soffrimentos e desvanecer as magoas da pobre doentinha, cujo padecimento, aggravando-se de dia para dia, parecia já marcar uma proxima e funesta terminação.

Effectivamente a desditosa meniua succumbia á violencia d'essa molestia, que de bonita só tem o nome. Era uma phthysica flórida! ..

Suspende, porém, leitor! as tuas atrabiliarias censuras e não me vás apodar de servil imitador da *Dama das Camelias!* A minha phthysica não é d'essas ultra-romanticas, que por ahi apparecem, como caldas de assucar a disfarçar a acidez da morte, nem a pobre víctima consumia os seus últimos instantes a escrever diarios de palpitante sentimentalismo... para no ponto mais sublime acabar a vida... com uma reticencia!...

Adelaide conversava com Ricardo com a candura da creança e todas as tardes rezava uma corôa de contas!...

Parecer-te-á prosaico este fim, mas é verdadeiro! que eu não sou d'esses que em vendo uma historia terminar por uma d'estas mortes começam a bradar indignados: «Aqui d'el-rei! plagiato!!...»

Pois se os armeiros já não temperam punhaes nem espadas para traições e duellos; se os laboratorios já não produzem upas tjettek e acido prussico para os envenenamentos; se os mosteiros não tem já abertas as suas portas para receber os protogonistas dos dramas palpitantes. Se os maquinismos da torre de Nesle se perderam na escuridão dos tempos; se poucos ha que tenham juizo para o perderem, o que resta para desenlace d'essas acções dramaticas, cujo complexo constitue a vida da sociedade?... Ou a santa benção do matrimonio ou a morte natural por um padecimento, que constitue hoje, elle só, uma grande parte da mortalidade!... sem precisar enojar os leitores com scenas de chouriço-de-sangue litterario... ou desfazer-me dos personagens com uma d'essas molestias, cujo nome só, pronunciado pelo facultativo, mata de apoplexia...

.....

E depois de mez e meio de soffrimentos physicos e de contentamento moral pela companhia do seu amante, a formosa Adelaide entregou a alma ao Creador com tanta resignação e candura como tinha vivido no mundo!

Ricardo que, lhe assistira aos últimos instantes, que quasi a tinha visto expirar-lhe nos braços, sendo o d'elle o último nome que pronunciou, e para elle o último sorriso que lhe adejou nos labios, sentia o coração envolto n'um crepe de melancholia de que nem os carinhos maternaes logravam desembaraçal-o. O mancebo, rebaptisado n'aquelle Jordão do soffrimento, e purificado alli de toda a passada culpa, jurou sobre o corpo exanime da sua amiga de infancia de lhe guardar inabalavel constancia no coração cerrado a todo outro affecto. E nem tal juramento era preciso. Amor ha só um na vida!... Ricardo não tinha amado verdadeiramènte senão Adelaide e depois d'ella não poderia com verdade amar ninguem no mundo!...

É que o verdadeiro amor é um phenix que nem das proprias cinzas dá nascimento a outro! É unico como o coração em que domina; unico como a vida de que fórma a principal essencia, unico como Deus que o insufflou no peito do homem; unico como o descreve Raspail, esse genio que sabia devassar até ao intimo a cellula primordial do sentimento:

«Haveis podido jámais encontrar uma vez sobre o caminho, que vos conduz ao termo da vida, um ser semelhante áquelle que uma vez tendes adorado? Haveis podido encontrar duas vezes em vosso coração essa ardente inspiração, essa suavidade de esperança, esse espasmo de deliciosa voluptuosidade, que elevam a vossos olhos o ser amado á altura do céu, e a felicidade de se sentir amado á altura de uma victoria

. conquista de um imperio? Haveis assim podi-
amar duas vezes? Dizei-m'o para que eu vos ad-
ire!...»

.....

O amante de Adelaide não desdizia, decerto, phrases tão sublimes, tão expressivas e tão verdadeiras!...

EPILOGO

Decorrera mais de um anno. O tempo com a sua acção consumidora, modificára a profunda tristeza de Ricardo, mas não lhe tinha aberto o coração a nenhum outro sentimento. A necessidade de soccorrer a sua familia e de auxiliar seu cansado pae na lavoira do pão da vida, fizera-lhe comprehender que um bacharel-formado é uma especie de Paturot de cartas ás costas á procura de uma pósição social; quando uma velha rica lhe offereceu, com a sua mão, o encargo de administrar uma boa casa que possuia!

Não sabeis o que é uma velha? Pois eu vou dar-vos uma explicação muito exacta, sem recorrer para isso a romancistas nem historiadores de contos amorosos, mas a um author grave e sisudo.

No capitulo dos *Elementos de Pathologia interna*

escriptos no espirito do vitalismo de Hypocrates, distinado ao *cauchemar*, molestia vulgarmente chamada pesadelo, diz o eminente escriptor Bayle: «Parece que um ladrão ou um assassino vos perseguem, que um diabo, uma furia ou uma velha está sentada sobre o vosso peito.»

D'onde se conclue que a mulher velha é egual a uma furia ou ao diabo.

Mas é quando não possue um bom dote; porque n'este caso então semelha um meteoro, que passa rapido e que depois de se esconder no occaso do sepulchro, deixa apoz si um longo traço luminoso, formado por loiras peças, que ficam a encantar por muito tempo ainda o ditoso viuvo!...

Ricardo, pois, casou com a velha... Mas o espirito de Adelaide, se é que os sentimentos da terra vão além do limiar do tumulo, não tinha de que soffrer ciumes lá na côrte celestial. O seu amante vendera com o corpo a sua aptidão como advogado, mas o coração não entrára n'essa veniaga.

Carlos fez-se litterato e politico, e subiu n'essa dupla carreira, deslembrando completamente D. Constança. Convencido emfim do cavalheirismo com que o seu veterano se portára a seu respeito, tentou fazer as pazes com elle, mas o bacharel-formado deixou ficar sempre intromettido n'aquellas relações um certo resentimento, que sua irmã, despeitada pelo abandono do filho de Fernando, animava constantemente.

Esta menina, como era pobre não, achou marido, mas nem teve o amargo prazer de ficar para tia, por

que a velha esposa de seu irmão não teve descendencia, nem semelhante desgosto a impediu de engordar excessivamente.

Algum tempo depois do seu feliz consorcio, o filho de Manoel de Aboim teve de ir tomar conta de umas fazendas de sua esposa. Carlos com o seu genio sempre folgazão, quando soube que elle passava por Coimbra e se demorava ahi alguns dias, escreveu-lhe uma carta do theor seguinte:

«Meu veterano!»

«Como sei que vaes a Coimbra peço-te que me tires «ahi as minhas certidões de preparatorios, porque, co«mo com isso gastei doze mezes e um conto de réis a «meu pae, devo prezal-as muito como provas do meu «aproveitamento. — «Teu Carlos.»

Julio, que, sendo o typo do estudante applicado e de bom comportamento, fôra ao sexto anno e tomára capello, foi visitar Ricardo á hospedaria, e depois dos effluvios da reciproca amizade, traduzida nos comprimentos do costume, o nosso protogonista, curioso de saber noticias ácêrca das pessoas suas antigas conhecidas, perguntou-lhe:

— E que é feito de D. Constança?

— Esqueceu completamente o seu ingrato Carlos e já depois d'isso teve quatro casamentos em perspectiva... ameaçando-a a triste glória de ír para a cova de palmito e capella...

— E o Rosa?

— Casou.

— Pois o Rosa casou! — disse Ricardo com espanto.

— É verdade! — volveu Julio com um sorriso.

— E com quem?—perguntou o noivo da velha com manifesta curiosidade.

— Com a filha do brigadeiro — disse o seu interlocutor em tom de escarneo!

— O que! — exclamou aquelle admiradissimo.

— É como te digo! Fascinado pelos oitenta contos, arranjou um systema de namoro a vapôr, pelo qual dentro em quinze dias estava casado!

— É boa! E estão aqui?

— Qual historia! O mais bonito é isto! O Rosa, para apanhar o dote, fez passar seu pae por um avarento riquissimo em dinheiros aferrolhados.

— E depois?

— E a noiva dizia-se que tinha oitenta contos.

— É facto!

— Houveram cavalheirismos de parte a parte, e não se confirmou a veracidade de taes fortunas. O resultado foi...

— O que?

— Enganarem-se reciprocamente! O pae da menina, que fazia circular tão lisongeiros boatos acêrca dos seus cabedaes, para lhe arranjar mais prompto casamento, foi tão illudido n'esta farça como o pretendente... Não têm de que se queixar... Foram armas eguaes!

— É muito bem lembrada!... muito me contas! E agora onde estão?

— N'uma villa ao pé da Serra da Estrella, onde o pae tem algumas propriedades e onde elle arranjou

uma cadeira de latim... em substituição ao dote imaginado!!...

— È um facto original!

— Cuja primeira víctima foi aquelle pobre alfenim de oculos azues e chapeo ás costas, que, perdendo então completamente a esperança... foi fazer penitencia no mosteiro de Rilha-folles!...

— Endoideceu?...

— Não! aggravou-se-lhe o padecimento que soffria ha muito!...

Por uma pessoa faltava ainda perguntar mas Ricardo não se atrevia a isso.

— Então não me perguntas por Carlota? — disse Julio um momento depois.

— É verdade! que é feito d'essa rapariga?

— Coitada! Desceu passo a passo no caminho da degradação e depois de practicar escandalos em casa do doutor foi posta na rua, para continuar a descer até caír no lodaçal da Rua das Parreiras!

— Pobre mulher! — disse o filho de Aboim com ar triste!... E depois continuou:

— Devia favores a essa rapariga que não pósso esquecer sob pena de ser ingrato. È chegada a occasião de lh'os pagar... salvando-a talvez do abysmo, que lhe está aberto aos pés. Queres-me tu fazer um favor?

— Qual?

— Mandas-lhe entregar por alguem da tua confiança uma moeda por mez, que eu te remetterei regularmente?

— Com todo o gosto. Ao meu criado, que é homem capaz, darei essa incumbencia.

— Obsequeias-me muito.

.....

E Ricardo voltou logo depois para Lisboa, satisfeito de poder saldar em tão idonea occasião aquella antiga divida.

Mas ah! Carlota chegára a um estado que nem já aos balcões das lojas da Calçada aspirava! O botequim e a taverna absorveram-lhe nos primeiros dias de cada mez toda a mezada, e ao cabo de meio anno foi n'uma enxerga do hospital findar a sua vida desgraçada, deixando o seu esqueleto por ser de bella structura a figurar no theatro anatomico!!...

Era o maior padrão de immortalidade a que podia aspirar!

.....

E a Universidade continuou inalteravel na sua rotina produzindo doutores e bachareis... E em Coimbra novas damas substituíram D. Constança na sua missão de mulher fatal... Houveram novas Carlotas asphyxiando os sentimentos de outros estudantes... e tambem outras Adelaides gemeram e choraram ingratidões... sem que a sociedade nem sequer désse por isso!...

FIM

INDICE

Cavaco prévio v
I—Um capello..... 1
II—Arranjos para o baile..... 7
III—Na loja do sapateiro..... 14
IV—As respeitaveis bochechas do avô de Ricardo. 19
V—De que serve uma batina..... 25
VI—Novo meio de transporte para um baile: entrada triumphante..... 33
VII—Começa a maledicencia no baile..... 39
VIII—Segue a segunda contradança..... 48
IX—Retrospecto..... 56
X—Primeiros arrufos domesticos..... 62
XI—Collisão entre dois amores..... 68
XII—Duas cartas recebidas e uma enviada..... 75
XIII—Consequencias da última carta..... 80

XIV—Chega o caloiro metamorphoseado..... 88
XV—Comedia vista por um buraco..... 96
XVI—Defina-se a situação!..... 101
XVII—Agar é expulsa de casa de Abraham.... 110
XVIII—Explicações aos leitores..... 115
XIX—Feliz acaso..... 120
XX—Cavaco... e segredo..... 127
XXI—A festa das formaturas de medicina..... 136
XXII—Fiat lux!..... 141
XXIII—Intrigas 154
XXIV—A senhora visinha e a sua boa lingua.. 167
XXV—A victima dos inimigos do corpo..... 174
XXVI—Reconciliação..... 180
XXVII—Divertimentos de ferias..... 188
XXVIII—Vamos a Lisboa 197
XXIX—Grave alteração produzida pelas ferias no funccionalismo da servente..... 202
XXX—Como a rhetorica está dependente da mulher de um alfaiate..... 208
XXXI—Considerações philosophicas ácerca de um adagio..... 216
XXXII—Latet anguis 223
XXXIII—Consequencias do antecedente..... 231
XXXIV—Em consequencia das consequencias ha um desafio..... 240
XXXV—Fontes de receita desconhecidas por alguns notaveis economistas..... 249
XXXVI—Verdades e mentiras..... 254
XXXVII—Como se vinga uma mulher..... 262
XXXVIII—O signo de capricornio..... 266

XXXIX—Paginas da vida intima 276
XL—Remorsos 288
XLI—Reacções 299
XLII—Dentro da mala-posta 306
XLIII—Ultimos perfumes da flôr que murcha.. 315
Epilogo 323

ERRATA

Na pagina 255 linha 23, lendo-se *sobrancelhas* em logar de *pestanas*, como o author tinha na mente escrever, poderiam os leitores ser induzidos a acreditar que a menina Mathilde chorava pela testa acima!... Quanto póde uma inadvertencia.

PQ
9261
C856S26

Cunha Bellem, Antonio Manuel da
Scenas contemporaneas da vida academica

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 01 02 002 1